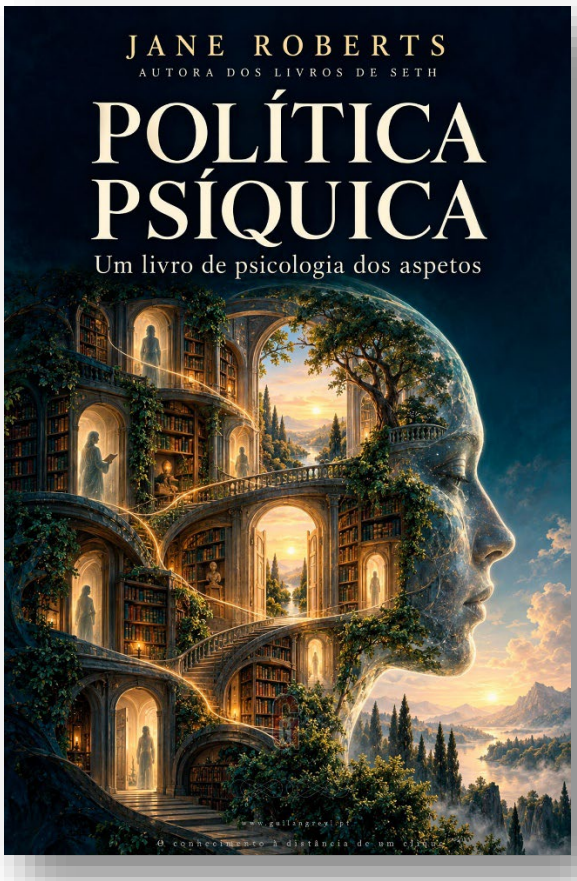
# POLÍTICA PSÍQUICA

Um Livro de Psicologia dos Aspetos




Autor: Jane Roberts

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: Psychic Politics: An Aspect Psychology Book, 1976.

Edição portuguesa concluída em 02-11-2026

*Livroteca Gullan Greyl*

## Sinopse

Uma biblioteca que surge fora dos caminhos habituais da perceção abre a Jane Roberts uma passagem para perguntas que nenhuma estante parece poder conter: quem somos quando sonhamos, de onde nasce a criatividade e até onde se estende o eu que julgamos conhecer? Entre a intimidade da escrita, as sessões com Seth e as vozes inquietas de quem lhe telefona ou escreve, a autora acompanha as transformações da sua própria consciência, sem apagar o espanto, a dúvida ou o humor que as atravessam.

Ao longo desta viagem, as crenças deixam de ser apenas ideias sobre o mundo e tornam-se parte da maneira como o sentimos e habitamos. Visões, poemas, encontros e experiências quotidianas alimentam uma reflexão sobre a autoridade interior, os símbolos religiosos, a identidade e as realidades possíveis. A «política» aqui investigada começa na relação que estabelecemos com as diferentes dimensões de nós próprios e prolonga-se nas formas coletivas de viver.

Da misteriosa biblioteca aos codicilos de uma outra compreensão da existência, Roberts explora o que chama a dimensão heroica: uma fonte mais ampla de criatividade, confiança e desenvolvimento. Política Psíquica convida o leitor a acompanhar essa procura por dentro, onde uma casa, um jardim, uma voz ou um instante de perceção podem abrir questões sobre os limites da realidade e sobre a possibilidade de viver num universo sentido como seguro.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,*
*mas de ver melhor*




Jane Roberts

8 de maio de 1929
5 de setembro de 1984

# Índice

PARTE UM ..... 9
A Biblioteca e Uma Introdução ao Super-Real ..... 9
CAPÍTULO 1 ..... 1
A Biblioteca ..... 1
CAPÍTULO 2 ..... 29
Uma Visão Pessoal do «Super-Real». Modelos da Realidade Física e Estruturas Psíquicas ..... 29
1. Da Biblioteca — Modelos da Realidade Física ..... 29
2. Excertos da Sessão 715, de 28 de outubro de 1974 ..... 44
CAPÍTULO 3 ..... 52
Modelos e Excêntricos Queridos ..... 52
1. A Resposta da Alma ..... 53
2. Da Biblioteca ..... 66
CAPÍTULO 4 ..... 73
Rob e o Capitão Romano. Modelos e Eus Reencarnacionais ..... 73
CAPÍTULO 5 ..... 87
Vislumbres e Encontros Diretos. A Mosca e o Livro ..... 87
1. Da Biblioteca — Modelos e Variações ..... 87
2. O Ideal, o Movimento e a Mudança ..... 88
3. O Poder por Detrás das Excentricidades ..... 90
CAPÍTULO 6 ..... 98
O Material de James e o Texto de Carl Jung ..... 98
CAPÍTULO 7 ..... 117
Mais da Biblioteca. Seth Explica o Material de James e Apresenta as «Visões do Mundo» ..... 117
1. Da Biblioteca — Modelos para a Criatividade ..... 117
CAPÍTULO 8 ..... 132
Conteúdos Não Oficiais da Mente ..... 132
1. Da Biblioteca — O Universo Físico como Triunfo das Excentricidades Universos-Modelo. 132
2. Da Biblioteca — Modelos e Excentricidades Alternativas ..... 144
CAPÍTULO 9 ..... 150
O Símio e o Guia Prateado ..... 150
1. Da sessão de 18 de novembro de 1974 ..... 157
2. Da biblioteca — A Psique Multidimensional e a Rede dos Eus ..... 161
CAPÍTULO 10 ..... 167
O Rapaz com Um Buraco no Peito. Um Jovem Celibatário e o Livro dos Deuses ..... 167

CAPÍTULO 11 ..... 179
O Tempo e as Estruturas Temporais. A Forma do Tempo ..... 179
CAPÍTULO 12 ..... 194
A Mulher Jamaicana, as «Contrapartes» e os Eus de Quatro Frentes ..... 194
1. Eus de Quatro Frentes ..... 210
2. À escuta ..... 213
CAPÍTULO 13 ..... 221
A Psique em Explosão e os Fios da Consciência ..... 221
CAPÍTULO 14 ..... 246
De Regresso à Biblioteca, Subindo os Degraus da Psique, e a Rapariga Que Tentava Amar Toda a Gente ..... 246
1. Da Biblioteca — A Paisagem Interior da Psique ..... 248
Capítulo 15 ..... 265
Seth: Sobre o Amor e o Ódio. Códigos Interiores ..... 265
1. Da Biblioteca — Códigos Interiores ..... 283
PARTE DOIS ..... 286
Vozes do Mundo ..... 286
CAPÍTULO 16 ..... 287
Vozes da «Clandestinidade» e a Política da Personalidade Focal ..... 287
1. Da biblioteca — A Psique Mundial e a Projeção Coletiva ..... 302
CAPÍTULO 17 ..... 309
Uma Aula Provável ..... 309
1. Notas, 15 de janeiro de 1975 ..... 310
CAPÍTULO 18 ..... 332
Sexo e Energia: Algumas Versões Inventivas, e Seth em Doses de Ouija ..... 332
CAPÍTULO 19 ..... 357
Ouço Uma Voz e Não Está Lá Ninguém, e Sequências Oficiais e Não Oficiais ..... 357
1. Da biblioteca — Os Caminhos Percetivos da Realidade ..... 362
CAPÍTULO 20 ..... 370
Mudamo-nos de Mais de Uma Maneira, e «Lugares Especiais» ..... 370
1. Da biblioteca — Os Espaços Latentes da Experiência ..... 373
PARTE TRÊS ..... 386
Rumo a Uma Nova Política da Psique e a Um Modelo Alternativo para a Civilização Seguir ..... 386
CAPÍTULO 21 ..... 387
Os Codicilos e um Modelo Alternativo para a Civilização Seguir ..... 387

1. Da biblioteca — Codicilos ..... 392
2. A Personalidade Focal e a Perceção Sensorial Alternativa ..... 398
3. Os Aspetos e os Estados Alterados ..... 401
4. Natureza e Consciência ..... 404
5. Consciência de Linha Única, Governos e Ordens Sociais ..... 407
CAPÍTULO 22 ..... 415
Aplicação Pessoal dos Codicilos. Os Deuses Despem-se. Civilizações e Domínios Psíquicos ..... 415
1. Da biblioteca — Uma Nova Política do Eu ..... 416
2. Da biblioteca — Da Defesa ao Autogoverno ..... 418
CAPÍTULO 23 ..... 437
Os Contornos Naturais da Psique ..... 437
CAPÍTULO 24 ..... 462
Estádios da Consciência ..... 462
1. Os Estádios da Consciência ..... 467
CAPÍTULO 25 ..... 484
A Dimensão Heroica e as Personagens Heroicas ..... 484
1. Atributos e Características das Dimensões Heroicas ..... 500
2. O Heroico e o Histórico ..... 508
CAPÍTULO 26 ..... 513
Rumo a Uma Nova Política da Psique. Uma Nova Lealdade e os Impulsos Heroicos. ..... 513
CAPÍTULO 27 ..... 535
«Vir à Montanha» e Seth sobre o Universo Seguro ..... 535
Quem É Seth? ..... 549
Apreciações de Figuras do Domínio do Potencial Humano d dos Estudos da Consciência ..... 550
Livros de Jane Roberts Editados em Português em Gullan Greyl ..... 553

# POLÍTICA PSÍQUICA

*Um Livro de Psicologia dos Aspetos*

*Jane Roberts*

# PARTE UM

## *A Biblioteca e*
## *Uma Introdução ao Super-Real*

# CAPÍTULO 1

## A Biblioteca

Acabámos de nos mudar para uma casa, e os nossos aposentos da Water Street estão agora vazios. Enquanto escrevo, já não ouço o trânsito da ponte no cruzamento da esquina, nem vejo os pombos no nosso telhado, por cima do parque de estacionamento. Foi naquela grande sala de estar que começaram as sessões de Seth. Ao princípio, éramos apenas Rob e eu, artista e escritora, marido e mulher, a experimentar, como fazem milhões de pessoas, um tabuleiro Ouija. Quando deixámos aqueles apartamentos, quase quarenta alunos se apinhavam na sala todas as terças-feiras; Seth, a minha «personalidade de transe», tinha ditado dois livros e estava quase a terminar outro; e eu escrevera três dos meus. Mais do que isso: quando entrei naquele prédio pela primeira vez, tinha trinta e um anos; quando de lá saí pela última vez, tinha quarenta e cinco. As sessões de Seth começaram quando eu tinha trinta e cinco anos.

Nos primeiros anos, guardávamos grande segredo acerca das sessões, contando apenas a alguns amigos chegados, mas não aos vizinhos. Por duas vezes, a voz retumbante de Seth atravessou o ar da noite. Certa vez, um vizinho veio averiguar. Era verão; as janelas estavam abertas, e ele devia ter estranhado a qualidade invulgar da voz de Seth: grave, semelhante à de um homem, e com um sotaque estranho que nunca conseguimos classificar. Seja como

for, quando bateram à porta, Rob ligou a televisão — bem alto. E o nosso vizinho viu apenas nós os dois, inocentemente sentados. O homem tentou explicar a voz que ouvira. Rob disse: «Deve ter sido o programa de televisão», e o nosso vizinho foi-se embora, abanando a cabeça.

De certa forma, Seth é como um programa de televisão, na medida em que, durante as sessões, estou sintonizada com outro canal da realidade, de modo que o «programa» de Seth passa por cima do meu, ou substitui temporariamente a minha própria estação oficial de consciência. Às vezes penso que Seth é como um canal de televisão educativa: seletores invisíveis giram-me na cabeça, e ele entra em emissão. Outras vezes, imagino Seth como o diretor de uma rede de comunicações multidimensional, cabendo-me a sorte de possuir um aparelho singular capaz de captar as suas estações. Parece, sem dúvida, dirigir muitas das minhas outras incursões por domínios da consciência que ultrapassam o habitual.

Parecem estar-me disponíveis cada vez mais «estações», mas Seth é sempre o «comentador» geral: o mestre de cerimónias, o apresentador das notícias, o guia afável através das selvas, desertos e montanhas da mente interior.

Por outras palavras, de uma forma ou de outra, recebo sinais de terras estranhas. Sempre os recebi, embora, enquanto crescia, me limitasse a chamar inspiração a tudo e a deixar a questão por aí. Por fim, a inspiração ganhou voz própria e, para completar, uma personagem: Seth. Assim, Seth escreve os seus livros e eu escrevo os meus, e cada nova alteração estável da consciência traz

mensagens dessas terras interiores da realidade, estranhas e, contudo, de algum modo familiares.

Escutar essas mensagens, traduzi-las, escrevê-las: para mim, isso é a vida. Seth diz que o ser é a sua própria justificação, e durante algum tempo pensei que talvez escrevesse para justificar a minha vida. Demorei a perceber que, para mim, ser é escrever. Quando não estou «ligada» daquela maneira que me é própria, o meu ser parece perder luminosidade. Fico taciturna. Por isso, mal termino um livro, estou desejosa de começar outro.

Assim, quando concluí o meu último livro, *Aventuras na Consciência*, andei algum tempo de mau humor. Nada me satisfazia, embora Seth estivesse a ditar *A Realidade "Desconhecida"* nas nossas duas sessões semanais. Os dias escoavam-se em semanas, e eu ficava cada vez mais inquieta. Sentia-me desligada do meu ser. Comecei, por isso, a seguir a sequência de passos a que habitualmente recorro quando quero contatar níveis mais profundos da minha própria consciência. Pintei algumas aguarelas, mas não pareceu resultar. Depois, numa tarde do princípio de outubro, escrevi, um pouco zangada, o poema que se segue, retratando a minha situação.

> CONVITE
>
> **Ah, ama este teimoso eu mortal,**
>
> **que uma vez mais tenta contatar a sua alma,**
>
> **e se interroga, numa tarde de outono,**

sobre a melhor maneira de a atrair, com um ardil, do seu domínio elevado.

O eu mortal diz: «Querida alma,

a Terra está bela nesta altura do ano

e certamente alguma parte de ti se comove

com as folhas que caem vertiginosamente por todo o lado,

e com o crepúsculo enevoado do outono

que rodopia pela vizinhança

como um fantasma à caça de um tesouro.

Mas, se assim não for,

não basta que eu queira conversar?

Afinal de contas, és a minha alma,

por isso não vejo por que preciso de marcar hora

para conseguir um momento do teu tempo.

«Encontro-me contigo onde quiseres,

embora alguma estrutura pareça ajudar,

por isso ofereço este poema,

suficientemente flexível para suportar

o peso até do mais pesado diálogo.

Antes de mais, gostaria de saber

se ouviste alguma coisa

do que tive para dizer até agora.

Por isso, antes de começar a sério,

> terias a amabilidade de me dar algum sinal
>
> de que estás a escutar?»
>
> Dito isto, o eu mortal levanta-se,
>
> faz café, depois volta
>
> e torna a sentar-se à espera.
>
> Pergunta-se: quem conhece o mundo da alma
>
> senão o eu, que certamente não sabe o suficiente,
>
> e, se a alma falasse, quem o saberia
>
> senão a sua contraparte terrena?
>
> Suspense. Os momentos passam.
>
> O gato mia.
>
> O eu mortal diz:
>
> «Sinto-me tão idiota.
>
> Ou estou a usar a abordagem errada,
>
> ou a minha alma não se comporta
>
> como se soubesse que estou viva.»

O poema tinha, na verdade, muitos outros versos, mas estes contêm o pedido principal: queria voltar a sentir-me em contato, e queria uma irrupção de inspiração e energia. O eu mortal — eu, naturalmente — continuava, num tom bastante quezilento, a dizer que estava mais do que pronto a fazer o que quer que lhe competisse fazer a seguir, desde que a alma tivesse a amabilidade de o informar do seu próximo «projeto». Depois de escrever o

poema, dei por concluída a minha alegação e esperei, embora sem grande boa vontade.

Mas que energia aquele poema pôs em movimento, e como me impeliu para novas incursões! É por causa dele que este livro está a ser escrito e que a minha vida exterior mudou, de tal modo que os apartamentos da Water Street, onde tudo isto começou, são agora uma recordação. Mais ainda, familiarizei-me com novas dimensões do ser e comecei a conhecer melhor as realidades alternativas que continuamente se entrelaçam com esta.

Na verdade, trabalhei no poema, de forma intermitente, durante quase uma semana, acrescentando versos à medida que me ocorriam novos argumentos a meu favor. Mas continuava sem receber resposta, tanto quanto podia perceber. Não me surgiam novas intuições, sonhos ou ideias. Ótimo, pensava ironicamente, e escrevia mais um verso a perguntar à «alma» onde estava e o que se passava, repetindo o meu pedido de uma forma de comunicação que eu pudesse compreender.

Todas as manhãs me sentava à secretária, nem que fosse por breves momentos — à espera. Cerca de uma semana e meia depois, a 23 de outubro de 1974, deixei-me cair na cadeira, como de costume. Por essa altura, já quase me esquecera do próprio poema. Não tinha uma única ideia na cabeça. Então, de repente, o meu próximo projeto foi-me apresentado com uma clareza que não deixava lugar a dúvidas. Num instante, a imagem de uma biblioteca sobrepôs-se ao canto sudeste da sala de estar, e nela vi a minha própria imagem. Ao mesmo tempo, dois parágrafos ganharam vida

na minha mente. Entusiasmada, escrevi-os e, depois, descrevi a própria experiência, à medida que esta se desenrolava. Nessa altura, já sabia que os apontamentos eram, eles próprios, o início de um novo livro.

Estes são os meus apontamentos originais. Os dois primeiros parágrafos estão dispostos exatamente como os vi na minha visão mental — imagino que fosse para os destacar e me fazer perceber que se tratava de material novo. Mesmo mais tarde, aquela disposição precisa continuou a ser significativa para mim.

> **«Nenhum homem é uma ilha em si mesmo»,**
> **mas cada pessoa contém uma civilização**
> **interior do eu que aprende a governar**
> **por meio de uma política psíquica**
> **que constitui a estrutura do mundo**
> **exterior do governo e da**
> **lei.**
> **O ego emerge da civilização**
> **da psique tal como o governante, rei, rainha,**
> **presidente ou ditador emerge das massas**
> **do povo; nomeado, escolhido ou assumindo**
> **o controlo segundo uma política interior que primeiro**
> **existe na mente interior mais vasta.**

«Os dois parágrafos anteriores afetam-me de uma forma estranhíssima, com uma força difícil de descrever. Sinto que existem noutro lugar e que existem há séculos, que são inevitáveis e que o livro em que aparecem já foi escrito, embora eu esteja apenas a começar a transcrevê-lo. O livro é um clássico, reconhecido como tal nalgum lugar ou noutro tempo. Os dois parágrafos acima são apenas o início, mas chegam-me acompanhados de uma sensação irrepreensível de justeza. De repente, tenho a certeza de que me cabe "escrever" esse livro, de que ele representa "o meu caminho" e faz parte do meu destino. Não quero dizer que me sinta obrigada a fazê-lo, mas sim que reconheço, de uma forma estranha, a absoluta justeza, para mim, deste caminho, deste livro e daquilo que representa. O livro há de chamar-se Política Psíquica.

«É certo que tenho escrito ao longo destes anos, e estou convencida de que mais ninguém poderia produzir O Material de Seth ou manter o tipo de relação que tenho com Seth, mas este novo livro toca-me de uma forma ainda mais íntima. E, contudo, há uma sensação de distância: a distância que ainda me separa do manuscrito completo no nosso tempo, pois sou eu que o puxo para mim ou é ele que me puxa para si, uma coisa ou outra, da maneira mais natural.

«Parece haver um caminho entre mim e o livro que, mais do que qualquer outra coisa na minha vida até agora, se me apresenta como "a minha via", de tal modo que dou por mim a perguntar se já o terei escrito noutro lugar ou noutro tempo.

Pode ter sido escrito por outra pessoa. Em qualquer dos casos, porém, sinto que sou eu quem está destinada a transcrevê-lo, e que esse ato dá vida ao livro na realidade tridimensional, embora ele exista fora desse contexto e esteja a ser traduzido para ele.

«Parte do livro, a parte principal, representa determinados princípios e dinâmicas da psique que sempre foram conhecidos em certos níveis. Contudo, aquilo que eu acrescentar em termos de novos exemplos e experiências tornará o livro aplicável ao nosso tempo. Mais uma vez, sinto intensamente que se trata de um clássico, talvez perdido de bibliotecas destruídas noutras civilizações.

«Só agora reconheço esta sensação de perfeita justeza como algo que procuro há anos, algo que traria consigo a sua própria certeza elevada e adequação psíquica; como se tivesse lançado a minha consciência em todas as direções, a sondar, e mais cedo ou mais tarde houvesse de encontrar este círculo nítido, ou caminho, até uma fonte específica. E, de algum modo, entretanto mantive-me em desequilíbrio, na medida em que continuei a procurar quando parecia que devia estar satisfeita. Porque só saberia o que queria quando o encontrasse.

«"Ele", o livro, pode ser apenas um entre muitos, mas parece-me senti-lo como se fosse o primeiro de muitos numa grande biblioteca, encadernados a ouro, uma coleção de clássicos que de algum modo encontram eco, de outras formas, na psique individual e coletiva. A imagem da biblioteca pode ser

simbólica, claro, mas noutro nível consigo ver-me ali, de pé ao lado daqueles volumes, quase a chorar, pensando que finalmente cheguei a casa.

«Sinto que o meu destino é transcrever estes livros invisíveis, filtrando-os através da minha psique tal como ela vive no nosso tempo e, assim, recriando-os ao infundir-lhes vida uma vez mais. Têm de ser traduzidos através da carne, e crescem por seu intermédio, ao mesmo tempo que quem os transcreve tem de possuir a mais perfeita afinidade com eles noutros níveis, psíquicos. Era este o passo seguinte que me esperava, que me cabia dar, e talvez todos os outros tenham conduzido a este.

«Não sei onde se enquadra Seth em tudo isto. Há anos que ele escreve os seus livros através de mim, mas não sinto qualquer conflito entre este meu novo trabalho e o dele. Pelo contrário, estão ligados. Os livros de Seth representam uma personalidade singular a dirigir-se a outras personalidades singulares. Estes outros livros novos parecem ser algo inteiramente diferente — à parte, distantes, acabados em certo sentido: princípios que ganharão vida através da minha experiência pessoal. E sinto que os livros e a minha vida se entrelaçarão, de modo que cada um enriqueça o outro.»

Mal terminei de escrever o que precede, bateram à porta. Pensei que fosse o rapaz dos jornais e gritei: «Entre.» Em vez dele, para minha total surpresa, um jovem entrou pela sala com largas

passadas, os braços a balançarem com confiança, os olhos brilhantes, húmidos — e determinados. Vou chamar-lhe Lyman*.

Quase gemi de incredulidade. Só o conhecera na noite anterior, quando assistira à minha aula de expansão da consciência. Mais cedo, nesse mesmo dia, apresentara-se por telefone como um «parapsicólogo em formação», usando frases de grande erudição. Depois da aula, porém, queria que eu lhe dissesse o que fazer da vida, como se o desafio fosse meu e não dele. Passei quase uma hora a conversar com ele, na esperança de reforçar a sua confiança em si próprio.

Aparentemente, conseguira-o, mas não da forma que imaginara, porque ali estava ele, sem avisar. Num gesto rápido, tirou o casaco, pousou o gravador na mesa ao meu lado, junto do monte de lenços de papel encharcados que ali estavam — eu estava constipada —, e investiu contra mim com os seus olhos cheios de energia. Começou sem preâmbulos. Telefonara a outra pessoa com faculdades psíquicas e contou-me, entusiasmado, como a tinha localizado na cama de um hospital.

> **«A chamada custou-me vinte dólares, mas valeu a pena»,**

disse ele.

* Ao longo deste livro, os nomes e os pormenores pessoais foram alterados para proteger a privacidade das pessoas envolvidas.

> «Contei-lhe tudo sobre si e sobre a sua aula e descobri que ela tinha lido os seus livros; pedi-lhe que comentasse as suas ideias.»

Fiquei simplesmente sentada, a olhar para ele e para os lenços de papel.

> «A senhora diz que não vai haver um holocausto»,

disse.

> «E todos os outros sensitivos, incluindo Cayce, dizem que vai haver. Ela disse que o holocausto não virá no ano 2000, mas a qualquer momento. O que tem a dizer a isso?»

Ligou o gravador.

> «Absolutamente nada, raios partam»,

respondi.

Ele prosseguiu impetuosamente.

> «E ela diz que existe uma hierarquia no plano astral, e que só sete pessoas têm acesso aos registos akáshicos, e ela é uma delas. Os outros cobram preços enormes e só falam de uma vida, ao passo que ela, por muito menos, apenas cinquenta dólares, faz uma leitura que inclui todas as vidas que tivemos noutros tempos e que afetam esta. Mas a senhora diz que, para começar, não existem registos akáshicos, que são apenas um símbolo de outra coisa. Então, como explica isso?»

A admiração pelas suas próprias e perspicazes capacidades de detetive psíquico era quase mais do que conseguia suportar. Deixei-o continuar durante mais quinze minutos, antes de perguntar, com bastante calma:

«Para que veio cá?»

Foi eloquente. Gesticulou com grandiosidade.

> «Queria que pedisse a Seth que comentasse as discrepâncias entre o que ele diz e o que dizem os outros. Queria que lhe perguntasse…»

«Não me interessa absolutamente nada»,

disse eu, com uma rudeza muito tranquila, mas deliberada.

> «O quê?»,

perguntou.

Fiquei a olhar para ele e assoei-me, sujando mais um lenço de papel.

> «Mas talvez interesse a Seth»,

disse Lyman, escandalizado.

«Duvido»,

respondi. Pela primeira vez desde que Lyman irrompera pela minha casa, houve silêncio. Disse-lhe, com bastante calma:

> **«Podia ter pedido desculpa por aparecer aqui sem telefonar primeiro.»**

Nem sequer corou.

> **«Pensei que não me receberia; que estaria ocupada»,**

disse, manifestamente impressionado com a sua própria audácia.

> **«Por isso, vim na mesma.»**

> **«Estava a começar um novo livro quando entrou»,**

disse eu,

> **«e ainda tenho a loiça do jantar para lavar e uma sessão de Seth daqui a uma hora.»**

> **«Posso cravar-lhe um destes?»,**

perguntou, pegando no meu maço de cigarros.

O telefone tocou. Atendi. Um jovem pediu para assistir a uma das minhas aulas, mas o que realmente queria era ajuda para tomar uma decisão.

> «É uma decisão espiritual, mental»,

disse três ou quatro vezes, de três ou quatro maneiras diferentes e confusas. Queria que eu lhe dissesse o que fazer. Dediquei-lhe alguns minutos, explicando que levar outras pessoas a decidir por nós não era maneira de aprender a tomar decisões, nem preparação alguma para qualquer espécie de desenvolvimento. Dei-lhe algumas técnicas simples para desanuviar a mente e desliguei. O senhor Parapsicólogo Júnior continuava ali sentado.

> «Ainda está aqui porque estou a tentar perceber as minhas razões para a sua visita, para além das suas»,

disse eu. O que queria dizer, mas não disse, era:

> «Como é que este tipo apareceu para me maçar precisamente quando eu sentia que acabara de encontrar o meu "verdadeiro caminho"?»

Por muito que me desagradasse a expressão feita, parecia inteiramente adequada.

> «Quer dizer que há outra razão?»

Lyman entusiasmou-se de imediato.

> «Como eu tê-la conhecido, a si ou a Seth, numa vida passada, ou uma coisa assim? Eu sabia. Tenho de admitir que sabia; outro sensitivo disse-mo.»

> «Receio que não seja nada disso que quero dizer»,

respondi, mas ele já estava outra vez em efervescência. Visões de grandeza e de esperança retesavam-lhe os músculos. Inclinou-se para a frente com tanta brusquidão que os montes de lenços de papel estremeceram.

Sobressaltada, ergui os olhos; e, de repente, percebi as minhas razões para a visita de Lyman. Compreendi que, durante toda a conversa, desde o instante em que entrara pela porta, Lyman fora, de algum modo, maior do que a vida; pelo menos para mim. Super-real. Tinham-me apresentado — ou ele apresentara-me — a primeira personagem do meu livro. Era tão ele próprio, tão irrepreensivelmente aquilo que era, que eu só podia maravilhar-me com a sua singularidade, independentemente de me maçar ou não. Era como se tivesse acabado de chegar de fora do espaço e do tempo, entregando-se a si próprio como uma encomenda de que, naturalmente, se orgulhava imensamente, mas que eu teria de examinar com os meus próprios olhos. E era uma encomenda fantástica, atada com faixas resplandecentes de entusiasmo. Simplesmente, eu não gostava do conteúdo.

E percebi porquê. Ele era a apresentação viva de alguns dos meus antigos receios e ideias, que surgiam precisamente quando eu julgava ter acabado de os abandonar. Sempre desdenhara a ideia dos registos akáshicos como convenção psíquica, talvez representativa de outra coisa. Certamente não acreditava que uma espécie de ficha suprema de pontuação das nossas vidas estivesse escrita algures no espaço, à disposição de quem a quisesse ler. Por outro lado, antes da visita de Lyman, encontrara-me numa

biblioteca, noutro nível da realidade, e sentira que era «o meu destino» transcrever e recriar alguns dos livros que lá estavam.

Estivera a pensar em tudo isto, a olhar para aquele Lyman como acabado de cunhar, quando percebi que ele esperava que eu falasse, inclinado para a frente, com aquele olhar imenso, intenso e expectante.

> **«Então, Seth e eu temos uma relação!»,**

gritou, incapaz de suportar mais um momento.

> **«Eu tinha de manter algum ceticismo, mas sempre soube…»**

Estendeu a mão para mais um dos meus cigarros, nervosamente, como se tivesse a certeza de que as revelações de todas as eras estavam prestes a cair-lhe sobre os ombros e quisesse estar preparado.

> **«Não, você e Seth não têm essa relação»,**

disse, tão delicadamente quanto pude. Mas pensei: claro — Lyman também representava as minhas próprias ideias sobre outra coisa: as pessoas excessivamente crédulas que se fazem passar por céticas. A muitas delas basta dizer-lhes que foram alguém importante numa vida passada, ou que conheceram uma pessoa célebre, e pronto, tornam-se «crentes» convictas. Pessoas assim — como o rapaz ao telefone — nunca confiam na sua própria visão. E até agora eu também não confiara inteiramente na minha, pensei.

Sempre que me aparecia um Lyman, ou os registos akáshicos, ou a ostentação de conhecimentos espirituais de renome, pensava: essas pessoas confiam nas suas visões, e olhem para elas. Falta alguma espécie de integridade nas suas vidas. Por isso, observava as minhas próprias visões com um olhar severo e interrogativo. Mas enganara-me. Aquelas pessoas apoiavam-se no dogma, não nas visões.

Tinha de me livrar de Lyman para poder compreender tudo aquilo. Parecia desiludido, mas continuava determinado a ficar para sempre. Quase se podia ouvi-lo a gabar-se mais tarde aos amigos:

> «Aguentei-me ali, pá!»

A mim, disse:

> «Tem de compreender. Tenho de localizar os sensitivos famosos, comparar o que dizem e registar as discrepâncias.»

A voz ressoava de convicção. Para ele, era um desporto revigorante e emocionante; mas não continuaria a correr na minha pista.

> «Ótimo»,

disse eu.

> «Faça o que tem a fazer. Divirta-se, se é disso que gosta. Mas eu não gosto. Está bem?»

Eu sorria.

> «Ainda tenho uma sessão esta noite.»

Desta vez, a minha voz foi firme.

Levantou-se.

> «Compreende mesmo?»,

perguntou.

> «Pode crer que compreendo»,

respondi.

> «Faça o que gosta, Lyman. Só não aqui, se não se importa.»

Mas eu ria-me, porque percebera que, no passado, muitas vezes duvidara da minha própria visão apenas por não confiar nas visões dos outros. Começara a sentir que as próprias visões eram, na melhor das hipóteses, pouco fiáveis, e que, quanto mais acreditávamos nas nossas, mais cegos ficávamos à realidade dos outros. Agora, na verdade, via que não havia necessidade de julgar as visões. Elas simplesmente são. Aceitamo-las ou rejeitamo-las. Mas, graças a Deus, já não sentia que tinha de ser responsável pela fiabilidade de todas as visões, ou pelo uso ou abuso que os outros faziam delas. Só sou responsável pelas minhas.

E quanto às minhas?, perguntei-me quando Lyman finalmente saiu. Que dizer da biblioteca que sentira tão brevemente antes da interrupção? E do livro? Estaria, como suspeitava, no início de uma nova aventura criativa e psíquica, ou iria recuar? Imaginava-me a dizer:

«Tenho esta, hum, biblioteca no céu…»

E a responder a mim própria:

«Claro que tens, querida. Não te preocupes, está tudo bem!»

Depois pensei:

simbólica ou não, real nos nossos termos ou irreal, parte da minha psique ou separada dela, há ali alguma coisa, e vou descobrir o que é.

Quando Lyman saiu, já passava das oito da noite. Seth estava a ditar o seu próprio livro, *A Realidade "Desconhecida"*, nas nossas duas sessões privadas semanais. Uma delas devia começar cerca de uma hora depois. Anos antes, tínhamos acordado fazê-las às nove da noite, às segundas e quartas-feiras. Isto fora particularmente vantajoso ao princípio — era menos provável aparecerem visitas a meio da semana —, mas, além disso, sou uma pessoa de hábitos noturnos. Não consigo imaginar-me a realizar regularmente sessões de manhã ou à tarde, por exemplo. Nessa noite, porém, não estava propriamente com a cabeça na sessão.

Por um lado, pensava nas experiências do dia; por outro, ainda tinha a loiça do jantar para lavar. (Rob e eu dividimos as tarefas domésticas. Eu preparo as refeições — exceto o pequeno-almoço — , lavo a loiça e faço parte das limpezas; ele trata da roupa e das restantes limpezas.) Além disso, naquele dia também deixara a loiça do almoço empilhada. Fui, portanto, para a cozinha, terminei as tarefas e, finalmente, sentei-me com Rob para a nossa sessão.

As minhas experiências nessas alturas variam. Habitualmente, quando Seth está a ditar um livro, limito-me a alterar a minha consciência e deixo Seth «deitar mãos à obra». Ele tira-me os óculos, começa a ditar depois de algumas observações dirigidas a Rob e continua, com alguns intervalos para descanso, durante as duas ou três horas seguintes. Nessa noite, as coisas começaram a acontecer assim que me sentei para a sessão. Felizmente, Seth descreveu uma das minhas experiências, e pude contar outras a Rob na altura, porque, mais tarde, já não me lembrava absolutamente nada do que acontecera.

Era a nossa 714.ª sessão oficial, quarta-feira, 23 de outubro de 1974. Consigo imaginar a expressão de Rob, sentado e sorridente, porque eu estava constipada, ficara entusiasmada com a «biblioteca» e, depois da chegada de Lyman, perguntara em voz alta se haveríamos sequer de realizar uma sessão. Mas ali estava Seth, a manifestar-se quase assim que nos sentámos. Praticamente ao mesmo tempo, senti um estranho efeito de pirâmide sobre a cabeça; um fenómeno subjetivo que, de vez em quando, experimento no trabalho psíquico. Outra sensação bastante familiar

acompanhava o efeito de pirâmide. Sentia o corpo gigantesco. Mal o dissera a Rob, Seth manifestou-se.

> «Esta é uma noite algo marcante para Ruburt [como Seth me chama]. Enquanto falo, ele está a experimentar certas sensações em que sente o corpo drasticamente alongado; a cabeça a estender-se para lá das estrelas; a forma inteira a abarcar realidades. Ora, em certo sentido, o corpo físico faz sempre isto; isto é, ocupa simultaneamente várias realidades, contendo até dentro de si dimensões de tempo e de ser que não podem ser descritas verbalmente.
>
> «A realidade desconhecida e a existência mais vasta da psique não podem, contudo, separar-se do conhecimento íntimo da carne, pois a vida da carne decorre nesse enquadramento. Como já foi referido, geralmente o eu consciente concentra-se apenas numa pequena dimensão. Essa dimensão é, porém, vivida tão plenamente quanto possível; o seu brilho límpido e a sua extraordinária nitidez só são possíveis porque vos sintonizais com ela e lhe dedicais o essencial da vossa atenção. Quando compreenderdes como fazer isto, podereis começar a sintonizar-vos também com outras "estações".»

Ao prosseguir, Seth usou as minhas experiências para salientar a existência da «realidade desconhecida» e discutir outras formas de a explorar.

> «Há, portanto, convenções interiores, tal como há convenções exteriores»,

disse.

> «Assim como os costumes exteriores procuram obrigar-vos a conformar-vos com ideias geralmente aceites, também as convenções interiores procuram obrigar-vos a fazer com que a vossa experiência interior se ajuste a moldes preconcebidos. Há boas razões para as convenções. Geralmente, ajudam a organizar a experiência. Se forem adotadas e aceites com flexibilidade, podem servir bem como orientações. Aplicadas com mão pesada, tornam-se dogma desnecessário, limitando rigidamente a experiência…
>
> «Até agora, Ruburt tem insistido na sua visão pessoal e na sua expressão singular da realidade desconhecida tal como a experiencia, pelo que traz notícias que não concordam com a orientação psíquica convencional.»

Seth falou durante quase uma hora sobre «visitas guiadas psíquicas» e sobre os vários tipos de dogmas capazes de programar a experiência interior. Depois fizemos um intervalo. A sensação de enormidade que Seth descrevera continuava comigo. Sentia que a minha cabeça atravessaria o telhado quando me levantasse. Ao mesmo tempo, sabia perfeitamente que conservava o meu tamanho físico habitual, embora, num determinado nível, o experienciasse

de outra forma. Assim, quando me levantei, uma parte de mim caminhava como de costume, enquanto outra sentia que a cabeça se erguia muito acima da Terra.

Na verdade, o intervalo durou apenas cerca de dez minutos; depois Seth regressou e continuou a ditar o seu livro. Falou durante meia hora, antes de dizer:

> «Deem-nos um momento.»

Entrei imediatamente numa série de experiências que esqueci quase de imediato. Tentei descrevê-las a Rob na altura, e aqui terei de apresentar excertos dos apontamentos que ele então tomou. Ainda agora, no que me diz respeito ao nível consciente, aquelas experiências poderiam ter acontecido a outra pessoa. Só permanece a sensação de «saber» e de certeza. Os acontecimentos em si desapareceram quase assim que ocorreram.

## Apontamentos de Rob

> «"Se conseguir captar isto, vai ser qualquer coisa, digo-te eu",

disse Jane, acendendo um cigarro. Bebeu um gole de cerveja.

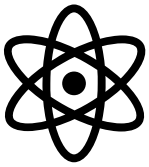
> "Bob, o que estou a receber é… sons rápidos e belos que não consigo reproduzir — muito rápidos, muito musicais —, ligados ao spin dos eletrões e à composição celular. O spin dos eletrões é mais rápido do que a composição celular. A maior velocidade dos eletrões dá, de

alguma forma, os seus limites às células. E há qualquer coisa que está em transe, digamos, nos cristais, mas que está viva nas células.

«"Espera um momento. O que estou a receber é um som fantástico, aprisionado num cristal, que fala através da luz, que é a essência da personalidade. Estou a receber sons coloridos, quase como joias. Espera — vou ver o que consigo captar a partir disto. Quero passá-lo para palavras, e está a chegar tão depressa…

«"Tal como a semente cai, levada pelo vento, em qualquer ambiente, também existe uma semente de personalidade que viaja nas suas próprias asas e cai em mundos de muitos tempos e lugares. Caindo com um som que é o seu próprio tom verdadeiro, tocado em acordes diferentes.

«"Estes sons têm consciência da sua individualidade, gloriosamente únicos, e, contudo, cada um se funde numa sinfonia. Cada som reconhece-se como ele próprio, fazendo vibrar o meio dimensional no qual encontra expressão, mas tem consciência da multiplicidade infinita de sons que produz noutras realidades — os instrumentos através dos quais toca com tanta grandiosidade. Cada célula 'soa' da mesma maneira, assim como cada eu, num caleidoscópio em que a mais pequena variação tem significado e afeta as notas individuais produzidas por todos. Assim, nós 'soamos' em mais do que uma realidade, e agora ouço essas notas em conjunto, mas separadamente, talvez como gotas de chuva, e tento reuni-las e, ainda assim, ouvir cada nota separada… E, de repente, ouvi o meu próprio tom verdadeiro, que estou destinada a seguir."»



Depois da primeira parte, a minha exposição fora tão contínua que Rob se interrogou se eu teria voltado a entrar num transe de

Seth, sem os efeitos vocais e a maneira habituais de Seth. Falara tão depressa que Rob tivera dificuldade em tomar notas. No entanto, quando terminei, só consegui dizer:

> **«É como se uma nota encontrasse o seu próprio tom verdadeiro. Mas, assim que a fazes soar, sabes que é aquilo. Conseguiste. Conheces o teu próprio significado no universo, mesmo que não consigas pô-lo em palavras.»**

Quando tudo terminou, sentia-me inteiramente diferente, embora o que quer que tivesse acontecido houvesse desaparecido da minha mente consciente. Eu sabia, embora já não me lembrasse do que sabia. No conjunto, Seth dissera muito pouco sobre a biblioteca em si, mas associei imediatamente o «tom verdadeiro» ao que sentira quando a vislumbrara pela primeira vez e à certeza de ter «chegado a casa» ao ver os livros que lá estavam. Disse a Rob:

> **«É estranho. Sinto que, seja para onde for que me vire, há um caminho traçado para mim, e nunca antes me senti assim.»**

Seth não voltou a manifestar-se nessa noite. Citei apenas as partes da sessão diretamente relacionadas com as minhas experiências. O resto da sessão aparece no seu contexto, no próprio livro de Seth.

A biblioteca, porém, começou a adquirir uma realidade própria. No dia seguinte, enquanto estava à secretária, «soube» subitamente que era apenas parte de um estabelecimento muito maior. Depois encontrei-me lá, diante de uma estante que ia do

chão ao teto. Não me ocorreu voltar-me para ver o que havia atrás de mim. À esquerda, contudo, vislumbrei uma mesa de biblioteca de madeira clara. Muito à direita havia uma janela virada a sul e, lá fora, estendiam-se terrenos de um verde luxuriante, embora fosse outono e as árvores estivessem despidas no mundo que eu conhecia. Várias vezes nesse dia me vi, subitamente, de pé na biblioteca, sempre no mesmo lugar.

Mais tarde, ao cair da noite, pus salsichas e esparguete ao lume para o jantar e sentei-me à secretária para trabalhar alguns momentos, antes de chamar Rob para a refeição. Olhava pelas nossas amplas janelas salientes para a rua em baixo. Sem qualquer aviso, voltei a ter consciência da biblioteca e vi-me a beber uma espécie de elixir dourado. Sabia que a bebida, tomada ali, era uma espécie de tónico geral que tonificava todo o corpo físico e, em particular, purificava o sangue. Tive a impressão de que aquele elixir era dado a todas as pessoas daqui que lá fossem e de que também proporcionava a energia necessária para o trabalho a realizar. Enquanto bebia o líquido na biblioteca, aqui, à minha mesa, pensei que parecia mel, apenas menos espesso; e a minha cabeça, aqui, ficou de repente muito descontraída e leve.

Acabei de me lembrar de outra coisa: mais tarde, ao lavar a loiça do jantar, tive a sensação de que, a partir daquela biblioteca, era possível olhar para o nosso mundo, para a minha esquina das ruas Walnut e Water — e pareceu-me que o nosso mundo fazia parte dos terrenos da biblioteca.

Também sabia, ou pensava saber, que estava a ser organizado para mim algum tipo de programa de estudo. Não deveria passar todo o tempo na biblioteca; também estaria no exterior, a fazer trabalho de campo, por assim dizer.

Mesmo então, tinha a sensação de que, noutro nível da realidade, ingressara num colégio ou numa comunidade de estudiosos, talvez para seguir um programa de estudos. No passado, nunca tivera grande amor pelas bibliotecas, a não ser pelo serviço necessário que prestam. Isto é, costumava pensar nelas como lugares onde havia letreiros a dizer «Silêncio, por favor». Mas a «minha» biblioteca não me causava de modo algum essa impressão. Mais do que isso, sempre que lá me encontrava, continuava a pensar: «Cheguei a casa.»

É perfeitamente possível, claro, que outra pessoa visse clarões de luz em vez de livros, ou experienciasse o mesmo ambiente de outra maneira. Mas, para mim, houve desde o princípio uma biblioteca noutro nível da experiência; e eu sabia que iria transcrever e recriar livros dali, e que, enquanto me ocupasse do meu trabalho aqui, estaria ao mesmo tempo a percorrer o meu caminho lá.

# CAPÍTULO 2

## Uma Visão Pessoal do «Super-Real». Modelos da Realidade Física e Estruturas Psíquicas

Na manhã seguinte, de sexta-feira, 25 de outubro de 1974, sentei-me à secretária, com a sensação de que algum material da biblioteca «estava pronto para mim». Desta vez, não vi os livros nem a mesa. Em vez disso, sentia-me letárgica e muito descontraída. As palavras que me chegavam não pareciam ser ditadas por ninguém. De uma forma quase mecânica, eram transplantadas da biblioteca para a minha cabeça; pelo menos, era essa a sensação. A passagem não era longa; nem sequer tinha a certeza de compreender o seu significado, mas, uma vez mais, impressionou-me aquela sensação de perfeita adequação. Eis a passagem:

### 1. Da Biblioteca — Modelos da Realidade Física

> **Existem modelos da realidade física em perpétua mudança, que se transformam constantemente de acordo com novas equações, estabelecidas num instante a cada nova estabilização, formando-se eternamente com uma velocidade de movimento vertiginosa. Contudo, nenhum modelo, seja de uma molécula ou de uma civilização inteira, desaparece depois de ficar impresso no meio das probabilidades. Sintonizamo-nos com estes modelos, e as**

> **nossas interações com eles alteram-nos em qualquer ponto dado, originando novas dimensões de realidade efetiva que, por sua vez, se estendem a partir desse novo foco.**
>
> **Passado mais presente é igual a futuro. Um mais um é igual a dois. Assim parece; mas o um, o um e o dois existem ao mesmo tempo, tal como o passado, o presente e o futuro, embora não necessariamente por essa ordem.**

Quando terminei, fiquei a olhar para o que escrevera, mas a passagem não chegou verdadeiramente a penetrar-me na consciência. Era hora de almoço, por isso deixei a secretária para tratar de algumas tarefas, pois combinara ir ao centro da cidade com Rob depois de almoçar. Entretanto, sentia-me cada vez mais descontraída, de tal modo que quase decidi ficar em casa. Certamente, alguma parte de mim devia saber o que iria acontecer nessa tarde, mas só à última hora mudei de ideias, peguei no casaco e disse a Rob que, afinal, iria com ele.

Ao descer do alpendre do rés do chão para o quintal das traseiras, impressionou-me intensamente a beleza do dia — o relvado cheio das folhas castanho-esverdeadas do outono, cada uma parecendo espantosamente distinta e viva. Acima de tudo, senti-me envolvida pelos odores incrivelmente aromáticos da terra: o cheiro das pêras caídas da árvore junto ao atelier de Rob, que apodreciam, e certos aromas que se desprendiam do próprio solo, evocativos, mas impossíveis de classificar. Não reparei em mais nada até termos percorrido vários quarteirões e estacionado diante de uma loja de material de escritório. Esperei no carro enquanto Rob entrava e, ali sentada, comecei a sentir o meu corpo sedoso,

liso e estranhamente móvel por dentro, como se a minha mente patinasse num lago de gelo interior.

Depois, de um momento para o outro, o mundo mudou literalmente diante dos meus olhos. A transformação foi espantosa — tanto mais que, embora tudo estivesse diferente, tudo continuava igual, pelo que levei um minuto a perceber o que se passava. A rua física e o parque de estacionamento não tinham verdadeiramente mudado: a loja de material de escritório permanecia no seu lugar, e as pessoas percorriam o passeio em ambos os sentidos. Por outro lado, tudo o que eu via era mais do que si próprio, imbuído de uma realidade adicional quase impossível de descrever.

Quase sempre guardamos um bloco e um lápis no carro, mas remexi automaticamente no porta-luvas, resmungando de impaciência, sem encontrar nada. Não fazia ideia de quanto tempo duraria a experiência e queria escrevê-la enquanto ainda acontecia. Uma parte de mim, porém, não queria incomodar-se a tomar notas; queria apenas deleitar-se naquela versão estranhamente alterada do mundo. Por isso, fiquei ali sentada, a olhar, até Rob regressar ao carro.

As palavras atropelavam-se quando tentei descrever o que estava a acontecer — e ainda tínhamos de ir à mercearia. Rob correu, por isso, à drogaria ao lado do mercado, comprou uma caneta e um bloco e deixou-me sozinha enquanto fazia as compras. Comecei a tomar notas, mas, ao mesmo tempo, custava-me desviar os olhos do pára-brisas. Mal podia acreditar no que via. Há anos

que fazíamos compras naquele supermercado, por exemplo, mas a zona comercial era tão diferente em termos qualitativos que… embora parecesse a mesma, de certa maneira… era difícil acreditar que fosse o mesmo lugar.

Para começar, o ar e tudo o resto cintilava. Cada pedaço de papel no passeio, cada folha de erva, cada carrinho de compras reluzia, destacava-se numa individualidade quase milagrosa, mesmo sendo também outra coisa… além de si próprio. Enquanto Rob fazia as compras, eu continuava a olhar, a olhar e a olhar. As minhas notas estavam tão rabiscadas que, nessa noite, tive dificuldade em decifrá-las quando finalmente as passei à máquina. Foi isto que escrevi:

> «De repente, o mundo parece diferente. Estou a vê-lo de uma perspetiva inteiramente diferente. Parece muito mais real do que habitualmente, mais sólido e mais bem construído. É, de facto, um mundo diferente daquele que alguma vez vi, e estou nele de uma maneira nova. É como o mundo antigo, mas infinitamente mais rico, mais "agora", mais bem edificado e com uma profundidade muito maior.
>
> «As palavras não descrevem nada disto, mas as pessoas parecem fantásticas na sua singularidade. Ninguém é insípido, nem "apenas uma pessoa", nos termos antigos, e cada pessoa é… mais sólida e inteira, da maneira mais estranha. Cada pessoa que passa junto do carro é mais do que tridimensional, super-real neste tempo, mas parte de um "modelo" de um eu mais vasto; uma versão dele que acrescenta dimensão a cada

pessoa individual — ou edifício, ou folha de erva, ou qualquer outra coisa.

«Toda esta cena particular, com carros estacionados e outros a entrar e a sair, está imbuída de uma grandeza própria; no entanto, ao mesmo tempo, existe para além de si própria. Não sei como estou a perceber isto, mas "vejo" realmente esta realidade adicional sobre a realidade que conhecemos, de modo que tudo o que tenho diante dos olhos é super-real, e a realidade de cada pessoa é, óbvia e claramente, mais do que tridimensional. Sei que me estou a repetir, mas quero registar isto para o caso de me esquecer; embora me pareça inconcebível alguma vez esquecer este momento. É como se, antes, só tivesse visto uma parte das pessoas ou das coisas. O mundo está agora tão mais sólido que, em comparação, a minha experiência anterior dele parece uma versão de má qualidade, composta de pontos desligados ou de uma imagem desfocada.

«É como se todas as pessoas que vejo fossem versões das mesmas pessoas, digamos, que os antigos mestres pintaram há séculos; versões novas e, contudo, variações singulares de si próprias, cuja originalidade altera os modelos, mesmo enquanto a sua existência emerge deles. As ruas da cidade parecem mais sólidas, como se assentassem mais firmemente na terra, mas são as pessoas que sobretudo me prendem a atenção — uma vez mais, tão super-reais, cada uma tão individual e, contudo, parte de modelos mais vastos de si próprias, que estão constantemente a transformar.»

Enquanto observava, sabia que cada pessoa tinha livre-arbítrio e, no entanto, cada movimento era inevitável; de algum modo, não havia contradição. Era uma perceção física — sentida fisicamente —, mas difícil de descrever. Ao olhar para cada pessoa, porém, conseguia sentir o seu «modelo» e todas as suas variações, e ver como o modelo estava ali e agora naquela pessoa; ao mesmo tempo, a versão particular do modelo que eu via também estava presente em todas as outras versões. Via aquelas pessoas como Pessoas Verdadeiras, no sentido de pessoas inteiras. Habitualmente, só reagimos à pessoa terrena do momento. Aquelas pessoas estavam «mais aqui», de algum modo mais plenas, mais completas. A sustentação interior do modelo, que eu sentia, dava-lhes uma vitalidade adicional.

Os meus próprios sentidos físicos reagiam em conformidade: o mundo era mais rico, mais real, e assim por diante, porque também era sustentado por aquelas dimensões interiores que o tornavam mais pleno. As ruas, por exemplo, eram todas as ruas de cidade, construídas segundo um modelo interior, mas eram, de forma única, aquelas ruas de cidade, cintilantes nas suas peculiaridades — Elmira, no estado de Nova Iorque, numa esquina específica e em nenhuma outra, precisamente por causa do modelo e das suas variações.

As pessoas pareciam clássicos de si próprias. Sentada no carro diante do supermercado, tinha à minha frente um conjunto de lojas, e também as via como modelos e suas variações: como bancas árabes e bazares indianos, cada qual uma variação de modelos. E a abóbora de Halloween numa montra era fantástica enquanto ela

própria e enquanto concretização de um modelo. O mesmo se aplicava a tudo o que via.

Lembro-me, em particular, de um pequeno canto junto a um parque de estacionamento, ladeado de árvores pequenas. Estava ali um homem de suspensórios e camisa, com calças demasiado curtas e apertadas nas entrepernas. A roupa era velha e desbotada, mas calçava sapatos castanhos novinhos em folha. Fumava, de pé, a observar a esquina, e o sol reluzia-lhe no cabelo ralo, castanho-avermelhado. Tinha um rosto reservado e, contudo, de algum modo ousado. Eu estava demasiado longe para distinguir claramente as suas feições, mas foram a pose e a roupa que me prenderam. Era inteiramente ele próprio, mas era um clássico, na medida em que poderia ter surgido em qualquer século; no entanto, aparecia ali — o modelo e ele próprio em conjunto.

Pensei: estou a ser preenchida até transbordar. Por um momento, cheguei a perguntar-me se seria possível terem-me posto uns óculos novos espetaculares e eu me ter esquecido. Sabia que era ridículo, mas, naquele instante, era quase mais fácil acreditar nisso do que aceitar que o mundo pudesse, de repente, ser tão diferente do que fora menos de uma hora antes. Já tomar notas me exigia um esforço. Queria simplesmente olhar para sempre.

Só quando acabei de passar à máquina a descrição das experiências, já tarde nessa noite, voltei a olhar para os apontamentos do «material da biblioteca» que fizera de manhã. Na altura, tinham feito pouco sentido e, se era suposto fazerem parte

de um livro, eu não fazia a mínima ideia de onde ou quando caberiam num manuscrito. Assim que os reli, pensei: claro! Os mesmos conteúdos do mundo não totalizam uma única soma particular, mas uma série de somas, conforme a maneira como os reunimos. E eu sabia que saltara de uma determinada série de somas para outra.

Surpreendeu-me verdadeiramente, contudo, não ter associado de imediato o material da biblioteca daquela manhã à minha experiência, pois era óbvio que percecionara os modelos descritos e os experienciara, de tal modo que, subitamente, se tornaram parte do meu conhecimento consciente. Tivera a minha primeira «lição», que corroborava o material da biblioteca, embora nessa altura ainda não o compreendesse inteiramente.

Comecei de imediato a estabelecer novas relações, que logo rabisquei:

> «Quando sentimos o modelo e a nossa própria versão criativa dele a transformar o conjunto, então sentimos verdadeiramente o nosso poder. Sintonizamo-nos com uma versão mais plena do mundo. Tomamos também consciência do poder do modelo e tornamo-nos capazes de o utilizar. Depois, como um íman, zás!, os dois são atraídos um para o outro, entram em alinhamento: nós e o nosso modelo. Daí resulta uma orientação inteiramente nova em relação ao mundo e aos outros. De repente, há provas de coisas que antes tínhamos de aceitar pela fé — se é que chegávamos a aceitá-las.

> «O modelo é a base daquilo a que chamamos autoimagem. Continuamos a construir o nosso próprio modelo na psique pessoal, de modo a corresponder a esse modelo mais vasto que pressentimos, e usamo-lo como plano de trabalho. Contudo, sentimos também o modelo tal como existe independentemente de nós, quase em termos clássicos. Assim que sentimos o modelo, a nossa própria "justeza" e "adequação" tornam-se imediatamente evidentes e, de uma maneira estranha, fisicamente percetíveis. Compreendemos e percecionamos também a adequação e a justeza de cada outra pessoa — ou coisa.
>
> «É como se tivesse ocorrido uma série de alinhamentos, ou como se o mundo visível se tivesse subitamente alinhado com a sua contraparte invisível, e percebemos que antes só víamos metade da realidade; metade da existência das pessoas. Agora, a parte invisível dá ao exterior toda a sua plenitude e sustenta-o. No regresso a casa com Rob, por exemplo, senti a terra a sustentar a estrada, que sustentava os pneus e o carro. Senti-o fisicamente, da mesma maneira que sentimos, digamos, a temperatura: uma sustentação ou pressão positiva que mantinha a estrada elevada e quase parecia empurrá-la para cima por sua própria iniciativa, num arco longo e poderoso, como o dorso de um animal gigantesco.»

Nessa noite e no dia seguinte, também os meus hábitos quotidianos e as minhas maneiras domésticas me pareciam triplamente reais. Afiguravam-se-me imensamente imediatos, embora — ou talvez porque — continuasse a sentir outra parte de

mim na biblioteca. E o meu eu da biblioteca pensava: claro, é isso que faço no mundo, e é assim que sou lá. Por isso, os meus gestos mais habituais pareciam simultaneamente familiares e surpreendentes.

Ter-me-ia, de algum modo, unido a uma parte de mim que estivera na biblioteca à minha espera? Não deixava de me interrogar, e a realidade da biblioteca acompanhava-me constantemente, embora em segundo plano, enquanto decorria o meu dia. Continuavam a surgir-me intuições a seu respeito. Sabia que, quando se entrava na biblioteca a partir do nosso mundo, ao regressar, a vida normal ficava imbuída de novas dimensões. Apetecia-me continuamente explorar os terrenos da biblioteca, «chegar lá» de forma mais clara e completa. E, naturalmente, perguntava-me quanto tempo duraria tudo aquilo. Até que ponto seria permanente a biblioteca, por exemplo?

Enquanto jantávamos nessa noite, vi-me por um momento sentada a uma mesa do tipo das de refeitório, na biblioteca, a beber novamente aquele elixir, e, por um instante, o meu próprio café soube-me a mel. Senti a minha imagem ali, a minha imagem-modelo, supus: tinha o cabelo cortado à pajem, com franja direita. Usava camisa e o tipo de calças de ganga que costumo vestir, mas pesava mais alguns quilos do que agora e o meu corpo movia-se com uma agilidade quase instantânea. Vi também um modelo mais velho. Usava uma espécie de camisa de gola em capuz, mas com umas calças; era uma mensageira entre mundos. Daqui a dez anos terei aquele aspeto?, perguntei-me.

Lembrei-me do «senhor Parapsicólogo Júnior» e de como parecera super-real. Teria a experiência daquele dia começado, de facto, nessa altura? E não conseguia ultrapassar o espanto, porque toda a gente era assim: clássicos de si próprios. Era como se, antes, tivesse visto apenas reproduções do mundo, e não o original.

Mas que dizer da mudança de foco que me sintonizara com o mundo novo? Quantos outros focos daqueles existiriam? A perspetiva do mundo, em qualquer momento, podia conter infinitas variações de foco, desde o «mais pobre» ao «mais nítido», cada uma claramente diferente, e talvez cada qual centrada em aspetos inteiramente distintos. Quanto mais haveria no mundo que eu não via? Que outras mudanças de consciência seriam possíveis sem que eu as conhecesse?

De certa forma, pensei, as pessoas vivas no nosso tempo e espaço poderiam experienciar o mundo de maneiras tão diversas que algumas talvez tivessem mais em comum com alguém de outro planeta ou de outra realidade. Um indigente num hipotético Foco 3 poderia achar o mundo mais rico e mais gratificante do que um rei, digamos, no Foco 1. Não me agradavam as implicações de focos «melhores ou piores», mas tinha de admitir que a minha nova perspetiva era muito superior à maneira como habitualmente via e experienciava o mundo. As chamadas vidas de reencarnação poderiam envolver o mesmo tipo de mudanças, compreendi, apenas com alterações suficientemente grandes para transformar por completo a perspetiva temporal.

Enquanto pensava em tudo isto, tinha uma vaga consciência de mim própria a tratar dos meus assuntos na biblioteca, e ocorreu-me que uma parte de mim estava tão concentrada ali como «eu» estava na minha realidade. Também sabia que os dois mundos estavam, de alguma maneira, sincronizados. Mas alargar-se-ia ou aprofundar-se-ia a minha perceção da biblioteca? Quanto tempo duraria aquela extraordinária riqueza nova? Tornar-se-ia a norma, a ponto de eu esquecer como fora a minha vida anterior? Desaparecido o contraste, como haveria de me lembrar? Ou tudo acabaria por se dissipar com o tempo?

Para experimentar, fui dar um passeio, e o mundo físico lá fora pareceu-me uma extensão dos terrenos exteriores da biblioteca, de tal maneira que as realidades interior e exterior estavam ligadas de uma forma estranhíssima. A Walnut Street estava cheia de trânsito. Habitualmente, preferia passear no quintal das traseiras e, por vezes, no parque de estacionamento que outrora fora o nosso jardim. Agora, porém, a estrada, os carros e as casas pareciam todos mais sólidos; até as montanhas ao longe, que sempre pareceram suficientemente substanciais, tinham uma substância acrescida e um brilho pleno. Dobrei a esquina e fiz uma breve visita a uma amiga. Bebemos um copo de cerveja e comemos umas bolachas de água e sal e, enquanto conversávamos, senti que estava também, ao mesmo tempo, a visitar alguém na biblioteca. No regresso a casa, senti-me mais solidamente integrada no mundo, parte do ambiente de uma maneira nova. Antes, tinha a sensação de olhar de fora para a cena que se apresentava diante de mim. Agora, era uma porção da cena a mover-se através de si própria, embora conservasse o meu foco principal.

Ao voltar a entrar na minha sala de trabalho, percebi que, enquanto estivera fora, aquela outra parte de mim fizera algumas explorações na biblioteca que, subitamente soube, era de facto um centro de aprendizagem bastante frequentado. Era um mundo da mente, ou um estado de espírito, em que todos os outros estavam, à sua maneira, no mesmo nível que eu; um «lugar» onde eu e aqueles colegas invisíveis trabalharíamos em conjunto. Acabaríamos por ficar completamente sintonizados com aquele ambiente interior e, por conseguinte, com os nossos ambientes exteriores. Teríamos um foco nítido no qual aprender e realizar o nosso trabalho. E eu sabia que, embora pudéssemos estar desfasados de outros níveis, ali estávamos em casa. Dei por mim a pensar: amanhã vou instalar-me a sério. E pensar nisso entusiasmava-me tanto como se tivesse chegado fisicamente a uma universidade de estudos avançados. Contudo, sabia, naturalmente, que a biblioteca não era física nos nossos termos e que representava um determinado lugar na psique que estava a materializar-se, pelo menos em certa medida, no nosso mundo.

Outras pessoas forneceram mapas da psique, mas nunca confiei neles. Esses mapas traziam marcas de demasiados lugares com nome nesta realidade. Quando viajamos pela psique, percorremos necessariamente a nossa própria mente mais profunda — e, ao viajar para realidades interiores, isso significa entrar noutro tipo de atmosfera, tal como aconteceria se viajássemos pelo espaço exterior. No passado, outros projetaram ali fantasmas das suas próprias mentes, passando depois a agir como se fossem marcos naturais. Nas minhas viagens, recusei seguir aqueles caminhos, sentindo que não eram seguros nem fiáveis e receando que me

toldassem a visão ou me fizessem perder o rumo. Estas distorções são como os detritos deixados por naves espaciais físicas: fragmentos de bandeiras partidas ou equipamento abandonado que depois podem ficar em órbita no espaço.

Só que os detritos de que falo são psíquicos. Grande parte deles provavelmente serviu um propósito em determinada altura — mais uma vez, como a «sucata» espacial abandonada que em tempos funcionava. Mas segui-los no espaço apenas nos levaria aonde outros já foram.

Contudo, também tenho uma mente literal, como a maioria dos da minha espécie — pessoas da Terra que lidam com objetos e com o testemunho dos sentidos —, e a ideia de um espaço por cartografar, interior ou exterior, provavelmente faz-nos sentir pequenos. Ou pensamos: ao viajar pela realidade interior, que devo procurar? Que tipo de características? Aquilo que vir estará realmente lá? Ou serão as minhas experiências uma resposta a características que não podem ser vistas diretamente?

Lembro-me de um verso de um poema que escrevi no primeiro ano da faculdade: «Faço o meu próprio passeio.» Talvez, de certa forma, cada um de nós faça o seu próprio caminho e a sua própria estrutura psíquica, que é depois lançada no espaço interior, tal como uma nave espacial é lançada da Terra. Isto faz um sentido particularmente apurado. O veículo para viajar no espaço é feito de matéria física, adequado ao seu ambiente e altamente equipado para apreender tipos específicos de dados num sistema determinado.

Assim, também construímos uma estrutura ou veículo mental que nos transporte para o espaço interior; no meu caso, talvez a biblioteca seja como um satélite flutuante, bem equipado com um ambiente semelhante ao terrestre, que me faz sentir em casa longe de casa. É tão eficiente e real como qualquer nave espacial, e igualmente prática. E — apresso-me a acrescentar — existe com tanta certeza como a nave espacial e é igualmente fiável.

De certa forma, é ainda mais sofisticada, porque tenho a certeza de que as suas coordenadas se alinham com a nossa realidade, e aquilo que vejo e experiencio lá é-me traduzido aqui, quer eu interprete ou não a mensagem de imediato. Suponho ser também perfeitamente possível que, embora a biblioteca represente a minha estrutura, o meu caminho, se relacione igualmente com as estruturas de outras pessoas no mesmo nível ou estado, de modo que, em certos termos, os terrenos da biblioteca sejam bastante permanentes, continuamente criados sob formas diferentes ao longo dos evos.

Na verdade, estava tão curiosa acerca da biblioteca que, quando chegou a noite de segunda-feira, quase me senti tentada a explorá-la mais, em vez de realizarmos a nossa sessão habitual de Seth. Afinal, estava mais ou menos segura de Seth, mas, tanto quanto sabia, a biblioteca poderia desaparecer por completo, para nunca mais ser «vista». Quando, por uma razão ou outra, passamos algum tempo sem sessões, então fico inquieta e faço uma só para me certificar de que Seth continua «aqui», ou, pelo menos, acessível. Mas, depois de realizar sessões semana após semana, esqueço-me completamente de alguma vez ter estado inquieta. Além disso,

sabia que Seth estava a meio do seu próprio livro e não se iria retirar antes de o concluir.

Na última sessão, porém, Seth dissera muito pouco sobre as minhas experiências na biblioteca, e eu também estava curiosa quanto às suas reações. Parecia-me estranhamente reservado, e interrogava-me porquê. Só depois da sessão compreendi como ele fora habilidoso à sua maneira, e eu à minha.

Os excertos que se seguem são retirados de *A Realidade "Desconhecida"*, e incluí apenas as passagens em que Seth se refere às minhas experiências na biblioteca ou a outras relacionadas com elas. Como se tratava do ditado de um livro, dirigia-se ao leitor, e não a Rob; o material aqui não incluído era dedicado a uma discussão dos estados alterados de consciência.

## 2. Excertos da Sessão 715, de 28 de outubro de 1974

> «Disse na nossa última sessão que aquela noite era marcante para Ruburt, e isso é verdade por muitas razões. Este livro [A Realidade "Desconhecida", de Seth] trata da realidade desconhecida, e Ruburt iniciou na semana passada uma incursão diferente por outras dimensões.
>
> «Espero mostrar, nestas sessões, as ligações indivisíveis entre a experiência da psique em vários níveis e a experiência daí resultante em termos de diferentes sistemas — cada um válido,

cada um com influência, em maior ou menor grau, na vida que conheceis.

«Ruburt permitiu que uma parte da sua consciência desta vida seguisse uma tangente, por assim dizer, por outro caminho, até outro sistema de realidade efetiva. A sua vida ali é tão válida como a sua existência no vosso mundo. No estado de vigília, consegue agora alterar a direção do seu foco com precisão suficiente para produzir uma condição em que perceciona simultaneamente ambas as realidades. Está apenas a começar, pelo que, por enquanto, só ocasionalmente tem consciência daquela outra experiência. Contudo, tem agora consciência dela, no fundo da mente, de forma mais ou menos constante. Ela não se intromete no mundo que conhece; enriquece-o.

«Os conceitos deste livro [*A Realidade "Desconhecida"*] ajudarão a expandir a consciência de cada um dos seus leitores, e o próprio livro é apresentado de tal maneira que retira automaticamente a vossa consciência dos seus sulcos habituais, fazendo-a oscilar entre a versão padronizada do mundo que aceitais e as versões não oficiais que pressentis, mas que geralmente desconheceis.

«Ora, à medida que Ruburt transmite este material, acontece-lhe o mesmo, de uma forma diferente, pelo que, em certos aspetos, tem andado a saltar de uma dimensão para outra,

exercitando a elasticidade da sua consciência; e, neste livro, mais do que nos anteriores, a sua consciência foi projetada para mais longe, por assim dizer. A própria transmissão do material ajudou-o a desenvolver a flexibilidade necessária para as suas explorações mais recentes.

«Uma compreensão clara ou uma exploração eficaz da realidade desconhecida só pode alcançar-se quando sois capazes de deixar para trás muitos dos "factos" que aceitastes como critérios da experiência. Este livro está também escrito de uma forma que, assim o espero, porá em causa muitas das vossas crenças mais acarinhadas acerca da existência. Podereis então olhar até para esta existência com novos olhos. Ruburt está a dar este novo passo a partir da vossa perspetiva e, desse ponto de vista, está a fazer duas coisas.

«Está a entrar conscientemente noutra divisão da psique e também na realidade que lhe corresponde. Isto reúne as duas existências, fazendo-as coincidir. São, contudo, mantidas em foco tanto separadamente como em conjunto. Regra geral, usais um nível particular de consciência, que correlaciona todas as vossas atividades conscientes. Disse-vos que o próprio corpo físico era capaz de captar outras mensagens neurológicas para além daquelas a que habitualmente reagis. Permiti-me agora acrescentar que, quando se alcança uma certa competência nas alterações da consciência, isso permite familiarizar-vos, na

prática, com algumas dessas outras mensagens neurológicas. É assim que Ruburt consegue percecionar fisicamente o que faz na sua "biblioteca"…

«Viu pela primeira vez o interior da sua biblioteca na quarta-feira passada. Era simultaneamente ele próprio aqui, nesta sala, a observar a imagem de si mesmo numa sala de biblioteca, e o eu que estava na biblioteca. Diante de si, viu uma parede de livros, e o eu da sala de estar soube subitamente que o seu propósito aqui, nesta realidade, era recriar alguns daqueles livros. Soube que trabalhava em ambos os níveis. As realidades conhecida e desconhecida fundiram-se, encaixaram e foram vistas como os lados opostos uma da outra.

«Já trabalhava comigo há algum tempo, nos vossos termos, mas não "controlo" de maneira alguma a sua realidade subjetiva. Tenho sido certamente um professor para ele. Contudo, o seu progresso é sempre um desafio e uma responsabilidade seus e, fundamentalmente, cabe-lhe decidir o que fazer com aquilo que ensino. (Com humor:) Neste momento, dou-lhe um excelente…

«A biblioteca de Ruburt existe com tanta certeza como esta sala. Existe também com tanta incerteza como esta sala. Uma coisa é estar teoricamente convencido de que existem outros mundos e retirar dessa ideia algum conforto e alegria. Outra, bem diferente, é encontrarmo-nos num ambiente desses e sentir os

mundos coincidirem. A realidade é, acima de tudo, prática; por isso, quando alargais os vossos conceitos acerca da natureza da realidade, é provável que vos sintais escandalizados, horrorizados ou simplesmente desorientados. Assim, neste livro não vos apresento apenas probabilidades como conjetura: mostro-vos muitas vezes de que maneira essas probabilidades afetam a vossa vida quotidiana e dou exemplos de como as vidas de Ruburt e Joseph foram tocadas por elas…

«Muitos de vós ficam fascinados com teorias ou conceitos que sugerem a multidimensionalidade do vosso ser e, contudo, escandalizam-se perante qualquer prova que a sustente.

«Muitas vezes, interpretais essas provas em termos dos dogmas que já conheceis. Isso torna-as mais aceitáveis. Ruburt sentia-se frequentemente quase indignado quando lhe eram apresentadas provas desse género, mas também se recusava a dar-lhes uma roupagem convencional, e a sua própria curiosidade e capacidades criativas mantinham-no suficientemente flexível para que a aprendizagem pudesse ocorrer, conservando ao mesmo tempo o contato normal com o mundo que conheceis.

«Teve muitas experiências em que vislumbrou momentaneamente a rica alteridade existente no interior da realidade física. Conheceu perceções intensificadas de natureza

singular. Nunca antes, porém, entrara firmemente, em vigília, noutro nível da realidade, permitindo-se sentir a ligação contínua e vívida entre mundos. Escondeu de si próprio o seu propósito, como muitos de vós fazem. Ao mesmo tempo, naturalmente, perseguia-o, tal como todos vós trabalhais para alcançar os vossos objetivos.

«Admitir o seu propósito, porém, trazê-lo à luz, significaria para Ruburt uma declaração pessoal e pública de filiação que antes não fora capaz de fazer. Os objetivos de cada um de vós diferem. Alguns embarcaram em aventuras que envolvem um contato familiar íntimo, uma profunda ligação pessoal aos filhos ou outras carreiras que se cruzam "verticalmente" com a experiência física. Por isso, as viagens a realidades desconhecidas podem ser muito intrigantes e representar perspetivas complementares importantes para as vossas ocupações atuais. Estes interesses serão para vós como uma vocação secundária, acrescentando grande compreensão e profundidade à vossa experiência.

«Ruburt e Joseph escolheram especializar-se, por assim dizer, precisamente naquelas incursões ou explorações que, para outros, são secundárias…

«Disse-vos que a vossa consciência não é estacionária, mas está sempre em movimento e é criativa, de modo que, ao longo da

> vida, cada um de vós se desloca pela sua psique, e a experiência física se altera em conformidade. Ao longo destes anos, portanto, a posição de Ruburt na sua psique deslocou-se gradualmente até ele encontrar um ponto de apoio novo, melhor e mais firme para si. A partir desta nova estrutura, consegue lidar de forma mais eficaz com diferentes tipos de estímulos e reuni-los para construir um modelo compreensível de outras realidades. Continuarei a falar do meu ponto de vista singular, mas, nos vossos termos, Ruburt é um de vós, e as suas explorações, realizadas a partir da vossa perspetiva, podem ser de grande valor.»

Quando a sessão terminou, Rob leu-ma. Fiquei sinceramente espantada ao descobrir que as minhas experiências mais recentes estavam ligadas à *A Realidade "Desconhecida",* de Seth. Ao mesmo tempo, mal compreendia o meu espanto, pois as ligações eram agora tão claras. O livro de Seth dedica-se a exercícios destinados a desenvolver a flexibilidade da consciência. Há secções inteiras sobre métodos de percecionar outros tipos de realidade e, afinal, em transe ou não, fora eu própria quem transmitira aquele material. No entanto, mantivera separados o livro de Seth e as minhas experiências na biblioteca. Na verdade, explorava a minha própria realidade desconhecida à minha maneira, enquanto Seth escrevia o seu livro sobre ela. Os meus encontros pessoais eram a outra face do manuscrito de Seth, de uma forma impossível de descrever.

Seth dissera que o seu livro mostraria ao leitor como as realidades desconhecidas afetavam a vida pessoal e explicara-nos

que por vezes nos usaria como exemplos. Isso eu compreendera. Mas tinha a estranha suspeita de que havia mais qualquer coisa envolvida. Acabara de começar este livro e principiava a interrogar-me se *A Realidade "Desconhecida"*, de Seth, não seria, de algum modo, um detonador que punha em movimento todas estas minhas experiências novas. Realidade desconhecida, sem dúvida! Conseguia imaginar Seth a sorrir, quase presunçosamente, de uma hipotética nuvem de felicidade, a acenar-me para que avançasse, só para eu descobrir aquela estrutura a dissolver-se noutra, e noutra, numa espécie de alegre perseguição para descobrir a natureza da realidade.

# CAPÍTULO 3

## Modelos e Excêntricos Queridos

A manhã seguinte estava luminosa e límpida, com folhas de outubro a caírem por toda a parte. Sentei-me a escrever à minha mesa, diante das janelas salientes. Os pombos alimentavam-se no telhado, com as penas eriçadas pelo vento. Este vinha em rajadas, batendo na fachada da casa e fazendo estremecer as velhas janelas nas suas caixilharias antigas. Entre as rajadas, tudo parecia relativamente sossegado. Num desses silêncios, ouviu-se de súbito o restolhar seco de folhas quebradiças a rodopiarem pelo parque de estacionamento lá em baixo. Num instante, vi-me sentada na biblioteca, a olhar para um livro aberto, só que as páginas abriam-se de rompante e as folhas do lado de fora da janela eram os sons que as páginas faziam na biblioteca. Pareciam abrir-se sozinhas. Por um momento, as duas experiências encaixaram com tamanha suavidade que aceitei, sem a questionar, a sua unidade. Só um instante depois me interroguei: como podia o vento real lá fora fazer restolhar as páginas de um livro numa biblioteca não física? Mas, para mim, as experiências interior e exterior coincidiam numa simetria quase de cortar a respiração.

Por alguma razão, só então me lembrei dos poemas que escrevera na semana anterior, a pedir inspiração, e compreendi que estava a receber um livro inteiramente novo em resposta ao pedido

dos poemas. A biblioteca era um presente da psique, unificando a minha experiência e orientando-a numa nova direção. Lembrei-me de como andara taciturna, mas, no meu novo estado criativo, esquecera por completo o pedido anterior. Detesto escrever bilhetes de agradecimento, mas, tratando-se da alma, a minha falta de agradecimento parecia uma espécie de gafe metafísica. Por isso, cheia de gratidão, escrevi o poema que se segue. Nele, exprimi algumas ideias sobre a natureza da inspiração que são bastante difíceis de transmitir em prosa. Na altura, porém, limitei-me a ficar ali sentada e a escrever espontaneamente o poema como expressão de agradecimento, maravilhada com a capacidade da psique para nos regenerar precisamente quando mais precisamos. Enquanto escrevia, novas rajadas do vento de outubro faziam estremecer as janelas; os pombos erguiam-se num turbilhão de penas, e eu continuava a ver a minha imagem na biblioteca. De vez em quando, esse eu sorria e olhava para mim, sentada à secretária.

## 1. A Resposta da Alma

> **Querida alma, estou maravilhada.**
>
> **Disse eu, alguma vez, que as tuas palavras eram frias?**
>
> **Retiro o que disse.**
>
> **Escrevi e não te senti responder**
>
> **e tive medo.**
>
> **Depois, a tua resposta escreveu-se sobre o meu mundo,**
>
> **e as letras ganharam vida.**
>
> **Como pude alguma vez duvidar de que eras real?**

Pareces enviar-me uma série de novos nascimentos,
marcados para quando me sinto mais cansada,
e este ainda está a acontecer,
por isso queria que soubesses exatamente o que sinto,
e sobretudo agradecer-te
a tua resposta, quando estendi a mão,
presa entre a fé e a dúvida,
perguntando se estarias sequer aí
ou se serias apenas uma esperança fabricada,
sonhada na fábrica sobrecarregada
de uma mente fatigada.
Mas, depois de terminar o meu último poema
e de apresentar o meu caso o melhor que pude,
emitindo mensagens luminosas
que chegassem, esperava eu,
do meu mundo ao teu,
senti-me apenas exausta.
Sem receber resposta, pensei:
«A minha alma é notavelmente hesitante,
ou não expliquei bem o que queria dizer,
ou, pior, a minha alma é tão distante
que a minha aflição nada significa para ela;

não consegue compreender.»
Por isso, uma parte de mim remoía,
enquanto outra dizia: «Muito bem,
se não posso confiar na minha alma, é melhor sabê-lo já,
e se tiver de me arranjar inteiramente sozinha,
raios me partam se não é melhor aprender como.»
E depois,
entre um momento e o seguinte, vi
um caminho abrir-se dentro da minha cabeça.
Levava diretamente ao canto sudeste
da sala de estar,
e ali, sobreposta à parede branca e nua,
a imagem de uma biblioteca pairava visível,
com filas de livros e uma mesa,
não plana, mas tridimensional
dentro de si própria. Isto é, a visão
não se estendia pela sala,
mas a profundidade abria-se
com o seu próprio espaço, e fez-me suster a respiração.
Eu observava daqui, e ali
um duplo de mim própria apoiava-se junto às filas
de livros,

quase a chorar de alívio,
pensando: «Graças a Deus, cheguei a casa.»
E os nossos pensamentos, os dela e os meus, eram um só,
de tal modo que, por um momento, estive lá
e aqui ao mesmo tempo,
e ambas exultávamos.
Aquele caminho fez alguma coisa.
Reconheci-o instantaneamente
como algo que andava a procurar,
uma estrada mágica da psique
que era só minha,
como se uma flor compreendesse de repente
em que direção lhe cabia crescer;
um caminho não apenas de menor resistência,
mas de poder; como se, em anais esquecidos,
cada alma
trouxesse memórias futuras de estradas
que tem de seguir e seguirá —
passagens íntimas através do cosmos
que só a ela pertencem;
e descobrisse o seu próprio tom verdadeiro,
que abre avenidas nítidas à sua frente

por bosques cósmicos que, de outro modo, parecem
assustadores, e afasta de golpe os ramos,
revelando subitamente uma lua clara e brilhante.
Mas, em todo o caso, eu sabia que aquele caminho
era o meu,
como um sinal pessoal que me fora dado num tempo
anterior à memória.
Por isso, quando enviei o meu S.O.S.,
aquele sinal veio a cintilar da eternidade,
perscrutando tempos e planos
até descobrir onde eu estava,
e encontrou-me precisamente quando pensei
que estava perdida.
Penso
nas terminações nervosas do universo,
entrecruzando-se num cosmos
de inter-relações
que mal conseguimos compreender.
Depois grito: «Socorro!»
de um canto de um mundo minúsculo,
suspenso entre os séculos
que cintilam como um milhão de teias de aranha douradas,

pendendo, vivas e gloriosas,
num qualquer cérebro universal espetacular —
mas aquela mensagem segue caminho.
Por isso, por gigantesco
que seja o universo,
o meu minúsculo apelo pô-lo a ressoar.
E até mundos separados de mim
se moveram, cantaram, tremeram
enquanto o meu alarme
viajava para o exterior, estabelecendo contato,
tocando os neurónios selvagens
de uma mente abrangente,
que então enviou ajuda,
tal como talvez o meu cérebro envie
sangue para o dedo quando o entalo,
conhecendo o caminho direto
através das miríades de mundos do corpo.
Mas que resposta!
Pois a biblioteca não desapareceu;
permanece apenas fora de vista,
vindo à superfície de vez em quando,
tão nítida como antes,

e o meu duplo senta-se a uma mesa

a ler um livro que comecei

a traduzir aqui.

Certa vez, folhas secas que corriam pelo parque de estacionamento lá fora

eram os sons das páginas que restolhavam

no livro junto à sua mão,

quando todas se moveram de uma vez,

para surpresa dela, pois

ali não havia vento,

e aqui eu ri-me.

Mas, seja qual for a forma em que as verdades existem,

sei que os livros dentro da minha cabeça ganham vida,

e que, quando estou naquela biblioteca, cheguei a casa.

Mas em que sentido?

Só sei que o caminho me levou até lá,

e que me cabe escrever aqueles livros

e dar-lhes vida dentro do nosso mundo,

por uma intenção

que reconheço como antiga e, contudo, nova,

não imposta, mas escolhida,

e, contudo, escolhida em resposta

a uma inclinação natural do ser,

> **que quer seguir por uma via e não por outra,**
> **porque sabe o que é melhor para si e sente**
> **impulsos que o alinham**
> **com as direções interiores da mente,**
> **ou da alma.**

Depois de escrever o poema, continuei a sentir aquele «outro eu» na biblioteca. Por vezes, via-a sentada à mesa. Outras vezes, ela ia até à janela que dava para os terrenos, e a minha consciência oscilava entre um lado e o outro, de modo que eu tinha consciência tanto do ambiente dela como do meu. Em certa medida, o seu conhecimento da biblioteca era-me transmitido. Ao escrever sobre isto, chamo «ela» à minha imagem, mas também me identificava com esse eu da biblioteca, e, em certas ocasiões, ela parecia claramente ter consciência de mim.

Através dela, soube que as janelas da biblioteca davam para diferentes séculos. Estes existem todos ao mesmo tempo, como os terrenos da biblioteca, e constituem o ambiente. Os livros são escritos por pessoas que entram na biblioteca pela sua própria janela temporal e continuam a transcrever os clássicos, a revê-los e a criá-los de novo através da sua própria experiência. Os livros são depois produzidos num novo período de tempo e lugar. Cada nova versão de um livro modifica o seu modelo clássico.

Sabia que a biblioteca era também a materialização de um determinado nível da psique, tal como o nosso mundo. Só que ali o tempo se dispõe como aqui se dispõe o espaço. As janelas da

biblioteca coincidem com lugares definidos no nosso espaço-tempo. No nosso mundo, estes pontos de interseção podem aparecer como objetos naturais, e estes correspondem a pontos de coordenação na psique. Aproximarmo-nos desses pontos de coordenação na mente alinha automaticamente, em certa medida, a nossa consciência com aquela outra realidade e estabiliza suficientemente as condições para permitir uma entrada e um regresso mais ou menos conscientes.

Mesmo então, eu sabia, por exemplo, que o canto da sala de estar servia como ponto de referência a esse respeito; mas, no nível habitual de consciência usado pela maioria das pessoas, a entrada da biblioteca simplesmente não estava lá. Apenas uma parede. Derrubar a parede também não revelaria a entrada, evidentemente, porque esta só existia em determinados níveis de consciência. Para a encontrar, roda-se o foco, em vez da maçaneta. Só existe em certos estados da psique, quando as coordenadas interiores e exteriores se alinham, fazendo os dois mundos fundirem-se.

Tinha a sensação de que, na verdade, já vinha a trabalhar na biblioteca há algum tempo sem ter consciência disso e de que, nos poucos dias decorridos desde a sua primeira aparição, me tornara mais consciente das minhas atividades tanto lá como aqui. Várias vezes tive vislumbres vagos dos terrenos da biblioteca, sem, contudo, conseguir interpretá-los claramente. Por exemplo, aqui o tempo e o espaço são mais ou menos interdependentes. Ali, os elementos do tempo dispõem-se como o espaço se dispõe aqui. Ali, o tempo expande-se e as variações aparecem como probabilidades: em vez de o hoje se transformar no amanhã, o equivalente do hoje

transforma-se nas suas próprias probabilidades — e podemos viajar até qualquer uma delas da mesma maneira que aqui viajamos de cidade em cidade.

Sabia tudo isto através de uma espécie de passagem de conhecimento do meu duplo para mim, mas, ao olhar pela janela da biblioteca, sabia que não via o que ela via, apenas a minha versão disso. Sempre que olhava para fora, via este mundo.

Contudo, compreendia que, com mais treino, poderia aprender a ver também probabilidades. Era como se estivesse apenas a começar a usar novos sentidos ali e a descobrir um tipo diferente de perceção da profundidade.

Entretanto, este mundo continuava a mudar, mas tão gradualmente que eu não dava por alguns desenvolvimentos até se atingir um determinado nível e os meus sentidos físicos começarem a registar os acontecimentos de outra maneira. A minha visão devia, por exemplo, estar a modificar-se sem eu dar por isso, pois, no quarto dia depois de ter visto a biblioteca pela primeira vez, tive subitamente consciência de que o meu campo de visão física se alargara de alguma forma.

Fomos dar uma volta de carro nessa tarde e dei por mim a ler simultaneamente os letreiros das montras: isto é, abrangia uma área visual maior. Em vez de olhar para uma loja, via várias ao mesmo tempo e apreendia todos os pormenores envolvidos, como o conteúdo dos letreiros e das montras, ao passo que antes teria

reparado nessas coisas uma de cada vez. Não fazia qualquer esforço para ver melhor, nem havia tensão alguma. O mundo simplesmente se me apresentava de uma maneira nova.

Tudo continuava a parecer muito mais sólido e mais bem construído, e o meu corpo parecia encaixar no ambiente de forma mais ajustada, de algum modo mais satisfatória, como se estivesse numa perspetiva melhor. Também o sentia mais substancial e mais nitidamente focado. Mas a maior diferença que notei nessa tarde estava nas minhas reações às pessoas. Não as via através dos meus preconceitos pessoais. Assim como o espaço parecia, de alguma forma, mais amplo, também se abria um novo tipo de espaço psicológico. Até então, não percebera quantas vezes os meus encontros com os outros haviam representado um instante de julgamento: os outros a julgarem-me e eu a julgá-los, cada qual a suportar todo o peso da atenção crítica do outro.

De repente, também o meu campo de visão psicológico parecia mais amplo, mais expansivo, sem se sentir apertado ou ameaçado pelos outros, de modo que eu podia ser mais afável para com eles e mais curiosa, à maneira de uma criança. Parecia-me estar a observar os outros de uma perspetiva diferente, mas também parecia estar a ver uma perspetiva diferente deles — na qual também não se sentiam constrangidos nem receosos.

Ao mesmo tempo, não «abandonara» o meu antigo tipo de juízos sobre as pessoas. Podia formulá-los quando quisesse, mas, quando o fazia, tinha consciência de que limitavam efetivamente a minha perceção de qualquer pessoa. Dei por mim a pensar, novamente,

que toda a gente era um modelo clássico e, contudo, cada pessoa era também um excêntrico fantástico. Via um estranho e belo intercâmbio entre cada pessoa e o seu modelo. Algumas pessoas puxavam no sentido contrário ao do modelo de si próprias, quase em desafio, mas utilizavam-no para criar a sua própria variação e excentricidade original. Outras imaginavam o modelo nas suas mentes como uma espécie de supereu ou de ideal que nunca se poderia alcançar, e tentavam moldar-se à força. Outras pintavam-se na realidade como crianças entregues freneticamente aos pincéis, espalhando tinta por todo o lado, mas divertindo-se imenso.

Vi que cada um de nós é um excêntrico querido, não apenas porque temos modelos interiores do eu, mas também porque temos liberdade para nos afastarmos deles; tudo isto torna o modelo vivo e criativo no nosso tempo. Vi, por exemplo, uma senhora idosa; ou ter-lhe-ia chamado senhora idosa com a minha visão antiga. Usava meias de algodão, uma camisola às riscas castanhas e verdes, do tipo das de rapaz, uma saia rodada de outono, cor de vinho, e um chapéu de abas largas, como os das raparigas novas, com uma flor artificial, sobre o cabelo liso e grisalho. Era muito magra, de peito liso, e avançava devagar, balançando suavemente sobre os calcanhares, com tanta graça e naturalidade como uma menina de doze anos sozinha num caminho de campo.

Não estava a tentar «parecer jovem». O pescoço fino tinha rugas, e a camisola de rapaz, a saia rodada e o chapéu de abas moles davam-lhe o aspeto mais incongruente que se possa imaginar. Contudo, era perfeito, tal como a liberdade dos seus

movimentos e a estranha agilidade sonhadora do seu andar. Vivia em si própria e no seu modelo ao mesmo tempo, e as qualidades de masculino e feminino, juventude e velhice, encontravam-se nela numa unidade tal que jurei nunca mais conseguir pensá-las como opostos.

Não parava de dizer a Rob: «Olha para aquele homem», ou «Olha para aquela mulher. Perfeitos!», até Rob ficar quase tão encantado como eu, enquanto continuava a tentar descrever-lhe as minhas perceções. Parecia-me ver a validade das pessoas tal como existia independentemente de mim e das minhas crenças, embora soubesse que eu criava a realidade em que isso era possível. Os corpos das pessoas encaixavam mais firmemente no mundo, como o meu, e até os carros que passavam pareciam mais bem construídos.

Mas o que significava tudo aquilo, perguntava-me, e quanto tempo duraria? Até então, só «captara» alguns parágrafos do livro que era suposto estar a escrever — ou a transcrever. E que dizer de toda aquela ideia dos modelos? Tinha uma vaga familiaridade com os conceitos de Platão acerca dos ideais. Pareciam-me terrivelmente rígidos, atribuindo toda a originalidade a modelos absolutos que, na melhor das hipóteses, apenas podíamos tentar copiar — e, mesmo assim, estaríamos condenados ao fracasso. Só sabia que havia um grande intercâmbio, uma elasticidade lúdica, entre os modelos que sentia e as suas muitas versões, ou excentricidades, como começara a chamar-lhes.

E quanto ao título, Política Psíquica? Onde se enquadrava? Recebi algumas pistas no dia seguinte. Sentada à minha mesa, voltei a sentir que «alguma coisa estava à minha espera» na biblioteca. Os parágrafos que se seguem surgiram-me instantaneamente na mente e, ao mesmo tempo, senti que o meu duplo lia os mesmos parágrafos num livro, à sua mesa. Escrevi o material exatamente como o «ouvi», pela mesma ordem. Tive, porém, a nítida sensação de que aquilo era uma espécie de ensaio; de que os vários parágrafos não tinham necessariamente a ordem em que me eram dados, mas serviam como amostras de material de diferentes partes do livro, para que eu pudesse formar uma ideia de alguns dos domínios a abordar.

## 2. Da Biblioteca

1. Se aprendêsseis a recordar e a interpretar as mensagens não oficiais dos sonhos, os dados descodificados produziriam uma história da humanidade muito mais exata e extensa do que qualquer uma que possuís: um registo em aberto que não terminaria no ponto atual da consciência, mas conteria projeções de probabilidades futuras e proporcionaria excelentes modelos para novas ações criativas…

2. Os reis, rainhas, presidentes e ditadores do mundo ascendem à proeminência e ao poder tal como o ego emerge da psique: vital, enérgico e recetivo. Assim, também os líderes do mundo respondem aos seus povos, mesmo quando não parece ser esse o caso. Os dirigentes de um país ignoram as mensagens não oficiais da psique em favor da imagem

padronizada da realidade na mesma medida em que o fazem os seus cidadãos.

3. A estrutura organizada da civilização não pode ser dissociada das organizações interiores da psique. Se não vos conhecerdes, não conhecereis o vosso mundo; as ações exteriores parecerão incompreensíveis, e os vossos atos pessoais parecerão não ter significado…

4. As pessoas que desconhecem o seu próprio poder sentir-se-ão isoladas e sós no mundo privado e público. Se necessário, virarão do avesso a estrutura interior do eu para libertar os elementos de poder encerrados lá dentro e se emanciparem das repressões existentes na mente. No mundo exterior, isto resulta muitas vezes no derrube do líder que era a figura representativa viva daquela opressão interior e pessoal…

5. A psique pessoal contém em si modelos que exprimem claramente os potenciais singulares possíveis para a sua própria realização. Ela própria é uma versão desse modelo, escolhendo livremente, entre as suas infinitas variações, as ações prováveis mais adequadas à sua realização. A sua escolha é espontaneamente correta; livremente feita e, contudo, inevitável…

Política Psíquica — ou a política da psique —: começava a perceber as ligações. Já a minha relação com o mundo e com as outras pessoas estava a mudar, por causa das novas experiências

interiores. Ao ler os parágrafos, compreendi que as alterações de perceção e as visões da biblioteca também faziam parte do livro. Os acontecimentos quotidianos e o material da biblioteca caminhariam a par. Mas, mais uma vez, de que maneira?

Enquanto me interrogava, tinha consciência do meu duplo a trabalhar à mesa da biblioteca, olhando de vez em quando pela janela sudeste para os terrenos espaçosos. Durante alguns minutos, a minha consciência esteve simultaneamente no meu corpo e no do meu duplo. Era delicioso olhar para as árvores frescas e verdes e para a folhagem abundante de lá, enquanto, do lado de fora das janelas da minha sala, o céu era de um azul enevoado entre os ramos nus do outono. Enquanto meditava nisto, o telefone tocou. Abanei a cabeça, provavelmente fiz uma careta, e atendi.

Uma voz de homem disse:

> «Seth?»

Gemi mentalmente.

> «Não, é a Jane»,

respondi.

> «Atlântida. Delântida. Vum. Vum. Vum»,

disse a voz, enfática, excitada, espaçando as palavras e disparando-as como balas. Depois, silêncio.

Eis as mensagens de mundos estranhos, pensei, enquanto rabiscava a «conversa».

«O quê?»,

perguntei.

> «Ouça. Pânico. Pânico. Aqui dizem que sou louco. Sou Jed Dare. Bare. Where. Care.»

«Pois»,

disse eu.

> «Enviei-lhe um livro. Sobre um gancho. Baalbek e o fim do mundo. Símbolos. Sinais. Linhas.»

Lembrava-me vagamente. Num dia da semana anterior, chegara um envelope com o restante correio; só que este continha cerca de trinta páginas de símbolos. Nada mais. Não conseguira perceber coisa alguma.

«Não consegui lê-lo»,

disse.

> «Pois leia. Agora. Agora. A mosca e a molécula dourada. Salve o mundo.»

A voz fez uma pausa. Depois trovejou:

> «Chame Seth. Esqueça a morte. Vou salvar o mundo.»

> «Ouça»,

disse eu.

> «Está numa viagem bastante pesada. Nenhum de nós vai salvar o mundo sozinho. E, quando pensamos que vamos, isso geralmente significa que estamos preocupados connosco próprios.»

> «Eu sei. Sei. O meu destino é salvar o mundo. Eu sei. Vai. A Atlântida e os mundos desfazem-se.»

> «Ouça, não está a estabelecer bem as relações…»

Estava preocupada com ele, mas não conseguia meter uma palavra.

> «Oh, estou, sim. Raios. Sintonize-se às quatro. A hora mágica. Mas como Seth. Então vou salvar o mundo.»

> «Espere, espere um momento»,

exclamei, mas ele desligou.

Contudo, o dia seguinte chegou, por isso ele deve ter ficado bastante satisfeito. Se não tivesse salvo o mundo, eu não estaria viva para escrever tudo isto. Pelo menos, não no seu sistema de realidade.

Mas fiquei ali sentada, consternada. Passara uma semana desde a minha primeira experiência na biblioteca, e eu desfrutara de alguns dos dias mais gratificantes e tranquilos da minha vida. Depois, aquela voz estranha ao telefone: mais uma superestrela cósmica atormentada, decidida a salvar o mundo.

Irritou-me a interrupção; no entanto, sabia que o homem telefonara por alguma razão, e talvez, se a compreendesse, pudesse ajudar outros. Mas o que tinha aquela chamada a ver com política psíquica? Acredito realmente que toda a doença mental é emocional ou psíquica, uma mistura desequilibrada de aspetos psicológicos, de modo que a pessoa carece de uma determinada espécie de coesão psicológica. Há explosões interiores, revoluções psíquicas, à medida que as repressões procuram uma saída, pressionando aqui e ali, para depois emergirem numa irrupção de energia, lançando para fora toda a espécie de conteúdos até então não oficiais, muitas vezes representados de forma dramática e simbólica.

Aqueles que sentem uma compulsão desesperada para salvar o mundo sozinhos carregam um peso impossível de responsabilidade, sob o qual inevitavelmente acabarão por ceder. Na verdade, estão geralmente a tentar salvar o mundo do eu da sua própria ideia de mal ou de destruição, ou do seu sentimento de indignidade, que

depois projetam para o exterior. Identificam-se então com as personificações dramáticas da psique, e nasce um supereu, um herói destinado a combater o eu «inferior», num drama raramente compreendido.

As visões da psique deveriam tornar o mundo mais são, mais sábio, mais criativo, mais bondoso, mais expansivo. Voltei a pensar no título do livro, com a sensação inquietante de que não iria apenas receber material da minha «biblioteca interior», mas também algumas mensagens exteriores, e talvez enfrentar desafios com que não contara.

# CAPÍTULO 4

## Rob e o Capitão Romano.
## Modelos e Eus Reencarnacionais

Até então, as minhas experiências na biblioteca tinham sido privadas, embora estivessem a modificar a minha visão do mundo público. Suponho que esperava obter respostas da biblioteca; Deus sabe que perguntas não me faltavam. Mas pensava que talvez pudesse simplesmente «sintonizar-me» com a biblioteca todos os dias, ver mentalmente o livro que o meu «duplo» estava a ler e depois transcrevê-lo aqui. Na verdade, tinha visto pouco do livro, mas sabia que estava lá e imaginava que começaria a vê-lo com maior nitidez. Não percebia que a própria cópia do livro seria apenas uma parte de tudo aquilo.

Até aí, Rob tinha observado de fora, mas essa situação mudou depressa. Viu-se envolvido numa série de acontecimentos mentais que começaram de modo bastante tranquilo, mas acabaram por nos levar — mais uma vez — a reformular as nossas ideias acerca da personalidade. O primeiro episódio aconteceu a 27 de outubro de 1974, poucos dias depois de terem começado as minhas próprias experiências na biblioteca.

Foi na mesma tarde em que vi a senhora «idosa» de chapéu de abas largas. Tínhamos ido dar uma volta de carro e eu falara sem

parar, contando a Rob como estava a ver o mundo. Quando regressámos, Rob foi fazer uma sesta enquanto eu preparava o jantar. Deitou-se por volta das cinco da tarde e entreteve-se a imaginar-nos aos dois de férias num iate, no Mediterrâneo. Segue-se uma versão revista das notas que Rob escreveu logo a seguir, pois as cenas conscientemente imaginadas foram de súbito substituídas por outra coisa.

> «Dei por mim a ver o fundo do Mediterrâneo. Sabia que, naquele ponto, o fundo do mar se encontrava a quatrocentos pés de profundidade. Não havia terra à vista e não me recordo de ter tido qualquer consciência do meu corpo físico enquanto aquilo acontecia. A visão era nítida e a cores, mas não era surpreendente nem super-real. Estudava o fundo do mar, reparando nas pedras arredondadas e relativamente pequenas, nalgumas ravinas e na cor turva, azul-esverdeada, da água. Vi criaturas marinhas de uma espécie qualquer. Eram redondas, mais ou menos do tamanho de pratos de jantar. Tinham a forma de meias esferas e ou possuíam espinhos salientes ou estavam cobertas de reentrâncias; da minha posição, por cima delas, não conseguia ter a certeza.
>
> «Esta visão não durou muito; alguns minutos, talvez. A coisa seguinte que vi fui eu próprio — a bordo de um navio de guerra romano, ou galé. De algum modo, sabia que estávamos no início do século I d. C. Encontrava-me a meio do navio, a olhar em direção à popa. "Eu" estava na extremidade de trás do navio, a olhar para a frente. Não gostei do "eu" que vi e não me parecia nada comigo. Era um homem corpulento. Tinha o

peito largo e poderoso, os braços e as pernas grossos e musculosos. Usava um daqueles uniformes de tipo romano que deixam os braços e as pernas quase inteiramente descobertos — com uma saia curta, um cinto e uma peça semelhante a um colete. Creio que era de couro, decorada com ilhós metálicos circulares. Não me lembro de armas.

«Sabia que era oficial de uma espécie de regimento ou legião romana. Usava um capacete pesado, de metal, que descia sobre a testa. Sob o capacete, o meu rosto era vermelho, muito largo e vigoroso, com um queixo quadrado. Parecia ter manchas. Diria que ali não havia muito lugar para sentimentos ou emoções, pelo menos para os mais delicados.

«Por um instante, creio que olhei através dos olhos daquele homem, quando ele espreitou para a frente e viu duas filas de escravos da galé, a esforçarem-se aos remos. Um estreito passadiço de tábuas separava as duas fileiras de seres humanos miseráveis.

«Na primeira visão que tive de "mim", a partir do meio do navio, parte da metade inferior do meu corpo estava encoberta por qualquer coisa — talvez uma aba de lona ou uma cabina — , não conseguia distinguir: fosse o que fosse, aquilo estava demasiado perto, como se estivesse demasiado próximo da objetiva de uma máquina fotográfica focada em objetos mais distantes.

«Passemos agora ao terceiro momento de "visão". À minha esquerda, enquanto estava deitado no catre do ateliê — embora não tivesse consciência do catre —, vi apenas a cabeça de um homem mais novo. Parecia flutuar no espaço, abaixo da posição em que eu me encontrava, que suponho ser a do soldado romano a bordo do navio. Essa cabeça tinha um capacete semelhante ao meu. Ao mesmo tempo, sabia que quem o usava era um graduado de categoria elevada, como um sargento nas nossas forças armadas, ou, pelo menos, um oficial de patente inferior à minha, que era bastante alta. O rosto tinha um bigode comprido, mas estava, de resto, barbeado. Os olhos estavam fechados ou baixos. Sabia que aquela cabeça era a de Tam Mossman, o editor de Jane na Prentice-Hall.

«Na verdade, esta visão de Tam, com a estranha posição da cabeça e a sensação de que flutuava, era muito mais parecida com outras visões que já tive. As duas anteriores assemelhavam-se muito mais a "estar lá". A de Tam era mais semelhante a uma visão e, na qualidade de mim próprio, o soldado romano, "eu" sabia que a estava a ver.

«Aqui terminou a série de imagens e visões que tive. As três aparições tinham sido bastante breves. Fui deslizando para imagens mais vulgares e adormeci pouco depois.»

Rob contou-me as suas experiências durante o jantar. Seriam vislumbres válidos de uma existência passada, perguntávamo-nos, ou imagens fictícias produzidas pela psique, cujo verdadeiro

significado era simbólico e nada tinha de literal? Por outras palavras, estaria a psique a contar uma história por imagens, para transmitir determinada ideia, e seriam os acontecimentos aparentes apenas ilustrações de um argumento interior que ainda não tínhamos aprendido a decifrar? Rob sentia sem dúvida que era aquele soldado romano, embora não gostasse particularmente do homem; e fora o soldado romano quem vira a «visão» do outro oficial, que era Tam Mossman.

Rob está mais recetivo do que eu às informações reencarnacionais, embora seja igualmente crítico quando as examina depois. Receio ter ficado desalentada com os reis, rainhas, cristos, discípulos, sacerdotes e sacerdotisas que pareciam desfilar pelas psiques dos meus contemporâneos; e com os dados reencarnacionais fornecidos por muitos sensitivos. Parece que quase toda a gente possui uma distinta árvore genealógica reencarnacional, florescente de personagens históricas famosas.

Tenho pensado muitas vezes que essas alegadas vidas passadas de fama e grandeza representam porções mais heroicas da psique, enterradas sob a vida prosaica; estava disposta a reconhecer-lhes valor por recordarem a uma personalidade contemporânea as suas próprias capacidades e potencialidades mais vastas. Para além disso, costumava pensar que as informações reencarnacionais convencionais apenas tinham uma vaga correlação com aspetos mais profundos da reencarnação, ocultos sob as convenções psíquicas.

Rob e eu aceitamos a afirmação de Seth de que o tempo é simultâneo; por isso, as vidas passadas, presentes e futuras teriam de existir ao mesmo tempo, embora pudéssemos vivê-las consecutivamente. Tínhamos pensado muitas vezes que as «leituras reencarnacionais» poderiam ser representações fictícias de existências reais, revestidas de dramatização e fantasia. Receio que a minha reação tenha sido erguer mentalmente as mãos, consternada, e raramente procuro informações reencarnacionais por minha iniciativa ou as peço a Seth. De facto, quando Seth deu breves indicações sobre as suas próprias «vidas passadas» em *Seth Fala*, pensei: Mas para que havia ele de fazer uma coisa destas? Estará a contar histórias para ilustrar o facto das existências simultâneas, ou deveremos tomar isto à letra?

Cerca de um ano antes, Rob tivera algumas experiências intrigantes com uma personalidade «passada» sua. Descrevi-as em *Aventuras na Consciência: Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos* e estava mais do que disposta a admitir que uma «outra personalidade» válida se manifestara através de Rob e se relacionara com uma amiga — Sue, que se identificou, por sua vez, como uma contemporânea desse passado. Rob tinha curiosidade suficiente para seguir a pista sempre que pareciam surgir dados reencarnacionais, mas durante um ano não surgira nenhum — até este episódio do soldado romano.

Agora, porém, via o caso a uma luz diferente daquela a que o teria visto antes. Comecei a interrogar-me: seriam as personalidades reencarnacionais variações de modelos? Seriam versões diferentes, mas originais, de uma psique em vários

contextos de tempo e espaço? Sabia que as janelas da minha biblioteca davam para outras épocas, embora até então não tivesse conseguido vê-las. Estaria Rob, à sua maneira, a olhar pelas janelas da psique e a entrever uma versão «excêntrica» de si próprio?

Sentia que a experiência do soldado romano estava, de algum modo, ligada àquilo que a biblioteca tentava dizer-me. Encantava-me ter mais material sobre reencarnação com que trabalhar — desde que fosse de Rob — e esperava realmente que Seth ou o material da biblioteca nos proporcionassem uma compreensão mais profunda de todo o caso. Mas «o caso» mal tinha começado. Na tarde seguinte, quando Rob se deitou para fazer uma sesta, teve as experiências que se seguem. Volto a citar as suas notas.

> «Quando me deitei, senti um movimento distinto de balanço rítmico. Começou de imediato, assim que fechei os olhos. Contudo, não vi nada. O movimento — da cabeça para os pés, não de um lado para o outro — dizia-me de algum modo que estava deitado de costas num pequeno barco, talvez um barco a remos. Estava amarrado algures ao largo de uma costa e oscilava suavemente no mar. O balanço, muito agradável, prolongou-se durante alguns minutos, a um ritmo constante. Disse a mim próprio que conseguia ver o que estava a acontecer, mas nada sucedeu. Embora parecesse tratar-se de um barco a remos, não havia bancos nem travessas que impedissem alguém de se deitar como eu estava.»

Rob lembrou-se desta experiência e registou-a assim que se levantou da sesta. Depois do episódio do balanço no barco, porém,

passou por uma experiência bastante perturbadora, que esqueceu por completo até à noite do dia seguinte. Disse que era quase como se não quisesse recordar-se. Novamente, das notas de Rob:

> «Percebi que estava a flutuar na água do mar. Estava de barriga para baixo. Por momentos, senti a água salgada na boca, como aconteceria a alguém naquela posição. Ao mesmo tempo, ouvi o seu suave gorgolejar e senti as suas pequenas pancadas na cabeça e no rosto. Estava bastante morna e agradável.
>
> «A minha situação, porém, não era agradável, pois percebi também que tinha as mãos amarradas atrás das costas. Sentia-o. Isso significava que me encontrava numa situação de perigo mortal. Não podia ter caído acidentalmente ao mar com as mãos atadas, pensei. Tinham-me lançado à água, mas não me lembrava de como chegara a estar sob semelhante ameaça. Na verdade, embora as sensações da água fossem suficientemente nítidas, não sentia alarme nem pânico. Afinal, sabia que estava em segurança no meu catre, enquanto explorava este drama reencarnacional. Nem sequer tinha a certeza de ser o soldado romano da minha experiência de 27 de outubro, embora suspeitasse que sim. Não sentia que me estivesse a sufocar ou a afogar, mas a minha consciência do que iria acontecer terminou precisamente aí.
>
> «Não parece ser por acaso, contudo, que tive dificuldade em lembrar-me deste episódio. Se encontrei — ou estou a

encontrar — a morte dessa maneira, talvez não queira recordá-la.»

A experiência fora perturbadora, mas dificilmente se poderia chamar aterradora; ainda assim, Rob sentia que a sua primeira reação instintiva fora, evidentemente, apagar o caso da memória. O episódio desencadeou, porém, outro, mais vívido — e o seu significado era inequívoco. Aconteceu dois dias depois do anterior; de novo, quando Rob se deitou para fazer uma sesta.

«Este parece ser o episódio n.º 3 de uma série de dramas reencarnacionais, ou então é um exemplo do aparecimento notavelmente coerente de determinada probabilidade, ou vida provável minha, no século I d. C. Parece ser o desfecho da vida do capitão romano…

«Esta tarde, mais uma vez, vi uma sucessão de imagens depois de me deitar no catre para fazer uma sesta. Durante toda a visão, parecia ser um observador incorpóreo do meu próprio destino naquela vida. Primeiro, vi um grupo de cinco ou seis habitantes locais, vestidos de andrajos e descalços, numa praia de um país do Norte de África. Não sabia qual. A praia era larga, de declive suave, e o terreno por detrás dela era árido. A própria praia era delimitada por uma arriba íngreme, talvez com vinte pés de altura, que se estendia a cerca de quarenta jardas da margem de areia lisa. O céu estava nublado.

«Sabia que os homens eram pescadores, embora não visse barcos. O que era peculiar era a maneira como pescavam. Mantinham-se na margem e puxavam uma rede muito comprida para a água pouco profunda. A rede teria talvez quarenta pés de largura. As suas extremidades estavam presas a cordas extremamente compridas, atadas aos quatro cantos. Era por estas cordas que os pescadores puxavam — um sistema muito peculiar, pensei durante a visão…

«O meu cadáver, o do capitão romano, estava enredado na rede. Observei os pescadores a rolá-lo para a areia molhada, onde ficou de barriga para cima. A tez, antes manchada, tinha agora uma brancura pastosa. O corpo era maciço, muito forte e compacto, embora já não fosse jovem. Os pescadores despiram-lhe o uniforme, pois todas as suas peças tinham valor para aquelas pessoas pobres. Fiquei nu na praia. Depois, fizeram-me rolar pela encosta acima, até ao sopé das arribas de terra e pedra, escavaram uma sepultura pouco funda e empurraram-me para dentro. Em poucos minutos, estava coberto.

«Há outros elementos nesta série de visões que ainda não relacionei entre si. Numa ocasião anterior, por exemplo, vi um corpo — eu próprio — na água, antes de chegar à praia. Havia também um grande tronco de árvore, tão velho que já não tinha casca, e eu via a madeira lisa, esbranquiçada, as raízes e alguns tocos de ramos partidos. Ora o meu corpo esteve durante algum tempo deitado sobre esse tronco, ora estava de

> alguma maneira preso a ele. Parece-me ter uma recordação vaga de ambos, o tronco e o meu corpo, apanhados na rede.
>
> «A certa altura, o meu corpo flutuava de barriga para baixo, com o braço esquerdo pendente e a mão virada para trás, com a palma para cima. Mostrei isso com clareza num esboço que fiz depois. Desenhei-me deitado de barriga para baixo, escarranchado sobre o tronco.»

Mais uma vez, estávamos intrigados — e curiosos. Seriam estes filmes caseiros, no vasto teatro mental da psique, projetados para a consciência contemporânea de Rob? Seria o capitão romano outro eu, um eu alternativo, a viver a sua vida num drama que decorria ao mesmo tempo que a existência atual de Rob, mas noutro canal do ser? Se assim fosse, e se Rob pudesse sintonizar-se com a vida do soldado, poderia então o soldado sintonizar-se com a existência de Rob? Se Rob e o capitão fossem ambos versões de outro eu, multidimensional, teria esse eu consciência de ser cada um deles?

Em *Aventuras na Consciência*, apresentei aquilo a que chamo psicologia dos aspetos, teorizando a existência de um eu-fonte do qual brotam as nossas identidades atuais. Chamo-nos «personalidades focais» porque, no que nos diz respeito, as nossas vidas estão focalizadas nesta realidade física. O capitão romano seria, então, outra personalidade focal, existente noutro tempo e lugar enquanto Rob vive neste século «presente». As personalidades reencarnacionais seriam diferentes focos assumidos pela consciência ao penetrar na experiência tridimensional. Estariam, porém, ligadas através do seu eu-fonte comum.

Teoricamente, quando uma personalidade focal se afastasse da sua orientação habitual e alterasse a direção da consciência, poderia entrever essas «outras vidas», numa espécie de passagem de informação entre dimensões.

Ao discutirmos as experiências mais recentes de Rob, porém, havia várias coisas que nos incomodavam. Desde logo, parecia haver uma contradição, e flagrante — pelo menos a certo nível de compreensão. Nos seus «encontros reencarnacionais» com a nossa amiga Sue, no ano anterior, Rob estabelecera com bastante clareza a existência de uma personalidade chamada Nebene — que, supostamente, também vivera no mesmo período que o capitão romano. Rob decidiu, contudo, manter o espírito aberto e encorajar essas visões no futuro. Pelo menos, teríamos mais material para examinar e relacionar.

Entretanto, Rob mencionou os seus episódios de reencarnação na minha aula de Expansão da Consciência. Um escultor e artista a quem chamarei Peter frequentava regularmente as aulas nessa altura. Tinha viajado muito e fez algumas observações acerca das arribas e dos pescadores que Rob vira. Ao descrever as arribas, Rob disse que pareciam prestes a desmoronar-se se alguém tentasse escalá-las. Peter respondeu que as arribas e a praia eram muito semelhantes às que vira numa viagem a Espanha. Tinham cerca de quinze pés de altura, eram compostas de terra solta e pequenas pedras e também se encontravam recuadas em relação à praia, tal como Rob indicara.

Rob sentia que as arribas da sua visão ficavam no Norte de África, precisamente a sul da região descrita por Peter. Mas Peter acrescentou que os pescadores da costa espanhola trabalhavam exatamente como os pescadores da visão de Rob. Usavam cordas compridas para puxar as redes para terra, permanecendo na praia. Eram «correlações» estranhas, inesperadas — mas dentro da nossa época. Usariam hoje até os pescadores pobres os mesmos métodos de há cerca de mil e novecentos anos? Acabámos, portanto, com mais algumas perguntas para arquivar e ponderar. Recolhíamos pequenos fragmentos de conteúdos da psique, como peças de um quebra-cabeças, e não sabíamos onde encaixavam todos eles. Mas também não rejeitávamos nada só por não sabermos qual era o seu lugar. De certo modo, Rob lançava a mente como as redes dos seus pescadores, mantendo-se firmemente nesta margem. Quem sabia o que traria de lá?

Foi numa segunda-feira à tarde que Rob viu os habitantes locais enterrarem o corpo do soldado romano. Nessa noite, realizámos uma sessão habitual, na qual Seth continuou a ditar o seu próprio livro. Talvez por experimentar alterações de consciência com tanta regularidade, mantenho as minhas várias iniciativas bastante separadas, apenas para simplificar. Para mim, Seth continuava a trabalhar no seu livro enquanto eu trabalhava no meu. Para Rob, as ligações entre os dois eram bastante claras; por isso, nessa noite, quando Seth começou uma nova secção do seu manuscrito, Rob estava mais atento do que eu às possíveis implicações.

Desde logo, o livro de Seth não estava dividido em capítulos. Seth dizia que a própria forma do capítulo programava o nosso

pensamento de maneira linear e estava a experimentar uma organização diferente, mais intuitiva, que estimulasse automaticamente o leitor a reagir de uma maneira nova. A secção que começou nessa noite intitulava-se «Como viajar pela realidade desconhecida — Pequenos passos e passos de gigante — Vislumbres e encontros diretos».

Se tivesse prestado mais atenção, talvez me tivesse interrogado sobre o que poderiam incluir aqueles «vislumbres e encontros diretos»; e sobre o que poderiam ter a ver com a política psíquica.

# CAPÍTULO 5

## Vislumbres e Encontros Diretos.
## A Mosca e o Livro

No dia seguinte, sentada à secretária, voltei a ver-me na biblioteca, com um livro aberto diante de mim. Tinha o aspeto que tenho num retrato que Rob pintou de mim há vários anos e estava vestida da mesma maneira: um vestido verde de alças sobre uma blusa branca. Enquanto observava, aquela «outra eu» aproximou-se da janela da biblioteca, olhou lá para fora e regressou à mesa. Começou a ler, só que as palavras me surgiam na mente e eu escrevia-as à máquina exatamente como as recebia, tão depressa quanto conseguia.

## 1. Da Biblioteca — Modelos e Variações

Estes modelos clássicos refletem-se por toda a parte, em todos os sistemas universais, e em cada um deles são os ideais dos quais emergem constantemente todas as suas variedades e versões. São, portanto, a fonte de toda a vida fenoménica e representam a estrutura interior por detrás de todas as formas. Contudo, não produzem cópias de si próprios, mas novas excentricidades criativas que, por sua vez, alteram os modelos.

Surgem também como os modelos operativos biológicos dos genes e dos cromossomas e podem, a qualquer momento, ser influenciados e modificados pela experiência mental. Na verdade, respondem instantaneamente aos acontecimentos mentais e psíquicos, através do intercâmbio natural entre o modelo psicológico aceite pela personalidade focal e os reflexos desse modelo em toda a estrutura do corpo. As próprias moléculas seguem fielmente tanto as suas estruturas interiores de modelo como, nos seus padrões de organização, os modelos psíquicos aceites pela entidade psicológica.

## 2. O Ideal, o Movimento e a Mudança

Nesta vasta interação da criatividade, o ideal é constantemente renovado e ampliado pela ação da excentricidade; e a excentricidade recebe constantemente um modelo em relação ao qual pode afirmar as suas novas versões. Consegue-se assim um impulso multidimensional, uma troca recíproca entre cada modelo e as suas variações, que constitui, no nosso mundo, a base de toda a mudança e de toda a aparente permanência.

Dentro desta estrutura flexível, mas sustentadora, existe, portanto, uma ordem na qual toda a ação ocorre. Na verdade, a natureza da própria estrutura provoca toda a ação, pois os próprios modelos, por um lado, mantêm a sua integridade eterna, mas, por outro, criam constantemente as suas próprias variações. Estas tendências estão ativas por toda a parte, nas

estruturas biológicas e nos estados psicológicos, e refletem-se exteriormente no comportamento das nações e dos governos.

Neste contexto, os termos «revelação» e «revolução» são pertinentes. Cada variação de um modelo é uma revelação que, por sua vez, provoca uma espécie de revolução; uma mudança numa condição anterior. A revolução, porém, só faz sentido em função do modelo que representa ou contra o qual atua. As revoluções violentas que frequentemente ocorrem na psique, no interior, ou no mundo, no exterior, são fundamentalmente desnecessárias. Representam uma ignorância das ligações entre os modelos e as suas excentricidades, bem como das trocas recíprocas entre eles.

Só quando se interfere neste movimento natural do modelo para a excentricidade e da excentricidade para um novo modelo ocorrem violências. Só quando se compreender que a essência da permanência contém a sua própria força motriz — da qual brota a própria mudança — cessará a violência. Então, a força motriz contida em qualquer modelo poderá ser libertada, projetando-se automaticamente em novas excentricidades características do modelo escolhido.

As gerações oferecem-nos, no plano biológico, um exemplo da interação entre os modelos e as suas variações, tal como ocorre no tempo sequencial. Os modelos transformam-se em versões biológicas, dotadas das estruturas básicas necessárias à vida física e de todas as excentricidades possíveis dentro de um modelo terrestre geral.

O homem das cavernas e o homem industrial são ambos versões de um modelo de homem que, por sua vez, é constantemente alterado pelas suas próprias excentricidades — e a experiência subjetiva da realidade de cada um é tão diferente que as respetivas versões seguem caminhos inteiramente divergentes. O homem das cavernas não se transformou no homem industrial. Nem o homem industrial é uma versão melhor de um modelo anterior. Cada um escolheu excentricidades que implicavam orientações específicas dentro do mesmo enquadramento espaciotemporal. Cada um utiliza de maneira diferente os conteúdos de uma dada Terra.

O homem das cavernas e o homem industrial também utilizaram de modo diferente os modelos do tempo e, por isso, existem em sistemas temporais divergentes que apenas se encontram num ponto, num foco vivido em conjunto — a era dos homens das cavernas, historicamente aceite, da qual pensamos ter emergido.

## 3. O Poder por Detrás das Excentricidades

O modelo eterno, em permanente mudança, é a energia por detrás das suas próprias variações, embora estas, pela sua existência, renovem e reafirmem o modelo. Alinhar o eu conhecido com o seu modelo pode ser explicado como um ato mágico ou como um ato científico, conforme a orientação e o sistema de crenças de cada um. Este reconhecimento do modelo pelo eu conhecido constitui, ao nosso nível de existência, mais uma mutação criativa. Entram de imediato em

> ação poderes mais amplos, capazes de uma atuação eficaz, na qual o modelo e a sua versão criativa interagem com uma exuberância renovada.
>
> O eu conhecido, ou personalidade focal, torna-se consciente da sua própria fonte, mas volta a surpreender-se com a sua singularidade enquanto ele próprio. O modelo, ou eu-fonte, torna-se mais recetivo, mais consciente da sua própria criação, e sente um novo prazer pelo reconhecimento que recebe da sua descendência. Daí resulta uma troca recíproca mais flexível, na qual as alegrias da mortalidade são vividas a triplicar pela personalidade focal, graças à compreensão da sua própria intemporalidade. O contraste introduz uma nova dimensão no tempo vivido. Em certa medida, a personalidade focal e o seu modelo, ou eu-fonte, coincidem; a personalidade focal é «magnetizada», atraída para o seu modelo, que, por sua vez, é atraído para a experiência terrena. Ocorrem então coincidências que alinham a experiência interior e a exterior, permitindo à personalidade focal sintonizar-se com outras versões de si própria e trazer mais conhecimento e experiência para a vida normal.

De repente, o livro e a biblioteca desapareceram. Era a maior quantidade de material que recebera da biblioteca até então. Veio em três segmentos separados, tal como aqui se apresentam. Ao escrevê-lo, impressionaram-me novamente a sua natureza clássica e a sua inevitabilidade, bem como a sensação de que o material é verdadeiro por si mesmo, quer alguém venha ou não a aceitá-lo — e mesmo que eu o rejeitasse. Seth fala sempre para as pessoas e

dirige-se emocionalmente às suas necessidades. Interpreta o conhecimento, ou assim me parece, expressando-o com inteligência e beleza em termos que intrigam e desafiam os outros. Sinto que o material da biblioteca existe, quer o compreendamos ou aceitemos, quer não. Estou a recriá-lo e ele está, ao mesmo tempo, a recriar-me; no entanto, noutros termos, é como um monumento coberto de inscrições, noutra dimensão, ali à disposição de quem o queira ler, mesmo que gerações inteiras passem por ele sem o fazer.

Enquanto ali estava sentada, porém, comecei a ver com maior clareza a ideia deste livro. Giraria em torno da ideia de que a personalidade focal emerge da civilização da psique, tomando a sua forma e as suas características de modelos que existem na mente como aspetos da nossa própria identidade mais vasta. O livro investigará a natureza desses modelos interiores e mostrará como escolhemos, de entre eles, os aspetos sobre os quais construímos o eu orientado para o mundo físico.

Assim que adquirimos consciência dos modelos existentes na psique, dispomos de uma liberdade muito maior: tanto para nos desviarmos criativamente deles como para nos conformarmos aos seus contornos mentais, de acordo com os nossos propósitos. Essa consciência abre de imediato a possibilidade de usar eficazmente o poder nas nossas vidas, pois estamos automaticamente a encontrar aspetos do nosso próprio ser mais vasto.

Numa espécie de política elevada a um grau superior, governamos o país do eu conhecido, com o ego, ou personalidade focal, a assumir a governação. Esta personalidade focal pode ser

um ditador, um déspota benevolente, um presidente, um sumo sacerdote, uma figura religiosa representativa, um rei ou uma rainha, conforme a natureza das nossas crenças acerca dos mundos privado e objetivo.

Ao pensar nisto, tornava-se cada vez mais claro que interpretamos a realidade em termos muito rígidos, aceitando as experiências que se ajustam às nossas crenças, ignorando os acontecimentos que não parecem fazer sentido dentro desse enquadramento e distorcendo muita informação «não oficial» para a fazer corresponder aos nossos conceitos.

Uma coisa, porém, é tomar consciência intelectual disto; outra é encontrar tais acontecimentos em primeira mão. Cada nova incursão para fora do contexto oficial é empolgante; é também um ataque a toda a estrutura remanescente das velhas crenças. Vários dias depois de receber o material da biblioteca, deparei-me com um acontecimento que mais uma vez me intrigou, mas que também pareceu lançar-me, atordoada — pelo menos mentalmente —, para regiões que até então conseguira evitar, porque não se enquadravam no meu sistema de crenças.

O episódio foi precedido por um acontecimento mais breve, de outra natureza. Estava novamente sentada à mesa, a olhar pelas janelas salientes para o cruzamento lá em baixo. Era noite de sessão de Seth, mas ainda era cedo; por isso, virei-me para olhar para a parede onde a biblioteca costumava aparecer, perguntando-me se a imagem do meu duplo estaria lá.

Vi imediatamente o meu duplo na biblioteca. Depois, espirais de energia prateada rodearam-no de repente. Senti um estremecimento no estômago à medida que a energia se movia, circundando a imagem do meu duplo, até que, por fim, este desapareceu e a energia em espiral tomou o seu lugar. Sentia que também eu era atraída para dentro da energia; e, por um momento, ali à mesa, fiquei apreensiva. Venci a minha cobardia momentânea precisamente quando a energia começou a mover-se a uma velocidade incrível. Então, estava dentro dela — ou era aquilo, fosse o que fosse. Moveu-se até à janela da biblioteca; depois, estava instantaneamente no exterior.

Tudo tinha dimensões gigantescas, como se eu estivesse a olhar através de binóculos. «Eu» subia por caules gigantes. De início, não sabia o que eram nem, já agora, o que eu era. Os caules eram altos como sequoias e, de repente, «eu» percebi que era um inseto de alguma espécie. Aquilo era uma folha de erva. Pensei que era uma mosca numa floresta gigantesca — uma mosca gigante, porque tudo era tão grande e super-real e estou habituada a pensar nas moscas como seres pequenos. Mas percebi que era uma mosca vulgar, e era assim que o mundo se apresentava! Curiosamente, isso fez-me sentir melhor. Não me importava com o que era, desde que fosse alguma coisa. Senti-me então a subir pela folha de erva. É impossível pôr em palavras as sensações que tive, mas lembro-me de ter consciência do peso das minhas asas. Pareciam-me muito robustas e transmitiam-me segurança.

Nesta altura, estava bastante orgulhosa de mim própria por me ter adaptado àquelas novas condições e decidi que mais valia

explorar o ambiente enquanto mosca. Levantei voo da folha de erva, mas esse ato provocou outro turbilhão de confusão. Voltei a voar para dentro da biblioteca, saí dela para a minha sala de estar física e depois atravessei as janelas salientes para o ar por cima de Water Street. Perdi toda a sensação de possuir qualquer forma e não consigo lembrar-me do que mais aconteceu. Tenho uma recordação vaga de voar, sem corpo, «algures». A coisa seguinte de que tive consciência foi estar de novo com o meu corpo, à mesa.

O episódio fora fascinante e a vegetação selvagem e gigantesca ainda me cintilava na mente. Depois daquilo, certamente não esperava mais nada além de uma sessão normal de Seth, embora tivesse esperança de que ele explicasse o que acontecera. No tempo que restava até à sessão, fiz algumas tarefas domésticas; depois, Rob apareceu com o seu caderno e ficámos a conversar, à espera de que a sessão começasse.

Primeiro, falámos de uma carta que tínhamos recebido nesse dia, de um psicólogo junguiano. Perguntava se Seth teria alguma coisa a dizer sobre Carl Jung para uma conferência prevista em homenagem ao centenário do nascimento do psicólogo suíço. Seth mencionara brevemente Jung no seu livro *Seth Fala*. Eu considerava as teorias de Jung muito superiores às de Freud. De resto, nunca me tinha entusiasmado particularmente por ele. Além disso, tinha a ideia de que Seth iria ditar alguns exercícios de alteração da consciência para os leitores de *A Realidade "Desconhecida"*, pelo que não me apetecia especialmente que Rob lhe fizesse perguntas sobre Jung nessa noite.

Então, mais ou menos sem que nada o fizesse prever, disse:

> **— Quanto a Jung, não sei. Mas, de repente, tenho a ideia mais disparatada de que disponho de imensa informação sobre William James.**

> **— James?**

— perguntou Rob. —

> **O que é que ele tem a ver com isto?**

William James, o conhecido psicólogo e filósofo americano, morrera em 1910. Hesitei, sem querer roubar tempo a uma sessão de Seth. Contudo, via nitidamente um livro com os olhos da mente. Era um pequeno livro de capa mole, aberto, impresso em papel acinzentado. As letras também eram muito pequenas e o livro estava ao longe. Fechei os olhos para o ver melhor e dei por mim a semicerrar mentalmente os olhos.

Ouvia Rob a preparar os papéis e contei-lhe o que estava a acontecer. Ele disse: «Está bem, continua», e, à medida que o texto do livro se tornava mais nítido, fui lendo em voz alta. Algumas vezes, saltava uma frase e tinha de voltar atrás para ler o que me escapara. A certa altura, a imagem do livro desapareceu e as palavras passaram simplesmente a surgir; bastante depressa, pelo que Rob se manteve ocupado a tomar notas.

O material era de uma clareza cristalina e fluía com grande facilidade. Eu falava com a minha própria voz, fazia os meus gestos habituais e sentia que continuava a ler o livro, embora já não o visse. Era um livro de William James, escrito na primeira pessoa; no entanto, sentia as emoções que James descrevia como se fossem minhas, ou como se eu fosse James a ler em voz alta o seu livro.

# CAPÍTULO 6

## O Material de James e o Texto de Carl Jung

Comecei a «ler» no topo da primeira página aberta que vi, a meio do livro de James. Aparentemente, comecei pela segunda parte de uma frase que devia ter começado na página anterior:

> «… que, quando algumas pessoas ouvem música, preferem melodias animadas de gaiteiros, ao passo que outras, por temperamento, precisam de uma melodia sombria que, com as suas notas brilhantes, mas escuras, reflita a desolação nostálgica que a alma sente como sua. Não que o [homem] jovial seja menos sublime ou mais superficial por escutar acordes mais leves e felizes, mas a pessoa de temperamento melancólico tem necessidade de sentir os contrastes entre a escuridão e a luz e de neles ler as provações que se formam dentro da alma. Essas provações, ditadas pelos sinos lúgubres da religião, ressoam num temperamento assim, que toma sobre si todo o peso das incongruências espirituais.
>
> «Há quem, aparentemente, não consiga deixar de questionar, seja de que maneira for, os conflitos inconciliáveis que surgem sempre que a alma sonha com Deus e depois projeta esse sonho no mundo vivo da sociedade humana. Aqueles que são impelidos desta maneira consideram impossível deter-se nos

alegres sinos do Natal sem ouvir ao mesmo tempo, e com uma angústia absoluta, o dobre fúnebre; e não conseguem assistir a um desfile festivo sem ter, pelo menos simbolicamente, consciência da marcha final, quando, de cabeça pesada e olhos baixos, os familiares enlutados seguem o carro funerário até à sepultura.

«Todas as minhas investigações científicas, todas as minhas posições e poses mais racionais não passavam de uma fachada, na medida em que representavam as minhas tentativas de me libertar dessas nuances particulares da alma, pois procurava um enquadramento respeitável no qual pudesse contemplar-me a mim e a outros de semelhante angústia mental. Nisso, a fatigada investigação do intelecto árido trouxe-me alguma fama; mas nenhuma aclamação pode ser sentida como alegre quando a própria mente se assemelha a um leito de gravetos secos, sempre à procura de ser incendiado, mas deixado, em vez disso, elegantemente empilhado num belo salão; nunca aceso.

«Ocorreu-me que talvez fosse muito melhor possuir uma mente humilde, um intelecto que não procurasse uma morada tão elevada, que não questionasse com tanta veemência e, por isso, se inflamasse com respostas que me poderiam parecer simplistas, mas que seriam capazes de iluminar outra pessoa e aquecer as madeiras da sua morada interior.

«Assim, por vezes desejei a mente de um camponês e romantizei o natural, vendo, por exemplo, na fé de um

> trabalhador as alegrias acolhedoras da alma de que eu próprio tanto sentia a falta. Abominava a linguagem floreada e sentimental e, no meu tempo, procurava uma prosa suficientemente sóbria; no entanto, invejava aqueles que conseguiam chorar de alegria com tanta facilidade à vista de uma rosa, ou achar a manhã tão revigorante que dissolvia os pesadelos que sempre existiam, pelo menos para mim, entre o crepúsculo e a alvorada.»

Uma parte da minha mente estava absorvida pelo que eu fazia. Outra estava bastante livre, de modo que dei por mim, simultaneamente, a ler o livro, a transmitir o material e a comentá-lo mentalmente. Era quase como se o livro existisse «algures» e, ao lê-lo, uma pessoa se «tornasse James» até certo ponto, fazendo reviver as suas emoções e a sua personalidade. James empregava uma fraseologia inteiramente diferente da minha e da de Seth. Sentia uma forte integridade por detrás das suas palavras e da sua personalidade, e as suas opiniões eram apresentadas de um ponto de vista tão diferente do meu que me intrigavam. Continuei a «ler» em voz alta.

> «Há pessoas, e escrevi sobre elas, que despertam de anos de desolação e que, na verdade, pelo menos na sua própria mente, nascem de novo. Todas as perguntas anteriores se desmoronam e, contudo, o pó dos seus vestígios forma um monumento vivo da alma: uma fé — fé em Deus ou no homem.

> «No entanto, em termos racionais, como são tolas e sentimentais algumas dessas visões. Procurei, portanto, sob a

sua forma: pois a sua forma, parecia-me, não era mais do que as imagens luminosas que vemos quando fitamos uma fogueira. Reconheci que o aparecimento súbito da fé era importante: podia ser fé numa pedra. Examinei as doutrinas em que outros exprimiam essa fé e nunca encontrei uma forma digna da fé, da confiança ou da esperança que parecia inspirar.

«Por isso, a justificação da fé escapava-me. Por vezes, eu próprio experimentava revelações intensas que não relataria publicamente. Por momentos, parecia despertar para uma grande esperança. Uma grande esperança apoderava-se de mim, mas, quando examinava a minha própria visão, não conseguia encontrar nela, em parte alguma, uma justificação racional para a fé irrefletida, infantil, mas exultante, que tão brevemente se manifestara. Estava convencido de que, como muitos outros, mantinha a minha consciência num torno. Quanto mais o meu coração tentava escapar-lhe, mais a minha razão protestava. Fora levado a acreditar que o conhecimento do coração se opõe diretamente ao saber intelectual. Não era um homem caloroso; pois, embora haja calor na nostalgia, ela não aquece.

«O meu irmão [Henry James, o romancista] exprimia o calor do seu coração através de fantasias; pelo menos, era isso que eu pensava na altura. No fundo, considerava o romance uma forma concedida aos cavalheiros na qual as páginas vivas e indeléveis do coração se transformavam em histórias superficiais para outros homens lerem, e na qual as emoções eram tratadas em segunda mão. A melancolia escrita numa

passagem tem um caráter quase enobrecedor, mas, no coração, é uma mancha negra, como se um frasco interior de tinta preta derramasse para sempre as suas sombras sobre a alma.

«É fácil sorrir a uma criança no corpo de uma criança, e aqueles gestos ingénuos e risos balbuciantes possuem um encanto difícil de descrever; porém, num homem adulto, os mesmos sons feririam o ouvido como uma tagarelice senil, de modo que é difícil a um homem ser fiel à sua natureza infantil. O meu intelecto era o meu progenitor — um mestre severo, sem dúvida.

«Dizia que estava à frente do meu tempo, que ousava falar abertamente aos meus colegas nos venerados salões das universidades. Fui elogiado por proferir palavras como "êxtase", "graça" ou "espiritismo" nos meios académicos; contudo, precisava dessas instituições, pois as suas regras não me deixariam, afinal, afastar-me demasiado do conhecimento aceite na época. Não ousava abandonar a estrutura da minha própria erudição livresca.

«Dei testemunho das emoções da fé, da alegria, do otimismo e do êxtase e defendi-as com firmeza — mas sempre de uma maneira que as impedisse de se apoderarem de mim. Exprimia-as em termos que as tornassem tão aceitáveis quanto possível. Concedia-lhes a respeitabilidade do meu nome, enquanto a minha maneira de ser e a minha natureza me mantinham suficientemente afastado delas. Falava de

tremores sagrados, mas, quando o fazia, as minhas palavras eram firmes, eruditas, disciplinadas e controladas — assim, o funcionamento sombrio do meu próprio intelecto abafava os fogos mal acesos da minha alma — e assim eu próprio apagava, com pisadelas decididas, as mais pequenas brasas que poderiam ter ardido.

«Desde então, aprendi que o intelecto e as emoções, em conjunto, aquecem as almas dos homens. O intelecto, com as suas perguntas, quando devidamente utilizado, é como um pau esfregado contra a alma. Produz-se uma ignição; mas apenas se as perguntas do intelecto forem dirigidas ao mais íntimo da alma, e não a ele próprio. Quando o intelecto dirige a si mesmo as suas perguntas, existe apenas um pau seco, e nenhuma resposta. Sentia o belo e incognoscível fogo da fé. Sabia que existia. Nesse aspeto, a minha vida era como uma vida passada numa caverna gigantesca e escura: conseguia imaginar o fogo, mas não podia aquecer-me nele, e pertencia sempre a outra pessoa.

«A minha melancolia era a única constante que representava o meu anseio, pelo que não podia abandoná-la, nem ela a mim. Proporcionava a sua própria sombra de calor, e à sua luz sombria eu conseguia, pelo menos, entrever uma visão maior, menos fiável, mas mais luminosa. Contudo, não a via na experiência daqueles que respeitava, mas no rosto dos marginalizados, e receava a sua imprevisibilidade.

«No meu tempo, "progresso" era a palavra reluzente, e a geração aguardava com um entusiasmo ingénuo que a tecnologia, o novo Deus, a libertasse. Havia, pois, um entusiasmo avassalador e um grande otimismo; contudo, por temperamento, eu mantinha-me fundamentalmente à parte. Pensava que as minhas emoções eram presa fácil da falta de lógica, mas alguma coisa em mim ansiava pelos velhos deuses antigos. Ao mesmo tempo, negava-os. Suponho que achava as sombras, de uma maneira estranha, reconfortantes, remontando ao passado de uma psique; e, em toda aquela nova agitação jubilosa, sentia sobre a minha alma as sombras pesadas de inquisições e deuses antigos.

«Soava moderno e considerava-me, nos vossos termos, vanguardista. Era um homem da minha civilização. Olhava para a frente e via a tecnologia como uma espada clara e reluzente que surge dos mistérios da natureza para cortar a embaraçosa e pesada ilogicidade da alma e estender diante dela um mundo claro, compreensível, racional. Porém, confrontava-me com as grandes incongruências que varriam toda a paz dos meus dias, pois, por mais que tentasse, sentia o poder de uma fé que negava a minha razão, tal como eu a entendia.

«Por isso, procurei a fé nos ignorantes e encontrei-a — neles, mas não em mim. O meu intelecto admitia que a fé existia e, ao mesmo tempo, mantinha-me afastado dela. Ironicamente, dei assim testemunho de uma fé que eu próprio não conseguia sentir. Havia pessoas com uma melancolia tão profunda como

a minha que a superavam num abrir e fechar de olhos. Todas as contradições desapareciam. Eu maravilhava-me. Havia quem abandonasse as suas doenças, e eu maravilhava-me. Havia quem visse os seus medos dissolverem-se de um dia para o outro, e eu voltava a maravilhar-me e dava testemunho disso nos meus livros e conferências. Contudo, no fundo da minha mente, pensava que as dúvidas e agonias anteriores dessas pessoas deviam ter sido, de algum modo, uma pose psicológica — caso contrário, como poderiam ter desaparecido tão magicamente?

«Não há nada tão frustrante como um homem que se agarra à sua própria melancolia; por isso, desesperei repetidas vezes, até que o meu desespero se tornou familiar. Por vezes, era até entediante. No meio de tudo isto, continuei obstinadamente à procura de exemplos dessa fé irracional nos outros, e a minha sensação de desolação existia em proporção direta com as alturas de êxtase que outros relatavam.

«No entanto, deslizei para a morte como uma pedrinha que cai; que se afunda. Durante algum tempo, nenhum vento perturbou aquelas ondulações. Depois, lentamente, a minha consciência voltou a emergir, e até a minha melancolia possuía uma mente própria. Simbolicamente, encontrei-me ainda vivo, pousado como um inseto sobre as águas imóveis da minha própria desolação. Numa imagem de que ainda me recordo, voei em círculos, reconhecendo as periferias da minha alma. Pousei na margem de mim próprio e, então, assumi a minha própria forma, encontrando-me nu e vivo junto à lagoa, escura

e misteriosa, que representava para mim o movimento e os limites da minha psique.

«Nessa visão, o sol brilhava e eu era um homem jovem. Mergulhei naquelas águas da minha própria alma. Havia uma sensação lânguida, sensual e livre de cair dentro de mim, de viajar interiormente, e as águas escuras, de cores ricas, eram sombrias, mas belas. Mergulhei com facilidade, sem ter de suster a respiração, e aquilo que fora as águas da minha desolação abriu-se à minha passagem, até que me encontrei no fundo do mar. Tinha plena consciência de mim próprio, mas ali, para deleite de um rapaz, havia cavernas e castelos, mansões de coral, que eu sabia representarem os meus desejos enterrados. Sobre as fantasias da minha primeira infância, cintilavam princesas de contos de fadas que me acompanhavam de castelo em castelo, e todos os prazeres infantis que durante tanto tempo ignorara eram meus.

«Quando vim à superfície, era — na minha visão — o crepúsculo. Havia uma procissão, uma procissão de deuses que passava diante dos meus olhos. Admirado, observava em silêncio. Cada deus ou deusa tinha um poeta por companhia, e, através do seu canto, os poetas davam voz à razão. Cantavam palavras sem sentido; contudo, à medida que escutava, essas palavras transformavam-se num diálogo filosófico. As palavras atingiam a minha alma. Seguiu-se uma ação estranha, semelhante à de uma imagem num espelho, pois, quando eu dizia as palavras dos poetas de trás para a frente, elas faziam perfeito sentido para o meu intelecto.

> «As divisões que estabelecera entre o intelecto e as emoções eram minhas. Negara ao meu intelecto as suas cores garridas e vestira-o com uma túnica cinzenta.»

Por fim, fiz uma pausa e fui à casa de banho. Tinha estado a transmitir o material sem interrupção desde que começara. Uma ou duas vezes, tive consciência de Seth, algures em segundo plano, a atuar como um supervisor. De resto, estava inteiramente absorvida pela história de James, embora aquele fosse o tempo habitualmente dedicado a uma sessão de Seth.

Ao mesmo tempo, sentia-me cada vez mais inquieta. Desconfio sempre quando se diz que uma conhecida personagem histórica falecida falou com um médium ou um grupo de participantes numa sessão na sala de alguém, e isso aplica-se tanto à minha sala como à de qualquer outra pessoa. Não é que considere impossível essa comunicação, apenas altamente improvável — também não é que duvide da sobrevivência da personalidade —, mas tenho a certeza de que os modos e os motivos são bastante diferentes do que poderíamos supor. Ao transmitir o material, tinha, portanto, consciência também destes sentimentos; ainda assim, estava decidida a continuar. Desde que vira a biblioteca pela primeira vez, prometera a mim própria dar mais liberdade às minhas capacidades e não bloquear experiências por não gostar das explicações correntes para elas. O material de James impressionava-me. Achava o seu estilo de escrita encantador e admiravelmente equilibrado. Rob interessara-se por James no passado, e eu tinha a certeza de que esse interesse devia ter alguma coisa a ver com os acontecimentos daquela noite. Porém, assim que parei de transmitir

o material, as minhas perguntas ocuparam o primeiro plano da mente.

> **«Pois, Jane, cá vamos nós, William James; claro, Jane. Por que não tentas George Washington a seguir?»**

Mesmo enquanto pensava isto, voltei a ver o livro, só que por fora, com mais nitidez do que antes. Li o título: *The Varieties of Religious States — As Variedades dos Estados Religiosos*.

Lera pouco de James, mas Rob tinha lido o seu *Varieties of Religious Experiences — As Variedades da Experiência Religiosa*; e, naturalmente, eu tinha consciência da semelhança entre os títulos dos dois livros. Mas sabia que o livro existia algures e que estava a receber uma parte dele. Podia receber o livro inteiro, se quisesse! «Ao diabo com isso», pensei. «Quem é que quer escrever o livro de outra pessoa?» Mesmo naquele momento, percebi a graça da situação, porque, afinal, de certa maneira, escrevo os livros de Seth por ele. No entanto, tenho a certeza de que Seth está, de algum modo, ligado à minha psique; por isso, é um pouco como fazer parte da família. William James não se enquadrava, de modo nenhum, nessa categoria.

Voltei à sala de estar. Rob e eu trocámos breves olhares de divertimento, espanto e perplexidade. Precisamente quando estávamos prontos para retomar, tive a sensação de que James iria comentar Freud ou Jung. Isso deixou-me ainda mais inquieta do que antes, mas decidi continuar. Comecei imediatamente a ler de novo o livro.

«Tentei, pelo menos durante a minha vida, ocupar-me das dimensões da alma. Desde [a morte], aprendi muito mais acerca desses contornos interiores. Admito que prestava às emoções uma homenagem apenas verbal, de tal modo que as dimensões da alma pareciam engoli-las; contudo, tal como as ideias de Freud são entendidas, tal como ele as deixou, sinto que aprofundou a melancolia do homem, substituiu o Inferno pelo subconsciente e voltou a despertar demónios persistentes da alma que antes pertenciam [ao] domínio da religião.

«A religião oferecia, pelo menos, alguns métodos acessíveis que aliviavam a grande ansiedade do espírito, e o divã de Freud carecia de qualquer simbolismo verdadeiramente profundo. Os seus símbolos ocupavam-se apenas da parafernália superficial e aprendida de que toda a criança é automaticamente dotada ao nascer e através da cultura. Representam, para mim, manifestações locais que não dizem respeito a significados espirituais presentes na experiência independentemente da aprendizagem, mas aos resultados de uma educação aplicada pelos pais a partir do exterior. E, tal como as suas teorias se apresentam, tanto Freud como Jung, a meu ver, não apreenderam a grandeza da alma, embora Jung se tenha aproximado muito mais, na sua exuberância inesgotável.

«Os triunfos e as agonias da alma ultrapassam as fronteiras do sexo e, se retratei a alma como neutra, sem sugerir a sua verdadeira e rica complexidade, ainda assim, no fundo, tanto Freud como Jung viam a realidade através do espelho do seu sexo.

«Somos diferentes em termos de temperamento, mas sempre preservei uma distância, de modo que os grandes confrontos emocionais entre Freud e Jung continuam a impressionar-me desagradavelmente. Agarrei-me ao meu intelecto — reconheço que isso é tanto uma falha como agarrar-se ao próprio sexo numa empresa destas —; contudo, a emotividade de Freud e de Jung poderia ter sido um pouco mais temperada por um vivo entusiasmo intelectual. Para mim, o intelecto de Freud era turvo. A exuberância de Jung libertava-o até certo ponto, mas eu achava o seu simbolismo enjoativamente pesado.

«Tendo em conta o meu passado, isso seria inevitável, pois Jung encontrou as suas emoções de uma maneira que me era impossível. A amplitude e a profundidade dessas emoções levaram-no, creio, apesar de si próprio, a pressentir as dimensões da alma. Continuo, porém, a sentir que o seu simbolismo atrapalha e se torna um ingrediente demasiado inebriante, capaz de conduzir a uma embriaguez psíquica, esclarecedora no momento, mas perdida na sobriedade do dia seguinte.

«Em vida, por mais que tentasse, não conseguia imaginar semelhante exercício constante e complexo das emoções em jogos mesquinhos, embora, durante todo esse tempo, ansiasse por elas. Jung brincava com as emoções mais primitivas como uma criança com blocos ou bolos de lama; no entanto, por uma alquimia peculiar, as próprias emoções conduziam-no, fácil e naturalmente, a uma compreensão que para mim era quase impossível.»

O material parecia interminável. Começava a perguntar-me quando iria parar quando, de repente, parou. Decidi comer qualquer coisa e, subitamente, apercebi-me de «alguém» muito enfático, exuberante, a dizer: «Sim, sim, sim», e sabia que era suposto ser Jung. Rob não pareceu muito satisfeito quando lho contei. Segundo as suas notas, nesse momento «ergueu mentalmente as mãos» e perguntou-se se «iríamos ser entretidos não por uma, mas por duas personalidades famosas». Também eu não estava satisfeita. O que se passava?

Sentia a minha própria resistência. Voltei a lembrar-me de que, no passado, bloqueara material quando não queria lidar com as perguntas que ele suscitava; e estava decidida a não voltar a fazê-lo. A questão da comunicação com mortos conhecidos era uma daquelas com que simplesmente não queria debater-me.

— Bem, estou a receber alguma coisa sobre Jung — disse, um pouco na defensiva.

Rob sorriu-me; mais ou menos.

Desta vez, não vi um livro nem coisa alguma, apenas senti aquela personalidade quase errática e, com a minha própria voz, falei por… Carl Jung, ou pelo seu equivalente. Pelo menos seria democrática, pensei, e dar-lhe-ia o mesmo tempo. As palavras simplesmente surgiam; a sua fonte, porém, parecia menos estável. Emergiam em rajadas de ritmo explosivo, depois tornavam-se muito mais fracas e, a seguir, novamente mais fortes.

Falava com a minha própria voz. Também não sentia outra personalidade presente — era mais como se estivesse a reproduzir uma gravação de um escritor a ler as suas próprias obras.

Jung parecia muito mais enérgico do que James; quase adolescente na sua energia e no seu entusiasmo; contudo, de uma maneira estranha, parecia superficial em comparação com a sobriedade de James.

> «Os números possuem um equivalente emocional, na medida em que os seus símbolos nasceram originalmente da libido, que se identifica sempre com o número 1 e sente todos os outros números a nascerem de si. A libido conhece-se como Deus e, por isso, todas as frações se desprendem da estrutura do eu da sua própria realidade. Tanto o Deus-Pai como o pai físico se aliam ao número 1 e veem a sua transformação mágica ocorrer a partir de uma adição constante, que nasce da sua própria omnipotência fundamental.
>
> «O filho, simbolizado pelo 2, sente o pai e o número 1 como uma ameaça da qual emerge e da qual o filho sai triunfante, grato, mas ao mesmo tempo em rebelião. O 3 é o princípio feminino, que nem o pai nem o filho, nem o 1 nem o 2, podem negar.
>
> «A psique forma um triângulo de 1, 2 e 3, no centro do qual se encontra a personalidade, mantida em foco e, contudo, fora de foco pelo princípio tríplice. Tenho trabalhado com matemática

superior, mas sem distanciamento — pelo contrário, com entusiasmo —, calculando a natureza dos símbolos com a realidade dos números. A sombra no homem é o 3 e, na mulher, o 1; e o encontro interior básico das características femininas e masculinas dá origem a forças estabilizadoras e, depois, apaziguadoras.

«Nos sonhos, os números podem surgir como palavras, evidentemente — o número 1 como "um", ou o 4 como "quatro" —, mas existem grandes correlações, ainda por descobrir, entre as emoções e a numerologia da alma. O número 4 significa um enquadramento seguro no qual os princípios masculino e feminino são aceites. O número 5, quando aparece em sonhos, pode representar o nascimento de uma nova instabilidade na personalidade, pois representa um crescimento excessivo do elemento masculino ou feminino, de modo que a estabilidade geral volta a ficar ameaçada.

«Estes números, mantidos inconscientemente, segundo agora acredito, possuem ligações celulares que determinam a saúde do corpo e servem de indícios inconscientes de doenças ou curas específicas. Presentemente, estou convencido, pelo menos, de que a predileção por um 1 ou um 3 específico, mantida inconscientemente por uma mulher prestes a conceber, dará origem a condições com influência no sexo da criança.

«A arrogância e a dependência — duas faces — também envolvem o 1 e o 3, e o tipo de doença escolhido terá a ver

com uma qualidade negativa; o 1, que significa masculinidade, quando não reconhecido, poderá implicar uma doença de stress, mesmo quando todas as condições exteriores pareçam contrariá-la.»

A numerologia é um assunto que pouco me interessa. Transmitia o material — expondo aquilo que Jung «dizia» serem algumas das suas ideias desde a morte —, mas outra parte de mim estava aborrecida. Pensei: «Se este sujeito está morto há vinte anos, ou lá há quantos, parece-me que podia ter arranjado ideias melhores do que estas.» No entanto, os meus sentimentos não pareciam prejudicar minimamente o material que transmitia.

«Acredito agora que as doenças da próstata representam tendências femininas negadas. Parece-me bastante claro, pelo menos agora, que uma espécie de encantamento mágico com números poderia ser usada como processo inconsciente de cura, mesmo que não se explicasse ao doente a razão do exercício. Estou também convencido de que certas doenças começam e terminam em determinadas datas pela mesma razão, embora isto seja uma maneira simplificada de o dizer, e de que o poder da astrologia tem raízes muito diferentes das que atualmente se supõem.

«O meu entusiasmo por algumas destas teorias aumenta. Percebo que é impossível dizer-vos o que estou a aprender, mas descobri a validade emocional das células. Os símbolos da mente nascem, pelo menos em parte, desta atmosfera celular, que, à nascença, é geralmente límpida, embora nem sempre.

> «Numa estrutura emocional primitiva, as células emergem num meio inteligente, muito diferente de tudo o que antes supusera. Eu não compreendia a correlação imediata e direta entre o eu e o inconsciente coletivo, nem compreendia plenamente a resposta instantânea com que se encontram.»

Mais uma vez, o material prometia ser interminável. Aproximava-se a meia-noite. Decidi parar e o material terminou imediatamente. Recordo-me, porém, do rosto de Rob quando ficámos ali sentados, logo a seguir; parecia preocupado.

— Tudo isto me deixa inquieto — disse. — Mesmo muito inquieto.

— Vamos deitar-nos. Amanhã procuramos perceber — respondi.

Mas, quando cheguei ao quarto, estava mais perturbada do que antes. Estava aflita porque Rob estava aflito. Se ele estava preocupado, pensei, talvez eu tivesse realmente algum motivo para me preocupar. Perturbada, encolhida debaixo dos cobertores, surpreendi-me a pensar: «Ótimo, Jane. O que foste tu fazer agora?» Por um minuto, pareceu que todos os meus receios se tinham concretizado: eu era apenas mais uma senhora excêntrica a conversar com legiões de mortos ilustres.

Por mais voltas que desse ao assunto, não acreditava que James ou Jung estivessem a falar comigo ou através de mim; no entanto, Rob dizia-me que o material de James era realmente extraordinário. Então, o que significava tudo aquilo? Queria eu apenas impressionar um grupo de psicólogos? Pois isso não resultaria, pensei, zangada,

porque não ia enviar-lhes nenhum daquele material para a conferência.

E, no entanto… conseguia ver o livro de James com os olhos da mente e sabia que era um manuscrito fascinante. Sentando-me na cama, pensei que poderia receber o livro e depois apresentá-lo como um recurso criativo; chamar-lhe uma projeção imaginativa, ou até «Uma entrevista imaginária com William James». Só nessa base, já seria legítimo. Nunca poderia apresentá-lo como, bem, como qualquer outra coisa, pensei. E depois recordei como, no início, me sentira tentada a escrever simplesmente sobre as ideias de Seth como se fossem minhas, em termos vulgares, para não ter de me debater com os problemas de fazer o contrário. Continuava a ver aquele «maldito livro» na minha mente. Intrigava-me; mas, afinal, os livros intrigam-me sempre.

Nessa noite, Rob e eu deitámo-nos ambos preocupados. Não fazíamos ideia das implicações daquele material de James e, certamente, não percebíamos que, de uma maneira estranha, ele constituía uma pedra angular, ligando o livro de Seth ao meu e o meu ao dele. A explicação posterior de Seth e novas informações da biblioteca revelaram, literalmente, uma nova maneira de encarar a relação da psique com a vida e a morte.

# CAPÍTULO 7

## Mais da Biblioteca. Seth Explica o Material de James e Apresenta as «Visões do Mundo»

No dia seguinte, terça-feira, sentei-me à mesa para escrever, mas a minha mente estava na «aula de desenvolvimento psíquico» dessa noite, quando não estava a tentar encontrar uma explicação aceitável para os acontecimentos relacionados com James e Jung na noite anterior. Porém, mal me sentei, comecei a receber material do «meu livro da biblioteca». Registei-o diretamente à máquina:

### 1. Da Biblioteca — Modelos para a Criatividade

A essência do ser humano não é destruída. Também não é mantida numa forma estática, conservada como uma múmia espiritual num museu de almas. Pelo contrário, após a morte, a essência de um homem ou de uma mulher prossegue as suas experiências, embora siga um modelo de existência diferente, escolha outro quadro de referência e procure outra versão do ser psíquico.

O modelo atual da vida física impede uma convivência fácil entre os vivos e os mortos, quaisquer encontros casuais entre os que estão na carne e os que estão fora dela como ocorrência

habitual. Nem sempre foi assim, pois houve um tempo em que os mortos e os vivos conviviam muito mais abertamente. Contudo, a consciência humana escolheu concentrar-se em especificidades cada vez maiores em termos de tempo e foi gradualmente eliminando os pontos de referência em que esses encontros podiam ocorrer.

No quadro de referência anterior, mais amplo, havia margem suficiente para que as experiências corpóreas e incorpóreas se cruzassem no espaço, sob determinadas condições. A referência temporal mais restrita que foi escolhida fechou essa abertura, exigindo aos mortos uma focalização específica que não conseguiam alcançar facilmente para fazer sentir a sua presença.

Os caminhos dos vivos e dos mortos tornaram-se divergentes. Antes, porém, os mortos continuavam a ensinar — os pais regressavam aos filhos e os viajantes mortos regressavam às suas tribos, contando as suas viagens. Deste modo, durante milénios, o conhecimento foi transmitido ao longo dos séculos. A consciência humana era mais flexível e recetiva; contudo, enquanto funcionava assim, as possibilidades de uma experiência mais específica e de uma focalização mais precisa permaneciam latentes. O homem alterou gradualmente o foco da sua consciência, passando a percecionar como reais apenas os fenómenos que se situavam dentro de determinada faixa, concretizando níveis de experiência física aos quais antes fora cego e tornando-se gradualmente insensível a outros estímulos que outrora percecionara com clareza.

Os encontros com os mortos tornaram-se então imprecisos, ocorrendo em estados de sonho, que representam sempre outras regiões da consciência, vagamente percecionadas, mas não aceites como realidade oficial. Quando isto aconteceu, os mortos passaram também a revestir-se do simbolismo dos sonhos, pois, quando os símbolos atuam, são sempre sinais de uma realidade percecionada de forma opaca, e não diretamente.

Estes antigos percursos psíquicos da consciência permanecem, contudo, latentes, funcionando como possibilidades alternativas e regendo determinadas vias neurológicas que foram, em grande parte, abandonadas. Algumas pessoas conservam uma memória maior do que outras dessas vias de perceção abandonadas e, ao longo dos tempos, têm-nas utilizado para aumentar o seu próprio conhecimento e encarar a vida física de uma perspetiva diferente. Em geral, porém, essas estradas tornaram-se caminhos secundários, densamente obstruídos por antigas memórias que proliferaram e semeados, por assim dizer, de estátuas psíquicas que outrora tinham significado e serviam de marcos orientadores entre os vivos e os mortos.

Estes caminhos são percorridos nos estados de sonho, mas também aí estão pavimentados de símbolos. Estes servem de meios de comunicação e, no entanto, funcionam também como barreiras, mantendo separados vários níveis de realidade. Na vossa época, os mortos e os vivos falam, portanto, de forma opaca, através de sonhos e símbolos, pois o modelo de

realidade que escolhestes impede a visão mais ampla dos mortos.

Mesmo assim, nos estados de sonho despertais para a vossa consciência nativa e, nos períodos de revelação e inspiração, abris esses caminhos da mente quando existe segurança suficiente para vos afastardes momentaneamente do foco específico da vida desperta. Esse foco exige uma precisão finamente afinada na orientação temporal; uma resposta instantânea que requer a vossa atenção.

A porção interior do eu, a psique, segue, porém, esse outro modelo, que serve de estrutura de apoio à vida consciente que conheceis. A mente criativa funciona fundamentalmente de acordo com esta perceção mais livre, procurando as suas associações fora do enquadramento temporal reconhecido, indo muito mais longe nas suas viagens e recorrendo, para os seus fins, ao conhecimento e às experiências da humanidade no seu conjunto — tal como existe dentro e fora do tempo. Estes conteúdos são depois utilizados com uma nova criatividade, alterando ainda mais o modelo físico da existência.

A própria mente criativa rebela-se, portanto, contra uma focalização demasiado rígida e alarga a sua investigação através dos séculos, enquanto o corpo continua revestido de tempo. No entanto, investiga precisamente devido à orientação física do corpo, para iluminar a natureza da sua existência. No mundo da mente criativa, há pouca diferença

entre os vivos e os mortos. As ideias são livremente trocadas entre eles num intercâmbio que forma grande parte do mundo que conheceis.

Este intercâmbio é contínuo, embora expresso numa forma simbólica que serve para velar os encontros originais, permitindo assim manter a necessária separação entre os focos. A intenção, a intensidade emocional e a característica pessoal ditam este intercâmbio e abrem as linhas de comunicação existentes, que ligam mente a mente.

Há uma troca recíproca constante, não só entre os vivos e os mortos, mas também entre os vivos e as porções da psique que existem sob forma incorpórea; portanto, entre as porções «vivas» e «mortas» do eu. No entanto, o simbolismo continua a ser a linguagem deste intercâmbio. A sua estrutura rica e variada permite-lhe suportar o peso de estruturas teóricas mais vastas, que o vosso foco necessariamente exclui.

As tentativas de tornar literal este intercâmbio, de trazer estes encontros à terra, fracassam lamentavelmente, pois, privado dos símbolos, o alcance dessa realidade não pode ser contido nas dimensões habituais das vossas vidas, tal como as entendeis, e parecem surgir de imediato contradições. As realidades não se misturam suavemente. As arestas mostram-se e os mortos surgem então como caricaturas de si próprios, com menos dimensões do que vós, despojados da multidimensionalidade do seu próprio estado.

Se o simbolismo for entendido como uma linguagem, poderá ser utilizado tanto pelos vivos como pelos mortos e visto como uma estrutura na qual esses encontros podem ocorrer — mas são encontros da mente, à medida que os estados de ser se aproximam uns dos outros, com o simbolismo a servir de ponte entre eles.

A humanidade encara a vida física como exteriorizada e fora do contexto da mente. Contudo, o universo é a projeção tridimensional da atividade das mentes. O mundo fenoménico nasce de acordo com modelos interiores. Infinitas versões destes transpõem a distância entre o invisível e o visível, assumindo forma física e depois regressando aos modelos interiores nos quais reside a sua vitalidade global.

Estes modelos são, eles próprios, conscientes: não funcionam como ideais mortos, mas como estruturas em permanente mudança, trazendo em si uma integridade inviolável que a mudança e a excentricidade não ameaçam, antes fortalecem. Assim, todos os homens e mulheres vivos existem tão plenamente no mundo interior como no exterior, e cada mínimo elemento da realidade física possui a sua contraparte interior, da qual emerge. Dentro e fora, há mudança e flutuação constantes — mas sempre em resposta ao modelo, que responde às suas próprias excentricidades.

Por conseguinte, este livro, ainda não concluído no vosso tempo, existe numa biblioteca que é um modelo das bibliotecas que conheceis; e, contudo, nos vossos termos, este livro é

> também uma excentricidade, pois não é uma cópia, mas uma nova edição, inteiramente recriada, conservando dentro de si o núcleo da sua própria integridade.
>
> A criação deste livro é original, na medida em que ele nunca existiu antes sob esta forma no vosso mundo; contudo, também é escrito em resposta ao seu modelo, e o mesmo se aplica a toda a criatividade.

Quando o material terminou, reli-o e percebi que constituía uma explicação parcial do perturbador material de James da noite anterior. Ocorreu-me então outra ideia. Comecei a rir, porque de repente me lembrei de que, durante a última sessão de Seth, me tinha sintonizado com a minha biblioteca, mas pegara no livro errado — num que «pertencia» a James, em vez de pertencer a mim. Talvez *Varieties of Religious States — Variedades de Estados Religiosos* fosse o modelo de um livro que James tencionava escrever.

Contudo, continuava sem relacionar nada disto com o livro que Seth estava a ditar, até realizarmos a nossa sessão habitual seguinte, na noite a seguir. Esta sessão pareceu estabelecer uma ligação entre o livro de Seth e este, e tornou-se evidente que as minhas próprias experiências me davam exemplos pessoais das teorias de Seth, pela mesma ordem em que ele as apresentava em *A Realidade "Desconhecida"*.

Nesta sessão em particular, começou a sua primeira discussão sobre as «visões do mundo», que viria a ser uma das pedras angulares do seu próprio manuscrito. Serviria também para alargar as minhas experiências, proporcionando-me um novo enquadramento no qual explorar a realidade da perceção após a morte. A sessão completa ocupava doze páginas datilografadas, mas incluo aqui apenas as partes pertinentes para o material de James. A sessão fazia parte do ditado do livro e dirige-se ao leitor.

> «Esta secção [de A Realidade "Desconhecida"] ocupa-se dos vários exercícios que, esperamos, vos proporcionarão os vossos próprios vislumbres íntimos de realidades anteriormente desconhecidas.
>
> «Disse que o vosso foco normal de consciência pode ser comparado à vossa estação de origem. Até agora, foram descritos exercícios que vos afastarão suavemente da concentração nessa base, ao mesmo tempo que a sua estrutura é fortalecida. Também podeis chamar a esta estação de origem, ou programa local, a vossa visão do mundo, pois é a partir dela que percecionais a vossa realidade. Em certa medida, representa o vosso foco pessoal, através do qual interpretais a maior parte da vossa experiência. Como referi, quando começais a afastar-vos dessa organização particular, podem começar a acontecer coisas estranhas. Podeis sentir-vos cheios de admiração, entusiasmo ou perplexidade. Podeis ficar encantados ou horrorizados, conforme as vossas novas perceções concordem ou discordem da vossa visão estabelecida do mundo.

«Na passada segunda-feira à noite, em vez de uma sessão habitual, o enquadramento da sessão foi utilizado para um novo tipo de exercício. Pretendia-se dar um exemplo do que pode acontecer, nas melhores circunstâncias, quando alguém abandona uma visão do mundo nativa e se sintoniza com outra, bastante diferente da original.

«Formais sempre a vossa própria experiência. Ruburt sintonizou-se com a visão do mundo de um homem que se sabe estar morto. Não estava em comunicação direta com William James. Tinha, porém, consciência do universo através da visão do mundo de William James. Tal como poderíeis sintonizar um programa num televisor, Ruburt sintonizou-se com a visão da realidade agora existente na mente de William James. Como essa visão envolvia necessariamente emoções, Ruburt sentiu alguma sensação de contato emocional — mas apenas com a validade das emoções. Cada pessoa possui uma visão do mundo deste género, esteja viva ou morta, nos vossos termos, e essa "imagem viva" existe independentemente do tempo ou do espaço. Pode ser percecionada por outros.

«Cada visão do mundo existe na sua "frequência" particular e só pode ser sintonizada por aqueles que se encontram, mais ou menos, na mesma faixa. As próprias frequências, contudo, têm de ser devidamente ajustadas para entrarem em foco, e esses ajustamentos exigem determinadas intenções e afinidades. Não é possível sintonizar-vos com uma visão do mundo destas se estiverdes fundamentalmente em desacordo

com ela. Simplesmente não conseguireis fazer os ajustamentos adequados.»

«Ruburt tem trabalhado com alterações de consciência e interrogado a validade fundamental da religião. Tem procurado conciliar o conhecimento intelectual e o emocional. James estava longe de ser um dos seus escritores preferidos; contudo, os interesses, a intenção e o desejo de Ruburt eram suficientemente próximos para que, sob determinadas condições, pudesse experimentar a visão do mundo de James. A realidade desconhecida só é desconhecida porque acreditais que tem de estar oculta. Uma vez eliminada essa crença, outras visões da realidade, igualmente legítimas, podem surgir à vossa consciência, e mundos tão válidos como o vosso tornam-se visíveis. Para isso, tendes de ter fé em vós próprios e no enquadramento da vossa realidade conhecida. Caso contrário, tereis demasiado medo de abandonar, mesmo que por breves instantes, a visão habitual e organizada do mundo que vos é própria…

«Ruburt sintonizou-se com a visão do mundo de William James porque os seus interesses coincidiam. Uma carta de um psicólogo junguiano contribuiu como estímulo. O psicólogo pediu-me que comentasse Jung. Ruburt sentia pouca afinidade com Jung. No fundo da mente, interrogava-se sobre James, sobretudo porque sabia que Joseph [Rob] apreciava um dos livros de James…

«É perfeitamente possível sintonizar-se com a visão do mundo de qualquer pessoa, viva ou morta, nos vossos termos. A visão do mundo de qualquer pessoa, mesmo de alguém ainda não nascido do vosso ponto de vista, existe apesar disso. A experiência de Ruburt serve simplesmente de exemplo do que é possível. Muito corretamente, não interpretou o acontecimento em termos convencionais, e Joseph não supôs que o próprio James estivesse a comunicar da maneira habitualmente imaginada…

«James não tinha consciência da situação. Aliás, o próprio James está empenhado noutras aventuras. Ruburt captou, porém, a visão do mundo de James tal como, pelo menos nos vossos termos, existia talvez há dez anos. Nessa altura, James imaginou ludicamente um livro que escreveria se estivesse "vivo", intitulado *Varieties of Religious States — Variedades de Estados Religiosos* — uma versão alterada de um livro que escreveu em vida.»

«Sentia que a alma escolhe estados emocionais tal como escolheríeis, digamos, um Estado para viver. Sentia que o estado emocional escolhido era depois usado como um enquadramento através do qual observar a experiência. Começou a ver um conjunto daquilo a que chamou, de forma aproximada, estados religiosos, cada um diferente e, contudo, cada um servindo para unificar a experiência à luz das suas "características naturais" particulares. Estas características naturais surgiriam como os temperamentos e as inclinações habituais da alma.

«Ruburt sintonizou-se com esse livro não escrito. Trazia a marca do estado emocional do próprio James na "altura", quando ele contemplava a sua experiência terrena, nos vossos termos, do ponto de vista de alguém que morrera, que podia olhar para trás e ver onde considerava válidas as suas ideias e onde não. Nesse ponto da sua existência, houve mudanças. O plano do livro existia e continua a existir. No "presente" de Ruburt, ele conseguiu captar esta visão do mundo tal como se exprimia na mente imortal de James. Para isso, Ruburt teve de ser suficientemente livre para aceitar a visão da realidade tal como era percecionada por outra pessoa… Ruburt permitiu que uma porção da sua consciência permanecesse firmemente ancorada na sua própria realidade, deixando outra porção absorver, por assim dizer, uma realidade que não era a sua…

«Esses "projetos de arquiteto" criativos são muitas vezes captados por outros sem que o saibam, alterados ou modificados, acabando por se tornar produções criativas inteiramente novas. A maioria dos escritores não examina as suas fontes tão de perto. O mesmo se aplica, naturalmente, a qualquer campo de atividade. Muitos desenvolvimentos bastante modernos e sofisticados existiram naquilo que agora considerais civilizações passadas. Os planos ou modelos foram captados por inventores, cientistas e outros, e modificados de acordo com as suas próprias orientações específicas, de modo que surgiram no vosso mundo como algo novo, e não como cópias…»

No resto da sessão, Seth desenvolveu todo o conceito de visão do mundo, em particular a maneira como pode ser percecionada através de intuições, da escrita automática e da inspiração criativa. Sublinhou que a sintonização com visões do mundo poderia ser extremamente benéfica, acrescentando conhecimento e proporcionando também soluções práticas para os problemas. Mais diretamente relacionado com as nossas preocupações imediatas, porém, esclareceu algumas perguntas que fazíamos sobre personagens históricas que apareciam em inúmeras salas de estar, comunicando através do estado de transe de um médium ou do tabuleiro Ouija.

Disse, por exemplo:

> «Muitas pessoas que trabalham com o tabuleiro Ouija ou com a escrita automática recebem mensagens que parecem, ou alegam, provir de personagens históricas. Porém, muitas vezes, o material é muitíssimo inferior àquilo que a pessoa em questão poderia ter produzido durante a sua existência terrena. Qualquer comparação do material recebido com os livros ou relatos já existentes mostraria de imediato discrepâncias flagrantes. No entanto, em muitos casos, o utilizador do tabuleiro Ouija ou o praticante de escrita automática está, em maior ou menor grau, a sintonizar-se com uma visão do mundo, procurando abrir vias de perceção suficientemente livres para apreender uma versão alterada da realidade, mas talvez sem estar suficientemente preparado, pela formação e pelo temperamento, para a exprimir…

> «Os casos mais legítimos de comunicação entre os vivos e os mortos ocorrem num enquadramento pessoal e íntimo, no qual um pai ou uma mãe falecidos contatam os filhos; um marido ou uma mulher que acabaram de deixar a realidade física aparecem ao respetivo cônjuge. Mas muito raramente as personagens históricas estabelecem contato, exceto com os seus próprios círculos íntimos.»

Seth desenvolveu todos estes temas durante essa sessão, que está incluída no seu devido lugar em *A Realidade "Desconhecida"*. Desde então, tive outras experiências com visões do mundo, em resultado de seguir as sugestões de Seth, tal como as apresentou nessa noite. Na altura, porém, Rob e eu ficámos realmente gratos pelas explicações de Seth, pois esclareceram questões sobre as quais nos tínhamos interrogado, de tempos a tempos, durante anos.

Seth não mencionou o material de Jung e esquecemo-nos de lho perguntar. Não sinto que tenha respondido tão bem a Jung como a James, no contexto da experiência. Na verdade, penso que me senti algo hostil. Apetecia-me constantemente dizer:

> **«Vá lá, abranda um minuto para eu conseguir perceber isto como deve ser.»**

Ou:

> **«Tens de ter mais alguma coisa a dizer do que isso.»**

Presumo que se tratava de uma visão do mundo tanto quanto o material de James, mas era muito mais emocional. As emoções de James eram, de algum modo, emoções recordadas, enquanto Jung parecia muito ansioso e ávido. Talvez eu tenha captado apenas uma parte da visão do mundo de Jung — um forte elemento emocional —, tão vivo que também eu respondi emocionalmente.

Continuava, porém, intrigada com o livro de James — era tão fácil de «ver» que me agradavam a simplicidade e o caráter direto do método utilizado. Bastava fechar os olhos, aproximar o livro e lê-lo em voz alta para que Rob pudesse registá-lo. É verdade que as emoções de James transpareciam, até certo ponto, através das palavras, como se as próprias letras falassem com uma nostalgia ou uma melancolia que lhes fossem próprias. Mas o estado emocional de Jung parecia uma bola de borracha aos saltos, difícil de acompanhar.

Depois da sessão de Seth, Rob e eu ficámos simplesmente sentados a olhar um para o outro. O material da minha biblioteca explicava a minha experiência com James de uma maneira, e Seth explicava-a de outro ângulo. Quando Seth falava — em particular sobre a comunicação com os mortos —, parecia simultaneamente divertido e compassivo, enquanto, tanto quanto podia perceber, o material da minha biblioteca nunca implicava qualquer emoção. Parecia apenas «estar ali», sem uma personalidade associada, indiferente a que eu o compreendesse ou não, como uma mensagem num quadro de ardósia.

# CAPÍTULO 8

## Conteúdos Não Oficiais da Mente

Tinha estado a registar todas as minhas experiências, a dar as minhas aulas e a prosseguir as rotinas normais da vida. No domingo, estava pronta para dar um longo passeio de carro e sair para aquele ar límpido e aquele sol de outono. Porém, precisamente quando me sentia tão descontraída, senti de súbito chegar novo material do «livro da biblioteca». Sentei-me à mesa, a ouvir o restolhar das folhas por toda a parte lá fora, e comecei a escrever as palavras que tão facilmente me caíam na cabeça. Este material em particular era bastante importante em relação a conceitos posteriores; contudo, registei-o quase a cantarolar entre dentes, com uma grande sensação de brincadeira e exuberância interiores.

### 1. Da Biblioteca — O Universo Físico como Triunfo das Excentricidades Universos-Modelo

> Estes modelos podem ser considerados entidades com uma propensão para formar padrões; energia consciente que se diferencia de si própria em excentricidades, ao emergir do não realizado para o realizado, da indiferenciação para a diferenciação. Vistas a esta luz, as estruturas do nosso universo são excentricidades: versões específicas de um

modelo interior. Tempo, espaço, matéria — todas estas referências específicas são variações excêntricas que conferem ao nosso mundo a sua singularidade, embora nasçam de um modelo universal que também torna possíveis todas as outras versões e excentricidades.

Uma vez que experimentamos o tempo, segue-se que o tempo existe em tantos outros modos quantos forem possíveis noutros universos. O spin do eletrão é aqui um comportamento excêntrico, que só aqui se apresenta como comportamento-modelo por ser a excentricidade que reconhecemos como real. A experiência sensorial terrestre, privada, de cada um de nós existe precisamente devido às excentricidades manifestadas no nosso modelo particular do universo.

Estes modelos também podem ser entendidos como a intenção que a energia assume, o potencial interior criativo para a forma, o padrão de realização inerente à própria energia, à medida que esta se expande constantemente para fora de si, em diferenciação. As excentricidades são as formas físicas dos modelos, pelo menos no nosso universo. São as ondas, os nós ou as «perturbações» particulares e individualizadas que surgem da indiferenciação — a consciência a congregar-se e a manifestar-se num padrão ou modelo que é apenas uma sugestão através da qual as suas excentricidades se podem dar a conhecer.

Uma vez que tudo acontece efetivamente ao mesmo tempo, com um abandono ordenado quase impossível de descrever,

os modelos e as suas excentricidades estão manifestos e não manifestos «ao mesmo tempo», e o próprio tempo é simplesmente uma das versões que o infinito assume. As versões dos modelos afetam e modificam os próprios modelos. As variações formam então os seus próprios padrões novos, que, por sua vez, existem tanto no manifesto como no não manifesto.

Falamos de matéria e antimatéria e de universos destros e canhotos, mas entre esses extremos ocorrem todas as variações ou graus; contudo, todos estão ligados através do modelo do universo que tudo permeia e que se manifesta em cada versão. Por outras palavras, o nosso mundo é uma das assinaturas da realidade, inscrita de forma indelével na nossa experiência e no nosso ambiente. Mas é apenas uma de muitas dessas assinaturas.

Se conseguíssemos ver as características da nossa realidade como excentricidades ou variações de um modelo, poderíamos, pelo menos, estar atentos a outras versões, ainda que só considerássemos os padrões alternativos que por vezes surgem no nosso mundo — os acontecimentos não oficiais, as saliências latentes, psíquicas ou físicas, que ondulam suavemente sob a experiência habitual, mas não surgem como características definidas da mente ou da matéria.

Essas «saliências» psíquicas, ou características não reconhecidas, como a telepatia, a clarividência ou a telecinesia, sugerem todas outras maneiras de lidar com o espaço e o

> tempo. Noutros sistemas de realidade, podem representar um comportamento psicológico normal. Nessas circunstâncias, seria utilizado — e literalmente vivido — um tipo de modelo do universo completamente diferente.

Quando o material terminou, reli-o e reparei que ocorrera uma mudança. Antes, o texto referia-se muitas vezes às pessoas em geral como «vós». Agora, usavam-se quase exclusivamente os pronomes «nos» e «nós», como se a minha própria consciência estivesse a traduzir o livro na biblioteca e, ou como se, duas linhas de consciência se tivessem de algum modo fundido.

Não há grande dúvida de que a nossa ideia do universo muda à medida que tomamos consciência de algumas das propriedades não oficiais da mente. Até a nossa experiência com o universo muda. De uma maneira estranha, poderemos passar para outra versão da realidade, continuando a partilhar com os outros os mesmos conteúdos coletivos gerais do mundo. Talvez apenas utilizemos esses conteúdos de forma diferente.

Sabia que podia ter consciência das ações de pessoas separadas de mim no espaço. Já não podia aceitar um modelo do universo que limitasse a perceção à interação dos sentidos físicos com o espaço e o tempo. Por isso, estava realmente a ver de outra maneira. Eram-me visíveis mais «saliências» ou características, mas não tinha grande interesse na precognição. Certamente, não fazia qualquer esforço para me intrometer psiquicamente na vida das pessoas. Contudo, este material da biblioteca fascinava-me. Comecei a interrogar-me sobre os conteúdos das nossas mentes.

Quanto conhecimento não oficial conteriam, e sob que forma? Haveria maneiras diferentes de compor a realidade — maneiras suficientemente práticas para fazerem sentido ao nível físico?

Sem tomar qualquer decisão de experimentar, aproveitei algumas oportunidades que se apresentaram quase de imediato. Ambas envolveram chamadas telefónicas.

De vez em quando, alguém me contata para me pedir que localize uma pessoa desaparecida. Em geral, concentro-me nos nossos livros e não me envolvo nesses casos. Desde logo, não gosto da ideia de localizar alguém seja por que motivo for, e, se uma pessoa sai de casa, costuma haver uma boa razão. Mas, nesse dia em particular, telefonou uma mãe, muito aflita. A sua filha adolescente, a quem chamarei Anna, tinha desaparecido. Barbara — a mãe — estava especialmente preocupada porque Anna só recentemente recuperara de uma grande operação e precisava de descanso, embora já estivesse suficientemente bem para frequentar a escola. No início da chamada, Barbara chorava. Acalmei-a, pedindo-lhe que me soletrasse o nome — duas vezes. Pela voz, parecia ter pouco mais de cinquenta anos; estava embaraçada por me telefonar, pronta a tornar-se agressiva e defensiva se eu levantasse objeções — e, no entanto, sentia durante todo esse tempo que não tinha o direito de me ocupar o tempo.

Acima de tudo, porém, estava zangada com Anna, que, em atitude de desafio, ficara fora de casa até às cinco da manhã na sexta-feira anterior ao seu desaparecimento. Depois, na sequência

de uma discussão familiar, proibiram-na de sair durante o fim de semana. Contudo, a mãe acabara por ceder e deixara-a sair nessa tarde de sábado, e Anna nunca regressara. Estava desaparecida havia mais de cinco dias. Eu sentia que Anna provavelmente sabia o que estava a fazer, mas Barbara estava terrivelmente preocupada com a possibilidade de a rapariga ter sido vítima de um crime.

Pedi a Barbara que me desse um minuto; depois, acendi um cigarro e deixei a mente vaguear. Estariam as atividades atuais de Barbara entre os conteúdos da minha mente, misturadas com um milhão de outros pormenores? Conseguiria o meu pedido consciente de conhecer a sua situação desemaranhar os fragmentos de informação que procurava? Então, suavemente, sem vir de lugar nenhum em particular, surgiu o nome Larry. Barbara disse que não sabia os nomes de muitos dos amigos de Anna. Larry não lhe dizia nada, mas ela própria conhecia um Gary. Tentei de novo.

— Um tio Arnold é importante para ela — disse.

Ao princípio, Barbara não respondeu. Depois, disse lentamente:

> — Ora, sim. Anna viveu com o tio Arnold quando era pequenina. No México. Mas isso foi há muito tempo.

Assenti com a cabeça, esquecendo-me de que ela não me podia ver. Mas, pelo menos, captara uma informação concreta. Depois, recebi outra coisa.

— Isto parece disparatado, mas está a surgir-me uma palavra, qualquer coisa como Fresca.

— Era a bebida espanhola preferida dela, no México — disse Barbara. — Adorava-a.

Nessa altura, sentia-me mais confiante.

— Sinto uma forte ligação com números — disse.

Barbara contou-me que Anna estava a ter sérias dificuldades na disciplina de contabilidade, porque se atrasara durante a ausência da escola.

Depois, surgiu-me a palavra «louça». Não fazia qualquer sentido para Barbara, pelo que segui mentalmente a sua pista, em silêncio. Isso levou-me de louça a vidro — glass, em inglês — e ao nome Glassner, que então pronunciei em voz alta. Barbara contou-me então que a melhor amiga de Anna era uma rapariga cujo apelido era Glassen.

Por esta altura, estava convencida de que as minhas impressões eram realmente pertinentes. Só então me perguntei mentalmente onde estava Anna e quando regressaria. Disse à mãe que a rapariga estava bem e não fora vítima de crime nem de acidente. Encontrava-se a trinta minutos ou trinta milhas de distância e telefonaria quando a zanga lhe passasse. Estaria em casa, em segurança, muito em breve. Dei também mais alguns nomes, embora na altura nada dissessem a Barbara.

Ela desligou, muito aliviada. Eu desliguei — e comecei a preocupar-me.

E se, apenas suponhamos, a rapariga tivesse realmente sofrido um acidente grave — ou, pior, estivesse morta? Certamente seria fácil acertar em determinados acontecimentos e depois impedir que os terríveis chegassem à minha consciência. E se tivesse animado Barbara apenas para que os duríssimos factos da vida voltassem a deitá-la abaixo, confirmando os seus piores receios? Desejei sinceramente que ela não tivesse telefonado.

Ao mesmo tempo, olhava para as impressões que rabiscara enquanto falava e recordava o material da biblioteca. Quanto dos conteúdos do mundo existia nos conteúdos da mente «privada», oculto, quase invisível, mas presente? Tio Arnold era, sem dúvida, uma impressão suficientemente específica e aplicava-se diretamente a Anna. Se tivesse dito tio Joe, ou até Pete, não teria considerado a impressão nada de especial, porque esses nomes são muito comuns. Contudo, havia na altura uma canção popular em que as palavras «Uncle Arnold» se destacavam. Tinha-a ouvido muitas vezes.* Teria simplesmente retirado as palavras da minha própria experiência, e acontecera que também se ajustavam à experiência de Barbara? O facto de eu conhecer a canção tornava a impressão menos válida?

* Mais tarde, percebi que a canção era «Uncle Albert» — mas o meu aparente erro foi precisamente o que me levou à impressão correta.

Olhei de novo para o papel. Louça levara-me a vidro e, por fim, a Glassner — e eu conhecia um homem chamado Gassner. A melhor amiga de Anna chamava-se Glassen. Mais uma vez, a grande semelhança entre os nomes tornava a impressão menos válida? Ou procurara involuntariamente associações na minha vida que fossem pertinentes para a de Anna? Teriam os conteúdos da minha própria mente sido organizados de outra maneira, deslocados, de modo a fazer emergir os conteúdos precisos? Teriam sido ignorados todos os pormenores, exceto os relacionados com Anna?

Começava a entusiasmar-me porque surgiam subitamente à minha consciência certas correlações entre aquela atuação e a escrita de poesia. Sinto-me acelerada quando sou tomada pela inspiração, tal como acontece muitas vezes quando transmito impressões. É como se o conceito poético particular carregasse de energia toda a mente, pesquisando os seus conteúdos e encontrando, por fim, as palavras ou expressões específicas artisticamente pertinentes — afastando literalmente milhões de outras expressões possíveis para encontrar aquela, precisa e adequada.

Teria ocorrido um processo semelhante quando me atribuí a tarefa de descobrir informações sobre Anna? Se assim fosse, que maneira mais criativa de lidar com o universo — e de lidar com os factos! Contudo, enquanto pensava em tudo isto, continuava a lembrar a mim própria que Anna ainda não regressara.

Mal tinha recuperado daquela chamada, o telefone voltou a tocar. A voz que falou tinha tanta energia como uma das folhas

cinzentas e murchas que pendiam, tristes e solitárias, mesmo à frente da janela; só que as folhas começaram a mover-se cada vez mais depressa ao vento de outono, enquanto a voz do rapaz se tornava mais lenta e hesitante. Vou chamar-lhe Len. Telefonava do Oregon.

> — Li dois dos seus livros… Telefonei só… Detesto pô-la numa situação difícil, mas podia falar consigo um minuto? Estou completamente esgotado — disse, num meio sussurro.

— Qual é o problema?

> — O mundo — respondeu, sem força. — É demasiado pesado. Penso em suicidar-me a toda a hora.

O meu gato, Willy, estava ao meu colo. Afastei-o, pensando que ele nunca contemplava o suicídio.

> — Por isso, se ao menos me deixasse escrever-lhe…

— Está bem — disse. — Mas a minha correspondência não pára de se acumular, pelo que pode demorar algum tempo até receber uma resposta. Mas ouça.

E entrei em toda aquela explicação: criamos a nossa própria realidade; os problemas não caem simplesmente em cima de nós; não somos vítimas; temos de dar à vida, além de receber dela. Depois, falei-lhe de *A Natureza da Realidade Pessoal*, sublinhando que Seth o escrevera especialmente para ajudar as pessoas a saírem das dificuldades pelos seus próprios meios.

**— Acredito nisso tudo quando se aplica a outra pessoa — disse ele. — Mas não consigo fazer com que nada resulte comigo. Seja como for, ainda não li o livro. Um amigo meu tem-no. Mas, se não conseguir pôr o livro em prática, posso escrever-lhe uma carta comprida?**

Disse que sim, que lhe enviaria alguma energia, e sugeri que, se procurasse senti-la dentro de si, encontraria a sua própria fonte de energia. Respondeu, sem força, que tentaria. Assim, quando a chamada terminou, fechei os olhos e pedi que a energia inesgotável do universo fluísse através de mim até ele. De imediato, senti e vi mentalmente uma «estrada» estender-se lateralmente para oeste. Era reta, suspensa no ar, atravessava tudo, prolongando-se até encontrar o rapaz. Quando o encontrou, uma deliciosa descontração espalhou-se pelos meus próprios ombros.

Sorri: a estrada seguira tão certeiramente para o seu destino. Seria aquela outra maneira de usar os conteúdos da mente e do mundo? Naturalmente, em termos físicos, não podia provar que tivesse acontecido o que quer que fosse. Mas, na importante ordem interior dos acontecimentos, tinham ocorrido trocas que pressupunham um modelo do universo diferente do habitualmente aceite.

Como sempre, havia tantas perguntas. Ter-se-ia aquela energia comportado realmente como eu a experimentara? Teria atravessado tudo o que se encontrava no seu caminho, ignorado a própria curvatura da Terra, a caminho do seu destino? Ou seria tudo aquilo a minha interpretação? Mas, como sempre, havia outras perguntas mais emocionais. Por que havia um rapaz de ficar tão

cansado? Por que não haveria a própria vida de bastar para contentar qualquer um de nós e encher-nos de admiração? Por que se sentiam tantas pessoas esgotadas e impotentes? Por que corria o meu gato, Willy, para a rua, encontrando no mesmo quintal uma nova fonte de entusiasmo todos os dias — por que estava ele tão cheio de vitalidade até à última ponta eriçada do pêlo, enquanto tantos seres humanos se afundavam nas suas camas espirituais, puxando a desolação sobre a cabeça como um cobertor?

Pela chamada telefónica, por exemplo, percebera que Barbara e Anna não se davam nada bem. Cada uma puxava em sentido contrário, como se Barbara esperasse que Anna fosse uma «filha-modelo» e não conseguisse relacionar-se com a pessoa que Anna era. Tinha de admitir que estava confusa. Tudo o que realmente queria era mais material da biblioteca — pelo menos, assim pensava. Estivera tão absorvida pelas minhas novas ideias acerca de modelos e excentricidades que me esquecera da maneira como o termo «modelo» era habitualmente utilizado.

Enquanto estava sentada a pensar nisto, ocorreu-me o material que se segue; era, evidentemente, uma mistura do material da biblioteca e do meu próprio nível de consciência. Os dois fundiam-se com tanta suavidade que era difícil encontrar as costuras; no entanto, sabia que estavam lá, ligando e, ao mesmo tempo, separando invisivelmente várias alterações subtis dos padrões de pensamento. Ou seja, reconhecia que estava a receber uma resposta a uma das minhas perguntas. Voltavam a usar-se os pronomes «nós» e «nos», o que significava que a minha orientação normal estava envolvida. Contudo, havia também aquela sensação

de «o outro», aquela emoção subjetiva da perceção, como se a minha consciência tivesse os dedos dos pés noutro oceano e avançasse pela água, em novas correntes.

## 2. Da Biblioteca — Modelos e Excentricidades Alternativas

Os nossos conceitos de tempo linear conduzem-nos às nossas ideias de progressão em frente e a uma certa singularidade mental em que parece que o eu é uma entidade única, sem outro caminho senão em frente, ou ficará para trás; sem outra direção senão para cima, ou cairá; e sem outra coisa para fazer senão «progredir» em direção à perfeição, ou desintegrar-se. O adágio «Conhece-te a ti mesmo» pressupõe um modelo do eu que é estático. Pois conhecer o eu num dado momento transforma-o, na verdade, num novo eu conhecedor, que tem de ser novamente conhecido e, assim, transformado.

A palavra «modelo» sugere muitas vezes, infelizmente, uma perfeição para além da qual a mudança é desnecessária, ou até desastrosa. Mais uma vez, os nossos conceitos de tempo cegam a nossa visão. Pois o modelo da psique é infinitamente variado, caracterizado por excentricidades infinitas, cada uma dentro de outra, numa espécie de ordem espontânea que se expande. Contudo, as nossas ideias habituais de ordem sugerem automaticamente ordem no tempo, uma progressão consecutiva e quase mecânica. Podemos até considerar a

criatividade desordenada ou caótica, se não seguir as nossas ideias do que é a ordem.

No entanto, a verdadeira ordem utiliza o nosso tempo, mas não está limitada por ele. A verdadeira ordem abarca a nossa realidade e surge nela como manifestação de fenómenos no tempo, pelo que supomos que a ordem tem de seguir o tempo. Imaginamos que temos de progredir «um passo de cada vez» em direção a determinado objetivo que existe à nossa frente, e planeamos as nossas vidas em conformidade.

A própria psique é tão ricamente variada que nos apresenta reservas intermináveis de potencialidades e modelos alternativos, cada um, porém, ajustado de alguma maneira indefinível ao nosso ser mais íntimo — ao nosso e a nenhum outro. Somos nós que insistimos em reduzir o modelo exuberante àquilo que, aparentemente, consideramos uma versão temporal mais eficiente, adaptada às nossas ideias limitadas do que é ser pessoa. Acabamos então com conceitos tão terríveis como «o pai-modelo» ou «a criança-modelo». Usamos o modelo para encerrar, e não libertar, a nossa individualidade; para aprisionar, e não soltar, as nossas excentricidades; para disciplinar rigidamente, em vez de exprimir, as nossas capacidades mais profundas.

Parece que pensamos haver uma contradição entre ter um modelo de referência e desviar-nos dele. Precisamos de desenvolver um reconhecimento amoroso das nossas excentricidades.

Mais uma vez, reli o material assim que terminou, e as ligações entre ele e os acontecimentos do dia tornaram-se claras. Pensei: «Claro», porque tanto a energia que enviara ao rapaz como as minhas impressões sobre Anna tinham ocorrido fora das nossas ideias habituais de progressão e tempo. A energia parecia ter ido de Elmira ao Oregon instantaneamente, como se não estivessem envolvidos tempo nem espaço, e os factos acerca de Anna tinham simplesmente surgido, sem qualquer investigação física.

Em *Aventuras na Consciência*, usei a expressão «área de vida» para designar a nossa linha de vida física, do nascimento à morte. É nessa «linha» que ocorre a progressão normal e que os dados dos sentidos se ligam diretamente ao espaço e ao tempo. A informação acerca de Anna, porém, não tivera origem na minha própria área de vida — era como se a minha consciência se tivesse posto em bicos de pés e puxado aqueles dados de outro lugar —, e a energia que enviara ao rapaz também não apareceria na área de vida dele nos termos observáveis habituais. Ou seja, não lhe cairia de repente nas mãos como uma maçã vermelha mágica que pudesse mostrar aos outros. Em vez disso, tratava-se de uma espécie de «progressão» ou desenvolvimento lateral, uma dimensão adicional de atividade que afetava a área de vida, mas não «acontecia» nos termos físicos habituais.

Pensei então no material mais recente de Seth sobre as visões do mundo. Partilhamos determinadas informações coletivas com os nossos contemporâneos, pelo que as nossas visões individuais do mundo devem fundir-se em algum ponto. Quando quis conhecer a situação de Anna, terei deslocado os conteúdos da minha mente de

modo que se organizassem de acordo com a visão do mundo de Anna, em vez de seguirem a minha? Terei deixado que fossem as associações de Anna, e não as minhas, a lidar com os conteúdos partilhados do mundo tal como surgiam nos conteúdos da mente?

No dia seguinte, segunda-feira, 28 de outubro, tive uma experiência muito estranha que envolveu o uso de energia e me fez interrogar ainda mais sobre a natureza do tempo, da experiência e da própria realidade.

Estava a passar a limpo as notas do dia anterior quando o telefone tocou. A chamada era de um homem que disse ser internacionalmente conhecido como membro de uma profissão profundamente envolvida na economia e na segurança mundiais. Eu nada sabia dele nem do seu trabalho e ainda menos da sua especialidade particular. Contudo, enquanto conversávamos, comecei a receber impressões sobre as suas atividades profissionais. De início, não disse nada a esse respeito, mas depois vieram com tanta força que achei melhor não as ignorar. Sentindo-me um pouco ridícula, por não conhecer a terminologia, disse ao homem o que estava a receber. Pediu-me que mantivesse a sua identidade em segredo e não revelasse as informações que lhe dera. Aliás, limitou-se a dizer-me que tudo se aplicava, sem explicar de que maneira.

Na verdade, telefonava por causa de um amigo a quem chamarei Perry, que se encontrava muito em baixo; depois de conversarmos algum tempo, prometi enviar energia ao jovem para o ajudar. Desligámos. Fiquei sentada em silêncio por alguns momentos e

depois pensei em Perry. De imediato, senti e vi mentalmente outro «caminho» estender-se, luminoso, através do espaço. Então, tão depressa que fiquei sem fôlego, o caminho regressou, enrolando-se para trás como um tapete e desenrolando-se dentro da minha cabeça, com Perry em posição fetal — a cair suavemente no chão do meu crânio.

Tudo isto acontecia em miniatura. Pensei: «Perry sente que a sua cabeça é uma prisão», quando a sua imagem caiu dentro da minha mente. «Vi-o» olhar desvairadamente em redor. Criei de imediato grandes janelas abertas em toda a volta do meu crânio, que agora parecia um globo de vidro, para que pudesse olhar para fora. Levantou-se e aproximou-se das janelas; então, criei caminhos luminosos que se prolongavam para o exterior, dizendo-lhe mentalmente que tinha muitas escolhas e direções alternativas a seguir. O caminho de que gostou foi o que saía diretamente pela frente da minha cabeça. Ladeei a estrada de árvores verdes majestosas e prolonguei a perspetiva, de modo que se estendesse ao longe. Perry caminhou um pouco, até que a figura gigantesca de um homem lhe bloqueou o caminho; só vi as suas enormes pernas.

Perry lançou-se por entre as pernas abertas do gigante, voando livre para uma distância ainda maior que pareceu abrir-se para o receber. Sabia que o gigante representava a admiração heroica distorcida que Perry sentia pelo homem que me telefonara, e percebi que Perry se libertara finalmente daquela figura que o aprisionava.

Toda a experiência me surpreendeu, porém. Era a primeira do género. Quando a imagem de Perry deslizou para dentro da minha mente, «soube» que devia agir depressa para o ajudar. Contudo, nenhuma das ações envolvidas aconteceu no nosso sistema habitual de acontecimentos reconhecidos. Seria todo o episódio uma representação simbólica? Por que teria a «estrada de energia» trazido Perry para dentro da minha mente, para que eu lidasse com ele, em vez de simplesmente o ajudar onde estava?

No dia seguinte, o meu interlocutor reservado telefonou para me dizer que Perry tentara suicidar-se tomando comprimidos, mas recebera assistência a tempo e estava agora fora de perigo. A tentativa de suicídio de Perry e a minha experiência tinham ocorrido ao mesmo tempo — contudo, não interpretara os acontecimentos dessa maneira quando ocorreram. Talvez devesse tê-lo suspeitado, porque, de início, Perry estava em posição fetal. Os acontecimentos, tal como os interpretei, eram suficientemente reais para me levarem a agir de imediato. Mas, se realmente ajudei Perry, foi a outro nível de atividade, num tipo de realidade com papéis diferentes, utilizando outro modelo do universo que permitia tais acontecimentos.

Embora não o soubesse, em breve teria outras experiências que aconteciam… noutro «não lugar»… e, no entanto, estavam ligadas ao mundo que conhecemos.

# CAPÍTULO 9

## O Símio e o Guia Prateado

Enquanto tudo isto acontecia, sentia-me revigorada pelo próprio outono; contudo, com a chegada de meados de novembro, comecei a sentir uma ligeira inquietação. Havia várias semanas que não estava realmente na biblioteca, embora o «material do livro» parecesse suficientemente acessível. Talvez, pensei, as experiências iniciais apenas se destinassem a pôr-me em contato com um nível diferente de consciência: talvez nunca voltasse a entrar na biblioteca.

Além disso, há vários anos que me debatia com alguns problemas de saúde incómodos. Desde a minha primeira visita à biblioteca, tinha havido melhorias claras, mas ansiava por resolver inteiramente a situação. Seth ajudara-me muito, mas dizia-me que eu criava a minha própria realidade, tal como todas as outras pessoas, e que me cabia alterar quaisquer condições que me incomodassem. A minha saúde geral era excelente, mas o corpo estava rígido, pelo que tinha dificuldade em deslocar-me. Pior ainda, compreendia o que estava a fazer e, embora os sintomas me incomodassem, também percebia que me proporcionavam tranquilidade, reduzindo as distrações e permitindo-me fazer precisamente o que queria: escrever à secretária. Podia queixar-me, mas suponhamos que fosse fisicamente tão flexível como

qualquer outra pessoa — teria a disciplina necessária para ficar simplesmente no meu quarto a trabalhar?

Descobrira quase tudo o que precisava de saber sobre o meu estado ao trabalhar com as minhas crenças, como Seth sugere em *A Natureza da Realidade Pessoal* — e sabia que me agarrava aos sintomas porque ainda serviam um propósito.

Tudo isto me ocupava a mente naquela noite de 18 de novembro de 1974. Eram sete e meia. Olhei para o canto sudeste da sala de estar, onde ficava a biblioteca. Ela apareceu, mas, desta vez, os livros tinham desaparecido. O meu corpo estava deitado numa espécie de mesa comprida e baixa. Depois, enquanto observava, aquele meu corpo não parava de se sentar e de se deitar, tão depressa que eu quase ficava tonta na cadeira à secretária. A certa altura, fechei os olhos para «ver melhor». Percebia também que estava a formar as outras imagens de alguma maneira que não conhecia de imediato. Assim que fechei os olhos, vi um homem entrar na sala, puxar uma cadeira para junto da outra eu e sentar-se. Pegou-me na mão. Sabia que era médico.

A parte mais estranha desta experiência era o facto de só ver nitidamente o rosto do homem. Não conseguia deixar de o fitar. Todo o seu rosto parecia de prata baça, com algo semelhante a uma auréola prateada e discreta à volta da cabeça. A «auréola», porém, não era perfeitamente redonda nem brilhava. O cabelo era branco e farto, de aspeto bastante normal. Foi o contraste entre o aspeto vulgar do cabelo e o rosto de prata baça que tanto me

impressionou. Ao mesmo tempo, o meu «próprio» corpo, à secretária, começou a sentir-se muito quente e descontraído.

Abri os olhos, registei o que estava a ver e voltei a fechá-los. Desta vez, havia um homem deitado na mesa. Parecia forte, era notavelmente musculoso e estava na mesma posição em que o meu duplo estivera momentos antes. Sabia que ele era outra versão de mim, ou vice-versa. Contudo, não lhe vi o rosto: não parecia importante. De repente, senti a força e a agilidade dos seus músculos — por dentro. Depois, levantou-se e caminhou de um lado para o outro, exercitando várias partes do corpo.

Voltei a abrir os olhos e a escrever o que via. Aprendi que é fácil esquecer os pormenores destas «visões interiores», por isso treinei-me para me pôr «em espera» num nível de consciência enquanto registo as minhas experiências noutro. Por exemplo, escrevi de imediato todo o episódio com o homem, mas só mais tarde me lembrei de que ele aparecera primeiro numa pirâmide de luz.

Estas imagens eram espantosamente nítidas e vívidas. Da vez seguinte que fechei os olhos, vi em pormenor a perna de um homem, de novo com atenção aos músculos, como se se pretendesse impressionar-me com a agilidade muscular. A perna mudava continuamente de posição e depois desapareceu. Foi imediatamente substituída pela imagem de um homem e de uma mulher deitados juntos na areia, mesmo à beira de um oceano. A mulher era loura, de formas mais cheias do que as minhas, mas sabia que éramos a mesma pessoa e, subitamente, a minha consciência estava no corpo dela, em vez de estar no «meu» à

secretária. «Eu» pus-me de pé com facilidade e caminhei pela praia, com o homem a meu lado, sentindo o maior prazer no movimento rápido e fácil das pernas e rindo enquanto mexia os «meus» dedos dos pés na areia. Depois, o homem e eu corremos de mãos dadas para nadar no oceano.

Nesse momento, receei ficar tão absorvida pela experiência que não conseguisse registá-la devidamente. Forcei-me a abrir os olhos e tinha dificuldade em mantê-los abertos, quanto mais em escrever. Mal consegui rabiscar a última cena, voltei a ver o homem, pelo que fechei novamente os olhos para «ver melhor». Desta vez, vi-o de perto. Tinha uma constituição magnífica e parecia cheio de vitalidade. Enquanto ele fazia vários exercícios de ginástica na areia, eu, à mesa, sentia os mesmos movimentos musculares.

Por breves instantes, a minha consciência despertou dentro do corpo dele e as sensações físicas tornaram-se então ainda mais fortes e definidas. Ao regressar num relance ao meu próprio corpo, voltei a ver muito de perto o seu rosto e o seu cabelo louro. Não havia engano possível — era Ruburt —, tal como aparece num retrato que Rob pintara dele vários anos antes. Supõe-se que Ruburt designa outra parte da minha psique, e Seth chama-me sempre por esse nome. Voltei a entrar num relance no seu corpo, sentindo-o por dentro. Espantava-me poder sentir-me tão à vontade dentro de uma figura masculina. Percebi também que Ruburt não era tão passivo como parece no retrato de Rob, embora também não fosse, certamente, agressivo nos termos masculinos convencionais.

Senti então algo desagradável. A mulher desapareceu. O homem levantou-se e arremessou para longe de si uma forma escura e ondulante, semelhante a uma aranha, contra uma parede que surgira do nada. Percebi de imediato que aquilo representava os aspetos negativos da imagem que tinha de mim própria. A forma de aranha agitou-se furiosamente como se estivesse viva, voou pelo ar e dela emergiu um pequeno indígena de pele escura, com as pernas dobradas. Transformou-se instantaneamente num bebé. A mulher reapareceu e pegou na criança. Na qualidade de bebé, mordi a mulher no peito. Relacionei logo isto com a expressão «morder o seio que nos alimenta», ou algo do género. O episódio foi tão desagradável que abri os olhos, registei tudo e perguntei-me se queria ou não continuar.

Era um tipo de experiência inteiramente diferente para mim, mas acontecia na zona da biblioteca. Era evidente que envolvia uma intenção terapêutica de alguma espécie, pelo que decidi prosseguir.

Voltei a fechar os olhos. O homem e a mulher estavam lá de imediato. De pé, um de cada lado da mesa comprida, olhavam amorosamente para o bebé. Então, a minha consciência estava dentro da criança. Empurravam-me num carrinho de bebé através da biblioteca — que surgira de repente na sua forma habitual, repleta de estantes — e, ao aproximarmo-nos de uma delas, estendi as mãos rechonchudas de bebé e peguei num dos livros.

No momento seguinte, «eu» era um enorme símio macho, sentado à mesa da biblioteca. Ao mesmo tempo, também o observava. Tinha uns olhos humano-animais extraordinariamente

estranhos, sábios e compassivos, e estava absolutamente certo da sua própria existência, que abarcava o mundo animal e o humano. Tão depressa que voltei quase a ficar tonta à secretária, a minha consciência rodopiou para fora do corpo dele e saltou para o bebé que de súbito apareceu no colo do homem-símio. Com grande destreza, o homem-símio aconchegou a criança, segurando-a contra o peito peludo. Enquanto bebé, senti uma imensa sensação de conforto e segurança. Isto durou alguns momentos, até que o homem-símio se transformou numa mulher-símio, que passou a segurar-me nos braços. Tive consciência de um enorme amor maternal, animal, próprio da criatura, para além de tudo o que alguma vez imaginara. Então, à secretária, ocorreu-me: «Claro! A mãe símia é tão forte que não a conseguirias magoar, mesmo que tentasses. É mais forte do que o ódio ou a raiva, e o seu amor contém tamanha compreensão que nenhuma fúria infantil a poderia perturbar.»

A sensação de apoio enquanto criatura era impossível de descrever e, ao senti-la, o meu corpo à secretária ficou ainda mais descontraído. Contudo, quase paradoxalmente, sentia-me também cheia de energia. Depois, tudo aquilo simplesmente desapareceu. Abri os olhos, terminei as notas e fiquei ali sentada, a olhar para a sala, agora vulgar.

Tenho de admitir que estava satisfeita comigo própria. No passado, não teria permitido uma experiência assim, ou tê-la-ia interrompido no momento em que se tornasse desagradável. Ou seja, num estado de transe definido e bem delimitado, permitia-me uma boa dose de liberdade — afinal, um transe é um transe; não

se espera que seja a consciência normal. Mas misturar «imagens alucinatórias» com a consciência habitual era outra coisa: um fenómeno com o qual só experimentara em breves ocasiões isoladas. Estas imagens tinham sido tão reais como pessoas vulgares, embora transpostas para o «espaço imaginário» da biblioteca, e a minha própria consciência passara de um lado para o outro tão depressa, por vezes, que depois tinha dificuldade em lembrar-me de quem ou do que fora em cada momento.

Enquanto terminava as notas, continuavam a ocorrer-me pormenores que esquecera, e foi então que Rob entrou na sala. Estivera a trabalhar no seu ateliê nas traseiras.

> **— Está na hora da sessão — disse. Depois, com ar interrogativo: — Por que estás tão calada? O que tens andado a fazer?**

Olhei para o relógio. Eram nove da noite, pelo que tudo aquilo durara uma hora e meia. A sorrir, mostrei as notas a Rob. Perguntou-me se queria cancelar a sessão habitual de Seth, mas encolhi os ombros e disse que mais valia «ir até ao fim». Na verdade, tinha curiosidade em saber se Seth teria alguma coisa a dizer sobre o meu «guia prateado», como chamava ao homem de rosto de prata baça — e sobre o homem-símio. Bebemos um copo de vinho, comemos qualquer coisa e começámos a sessão um pouco mais tarde do que o habitual, às nove e quarenta. Eu ainda estava um pouco atordoada com tudo aquilo, mas Seth manifestou-se de imediato, tão enfático e vigoroso como sempre. Como vereis, explicou admiravelmente as minhas experiências.

Esta foi uma sessão pessoal, sem ditado do livro *A Realidade "Desconhecida"*, e apresento aqui apenas os pontos principais da explicação de Seth, reservando-me o direito de omitir outro material intensamente privado. Devo, porém, referir primeiro que o meu avô era indígena americano, com ascendência franco-canadiana, pois isso é pertinente para a sessão. Além disso, uma semana antes, um médico aparecera num sonho e assegurara-me que o meu estado físico estava a melhorar. Seth refere-se a esse «médico do sonho». Esta sessão é particularmente valiosa porque Seth explica como a psique pode comunicar com os níveis conscientes quando lhe é dada autorização.

## 1. Da sessão de 18 de novembro de 1974

> «A um nível, o símio representava os instintos animais temidos tanto pela mãe de Ruburt como pelo seu avô, pelo que Ruburt também aprendeu a olhar para eles [os instintos] com desconfiança. Estes instintos são as portas terrenas da energia da alma. Quem as fecha corre algum perigo.»

Seth prosseguiu, descrevendo as maneiras como a minha mãe e o meu avô tinham tentado negar os seus instintos de criaturas. Falou do meu amor pelo meu avô e da minha identificação parcial com ele desde cedo. A propósito do meu avô, Seth disse:

> «Jogava compulsivamente, numa tentativa de esconder os seus desejos sexuais. Não confiava no corpo, no seu nem no de qualquer outra pessoa… Abominava o álcool porque

conhecia as histórias segundo as quais este fora a perdição do indígena americano… e reprimia os seus sentimentos para contrariar a "imagem" do indígena como ser incivilizado. Era um marginal: um homem baixo, pequeno, de pele escura…

«Sentia-se um pigmeu devido à sua estatura e porque, sendo em parte indígena, era olhado com desprezo. Até certo ponto, Ruburt identificava-se com ele. Era, afinal, o pai da mãe de Ruburt e, em certa medida, Ruburt via-o como a fonte maior da qual a sua mãe provinha.

«O símio representava emocionalmente os instintos na sua verdadeira luz: fiáveis, sustentadores e base da existência terrena. Ruburt experimentou, portanto, [no episódio desta noite] a força da fonte terrena. Isto significa que deve confiar nos seus instintos. Ao mesmo tempo, o símio macho e a símia fêmea representam a qualidade sexual da Terra, sendo o macho e a fêmea simplesmente outras versões um do outro. Noutros termos ainda, Ruburt experimentou agora o amor maternal por que ansiava, caloroso na sua compreensão animal e feminina, sustentador e suficientemente forte para suportar com facilidade as pequenas fúrias e os ódios momentâneos de uma criança…

«A certa altura, Ruburt viu o símio, ainda macho e uma porção de si próprio, sentado à mesa da biblioteca — pois, na vossa condição, são os próprios instintos animais que vos impelem a procurar respostas. O símio estava à vontade na biblioteca e o seu rosto era compassivo. A identificação com o instinto traz

compaixão, e essa compaixão e admiração acendem as capacidades criativas. A ideia de Ruburt continuava a ser a de controlar esses instintos e as suas capacidades "animais". A outro nível ainda, por estar o símio na biblioteca, Ruburt via simbolicamente a força da sua própria natureza física, inteiramente à vontade consigo mesma e na biblioteca psíquica da mente…

«O símio atuava também como um curandeiro-curandeira animal, desempenhando simbolicamente um papel que, outrora, poderia muito bem ter sido desempenhado de facto.»

(Aqui, Seth refere-se à sua afirmação, em *A Natureza da Realidade Pessoal*, de que os animais tiveram outrora uma relação diferente com os seres humanos; à sua maneira, atuavam como médicos, ensinando o uso animal das ervas e uma certa «encenação» dos sintomas.)

«Ruburt tem lido sobre xamãs. As suas ligações com os animais são pouco compreendidas. À sua maneira, porém, Ruburt iniciou para si próprio uma viagem xamânica, deixando as imagens da psique ganhar vida e tornando mais evidente o funcionamento interior da mente.

«Os episódios serviram para o ligar, com confiança, aos seus instintos mais profundos, e ele viu que eram amorosos. O símio não poderia, porém, ter aparecido antes de o homem louro expulsar à força os elementos daquela imagem negativa.

Arremessou-a contra a parede. Dela emergiu o indígena pigmeu, de pernas dobradas, significando a identificação com o avô de Ruburt… Identificara-se com ele quando era criança, procurando proteção contra a mãe em alguém que parecia amá-lo mais. A imagem negativa, assim despedaçada, deu origem à imagem simbólica que vinha a utilizar na mente. Em seguida, transformou-se num bebé, porque a identificação começara cedo… Não se tratava, de modo nenhum, de uma identificação inteiramente negativa…

«A figura prateada é a outra extremidade, o outro papel do símio — o guia espiritual, se Ruburt me perdoar o termo —, tal como o símio era o guia animal, pois ambos estão relacionados e ambos eram compassivos. O "guia espiritual" era o médico que Ruburt ouviu durante o sono — e que imediatamente pôs em dúvida —, e é perfeitamente válido. Também não é apenas um símbolo, mas representa uma construção psíquica muito real, viva nos vossos termos, embora numa realidade diferente, e ligada de alguma maneira ao ser físico de Ruburt — à fonte da carne que fisicamente o compõe.

«Não é apenas na alma, mas na alma do corpo que deveis aprender a confiar, pois a alma no corpo representa o encontro corpóreo dos eus físico e não físico, nos termos mais práticos. Ruburt não está a apoiar-se apenas nos "seus próprios" recursos, mas nessas grandes dimensões de energia que ligam a alma e o corpo — o guia prateado e o símio.»

Sentia uma nova e deliciosa certeza corporal devido às experiências anteriores daquela noite; e a isso somava-se uma satisfação psíquica com as explicações de Seth. Sem o saber na altura, viria a ter outras experiências com o símio, ou curandeiro animal — e em ligação com a biblioteca. Ao deitarmo-nos, interrogava-me: afinal, que espécie de biblioteca era aquela? Evidentemente, continha muito mais do que material de livros. Como símbolos que ganhavam vida. Na verdade, eu nem sabia metade.

Depois de terminada a sessão, Rob mencionou algumas perguntas bastante importantes que tinha acerca de experiências reencarnacionais recentes suas. De repente, senti Seth «de volta», com as respostas, mas era tarde e o próprio Rob estava cansado, pelo que decidimos dar a noite por terminada. Alguém tinha uma quantidade espantosa de energia, pensei; e arrastámo-nos para a cama.

No dia seguinte, terça-feira, sentia-me exuberante e revigorada, e a minha consciência parecia de uma clareza cristalina. Sentada à secretária, recebi alguns parágrafos do livro da biblioteca. Registei-os de imediato:

## 2. Da biblioteca — A Psique Multidimensional e a Rede dos Eus

A personalidade focal ganha proeminência a partir da realidade rica e infinita da psique, ou eu-fonte, que constantemente a

sustenta. A personalidade focal não pode afogar-se na sua própria fonte, nem ser aniquilada ou dissolvida nela, porque é a face da psique voltada para a Terra.

Recorrer ao conhecimento mais vasto da psique reforça a capacidade da personalidade focal para lidar com os conteúdos do mundo, aumenta a criatividade e revela automaticamente o eu a si próprio — revelando, assim, o verdadeiro significado dos conteúdos do mundo.

Estes passam então a ser entendidos como a manifestação física dos conteúdos da mente. Este conhecimento, por si só, confere à personalidade focal um poder adicional, à medida que aprende que pode misturar e combinar esses conteúdos fundidos, trazendo para a realidade física uma maior variedade e significados mais profundos que, por sua vez, enriquecem as paisagens mentais e físicas.

Este material surgiu com grande rapidez e facilidade, mas, quando terminei de o escrever, sabia que as minhas perceções de mim própria e da sala estavam a mudar. Rabisquei o que percecionava, embora também neste caso fosse por vezes difícil convencer-me a dar-me ao trabalho de escrever. Cito estas notas exatamente como as escrevi, para preservar a sensação de imediatismo.

«Estou a olhar para o cruzamento da esquina, mas sinto outros eus sentados noutras esquinas, em tempos e lugares

diferentes; quero dizer, sinto-os emocionalmente. Pelo menos neste momento, sei que… o eu com que me identifico é apenas um eu numa localização ou posição de um campo mais vasto da realidade. Mas todos os outros eus formam uma rede interior, quase como o nosso conceito de planetas, mas num cosmos interior, com estruturas ou "nervos" interiores a ligar-nos, como um corpo multidimensional; só que não é exatamente isso que quero dizer. Ocupo uma posição dentro dele, mas a própria posição envolve toda uma realidade de experiência.

«A totalidade abarca todos os eus e, teoricamente, estes eus podem encontrar-se conscientemente numa espécie de viagem espacial interior. Há alguma comunicação "universal" entre todos estes eus. A psique mais vasta é o meio em que estes eus existem, tal como dizemos que o espaço é o meio em que a matéria existe. Contudo, os vários eus são a psique, feitos dela, dentro dela, tal como o espaço está dentro dos objetos. A psique enruga-se, enoda-se, concentra energia, impele-a para cima, de modo que forma ondas ou partículas no espaço mental, da mesma maneira que a matéria é "enodada" no espaço. Os eus são excentricidades — cada um com a sua versão da realidade, formando-a em conjunto com os outros e depois percecionando os conteúdos do mundo.

«Estes eus representam características ou estruturas de um eu multidimensional e fazem parte dele da mesma maneira que as minhas mãos fazem parte de mim — uma analogia fraca,

porém, porque estes eus são inteiramente independentes nos seus ambientes.

«Consigo sentir a comunicação entre todos estes eus — mas não consigo realmente apreendê-la. Mais uma vez, porém, numa espécie de viagem espacial interior, é possível atravessar as extensões da psique até esses outros sistemas de realidade, cada um com o seu próprio eu. Mas as portas encontram-se dentro da própria psique, e cada eu utilizará o simbolismo de que dispuser do seu lado como uma espécie de veículo mental.

«Uma vez que se trata da mesma psique, posso ter algum reconhecimento interior dessas outras realidades — nas quais esses outros eus existem. Este reconhecimento mostra-me que os conteúdos deste mundo podem ser alterados, pelo menos ligeiramente, se eu quiser; posso vê-los com a disposição de outro eu. Mas todos estes eus existem numa só psique, ao mesmo tempo, e "eu" posso morrer numa parte dessa psique e voltar à vida noutra região — como uma luz que se apaga e acende em lugares diferentes.

«Sou uma versão de mim própria para um único mundo — do meu eu mais vasto —, um de muitos eus inteiramente diferentes, mas relacionados, cada um focalizado numa realidade singular e utilizando excentricidades diferentes. Há agrupamentos que não compreendemos. Cada psique, ou eu-fonte, tem porções que se correlacionam com as mesmas

> porções de outros eus-fonte — daí a nossa experiência partilhada nesta e noutras realidades.»

Enquanto percecionava desta maneira, parecia mover-me psiquicamente tão depressa que as minhas faculdades mentais nunca conseguiriam acompanhar-me, e aquilo que escrevi é uma descrição lamentavelmente fraca e diluída da própria experiência emocional e intelectual. Por fim, os meus pensamentos pareciam afastar-se para onde, passado algum tempo, já não conseguia segui-los. Numa visão súbita, vi a nossa vida como uma estrutura unicelular, com a existência de Seth semelhante a um órgão, em comparação. Depois, vi-o como um mensageiro errante, viajando de uma parte da minha psique interior para outra, de «eu» para «eu», como um astronauta poderia ir de estrela em estrela. Parecia que os meus eus cresciam e se dividiam psiquicamente como as células o fazem fisicamente; mas desenvolvendo-se mais, tornando-se mais conscientes da sua própria existência e de estruturas mais vastas.

Numa espécie de experiência interior vertiginosa que não consigo descrever, senti que aquilo que, do nosso foco, é atividade inconsciente fora outrora foco consciente — o grau que nos era possível «na altura». Vamos subindo, tomando a atividade consciente anterior como garantida e depois esquecendo-a, como colinas ao longe que já atravessámos. Conseguia… sentir isto, e sabia que viajamos através da consciência de nós próprios. Parte de nós continua enterrada em atividades que «nós» agora consideramos inconscientes e em atividades de que não temos consciência. Mais uma vez, a visão é quase impossível de descrever,

mas senti os nossos eus agruparem-se e reagruparem-se, enquanto cada um conserva a sua identidade. E pensei que o eu que serei amanhã é agora inconsciente; contudo, a qualidade de ser eu eleva-se acima destas inconsciências em funcionamento, erguendo-se todos os dias na sua identidade nova-antiga, futura-passada.

À medida que a visão se desvanecia, tentei perceber se conseguiria entrever os livros da biblioteca. Vi mentalmente um deles no seu lugar na estante e, de repente, fiquei mesmo tonta, porque, enquanto olhava, o livro vibrava e eu sentia-o a transformar-se em todas as suas diferentes versões ao mesmo tempo. Ocorreu-me então que, antes, me sintonizara com a minha versão do livro; mas, se tentássemos ver a sua realidade multidimensional mais vasta, o livro mudaria tão depressa que não conseguiríamos acompanhá-lo. Ou, pelo menos, eu não conseguia. Se fosse possível alterar o foco à velocidade de um relâmpago, cada versão seria distinta.

Mas eu estava atordoada — deliciosamente — e decidi deixar as coisas como estavam. Levantei-me para fazer algumas tarefas domésticas e comecei a ver onde a «política psíquica» se enquadrava nas minhas experiências mais recentes. Tinha-me interrogado bastante acerca do título do livro, mas agora ocorria-me que estava a caminhar para uma nova política do eu, a encontrar uma forma diferente de autogoverno — e um mundo do eu mais vasto do que alguma vez conhecera.

# CAPÍTULO 10

## O Rapaz com Um Buraco no Peito. Um Jovem Celibatário e o Livro dos Deuses

Alguns dias depois, conversava ao telefone com uma amiga, Greta, e ela perguntou-me como ia este livro.

> — Muito bem — respondi.

> — Era de esperar — disse ela, a rir. — Marlo Williams diz que é por causa de toda aquela ajuda que recebes do diabo.

> — Marlo Williams? Bolas, isso já é demais — disse eu.

> — Bolas, é mesmo — respondeu Greta. — Perguntei-lhe se tinha lido algum dos teus livros e ele disse: «Não, porque foram escritos pelo diabo.» Então, eu disse: «Talvez seja apenas o subconsciente dela, ou qualquer coisa assim; já pensaste nisso?» — só para ver o que ele diria. E ele disse — não vais acreditar —, disse: «É isso mesmo que quero dizer: o diabo.»

Greta fez uma pausa, à espera de que eu saboreasse todas as implicações da observação, mas eu estava horrorizada, sobretudo porque Marlo Williams era editor de um jornal numa cidade próxima. Deixava-me inquieta pensar que alguém numa posição daquelas andava por aí a acreditar no diabo.

— Está a piorar — disse Greta. — Aquela religião fundamentalista a que aderiu vê a obra do diabo em todo o lado. Mas que história é essa de o subconsciente também ser o diabo? Isso não deixa grande margem às pessoas.

— Lá isso não deixa, com os diabos! — ri-me.

Mas estava preocupada e recordei a chamada mais tarde, nesse dia, ao ler a correspondência. Havia uma carta de um jovem a quem chamarei Joe. Escrevia da Índia, onde seguia um guru conhecido e tentava escapar à «vida codificada e estagnada da cidade de Nova Iorque».

Acabara, dizia, com a cobiça por dinheiro e prestígio que encontrava na nossa sociedade americana e estava farto do papel masculino de provedor. Abandonara tudo para procurar a verdade. De acordo com os ensinamentos do seu guru, Joe meditava várias horas por dia, para se «purificar». Tentava desesperadamente eliminar o sexo da sua vida, continuava. Havia apenas um obstáculo. Sempre que meditava, surgiam-lhe dores de cabeça terríveis e era assaltado por «pensamentos terrivelmente lascivos». Quanto mais tentava esquecê-los e quanto mais obstinadamente — e desesperadamente — procurava meditar, mais persistentes se tornavam as dores de cabeça e as fantasias. Queria saber como poderia libertar-se daqueles «sentimentos sexuais degradantes».

O guru de Joe não acreditava no diabo, mas as necessidades e os desejos naturais do corpo eram vistos como impedimentos ao crescimento espiritual. Aos dezanove anos, quando tudo na constituição biológica e espiritual de Joe ansiava por se lançar na

realidade da carne, por se misturar exuberantemente com a alma e o corpo da Terra, ele refreava-se obstinadamente. Aceitava um modelo do eu que pouco tinha a ver com o seu próprio ser; um modelo limitado, que lhe negava elementos fortes da sua própria natureza.

Eu conseguia perceber isso, mas reprimira muitos elementos espontâneos da minha própria natureza para disciplinar o meu «eu escritor». Os nossos conceitos de identidade têm sido tão limitadores que, de uma maneira ou de outra, cada um de nós sofre com eles, pensei. Em comparação com as imagens habituais que temos de nós próprios, como eram mais amplas estas novas ideias de modelos e excentricidades que se apoiavam e cooperavam mutuamente. Recordei a minha experiência com todos os «eus» e captei um lampejo daquela visão. Em contraste com os nossos conceitos habituais, voltei a sentir que cada um de nós traz dentro da psique o seu próprio modelo mais vasto — um modelo multidimensional, que se expande na personalidade com mil sementes ou excentricidades, cada uma parte do modelo, versões dele, cada uma dando origem a novos modelos alternativos, tal como cada semente pode potencialmente fazer crescer uma nova árvore, baseada na anterior, mas diferente e única. E depois, como de costume, perguntei-me por que nos limitávamos e como poderíamos escapar aos rótulos que dávamos a nós próprios.

Seria de esperar que os jovens rompessem quaisquer limitações só pela força da exuberância. Talvez muitos o façam. Contudo, nesse mesmo dia, visitou-me um jovem do Maine, pedindo para assistir à aula, e tinha tanta exuberância como um pano da louça

molhado. Estava ensopado e a afogar-se na confusão turva das suas próprias ideias acerca de si mesmo. No entanto, tinha um grande sentido de humor. Era, na verdade, um rapaz alto e robusto, ruivo, com um sorriso semelhante a um estandarte festivo — que, porém, se mostrava quase tão raramente como as luzes de Natal. Vou chamar-lhe Gordon.

Era tão alto que era realmente difícil não o ver; contudo, encolhia-se, curvava-se e fazia tudo o que podia para se tornar invisível. Andava sempre de olhos baixos e agia como se fosse explodir de pânico caso alguém ousasse tentar cruzar o olhar com o dele. Fazia vinte anos nesse dia e preocupava-o deixar a adolescência para trás. Andara a viajar pelo país, «a tentar ser anónimo». Sempre que as pessoas começavam a conhecê-lo, partia, como se tivesse algum segredo sombrio e perverso para esconder, ou como se as pessoas o fossem perseguir pelas ruas se compreendessem o que sentia acerca de si próprio e do mundo.

Gordon ficou por ali alguns meses e arranjou emprego no McDonald’s. Uma vez, ao ver entrar um conhecido, escondeu-se na sala das traseiras. Mais tarde, disse que não suportava ser apanhado de uniforme. E, naturalmente, de qualquer modo trabalhava quase sempre nas traseiras e, por vezes, à noite, nas limpezas. Costumávamos desatar a rir só de o imaginar a servir Big Macs ao público, com aquele sorriso radiante de televisão, «deixem-nos alimentar-vos», que os empregados do McDonald’s exibiam nos anúncios televisivos.

Uma noite, veio visitar-nos, quase às escondidas, bebeu algum vinho e, de repente, falou — e falou, e falou —, sorrindo à sua maneira única. Mas todas as histórias engraçadas que contava eram à sua própria custa. Disse que, depois de estar num lugar durante algum tempo, pensava em arranjar um bigode falso, sobrancelhas postiças e uma peruca, para não ser reconhecido e para que ninguém lhe pudesse gritar «olá» quando caminhava pela rua. Ao mesmo tempo, ansiava por contato e odiava-se por o desejar. O seu humor era extraordinário, mas, se alguém desse por ele, estava pronto a precipitar-se para a porta.

Nessa noite, porém, contou-nos o seu segredo e mostrou-nos o sinal da sua inferioridade: abrindo a camisa, apontou para o peito, que era côncavo, de tal maneira que parecia ter um buraco perto da zona do coração. O médico dissera-lhe que não era perigoso, mas que o impedia de receber a quantidade adequada de ar nos pulmões. Para nós, o peito tinha apenas um aspeto ligeiramente invulgar. Mas, para Gordon, havia um verdadeiro buraco no peito, a marca da iniquidade.

Quando se foi embora, pensei nele e no editor que acreditava que o subconsciente continha «o diabo», e no rapaz de dezanove anos que tentava purificar-se do sexo, do amor e da emoção porque não se enquadravam nas suas ideias do que era bom, puro ou correto. Parecia-me claro que as imagens que temos de nós próprios estão intimamente entrelaçadas com as nossas crenças religiosas e assentam muitas vezes em modelos que não se ajustam; modelos sem sangue — e ligados a deuses que criaram a Terra quase como uma ideia de última hora e que, desde então, se

sentem embaraçados com ela, sem nunca deixarem de se queixar das suas próprias criações.

E pensei em Platão. Construiu toda uma cosmologia há mais de dois mil anos. Que realização! Contudo, nela o homem era apenas uma sombra do valor da sua alma — um universo em que a humanidade era confrontada com modelos perfeitos, à luz dos quais os seus membros pareceriam sempre inferiores e diminuídos. Que elegância exangue para impor à carne, e como Platão a usou para manter cada homem e cada mulher no seu devido lugar!

Os modelos que eu pressentia eram muito diferentes, como grandes padrões criativos e sugestivos, disponíveis para serem usados; cada um vivo e móvel como amibas divinas, cada variação eterna num sentido — a sua marca nunca apagada — e, no entanto, por outro lado, sempre a jorrar excentricidades e novas versões da sua própria existência.

Percebi que eram precisamente as excentricidades que davam vida aos modelos no nosso mundo. Se isto não for compreendido, os modelos tornam-se túmulos rígidos que sufocam toda a mudança e variedade; moldes nos quais toda a criatividade se torna predeterminada e rígida. Platão congelou uma versão de um modelo e fechou os olhos a tudo o resto. Mas esses seus modelos «ideais» não existem fora de nós: existem no mundo íntimo da psique privada, inscritos nas nossas próprias ideias e nos nossos genes, interagindo connosco como nós interagimos com eles.

Para mim, de uma maneira estranha, esses modelos existem na minha biblioteca — pelo menos, as minhas versões deles; conceitos que nasceriam da fonte conjunta da intuição e da razão. Via-os como modelos vivos através das suas próprias excentricidades — modelos que nós próprios poderíamos entrever alterando o foco da nossa consciência —, modelos capazes de unir a realidade interior e a exterior e de nos mostrar a nossa própria solidez psicológica.

Pois os mundos interior e exterior fundem-se na nossa experiência, em cada um de nós em privado, no mundo natural em que existimos e no mundo cultural das nossas religiões, ciências, poéticas e artes. Temos sofrido de falta de perceção de profundidade, sem nunca vermos que a experiência subjetiva e a objetiva eram apenas duas versões uma da outra, separadas unicamente na nossa perceção.

Os deuses da psique e os deuses do exterior são um só, mas fomos obrigados a pensá-los separadamente. O mundo exterior da política e da lei representa a política interior do eu, à medida que este se organiza e governa na sua relação com a existência física. O modelo e as suas excentricidades são as faces aparentemente duplas da mesma coisa: a nossa criatividade e o seu fluxo individual, do qual brotam todas as nossas criações privadas e conjuntas.

Muito provavelmente, descobri a «minha biblioteca» como resultado natural das minhas próprias deambulações excêntricas pelos cosmos interior e exterior; descobri-a entre doutrinas emaranhadas e ameaças suspensas; encontrei-a como uma criança

encontra o lugar mágico no meio da floresta estranha. Está no centro da minha psique, naturalmente, e, por isso, também existe no cosmos. Durante toda a minha vida, tenho procurado, sem o saber, modelos alternativos da realidade — uma filosofia alternativa que funcionasse melhor para mim e para o mundo; outra imagem do mundo, um nascimento mais afetuoso de conceitos que gerassem uma criatividade renovada. Ainda tenho de aprender o que estou a fazer — como obter e interpretar os livros da biblioteca —, mas é uma aventura maravilhosa, e tenho tempo.

Não se trata apenas de termos eus mais vastos, mas de sermos eus mais vastos. Talvez quiséssemos descobrir-nos apenas um pouco de cada vez, explorando o nosso território psíquico região a região. Seth pode muito bem representar parte do meu próprio território desconhecido; nesse caso, cada pessoa tem o seu nível «Seth», ou equivalente. Talvez Seth tenha «construído» a minha biblioteca. Talvez só exista separado de mim na minha compreensão, ou talvez sejamos, cada um, excentricidades de um modelo, a operar em níveis diferentes de realidade.

Talvez eu esteja a subir através da psique de Seth. Talvez seja apenas a porção perspicaz da minha consciência terrena que encontrou a sua própria identidade mais vasta. Talvez a psique, ou eu-fonte, seja eterna e imortal tanto psicologicamente como em termos de tempo, de modo que, daqui, possamos banhar-nos na luz do seu ser, sem conseguirmos vê-lo ou senti-lo todo de uma vez.

Precisamos de um mito inteiramente novo do homem e dos seus começos, um mito que transponha os deuses locais e coloque Deus dentro das suas criaturas, no interior da criação. Precisamos de um deus tão abençoado ou imperfeito como as suas criações, de toda uma nova cosmologia que dê origem a um Deus que seja homem e mulher, judeu, árabe, americano, chinês, indígena; que esteja igualmente dentro de cada indivíduo; que não seja paroquial nem pertença apenas ao homem; um deus que esteja nas pedras e nas estrelas; um deus-deusa suficientemente vasto para ser personificado como Buda, Cristo, Ísis, Atena, Maomé — deus animal, deus inseto, deus árvore —, cada um visto como um símbolo local que representa uma realidade inexplicável, demasiado super-real para caber nas nossas definições.

Precisamos de um novo mito, suficientemente imaginativo e criativo para saltar acima dos nossos factos insignificantes. Que ousadia, criar uma nova raça de deuses, glorificando a individualidade, vendo cada um como uma personificação única — não senhores estéreis e moralistas que fazem chover condenações e distribuem decretos impossíveis, mas deuses que dizem: «A vida é boa. É por isso que estamos vivos, e vivos em vós!» Precisamos de deuses pais, mães, avôs e avós, de deuses sobrinhas e sobrinhos, que compreendam as relações humanas porque estão vivos em nós e nós neles — deuses lésbicos e homossexuais, deuses tias e tios —, famílias divinas exuberantes e alegres, unindo-se entre si e connosco, cantando a beleza do leito amoroso, apreciando os momentos formados como joias solitárias do vasto colar do infinito…

*O Livro dos Deuses* — gostaria de o escrever, e de escrever *O Livro do Universo*, no qual pessoas-deuses ou deuses-pessoas ascendem da vida não física à vida física porque querem; porque sonharam, nas suas divindades solitárias, com ervas verdes e carne macia e ansiaram por nascer como homens e mulheres; lançando a sua natureza divina para dentro de corpos, alegremente, temerariamente, aconteça o que acontecer. E talvez, entre vidas, vagueiem pelas margens de rios interiores, planeando com grande entusiasmo as suas vidas «futuras», criando-as como um escritor cria o seu livro, traçando crises e realizações, desafios e glórias — e depois, uma vez de novo na Terra, alterando as histórias, inventando finais surpreendentes, cada personagem viva, refazendo o enredo; cada vida formando uma nova dimensão de realidade efetiva, proporcionando maior conhecimento da honra e do amor e um novo casamento da alma com as estações.

Pois, se os deuses não amassem os crepúsculos e as alvoradas, por que os amariam as suas criaturas?

Um novo mito — seria verdadeiro ou falso? Que diferença faria? Eram verdadeiras as ideias de Platão? Durante gerações, vivemos como se fossem e descobrimo-nos apequenados por modelos perfeitos de nós próprios, aos quais nenhum ser humano podia corresponder. Verdadeiro ou falso? A nossa criatividade é mais ousada do que esses conceitos. Usemos essa criatividade para lançar novos deuses no universo e novas histórias dos seus nascimentos para trás, através dos séculos — deuses que sejamos nós próprios em carne; nós, mas não nós; deuses que possam falar connosco e deuses que escutem, em vez de pregarem o tempo

todo; deuses com quem possamos falar e que possamos sentir aconchegados dentro de nós, instalados tanto na nossa consciência como nas nossas moléculas.

Uma vez que não podemos realmente saber o que é o universo, tal como existe à parte da nossa experiência dele, a maioria das teorias que mais estimamos já são mitos e histórias que fingimos serem reais. Por que não construir então, para variar, mitos de que gostemos — deuses que tenham coisas melhores para fazer do que sacrificar filhos, deuses que sejam, pelo menos, agradáveis? Que epopeias gloriosas poderíamos criar, e que legado deixar aos nossos filhos. *O Livro dos Deuses* — consigo vê-lo na minha mente, a dar força, criatividade e alegria a gerações —, talvez, se não neste mundo, noutro, num sistema de realidade em que os mitos sejam entendidos como descendentes da psique; como brinquedos da alma; como os jogos que as pessoas-deuses e os deuses-pessoas jogam em conjunto ao tentarem encontrar uma linguagem comum.

Os nossos deuses têm sido tão cruéis, rígidos e inflexíveis que retaliámos. Estamos a eliminá-los. Ficámos tão assustados com eles que erguemos não deuses para os substituir; deuses tão cansados da consciência como nós parecemos ter ficado; deuses que só querem dormir no esquecimento; que não têm energia para o sexo divino, muito menos para o físico, mas que continuam a gritar: «Arrependei-vos. Purificai-vos dos vossos corpos. Abandonai-os.»

Por isso, digo: «Abaixo esses deuses, seja qual for o seu nome. Bem-vindos os deuses que criam a vida porque a amam; e a Terra por causa da sua beleza. Os deuses da Terra.»

Assim, imagino para mim uma parte de um grande Deus infinito a separar-se de si mesmo numa ramificação muito mais pequena; a formar um pequeno deus perfeitamente capaz, que queria ser mulher e que, considerando a natureza da realidade física, queria escrever livros e amar um homem exatamente como o meu marido, que pinta quadros. E esse deus disse: «Transformar-me-ia numa Jane»; e assim ele, ou ela, ou aquilo, o fez; e tornámo-nos um só, indivisível, e agora sentamo-nos a meditar sobre todo o caso — uma amada realização cósmica.

É um deus bastante menor, se pensarmos em termos de uma divindade absoluta, mas um deus, ainda assim; um rebento do velho tronco, a parte do Grande Rapaz ou da Grande Rapariga que quis viajar para a vida terrena. E este deus privado está perfeitamente equipado para lidar com as coisas deste lado; reunir corretamente o conjunto corporal das moléculas, fazer nascer o pacote de sementes e fazê-lo crescer — deus e pessoa emergindo em conjunto, de modo que tanto o infinito como o tempo sejam tecidos nos nossos genes; mortalidade e imortalidade combinando-se aqui para formar os eus que conhecemos.

Quem me dera poder dar a notícia àquele editor.

# CAPÍTULO 11

## O Tempo e as Estruturas Temporais.
## A Forma do Tempo

Tom Willow, como lhe chamarei, é cientista num conhecido instituto de investigação. Visitou-nos naquele último fim de semana de novembro de 1974. Numa sessão informal que durou das duas da tarde de domingo até à meia-noite e meia, fez-me perguntas e eu respondi enquanto me encontrava num estado alterado de consciência.

É bastante difícil descrever esse estado, simplesmente porque me é tão familiar e o tomo como tão natural. Sinto-me acelerada, equilibrada e, no entanto, passiva ao mesmo tempo. Não há qualquer resistência. Até agora, tenho usado este estado sempre que lido com cientistas por minha conta, em vez de trabalhar através de Seth. Neste foco particular, sinto-me «como peixe na água». É muito divertido e até uma espécie de desporto para mim. Descobrir o que está a acontecer aos eletrões, por exemplo, é uma coisa de que realmente gosto. Admito que então me sinto muito mais livre do que quando tenho de lidar com as emoções das pessoas. Prefiro, sem hesitar, «encontrar» um eletrão perdido a uma pessoa desaparecida; por exemplo, não tenho de me preocupar com o facto de o eletrão querer ou não ser encontrado. Aliás, nem sequer sei se os eletrões podem realmente perder-se.

Mas, em todo o caso, os eletrões não choram, pelo que não tenho que lidar com as suas emoções.

Tom Willow colocou o gravador em cima da mesa e começámos, interrompendo apenas para um jantar de ovos mexidos. Fiz esboços rápidos de eletrões para explicar o seu comportamento — sempre uma grande brincadeira exuberante para mim, pois, no meu estado habitual de consciência, não faço ideia do assunto. Na faculdade, chumbei duas vezes a Ciências Gerais e nunca cheguei a Biologia ou Química, muito menos a Física. Contudo, escrevi poesia sobre o estado de consciência da rã enquanto o nosso professor de Ciências dissecava o cadáver e não parava de me perguntar em que estariam as amibas «a pensar», quando devia estar a fazer aquilo que se supunha que fizéssemos com amibas — agora já me esqueci — em Ciências Gerais.

No entanto, quando mudo o meu foco de consciência, o mundo microscópico ganha uma vida muito real e sinto-me desafiada ao tentar fazer corresponder as minhas perceções ao vocabulário de um cientista. Tom Willow é um desses cientistas muito curiosos acerca das propriedades da mente e já nos visitara uma vez. Sabíamos que trabalhávamos bem em conjunto. Não tinha de me preocupar com o ceticismo da parte dele, embora soubesse perfeitamente que a sua visita era informal. O que, para mim, estava muitíssimo bem.

Entre outros temas, contei a Tom o que estava a receber sobre a estrutura e o comportamento dos eletrões; o tempo e a gravidade; a constituição interior da Terra; e os propósitos e as

estruturas interiores das pirâmides. Mais tarde, Tom mandou transcrever a nossa longa conversa gravada e escreveu-me uma carta dizendo:

> **«Uma parte da informação é bem conhecida dos especialistas e está solidamente estabelecida. Outra parte consiste em dados novos, mas plausíveis, que não contradizem o que já se conhece. Uma terceira parte é nova e contradiz a imagem científica da realidade; em alguns casos, porém, essa imagem científica não é universalmente aceite e está atualmente a ser discutida. No conjunto, esta é precisamente a combinação certa de informação antiga e nova que melhor pode ser utilizada no trabalho com cientistas sérios à procura de boas ideias.»**

Em resultado do material que dei a Tom, dei por mim subitamente obcecada com o tempo. Em vez de escrever, ficava sentada a tentar «inclinar-me para dentro» dos minutos, ou a exercer pressão contra eles para ver o que acontecia. Desenhava diagramas sem fim, tentando perceber se o tempo cabia no espaço ou o espaço no tempo. Dizia a Rob:

> **«Devia estar a trabalhar no meu livro, mas ultimamente meti-me antes nesta questão do tempo.»**

Sinceramente, não percebia que esta obsessão com o tempo estivesse ligada a este livro ou à política psíquica. Passara apenas um mês desde a minha primeira visão super-real do mundo e o início deste manuscrito. Começava a perceber, retrospetivamente, que os meus encontros habituais — chamadas telefónicas, visitas e até sonhos — pareciam organizados de uma maneira estranhíssima. Ao olhar para o mês que passara, vi que cada semana, mais ou

menos, tinha um tema que se apresentava quer no ditado do livro da biblioteca, quer em experiências mais vulgares. Depois, tudo o resto parecia girar em torno desse tema, incluindo as sessões de Seth. Contudo, enquanto estava envolvida num assunto particular, nunca percebia o que se passava. Pensava muitas vezes que estava a tratar de outro tema.

Assim, enquanto me sentia culpada por «tirar tempo» para fazer o que realmente queria — estudar a natureza do tempo —, trabalhava, sem o perceber, num dos enquadramentos temáticos interiores do livro.

Entretanto, estava a rever o texto de *Aventuras na Consciência* e a tentar pôr a correspondência em dia. Acontecera-me tanta coisa num mês que aqueles trinta dias pareciam conter uma espécie diferente de tempo, dobrada entre os minutos habituais. Sentia como se pudesse receber de uma só vez todo o material do livro da biblioteca, sintonizando-me com essa dimensão especial. No entanto, o material do livro parecia esperar que certas outras experiências acontecessem no nosso tempo normal.

Sabia que, em diferentes períodos da minha vida, tivera várias reações emocionais ao tempo. Quando era criança, não queria crescer e queria crescer, conforme a visão que tivesse do mundo adulto em determinado dia. Curiosamente, sinto-me mais livre no tempo do que alguma vez me senti aos vinte e poucos anos; e agora, na casa dos quarenta, a minha experiência com o tempo é muito mais agradável do que era há apenas alguns anos. Até então, tinha uma consciência quase desesperada da vulnerabilidade da

vida, obcecada com a ideia de que todos os dias os jovens envelheciam e impelida pela frustrante perceção de que não podia fazer absolutamente nada a esse respeito.

Quanto mais nova era, mais medo tinha de envelhecer. Esgotava-me a produzir os meus livros, atormentada pela consciência da passagem implacável do tempo. Mas agora chegam-me novos sentimentos e certezas emocionais. De algum modo, projetamo-nos para a frente no tempo através dos nossos próprios desejos. Tinha dois livros a sair nesse ano. Atualmente, escrevo este. Desde que comecei este manuscrito, Seth terminou *A Realidade "Desconhecida"* e já começou outro livro. Por isso, delimitei uma parte do futuro e já estou nele até certo ponto, tal como estou no passado. O meu foco é agora, mas o futuro já tem uma marca. As minhas pegadas psíquicas estão lá, à minha espera. Isto acrescenta uma espécie de exploração pessoal ao conceito de tempo. Até certo ponto, o futuro perde o seu caráter «assustador», mantendo, porém, a flexibilidade e o mistério.

O dia em que escrevo esta página funde-se com os anos passados de que tenho falado e com os anos futuros em que ela será lida por outros. Por isso, suponho que me surpreende sentir a minha experiência com o tempo a mudar. Os dias passam depressa, o hoje dobrando-se para dentro do amanhã sem uma ruga observável. No entanto, o interior dos dias, ou os seus conteúdos, parece mais cheio ou mais amplo. Os dias têm mais espaço dentro deles do que antes.

Estamos, porém, tão habituados a pensar no tempo de determinadas maneiras que os novos sentimentos a seu respeito são estranhamente perturbadores e empolgantes ao mesmo tempo. Pouco depois da visita de Tom, por exemplo, na véspera do Dia de Ação de Graças, vi-me na biblioteca, a virar para outra página do «livro», que tratava do tempo. Então, em vez de ver mais texto da biblioteca, dei por mim, de repente, a interrogar-me sobre a natureza do tempo de outra maneira, quase como se o observasse de uma perspetiva diferente.

Talvez, pensei, os objetos sejam primeiro estruturas temporais e só depois estruturas espaciais: ou seja, o espaço talvez só se solidifique em objetos por estar impregnado de tempo, e o tempo talvez proporcione efetivamente ao espaço a sua «espessura». De modo semelhante, o passado e o futuro poderão representar a espessura do presente.

Podemos dar a volta a uma mesa e vê-la de todos os lados. Podemos até olhar para ela de baixo ou de cima, se quisermos. Mas não podemos observar da mesma maneira todas as dimensões de um acontecimento. É como se só conseguíssemos ver um canto de cada acontecimento de cada vez. E, embora a mesa seja um objeto, só podemos andar à sua volta num dado agora. Não podemos rodeá-la tal como era ontem ou como será amanhã, embora se trate do mesmo espaço. O tempo e o espaço poderão ser aspetos de outra coisa, ou segmentos de um todo maior que percecionamos separadamente.

Entro na biblioteca a partir deste tempo e deste espaço; no entanto, o espaço dela parece existir fora do nosso, embora eu consiga localizar precisamente onde os dois coincidem. Mesmo assim, o nosso espaço predomina, com o espaço da biblioteca sobreposto a ele, ou abrindo-se de algum modo no seu interior. Também não levo para lá o meu corpo físico, embora tenha lá um corpo que lhe corresponde. Reparei que posso viver o equivalente a uma hora de experiência na biblioteca enquanto passam apenas dez minutos do nosso tempo. Por isso, parece-me que os acontecimentos potenciais têm de se tornar «sólidos» no espaço e no tempo para que os possamos percecionar aqui.

O tempo separa os objetos. Deve também mantê-los unidos e estar ligado à gravidade. Entre a cadeira e o sofá da minha sala de estar há mais do que espaço; caso contrário, todas as outras disposições desses dois objetos no passado e no futuro poderiam disputar a mesma disposição espacial — ao mesmo tempo. Tornou-se-me assim claro que o espaço entre os objetos depende tanto do tempo como das disposições espaciais. Isto deve aplicar-se também às partículas mais pequenas. Por isso, aquilo que mantém as células unidas deve ser uma força que envolve o tempo e a gravidade, além de ligar o agrupamento espacial dos átomos e das moléculas. O tempo e a gravidade, trabalhando em conjunto, devem de algum modo formar todas as nossas disposições espaciais, mantendo as partículas no «agora» adequado, impedindo-as de se dispersarem ou de se colarem umas às outras. Os objetos devem estar congelados espacialmente no tempo, ou, antes, espessados no tempo e mantidos unidos pela gravidade.

Se a gravidade une os acontecimentos no tempo e no espaço, então os acontecimentos que ainda não estão aqui encontram-se demasiado afastados no tempo e no espaço para serem sólidos. São acontecimentos invisíveis, tal como existem partículas invisíveis. Estes têm de se reunir de uma certa maneira antes de percecionarmos qualquer acontecimento, psíquico ou «objetivo». Um acontecimento psíquico tem ainda assim de se ligar ao objeto que é o corpo físico. Podemos muito bem ser o núcleo de todos os acontecimentos que percecionamos.

Pensei nesta força desconhecida como causadora do espaço e do tempo, dando origem a objetos que eram acontecimentos espessados tanto pelo tempo como pelo espaço, com um ponto de integridade, ou realidade primordial, ou foco, a que chamamos presente. Assim, se se alterasse um ingrediente, alterar-se-iam de alguma maneira o tempo ou os acontecimentos?

Habitualmente, é claro, só percecionamos os acontecimentos no presente. Há anos, experimentei fazer previsões, com um êxito considerável. Não tentava descobrir «o que iria acontecer», em si mesmo. Tentava provar a mim própria que podíamos, por vezes, «prever» o futuro. Assim que fiquei satisfeita quanto a esse ponto, perdi todo o interesse. Agora, de repente, voltava a sentir-me intrigada pela precognição, de outro ponto de vista. O facto de haver precognição alteraria os acontecimentos… e, nesse caso, de que maneira? O que acontecia ao próprio tempo quando tentávamos arrancar-lhe acontecimentos antes de estarem «prontos»?

Mais do que isso, os conteúdos da mente fascinavam-me. Aprendia que a mente continha muito mais conhecimento do que aquele que habitualmente usamos. Como poderíamos aceder-lhe? Mais tarde, nesse ano, trabalhei muito mais nesta direção, trabalho que espero um dia publicar sob o título *The Psychic Contents of the Mind — O Conteúdo Psíquico da Mente*. Contudo, o trabalho que fiz nesta semana em particular era intrigante precisamente por suscitar tantas perguntas e porque as impressões de acontecimentos precognitivos estavam tão perto — e tão longe — do alvo. Mais tarde, aprendi coisas fascinantes acerca dos processos da mente quando «olha para o futuro» corretamente. Mas as impressões «distorcidas» puseram-me em contato com o tempo e com a minha própria mente de uma maneira especialmente estimulante e levaram-me a fazer perguntas empolgantes que, de outro modo, não me teriam ocorrido.

Nesse dia em particular, decidi simplesmente rabiscar as primeiras palavras ou expressões que me viessem à mente e depois confrontá-las com os acontecimentos do dia, para ver de que maneira poderiam aplicar-se. Decidi especificamente não questionar o que escrevesse nem tentar torná-lo mais preciso. Foi isto que escrevi:

> 1. Qualquer coisa numa armação de madeira, achatada, penso, como uma caixa em que se pudesse transportar vidro. Não é grande. O meu conjunto de experiências científicas?
>
> 2. Sobre prédio de apartamentos. Notícias. Empréstimo-arrendamento.

3. Pulmão.

4. Magnata grego.

É melhor acrescentar uma palavra sobre a primeira impressão. Algum tempo antes, inscrevera-me num clube de ciência que enviava conjuntos de experiências de três em três meses. Sabia que devia chegar um nesse mês ou no seguinte. Contudo, nessa altura já decidira esquecer toda a ideia. Até então, recebera dois conjuntos. Inscrevera-me inicialmente por pensar que talvez algum conhecimento de ciência básica me ajudasse a formular melhores perguntas psíquicas e me familiarizasse com experiências científicas simples. Vivemos numa sociedade tecnológica e aproveitamos, por exemplo, a eletricidade a toda a hora. No entanto, se o meu uso de uma simples lâmpada dependesse do meu conhecimento técnico do seu funcionamento, estaria às escuras. Por isso, inscrevi-me no clube.

Desiludi-me de imediato. Os anúncios diziam que até um rapaz de doze anos conseguiria montar os conjuntos. Nada diziam sobre uma rapariga de doze anos — contudo, apesar de ter estudado Inglês na faculdade, tive dificuldade em perceber as instruções. Além disso, as minhas limalhas de aço não se alinhavam no pequeno íman como o livro dizia que se alinhariam. De uma maneira estranha, os aparelhos pareciam separar-me do conhecimento, em vez de me aproximarem dele. E tornei-me obstinada, descobrindo que toda a ideia de experiências previsíveis me contrariava profundamente. Era o imprevisível que eu procurava; e o

conhecimento ou a experiência diretos da realidade — se conseguisse obtê-los.

Em todo o caso, escrevi as minhas impressões às dez e meia da manhã, olhei para elas com desaprovação por me parecerem tão indefinidas e voltei à escrita. Às onze e meia, o estafeta chegou com uma encomenda — o meu conjunto de experiências científicas. A caixa era volumosa, não achatada, mas estava marcada com a palavra «frágil», o que poderia ter sugerido vidro, e continha de facto uma lâmpada.

Rob tinha ido abrir a porta e abriu o conjunto. Estava acondicionado com jornais velhos e, suponho que por mero impulso, Rob começou a alisar o papel amarrotado e a lê-lo em voz alta. Ao princípio, não prestei atenção. Depois, gritei: «Espera, deixa-me ver isso!» Ambos os lados da página do jornal eram dedicados a anúncios imobiliários, com grandes anúncios que mencionavam apartamentos, moradias em banda e casas para venda e arrendamento. Havia três grandes fotografias de casas com estrutura de madeira, com janelas panorâmicas e amplas superfícies de vidro.

Subconscientemente, poderia saber quando devia chegar o conjunto, mas era precisamente isso que procurava — descobrir os conteúdos da mente. E, pensei, o conjunto chegara hoje, não ontem nem amanhã. Por acaso, os jornais usados no acondicionamento eram inteiramente dedicados ao imobiliário, tal como a minha segunda impressão indicava. Ainda assim, a embalagem do conjunto não era de madeira, como eu indicara, nem era achatada.

Teria de algum modo transferido os conteúdos acerca das casas — estruturas de madeira — da página do jornal para a própria embalagem?

«Quem sabe?», pensei, e voltei à escrita. Depois, quinze minutos mais tarde, às onze e cinquenta, o telefone tocou. A chamada inesperada dizia respeito a «Gordon», o jovem já mencionado, que tanto queria ser anónimo. Atendi sem pensar muito no assunto. Depois, olhei para as minhas impressões. A palavra «pulmão» pareceu saltar-me à vista. Desde que Gordon nos mostrara o peito côncavo, pensava nele como «o rapaz com o buraco no peito». Agora, tinha a certeza de que a palavra «pulmão» era o meu símbolo subconsciente para ele. Ainda assim, perguntava-me, irritada, por que não escrevera simplesmente o nome do rapaz, se assim era. Para quê usar um símbolo, antes de mais? Além disso, raciocinava, retrospetivamente, uma pessoa podia dizer que qualquer coisa era símbolo de qualquer outra, se quisesse. Ao mesmo tempo, «sabia» que «pulmão» representava Gordon.

Às duas da tarde, outra chamada, de uma jovem a quem chamarei Sally. Sabia que Sally começara a trabalhar num pequeno restaurante algumas semanas antes. Telefonou para me dizer que uma amiga comum ficara surpreendida por a encontrar lá e perguntara por que não lhe dissera eu que Sally ali trabalhava. Achei aquilo hilariante e perguntei a Sally se queria que enviasse comunicados sobre o seu novo emprego. Mais uma vez, desliguei sem estabelecer qualquer ligação especial entre a chamada e as minhas impressões, mas olhei para o bloco, de qualquer modo. E abanei a cabeça. Sally trabalhava para um homem chamado

George, o Grego. Era regularmente referido por esse nome. A minha impressão dizia: «Magnata grego.» Um pequeno comerciante que gere um restaurante grego dificilmente é um magnata grego. No entanto, a impressão aplicava-se certamente. Mas porquê o exagero?

Quanto às impressões 1 e 2, o conjunto de experiências científicas já existia no espaço e no tempo quando fiz as minhas notas. Devia estar nos correios ou numa carrinha a caminho daqui. Nos termos habituais, não tinha maneira de o saber, naturalmente, muito menos de saber com que estava a embalagem preenchida. A impressão 1 referia-se sem dúvida à encomenda — ao conjunto de experiências científicas —, mas, mais uma vez, os pormenores não estavam certos. Ao decompor os conteúdos, teria confundido as estruturas de vidro e madeira mostradas no jornal com a própria embalagem? Era quase como se visse o objeto, o conjunto, deformado por tentar percecioná-lo antes do tempo.

Esta ideia impressionou-me vivamente. Talvez, apenas talvez, pensei, o espaço e o tempo formem realmente, em conjunto, a forma dos objetos e, pelo menos em certas condições, sintonizemo-nos com um nível em que o objeto «ainda» não está inteiramente formado. A forma mentalmente percecionada do conjunto, comprida e fina, em vez de volumosa e quadrada como era na realidade, poderia ser legítima a um certo nível. Talvez o conjunto fosse comprido e fino e se tornasse mais volumoso e quadrado à medida que se aproximava de mim no tempo. Tivesse ou não razão neste caso particular, tinha a certeza de que o tempo ajudava a dar forma aos objetos tanto como o espaço.

A forma do conjunto dependeria da sua posição no tempo e, ao percecioná-lo «antes do tempo», teria eu sintonizado uma espécie de pré-forma? E quanto ao «magnata grego»? Mais uma vez, havia um exagero, só que de qualidade, e não de forma, nos termos habituais. O patrão de Sally era importante para ela. Teria essa importância ampliado a sua figura até à de um magnata aos olhos dela? Tinha mais perguntas do que conseguia abarcar. Sobretudo, porém, interrogava-me sobre quanto contribuía o tempo para dar forma aos objetos e aumentar a sua solidez. Tinha a certeza de que o tempo acrescentava forma ao espaço.

Mas o tempo — todas as diferentes espécies de tempo — parecia rodopiar à minha volta naquela semana. Tempo e intemporalidade. Contudo, durante o mês anterior, a minha visão super-real do mundo começara a esbater-se nas margens. Não sei ao certo quando se retirou, nem quando eu me retirei dela. Ficou-me a memória da sua existência. No entanto, se o mundo já não era super-real, também já não era o mundo que conhecera antes. As suas dimensões mais vastas rodeavam-no invisivelmente, emergindo de vez em quando, de súbito, de modo que um objeto adquiria um brilho pleno, recordando-me, por contraste, a magnificência do todo.

A imagem do homem-símio — mãe símia — também regressou inesperadamente. Uma vez, enquanto dava de comer aos pombos do lado de fora da janela da cozinha, parei, sentindo vivamente o meu «eu terreno», cheia da certeza de que as minhas próprias emoções eram calorosas e fiáveis, com a sua própria compaixão e sabedoria. Sentia os ritmos do meu corpo como seguros e dignos

de confiança — tudo menos imprevisíveis, como por vezes os costumava encarar — e impressionaram-me a segurança e o saber antigo que, de algum modo, residiam na minha carne.

Contudo, não tivera experiências prolongadas na minha biblioteca e interrogava-me: desapareceria gradualmente a própria biblioteca? As aves esvoaçavam à volta do telhado. Fechei a janela. Mas em breve os meus pensamentos esvoaçariam muito mais depressa do que aqueles pombos, porque, algumas noites depois, Seth apresentou um novo conceito que — mais uma vez — nos levou a reorganizar os nossos mundos mentais.

Nunca cheguei a montar aquele conjunto de experiências científicas. Por fim, ofereci-o, juntamente com os outros dois, a uma amiga que tinha um rapaz de doze anos. Paciência, pensei; não se pode ganhar sempre.

# CAPÍTULO 12

## A Mulher Jamaicana, as «Contrapartes» e os Eus de Quatro Frentes

Enquanto eu andava a tentar enfiar dedos mentais na «tarte» do tempo e pensava que não estava a trabalhar neste livro, Rob teve outro surto psíquico — mais algumas experiências reencarnacionais. Como de costume, parecia que a vida real era mais desordenada, mais exuberante, mais impetuosa do que quaisquer teorias destinadas a explicá-la. Ou seja, a própria experiência continuava a correr à nossa frente, escapando às teorias e, ao mesmo tempo, dando origem a novos conceitos que, por sua vez, se tornariam pontos de apoio para outros acontecimentos subjetivos.

Estávamos encantados, por exemplo, com os episódios reencarnacionais recentes de Rob, embora tivéssemos muitas perguntas. Com estas novas experiências, porém, víamo-nos agora perante uma abundância embaraçosa. Contudo, não havia dúvida quanto ao envolvimento emocional de Rob nestes últimos episódios; cada um vivo e brilhante à sua maneira, cada um tornando-o consciente de outro eu tão vivo como o eu que reconhece.

A «mulher jamaicana», por exemplo, apanhou Rob de surpresa; contudo, ele sabia que a sua própria existência atual estava intimamente ligada à dela. Cito aqui uma parte das suas notas, embora o episódio completo figure em *A Realidade "Desconhecida"*.

> «Esta noite, enquanto passava à máquina a sessão 716 de Seth, dei por mim a pensar: "Sempre te interessaste bastante pela região das Caraíbas e pelas suas ilhas, e sabes perfeitamente porquê." Então, com os olhos da mente, vi uma mulher negra, alta e corpulenta, vestida de andrajos, a transportar um cesto ou uma trouxa à cabeça. Sabia que era eu noutra encarnação — ou assim pensei. Talvez esteja a tirar conclusões precipitadas a partir de indícios muito frágeis. Tudo o que tenho para me orientar é a sensação e o facto de ter sentido arrepios, ou uma sensação de emoção intensa, quando percebi o que estava a acontecer.
>
> «Retirei da máquina de escrever a página da sessão e escrevi a frase acima; depois, fiquei sentado de olhos fechados. Fui imediatamente inundado, subjetivamente, por uma multidão de imagens, tão misturadas que não conseguia separá-las. Qualquer coisa acerca da praça de uma aldeia em chamas, na região montanhosa da Jamaica. Apeteceu-me chorar. Abri os olhos e comecei a escrever à máquina. Via a máquina através de uma névoa, pelo que voltei a fechar os olhos.
>
> «Vi — eu era — uma mulher negra corpulenta a correr pela vida por uma rua suja e inclinada. Alguém — um homem — perseguia-a com uma arma de fogo. Paf, paf, paf, faziam os

grandes pés descalços, sujos e calejados. Estava aterrorizada. Fogo. Pensei na minha própria "morte". Abri os olhos, fixando por um momento, desvairado, a parede do meu ateliê.

«O que foi aquilo que escrevi há pouco tempo — sobre aprender a aceitar experiências reencarnacionais desagradáveis? Afinal, não é assim tão fácil. Ousei voltar a fechar os olhos. Ah, alívio. "Eu" — a mulher — virei rapidamente a esquina de uma cabana ou barraca de barro. Para dentro de uma porta, de uma divisão. As paredes tinham um pé de espessura. Estava salva. Os passos do perseguidor passaram a bater, descendo a rua inclinada. A minha cabeça caiu para a frente, num abençoado alívio. Um momento antes, apetecera-me gritar. Podia mesmo tê-lo feito. Ao mesmo tempo, pensara que isso aterrorizaria Jane, que trabalhava na sala da frente. Durante tudo isto, ouvia a máquina de escrever dela a funcionar.

«Vou tentar esboçar a cabeça da mulher. Ainda não há nome. A minha mão direita repousa no colo, coberta pela esquerda, enquanto permaneço sentado de olhos fechados. Sinto a minha mão direita maior do que a minha; negra, com unhas curtas e largas, claras contra a pele escura. Ela é — eu sou — analfabeta. Uma vida dura. Quase consigo escrever isto e ver coisas, ao mesmo tempo, de olhos bem abertos. Volto a sentir algum medo. Agora, estou deitada, escondida numa encosta coberta de mato, a olhar para baixo, para uma baía de águas azuis, como uma imagem de postal. Qualquer coisa sobre um navio. Um campo de cana — açúcar —, ouço um homem a abrir

caminho por ele. A chamar. Mas talvez não estejam à minha procura. Surge-me um nome, mas recuso-me a aceitá-lo.

«Agora é como se recebesse tantas imagens que não conseguisse ordená-las. Dou por mim a pensar que metade delas não é legítima, mas composta de coisas que li e vi sobre as Caraíbas. Essas coisas, porém, nunca me deram arrepios. A mulher tem uma boca grossa, descaída, e uma espécie de cicatriz na face. Recebo qualquer coisa acerca de um pequeno barco, uma embarcação artesanal de caniços, muito rudimentar — estou dentro dela agora. Não tem vela. Havia também um homem negro pequeno e magro que corria comigo, mas desviou-se para a esquerda na rua inclinada, pelo que também escapou. Há qualquer coisa acerca de um canhão de navio no alto da colina, na aldeia, e de uma revolta ou luta que envolve tropas. Tanto quanto consigo perceber, estamos no início do século XIX.

«Depois de se ter escondido na cabana de barro, a mulher voltou a sair assim que o perseguidor passou. Ele regressaria em breve, procurando dentro dos edifícios. Ela correu por uma rua estreita… que a levou ao campo de cana. "Vi" qualquer coisa num poço, pendurada por um fio. Mas é um sítio terrível para tentar esconder o que quer que seja. É o primeiro lugar onde alguém procuraria. Contudo, fosse o que fosse que ali estivesse escondido, foi encontrado num instante — e foi assim que tudo começou. Recebo a impressão de que ela sobreviveu a tudo isto e viveu até uma idade avançada. "Eu" morri de pneumonia, e foi muito tranquilo, como abrir uma porta e

atravessá-la a andar, ou, melhor, passar por ela. Alguém estava à minha espera. E continuo com arrepios na barriga e nas pernas enquanto escrevo isto.

«O nome que me surgiu e rejeitei por ser incrivelmente banal foi Miranda. Aquilo não significaria nada para aquela mulher; era um nome soletrado e, além disso, inglês. Não, era Maumee — Maw-mee —, como um grito, como um som nativo, um som que trazia uma história negra de África e significava alguma coisa para os seus ossos, que falava de antigas heranças, que lhe era tão natural como comer ou dormir, que se ajustava a ela, àquilo que era, e significava que todos sabiam quem ela era.»

Aqui terminou o episódio principal, embora tenham ocorrido outros mais tarde e algumas ligações estranhas com experiências de alguns dos meus alunos. Estas estão a ser incluídas nas notas de Rob para *A Realidade "Desconhecida"*… em ligação com as sessões de Seth sobre as contrapartes. Entretanto, a mulher jamaicana de Rob levou-nos a outra longa discussão sobre a reencarnação. Os parágrafos que se seguem dão uma ideia das nossas perspetivas na altura. Rob escreveu-os pouco depois da sua experiência.

«De uma maneira estranha, penso que os próprios factos da experiência emocional podem ajudar o intelecto a compreender a reencarnação. O intelecto pode verificar facilmente que as supostas emoções envolvidas num episódio reencarnacional são reais. Têm de facto uma base, uma

origem. A questão é a fonte dessas emoções. O intelecto encontra-se na posição de avaliar experiências — emocionais — que não pertencem ao seu próprio domínio. Se não estiver fechado a todas as ideias que não são nativas da sociedade em que se desenvolveu, pode aprender muito.

«Certamente não precisa de andar por aí, a agitar desvairadamente os braços figurativos, dizendo: "Fui isto ou aquilo no século I d. C., e fui fulano em 1750" e, admitindo o tempo simultâneo, "fui tripulante de uma nave espacial para Marte no século XXII". Mas o intelecto aberto verá certamente os seus próprios processos modificados em algum grau, por pequeno que seja, pelo próprio facto de estar aberto. Pode, pelo menos, aceitar a reencarnação sob forma simbólica, ou até como uma amostra da criatividade inata da psique.

«Por isso, trato todas as minhas próprias ideias sobre a reencarnação com uma grande dose de cautela, sem excluir nenhuma. As emoções fortes, quase violentas, que senti ontem "na Jamaica" eram reais. Tal como as que senti naquilo a que chamo a minha série romana de há algumas semanas… Contudo, tenho a certeza de que toda a noção de reencarnação, simultânea ou linear, está distorcida à partida. Mas distorcida em relação a quê? Aí é que está o problema.»

Estas três últimas frases são importantes e, seguramente, as perguntas de Rob ajudaram a desencadear o material de Seth sobre as «contrapartes». Contudo, ele não apresentou o conceito na sessão seguinte à experiência de Rob, mas na posterior a essa. Na

primeira sessão, fez apenas um pequeno comentário, depois do ditado do livro. Disse:

> **«Em termos reencarnacionais, ora bem, [a tua experiência] foi perfeitamente legítima, remetendo para aquilo que te disse acerca da libertação das tuas próprias capacidades. Ajudaste aquela mulher. A tua sensação atual de segurança e o teu relativo distanciamento deram-lhe força. Ela sabia que sobreviveria porque tinha consciência do teu conhecimento. Direi mais sobre isso, mas, por agora, terminamos a sessão.»**

No fim da sessão, senti claramente que alguma coisa estava no ar: pressentia a apresentação de material novo e controverso.

Ainda sem usar o termo «contrapartes», Seth «lançou a bomba» na sessão seguinte da aula. Rob estivera a contar aos alunos a história da mulher jamaicana quando Seth se manifestou, sorridente e muito ativo. Disse:

> **«Podeis viver mais de uma vida numa mesma época. Estais neurologicamente sintonizados com um campo particular de realidade efetiva que reconheceis. Nos vossos termos, e apenas nos vossos termos, as mensagens neurológicas de outras existências existem dentro de vós como imagens-fantasma — mensagens às quais não respondeis em termos físicos. Mas estão presentes. São, de facto, como imagens-fantasma dentro das células, pois, neste caso, as células reconhecem mais do que vós…**
>
> **«Se conseguísseis imaginar um corpo multidimensional, existente ao mesmo tempo em realidades diferentes e com aspetos diferentes nessas realidades, poderíeis entrever aquilo que está envolvido.»**

Durante o resto da noite, a aula ficou numa ligeira agitação, enquanto tentávamos responder às perguntas aparentemente

intermináveis que um conceito daqueles suscitava. Como de costume, achei a teoria brilhante, mas, na prática — bem, como funcionaria? O que faria às nossas ideias de eu e de identidade? A política da psique era, de facto, uma nova espécie de política.

Tudo isto acontecia na mesma semana em que o físico nos visitou, quando eu estava tão obcecada com o tempo; por isso, a minha mente ocupava-se desses acontecimentos, e não da mulher jamaicana de Rob. A afirmação de Seth de que podemos viver mais de uma vida no mesmo período apanhou-me de surpresa, embora tivesse recebido indícios disso numa sessão imediatamente anterior. Estava intrigada, como de costume. Contudo, dei por mim a pensar: «Quem me dera que ele não tivesse dito aquilo», porque, de certa maneira, seria inevitavelmente controverso.

Porém, quando Seth apresentou formalmente o conceito na sessão 721, como parte de *A Realidade "Desconhecida"*, Rob e eu perguntámo-nos por que nos parecera alguma vez estranha aquela ideia. Seth explicou-a de forma tão simples que, de um dia para o outro, as contrapartes passaram a fazer de tal modo parte da nossa existência mental que parecia termos conhecido o conceito toda a vida.

Incluo um excerto muito pequeno dessa sessão, deixando os desenvolvimentos e as explicações adicionais para o livro do próprio Seth. A teoria foi, contudo, claramente apresentada em resposta às perguntas de Rob sobre o episódio da mulher jamaicana. É inútil interrogarmo-nos sobre quando Seth teria abordado o assunto se Rob não tivesse tido aquela experiência precisamente nessa altura.

O livro de Seth desenvolve o conceito e este constitui um ponto central da sua explicação da personalidade.

Seth mencionou a série de episódios reencarnacionais de Rob, ligando-os a outro material do capítulo. Depois, continuou:

> «Viveis mais de uma vida ao mesmo tempo. Não experimentais o vosso século apenas de um ponto de observação separado, e os indivíduos vivos em qualquer século têm ligações muito mais profundas do que imaginais. Não experimentais, portanto, o vosso mundo espaciotemporal de um só ponto de vista, mas de muitos.
>
> «Não compreendeis como a consciência se distribui a esse respeito… As pessoas que vivem num dado século estão relacionadas em termos de consciência e identidade. Isto é verdade tanto biológica como espiritualmente… [Nalguns dos seus episódios reencarnacionais] Joseph [Rob] estava a captar vidas que "ele" vivera no mesmo enquadramento temporal. Deste modo, e nos vossos termos, começava a reconhecer o parentesco existente entre indivíduos que partilham a vossa Terra num dado momento.
>
> «Cada identidade tem livre-arbítrio e escolhe o seu ambiente como uma posição física no espaço e no tempo. Aqueles que participam num dado século trabalham em problemas e desafios particulares. As várias raças não "acontecem" simplesmente, e as diferentes culturas não surgem por acaso.

O eu mais vasto "divide-se", materializando-se na carne sob a forma de vários indivíduos, com antecedentes inteiramente diferentes, mas todos empenhados no mesmo tipo de desafio criativo.

«Cada um escolherá o seu próprio enquadramento de acordo com as intenções da consciência de que cada um de vós é uma parte independente. É assim que são trabalhados os desafios e as oportunidades inerentes a uma dada época.

«Sois contrapartes de vós próprios, mas, como diria Ruburt, contrapartes vivas e "excêntricas", cada uma com as suas próprias capacidades. Assim, Joseph "foi" Nebene [tal como descrito em *Aventuras na Consciência*], um homem erudito, pouco aventureiro, obcecado com a cópia de verdades antigas e receoso de que a criatividade fosse erro; autoritário e exigente… Ao mesmo tempo, no mesmo mundo e no mesmo século, era um oficial romano agressivo, aventureiro e relativamente insensível, que pouco compreenderia de manuscritos ou registos, mas que também seguia a autoridade sem a questionar…

«Nos vossos termos, Joseph é agora um homem que questiona a autoridade… que desmonta as próprias estruturas a que "outrora" prestou tão grande serviço. Em termos mais amplos, estas experiências ocorrem todas ao mesmo tempo. A mulher negra não seguia nada além dos seus próprios instintos… e só se curvava perante a autoridade das suas próprias emoções, e

essas emoções colocavam-na automaticamente em conflito com a política da época.

«O foco de identidade de Joseph é seu. Ele não foi Nebene [o erudito], nem o oficial romano, nem a mulher. Contudo, eles são versões daquilo que ele é, e ele é uma versão daquilo que eles "foram"; e, a certos níveis, cada um tem consciência dos outros. Existe uma interação constante. O soldado romano sonha com a mulher e com Joseph. Há uma reminiscência que surge até no conhecimento das células, e uma certa correspondência…

«O soldado romano, Nebene e a mulher seguiram os seus próprios caminhos depois da morte. Contribuíram para o mundo tal como ele existia nesses termos e depois seguiram as suas próprias linhas de desenvolvimento, noutros lugares, noutras realidades. Assim, cada um de vós existe em muitos tempos e lugares, e versões de vós próprios existem no mundo e no tempo que reconheceis.»

Em termos simples, Seth diz que temos aquilo que consideramos existências reencarnacionais em épocas diferentes da nossa e que, no mundo presente tal como o conhecemos, também temos outras vidas — chamadas contrapartes. Relacionei imediatamente isto com os meus modelos e excentricidades. E pensei: «Então é isso. As pessoas vivas na Terra durante um dado século estariam ligadas, como as folhas de uma planta.» Seth chegou a mencionar espécies de consciência — e voltei a pensar: «Claro», imaginando uma

espécie temporal; todos nós vivos ao mesmo tempo, estendendo-nos pelo século, cobrindo-o «de ponta a ponta».

Na psicologia dos aspetos, tal como a apresentei em *Aventuras na Consciência*, imaginara o eu-fonte a estender-se através do tempo, manifestando-se como personalidades focais separadas, que habitualmente considerávamos eus reencarnacionais. Mas agora via que o eu-fonte, ou psique, também se expandia efetivamente para povoar um dado século. Grupos de eus-fonte propagar-se-iam então para o exterior, oferecendo-nos uma base para a fraternidade com implicações vastas a todos os níveis. Seth leva este conceito muito além das afirmações gerais aqui citadas. Também o definiu em algumas sessões das aulas, ao responder às perguntas dos alunos.

As ligações entre as contrapartes e a política do eu são evidentes. A psique privada teria filiações invisíveis com os seus contemporâneos. Em termos de funcionamento, as contrapartes atuariam como uma família privada de eus; versões interiores das nossas relações familiares, nacionais e de espécie. Um dado eu-fonte poderia ter várias personalidades focais, ou contrapartes, vivas na Terra ao mesmo tempo, cada uma nascida em situações raciais, económicas, culturais ou religiosas diferentes, de modo que a vida fosse experimentada de uma variedade de pontos de vista, à medida que se exploravam diferentes elementos de uma época. Cada contraparte contribuiria também para a vida histórica do século, nos nossos termos de tempo.

Contudo, continuava a perguntar-me: quem acompanha tudo isto? Como de costume, surgiram indícios de uma resposta quando eu olhava noutra direção, quando pensava que não estava a fazer grande coisa.

Há cerca de duas semanas que tinha dificuldade em entrar na biblioteca. Estava lá, mas não estava. Tentava dar como adquirido que trabalhava a níveis diferentes do consciente; mantinha as sessões e as aulas, mas sentia-me desanimada.

Ao mesmo tempo, embora me preocupasse por não me sentir inspirada, sabia que tinha estado muito ativa no estado de sonho. Mas pensava: «Grande coisa — eu quero estar inspirada no estado de vigília.» E conseguia manter separados os dois tipos de experiência, embora soubesse que estavam ligados. Contudo, foi a atividade noturna que finalmente me mostrou o que andava a fazer. Tornou-se então evidente que estivera a lidar com a política da psique da maneira mais íntima.

Entretanto, porém, durante cerca de um mês, parecia receber uma espécie de material durante o sono, geralmente depois de uma sessão de Seth. Isto acontecera muitas vezes no passado, mas eu tornava-me cada vez mais consciente do que se passava. As palavras continuavam a atravessar-me a cabeça, frase após frase, sem ser de modo nenhum na voz de Seth. Esta «voz» era mental, mais parecida com a minha — como pensar, só que «eu» estava a pensar os meus próprios pensamentos, ou por vezes a sonhar, enquanto aquilo acontecia. Nesse sentido, as palavras eram intrusivas e quase mecânicas na sua regularidade.

Reagia de várias maneiras: tentando despertar o suficiente para escrever o material, que era claramente texto de um «livro»; tentando compreender o que estava a ser dito; passando dos «meus» pensamentos ou sonhos para este outro nível; ou dizendo, finalmente: «Vá lá, pára com isso agora. Só quero dormir normalmente.» Mas as palavras continuavam a marchar ao seu próprio ritmo, quer eu conseguisse acompanhá-las, quer não. Podia pará-las, se me esforçasse realmente, mas não conseguia abrandá-las.

Por vezes, sentia-me simplesmente frustrada, perguntando-me se o material seria, na verdade, para *A Realidade "Desconhecida"*, de Seth, e eu teria os sinais trocados. Então, ficava confusa, pensando que, a dormir, não podia escrever as palavras nem gravá-las e, pelo amor de Deus, para onde estavam elas a ir?

O material também não parecia vir da biblioteca. Dava como adquirido que me estava a programar de alguma maneira — mas quem era o eu que fazia a programação? Por vezes, começava a fazer perguntas ao próprio material e o meu processo de pensamento confundia-se com ele. O material prosseguia, «direito como uma seta» — os meus pensamentos não pareciam afetá-lo minimamente. Nem o material respondia às minhas perguntas. Limitava-se a continuar a chegar. Por isso, retirava as minhas perguntas, aprendendo que não pertenciam ao material. Era como se fossem da cor errada e não se ajustassem. Pensava no material como algo que chegava em fios, acima do meu nível normal de pensamento, e conseguia distinguir cada vez melhor os dois fios.

Ocasionalmente, o material parava simplesmente a meio de uma frase, e eu ficava irritada, pensando que «eu» nunca pararia de escrever a meio de uma frase, a menos que o teto desabasse ou acontecesse algo semelhante. Depois, as palavras recomeçavam de repente, como se nunca tivessem parado; e, embora não pudesse ter a certeza, penso que retomavam precisamente onde tinham ficado.

Noutras ocasiões, captei o material antes de estar pronto, ou assim me pareceu. Ainda a dormir, mas naquele estado de consciência estranho, ficava realmente irritada, pensando que o texto não era definitivo e que não o queria até que fosse. Mesmo a dormir, exigia um bom texto. Impressionava-me especialmente, porém, o facto de o material parecer insensível às minhas perguntas. Era como se estivesse equipada com uns auscultadores mentais especiais que captavam determinada estação: por isso, o material não podia responder-me, tal como uma gravação não poderia.

Continuava a sentir que a informação era transmitida diretamente para a minha mente, enquanto, ao mesmo tempo, as palavras pareciam entrar pela direita e sair pelo lado esquerdo da cabeça, como notas numa espécie de pauta musical, várias «linhas» acima do nível dos meus próprios pensamentos. Estes nunca eram perturbados de maneira nenhuma, como se os dois conjuntos de linhas não se encontrassem, sendo independentes. A única exceção era uma interferência deliberada da minha parte, quando fazia um esforço definido para interrogar o próprio material: então, os meus pensamentos esbarravam nessas outras palavras, sem qualquer

efeito marcado, exceto — mais uma vez — tornar-se evidente que os dois não se misturavam.

Tinha a imagem da minha mente como uma espécie de gráfico, com os meus pensamentos sempre num nível e este material noutro. Mas misturar-se-iam aquelas palavras intrusivas com os meus pensamentos a outro nível, um que ainda não tivesse encontrado? E haveria outras linhas aparentemente independentes, psicologicamente invisíveis? Conteria a minha mente alguma espécie de escala, com a consciência a subir e a descer? E estaria eu simplesmente a fazer exercícios mentais «de dedos»?

Em todo o caso, depois do material sobre as contrapartes, continuava a perguntar-me quem acompanhava todos aqueles «eus», mas nunca relacionei o conceito de contraparte com as experiências noturnas. Algumas noites depois, porém, enquanto dormia — eufemisticamente falando —, dei por mim a escutar de novo aquele material e pensei: «Ora, aposto que consigo registar uma parte disto, se o fizer da maneira certa.» Não sei ao certo como abarquei os níveis de consciência, mas acordei e acendi a luz. Nunca ninguém agarrou numa caneta mais depressa do que eu.

Seguiu-se uma sensação estranhíssima. O texto acabado começou a… cair para o meu nível, a desfazer-se um pouco, a tombar em fragmentos, já sem a fluidez e a perfeição de antes, transformando-se em conceitos e imagens, como se se adaptasse ao meu nível habitual de pensamento.

Completo ou não, tinha-o. Senti-me triunfante, embora só conseguisse escrever uma pequena parte do material. Desapareceu por completo quando terminei de rabiscar o seguinte:

## 1. Eus de Quatro Frentes

Pode haver, por exemplo, quatro contrapartes vivas numa mesma época. Formariam um «bloco» psíquico, e qualquer uma das quatro personalidades poderia captar informação deste reservatório conjunto de identidade. Cada pessoa seria distinta, mas cada uma constituiria uma dimensão adicional das outras, de modo que, noutros níveis, as quatro, neste caso, formam uma aliança e tornam-se um eu de quatro frentes, formando um eu composto que abrange o século em questão.

Cada uma das quatro é igual às outras; contudo, a construção psíquica global formada pela sua aliança é maior do que a soma das quatro partes. Esta aliança é operativa e, uma vez construída, existe para sempre, embora não exista necessariamente nos nossos termos de continuidade. Possui uma espécie diferente de vida — o eu de quatro frentes —, uma vida que «acontece» sempre que uma das contrapartes se sintoniza com o seu enquadramento mais vasto. Mas o próprio sentido de continuidade do eu de quatro frentes não é interrompido, e ele existe fora do nosso enquadramento espaciotemporal, enquanto as suas contrapartes existem dentro dele. As condições de existência são inteiramente diferentes para o eu de quatro frentes enquanto construção psíquica.

Sabia que perdera grande parte do material e que o eu de quatro frentes fora usado como exemplo. Tanto quanto sabia, poderia ter dez frentes ou cem. Contudo, estava entusiasmada, porque sentia que apenas começava a desvendar um conceito original que nos ajudaria a ver-nos a uma luz muito mais clara. Embora, nesta altura, eu estivesse confusa.

Isto recordou-me que, imediatamente antes das sessões recentes de Seth, tivera vislumbres do material que ele iria transmitir, mas apenas em imagens e conceitos ainda pouco claros. Parecia que podia ter uma sessão em que Seth transmitisse a informação sob forma acabada, ou tentar recebê-la eu própria — caso em que viria fragmentada. Escolhi as sessões. Tinha a mesma sensação com o «material do sono». Quando o recebia à minha maneira, a qualidade polida desaparecera, embora eu captasse a essência.

A ideia de um único eu parecia explodir num conjunto de incontáveis eus separados, um conceito dificílimo de acompanhar. Na tarde seguinte, porém, sentei-me à mesa, a pensar, e comecei a sentir aquela… unidade separada. Escrevi esta página de notas, ainda mais evocativa para mim agora, porque, ao passar à máquina este manuscrito final, já nos mudámos do apartamento cuja sala eu via com tanta clareza.

> «Estou a ouvir uma sinfonia, os seus tons e notas a emergirem do rádio ao meu lado. Neva ligeiramente e, mesmo com a cabeça virada, tenho consciência dos flocos de neve, quase granizo, a caírem diante das largas janelas salientes. Os sons

do trânsito fundem-se com a música, enquanto os carros passam velozes na estrada cinzenta como ardósia, ainda não branqueada pela neve. Olho para a minha sala, com o pequeno candeeiro luminoso aceso sobre a estante que divide o espaço; e para os poucos bibelôs — o pássaro de bronze, o Buda de cobre barato e a grande rã de cera cinzenta baça. Cada um ocupa o seu lugar, esplêndido na sua própria forma, existindo na sua própria eternidade dentro do momento. Por cima, os seis filodendros trepam até ao teto: uma floresta interior, folhas verdes em forma de coração a erguerem-se do espaço. E a carpete verde estende-se como um chão plano de floresta. O sofá verde ergue-se como um lânguido animal de mobiliário, respirando em longos suspiros verdes. E, como sempre, a sala parece significativa de maneiras que não compreendo, como acontece com qualquer lugar quando o capto no momento certo. E o que significa isso?

«Para mim, as salas representam a consciência privada com toda a sua amada parafernália, os seus bibelôs ou símbolos interiores materializados; um triunfo da focalização, como se nascêssemos e formássemos instantaneamente tudo isto à nossa volta. Estamos no meio de uma sinfonia de objetos, apanhados numa longa passagem sustentada, de modo que o meu pássaro de bronze, o Buda de cobre e a rã de cera se mantêm durante tanto tempo — e, depois, um dia, desfar-se-ão em migalhas de som, as suas formas desaparecendo no silêncio. Mas, mesmo então, a sinfonia pode voltar a ser tocada e as notas separadas ganham vida, vivas como antes, embora os compositores ou músicos originais tenham desaparecido.

> Contudo, na vida e nesta sala, os ouvintes contribuem; as próprias notas e os objetos mudam e acrescentam alguma coisa à composição de maneiras que não compreendemos.
>
> «Assim, em privado, parece haver algo de eterno nesta sala, na sua disposição e em mim dentro dela. E, da mesma maneira, a sala maior do mundo, nesta tarde, é como uma versão original de uma sinfonia eterna, sempre a acontecer, mas nunca igual. Agora, a música do rádio sobe num crescendo e extingue-se, como objetos que entram inteiramente em foco, irrompem e depois recuam, apenas para assumirem uma forma diferente e se lançarem noutra composição. Quando cantamos uma nota, deixamo-la partir. E, neste momento, apetece-me deixar-me ir da mesma maneira.»

Fiquei então ali sentada e senti outros eus, noutros lugares, a olharem em redor para os objetos que os rodeavam e a interrogarem-se. E, antes de me deitar nessa noite, escrevi o poema que se segue.

## 2. À escuta

**Encostei o copo da minha mente**

**tão perto da parede cósmica**

**que me viciei nos sons estranhos**

**e nos ruídos eternos,**

**como se**

**um rato multitudinário corresse de um lado para o outro —**

Será só isso que estou a ouvir?
Mas escuta.
A minha mente tem um aparelho auditivo especial, acrescentado,
como um órgão novo, singularmente adaptado
à minha ocupação,
peneirando, peneirando sons em padrões
ou padrões em sons;
uma audição interior
que amplifica sem fios;
equipamento especial que eu própria fabriquei,
sem o saber, como um peixe, sem o saber,
forma as suas barbatanas.
Ou já vinha incorporado,
há tanto tempo que me esqueci?
Se disseres:
«Rato, o que fazes
no meu armário mental?»,
então tudo fica subitamente silencioso,
por isso aprendi a esperar
pelos ruídos cósmicos,
e até aprendi a pôr isco,
invisível, mas adequado.

Continuei, pois, à escuta, e ouvi muito. Também tentei apanhar a minha mente de surpresa, espiar a minha psique em momentos

inesperados. Tornava-se-me cada vez mais claro que todas as nossas atividades se baseiam nas nossas ideias acerca de nós próprios e do alcance da nossa realidade psíquica. As contrapartes, porém, intrigavam-me especialmente. Ofereceria o conceito uma base biológica e psíquica para a fraternidade humana? Seth dizia, por exemplo, que muitas pessoas brancas tinham contrapartes negras, e vice-versa.

Acima de tudo, porém, começava a perceber como sabíamos pouco acerca de nós próprios. Que informações continham as nossas mentes, das quais estávamos em grande parte alheados? E como descobri-las, se não sabíamos realmente o que procurávamos? Assim, de vez em quando, voltei a anotar algumas impressões ao começar o dia, para ver se se relacionariam com os acontecimentos. Não me interessava a realidade pública, mas a privada. Por isso, as minhas previsões destinavam-se a aplicar-se à minha própria vida diária.

Quando as escrevia, eram geralmente desconexas. No dia 6 de dezembro desse ano, 1974, anotei o seguinte:

1. Minn.

2. Alasca.

3. Rapaz em dificuldades… Carl? (Não conheço nenhum rapaz chamado Carl.)

4. siq… aquer.

Quando chegou o correio, uma carta pareceu aplicar-se a todas as impressões, exceto ao Alasca. Era de um estudante universitário irado a quem chamarei Peter. Escrevia do Carleton College, em Northfield, Minn., e, a julgar pela carta, estava claramente em dificuldades, envolvido num conflito de crenças. Dizia-me que começara por me considerar uma «médium pura e produtiva», até ler *A Natureza da Realidade Pessoal*, de Seth; então, pressentira «estagnação» e percebera que eu repetia temas, «mas de uma maneira mais dirigida pelo ego e progressivamente inútil». A carta tornava demasiado claro que considerava o ego «mau», algo a eliminar a todo o custo.

Procurei a última impressão, a número 4, no dicionário. Quando a anotara, não tinha qualquer certeza do significado, e tivera a ideia de que devia ser precedida de «non», embora não o tivesse escrito. A definição de non sequitur era: «Uma inferência que não decorre das premissas… Qualquer falácia resultante da conversão simples de uma proposição universal afirmativa.» A expressão era uma descrição perfeita da sua atitude perante o meu trabalho mais recente.

A segunda impressão, Alasca, não parecia aplicar-se de todo. Depois, voltei a olhar para a morada. A carta vinha de Northfield, Minn. Seria o Alasca a minha versão de north fields — campos do norte?

Quem sabe? Contudo, as impressões voltaram a convencer-me de que alguns acontecimentos futuros estão contidos na mente, talvez de forma fragmentada; acessíveis, se quisermos encontrá-los e decifrar os nossos próprios símbolos — e se soubermos o que procurar. Estas simples «previsões» são apenas algumas das primeiras que tentei fazer. Mais tarde, recolhi muitos mais conteúdos, que ainda tenho de avaliar.

Durante toda aquela semana, mais ou menos, parecia-me estar a trabalhar em três assuntos diferentes: o material dos sonhos, que continuava a chegar, o tempo e os conteúdos da mente. Fizera alguns esboços, mostrando um «gráfico da mente» e indicando os diferentes níveis a que parecia receber informação. Então, comecei a interrogar-me: o conhecimento de acontecimentos futuros, por exemplo, chegaria misturado com o nosso pensamento habitual, oculto em associações comuns que apenas precisavam de ser reordenadas?

Depois, os três assuntos entraram em foco e vi aquilo em que trabalhara durante todo esse tempo. A alma, ou psique, possui a sua própria espécie de «espessura», e essa espessura inclui não apenas o tempo tal como a personalidade focal o experimenta, mas também acontecimentos que, para ela, estão «fora do tempo». Eu estivera a explorar a espessura da psique. Chegariam as minhas previsões, por modestas que fossem, aos meus padrões habituais de pensamento, quando solicitadas, da mesma maneira que o material do sono entrava na minha consciência normal quando fazia um esforço concertado para o obter? Quando isso acontecia, o texto do sonho descia, por assim dizer, para a minha faixa de

pensamento, de maneira fragmentada, desfeito em pequenos pedaços de conceitos e imagens. Ao anotar previsões, estaria simplesmente a trazer fragmentos e pedaços da mesma maneira e pela mesma razão?

Estas perguntas levaram-me de volta às reflexões sobre o tempo que tivera no início da semana: há qualquer coisa invisível que dá aos objetos a sua solidez e mantém a sua forma, impedindo que todos os átomos colapsem ou se dispersem; e uma qualidade invisível do mesmo género separa os objetos no tempo, de modo que os acontecimentos não se juntem todos de uma vez na nossa perceção nem se afastem de nós em todas as direções. É uma qualidade interior-exterior que resulta na correlação entre a experiência subjetiva e a objetiva. Atuando dentro da matéria, constrói a solidez dos objetos e, dentro da mente, constrói acontecimentos sólidos e separados, que existem subjetivamente à parte uns dos outros, tal como os objetos existem separados no espaço.

Por vezes, sob determinadas condições, fazemos um curto-circuito nessa qualidade ou utilizamo-la de outra maneira, percecionando os acontecimentos fora da sua sequência habitual, e suspeito que esta precognição também… altera os acontecimentos de alguma forma: percecionamo-los deformados, por assim dizer, como se «ainda não estivessem prontos» e não tivessem atingido a condição adequada. As ligações entre o espaço, o tempo e a gravidade ajudam-nos a localizar com precisão os objetos e a experiência; se os três elementos não se relacionarem da maneira exatamente adequada, não aceitamos um acontecimento como

real: falta-lhe certa estabilidade ou correção, e ele permanece na periferia da nossa atenção. Mas, fora do contexto normalmente reconhecido, os acontecimentos poderão apresentar-se de maneira muito diferente. Muito provavelmente, há infiltrações que bloqueamos; imagens-fantasma, por assim dizer, tanto de acontecimentos futuros como passados. O momento passado poderá demorar-se no fundo do presente, e o futuro poderá também sobrepor-se antes de a chamada imagem mudar e de o momento presente se tornar nítido.

Neurologicamente, só aceitaríamos o foco nítido. Talvez, se tivéssemos consciência da sobreposição, perdêssemos a experiência do presente, ou talvez aprendêssemos uma forma mais apurada de discriminação interior. Poderia ser divertido tentar, um dia, reter o instante «passado» — o pensamento, a imagem ou o que fosse — e, simultaneamente, antecipar o instante seguinte. O que aconteceria à estabilidade dos objetos? Pareceriam mais compridos, por exemplo? Mais finos? Mais espessos? Pareceriam mover-se?

Não tenho boa perceção de profundidade. Ajudar-me-á isso, de alguma maneira, a alterar a consciência? Estaria assim ligeiramente desfocada em relação à realidade física, menos presa ao óbvio? Originalmente, também era canhota, pelo que as duas condições poderão estar relacionadas. Contudo, muitos dos meus estados alterados de consciência envolvem mudanças na visão, de modo que o mundo adquire uma clareza tão acima da perceção normal de profundidade como a minha visão habitual sem óculos.

Estranho. Depois de escrever o que está acima, tirei os óculos. O mundo perdeu muita profundidade e cor, mas ganhou um certo encanto peculiar, tornou-se mais «atmosférico», talvez mais misterioso. A minha audição, porém, é extremamente apurada. Pelos meus padrões, metade das outras pessoas precisaria de aparelhos auditivos. A minha visão do mundo poderá ser tão legítima como a de qualquer pessoa com visão normal. Os objetos poderão não ter, de todo, um único tamanho ou forma adequados: talvez simplesmente apareçam de determinada maneira conforme as nossas perceções. Se os vemos deformados, talvez estejamos a sintonizar-nos com outras variações deles, igualmente legítimas.

Felizmente, enquanto escrevo tudo isto, a minha cadeira e a minha máquina de escrever mantêm-se normais. E voltei a pôr os óculos.

# CAPÍTULO 13

## A Psique em Explosão e os Fios da Consciência

Lá estou eu outra vez a gracejar, mas recebi outra chamada de Cristo precisamente quando terminei o capítulo anterior. Não é qualquer rapariga de Elmira que recebe um telefonema de Deus Filho para conversar, pelo que suponho que devia considerar-me afortunada; e, se vamos receber uma chamada pessoal de Cristo, que melhor altura do que as festas de Natal? Era 18 de dezembro e, acreditem ou não, eu estava a assinar cartões de Natal quando o telefone tocou. Ao princípio, não fazia ideia de que se tratava de um membro da família do Grande Rapaz, muito menos do seu Filho preferido.

Na verdade, a voz era jovem e masculina e, de início, identificou-se como Ed. O rádio tocava música de Natal. Desliguei-o e perguntei:

> — Ed quê?

Silêncio.

> — Ed quê? — voltei a perguntar.

> — Está com medo? — perguntou ele, misteriosamente.

Desta vez, fui eu quem fez uma pausa.

— Nervosa? — insistiu.

— Só curiosa — respondi, suspirando. — Devia saber quem és, ou alguma coisa assim? Já telefonaste antes?

— Sim. Sou Cristo — disse.

— Ah, claro, esse Ed — respondi. — Lembro-me.

Como poderia esquecer-me? Telefonara cerca de um ano antes, um jovem de voz bastante simpática, em nada diferente de qualquer outra pessoa, exceto por ser noventa e nove por cento divino.

— Hum, continuas a ser Cristo? — perguntei.

— Acha que sou louco — disse ele, com bastante lucidez, pensei.

Tivera lucidez suficiente para sair de uma instituição psiquiátrica à custa de mentiras, no ano anterior, dizendo aos psicólogos o que queriam ouvir e fingindo não ser Cristo até estar em segurança cá fora. Suponho, porém, que, com um segredo daqueles, temos de o contar a alguém; por isso, ali estava ele a telefonar-me de novo.

— Acha mesmo que sou louco por pensar que sou Cristo, não acha? — perguntou, como se estivesse muito desiludido com o meu nível de compreensão.

— Penso que, nesses termos, cada indivíduo é Cristo — disse. — Já to disse antes. Se usares a terminologia cristã, o espírito de Cristo está em ti. E em todas as outras pessoas também.

— Isso não basta — disse.

— Para mim, basta — respondi.

— Sou Cristo e vou cumprir as profecias — disse, agora mais excitado.

— Da outra vez, isso não correu muito bem — observei, com brandura. — Se fosse a ti, pensava melhor.

— Agora está a desafiar-me — disse ele.

— Não. Nunca me dou ao trabalho de desafiar ninguém — respondi.

— Bem, então, o que pensa disto? — perguntou, acrescentando com alguma amargura: — Gostava que abrisse a sua mente. Não consigo ler-lhe a mente se não me deixar.

Graças a Deus, pensei.

O que disse foi:

— Olha, Ed. Cada um de nós recebe material de revelação do eu interior, ou do universo, ou de Deus, seja qual for o nome que queiras usar. Chega em sonhos, em lampejos de compreensão ou em visões — por qualquer método adequado ao indivíduo. E cada um de nós também interpreta a informação à sua maneira. Podes viver como Cristo no mundo interior e tentar agir como Cristo no exterior, mas, se

começares a gritar às pessoas que és Cristo — em termos convencionais —, vais arranjar problemas.

— Não estou a gritar — quase gritou. — E sei bem que não devo contar às outras pessoas. Sei mesmo.

— Está bem — disse, sentindo-me melhor.

— E, embora tenha bastante certeza de que sou Cristo, há a possibilidade de ser realmente outra pessoa. Penso que ele se daria a conhecer por altura do Natal. Quero dizer, talvez eu venha a saber ao certo, de uma maneira ou de outra — disse.

— Bem, é bom deixares alguma margem.

— Tem uma voz jovem. Eu tenho vinte e três anos — aventurou.

— Sou bastante mais velha do que isso — disse.

— Eu sei, li todos os seus livros.

— Bem — disse eu. — Guarda a tua condição de Cristo para ti, sim? Já agora, estás a trabalhar?

— Claro que estou a trabalhar. Foi uma pergunta disparatada. Estou a trabalhar para fazer passar a mensagem.

Voltei a dizer:

— Ed, não tentes impor a ti próprio nem ao mundo uma condição literal de Cristo. Simplesmente não vai resultar.

— Está a desafiar-me outra vez — censurou, desta vez suavemente.
— Mas eu amo-a. Feliz Natal — disse.

— Feliz Natal — respondi.

Desligámos.

De certa maneira, deu-me um presente. Esperava também lhe ter dado um. Cristo ou não, parecia um rapaz simpático e, se tinha de ser outra pessoa além de si próprio, supunha que Cristo fosse uma escolha melhor do que Hitler. Além disso, «sabia» que ele estava a mudar: tinha agora menos certeza da sua condição literal de Cristo, e eu pensara sinceramente cada palavra que lhe dissera. Pelas conversas anteriores, sabia também que a sua mensagem não era violenta. Era a si próprio, e não a outra pessoa, que pensava sacrificar. Esperava que também abandonasse essa ideia.

Contudo, estava perturbada, porque aqueles que se julgam possuídos pelos deuses trazem demasiadas vezes mensagens de raiva e destruição, em vez de amor. E porquê? Os deuses das nações parecem ter almas de generais, e a retidão assume demasiadas vezes o rosto da ira. Até na psique, a religião e a política parecem misturar-se com dificuldade.

Nessa noite, Rob e eu vimos parte de um filme de guerra na televisão, e Rob disse que talvez a humanidade fosse literalmente louca. Começou a falar do grau de intensidade emocional associado à violência coletiva — o foco brilhante da consciência —, a vida a conhecer-se a si própria enquanto vacilava à beira da destruição.

Falámos disto durante algum tempo. Eu continuava a tentar defender-nos, à humanidade, enquanto, secreta e amargamente, concordava sempre que Rob mencionava as nossas crueldades.

As respostas têm de estar noutro contexto; contudo, parece que sou impelida a encontrá-las — as respostas para tudo: a vida, a existência privada, as razões secretas da psique. Ao mesmo tempo, isto parece-me insensato, porque ninguém, por si só, pode descobrir tudo isso — um pequeno indivíduo no meio de uma imensidão fulgurante de ser. No entanto, continuo a tentar. Por vezes, gostaria de poder simplesmente repousar no mundo tal como a maioria das pessoas o entende, satisfeita com as aparências. Depois, penso que talvez, quando atingimos certo ponto, a mente produza perguntas da mesma maneira que o corpo produz células, e as perguntas avancem de alguma forma à nossa frente, enquanto nós progredimos de pensamento em pensamento, num minúsculo trapézio sobre a teia do mundo habitual. Sem o saber, vamos avançando para fora, como uma aranha, em direção ao lugar que as perguntas alcançam. Mas, quando lá chegamos e encontramos as respostas a que as perguntas se prenderam, esse encontro apenas faz surgir mais perguntas, e lá vamos nós outra vez, deixando para trás, sem o saber, pequenos fios que as pessoas que vêm depois podem seguir, e crescendo para dentro do cosmos interior, numa espécie de locomoção natural da mente. Talvez.

Seth começa a deixar para trás cada vez mais conceitos familiares e a modificar outros, ou a utilizá-los de modo diferente, de maneira que já não significam o que significavam. E uma parte

de mim faz o mesmo neste livro, enquanto outra fica aqui sentada a refletir sobre isso.

De vez em quando, suspeito que, quanto mais longe avançamos, mais sós nos podemos tornar, porque as pessoas que vêm atrás também se cansam e querem parar pelo caminho, e muitas vezes sentem a tentação de chamar verdade ao seu ponto de paragem. De certa maneira, é verdade, naturalmente, porque também suspeito de que, pelo menos ao nosso nível, a verdade é apenas a maneira como a realidade se apresenta num dado momento.

De algum modo, temos de subir acima de todos esses lugares para sair da nossa atmosfera particular e conseguir ver alguma coisa com clareza. Por isso, suponho que, quanto mais estranhas as coisas se tornam, mais perto estou de um lugar límpido, de onde possa olhar para trás, para todos os conceitos de realidade, e ver o que têm em comum. Seria um pouco como olhar simplesmente para a Terra de cima, vendo ao mesmo tempo todos os diferentes países que existem, cada um perfeitamente válido. Talvez, quando lá chegar, haja outros nesse lugar límpido, prontos a puxar uma conveniente cadeira alucinatória e a oferecer-me cerveja e bolachas enquanto explicam o que tudo aquilo significa.

Não sei exatamente qual era o meu conceito de psique quando comecei este livro, mas, à medida que as nossas experiências prosseguiam, parecia evidente que a psique não era uma entidade única, embora elevada: era, pelo contrário, mais explosiva e vital, lançando fragmentos de si em todas as direções, embora — de algum modo — conservasse a individualidade. A ideia de

contrapartes conferia uma nova espécie de mobilidade à psique, mas, pelo menos, o conceito de reencarnação preparara o terreno.

No início de dezembro, porém, Rob teve uma experiência bastante perturbadora nas suas implicações; uma experiência que abalou ainda mais as nossas ideias anteriores acerca da separação e da integridade da psique. O episódio dizia respeito ao pai de Rob, que morrera em 1971. Mais uma vez, Rob estava a passar à máquina uma sessão de Seth quando se encontrou numa ligeira alteração de consciência, na qual certas informações lhe chegaram à mente. Desta vez, não teve dados visuais e limitou-se a registar o material à medida que surgia. Esta é uma cópia das suas notas da altura:

> «Nos nossos termos, o meu pai ainda está a descansar. É não físico, encontra-se entre experiências. Ainda não escolheu fazer nada nem ir a "lado nenhum". Sabe, porém, que se está a preparar. Sinto os meus arrepios familiares enquanto escrevo isto, mas não vejo quaisquer visões. Sei que o meu pai tem a sua próxima aventura inteiramente planeada e sabe em que consiste, embora, nos nossos termos, ainda não tenha feito conscientemente essa escolha.
>
> «A escolha envolve uma menina — penso que se chama Miriam — numa pequena localidade do estado de Nova Iorque. Não é uma viagem longa, é algo como apanhar uma boleia psíquica. O meu pai planeia viajar com a menina, experimentando um pouco da vida dela, da sua consciência. Não estará a invadir-

lhe a personalidade. Ela é uma pequena pessoa muito normal, mas com uma inteligência acima da média. Não sentirá nada.

«Depois disso, há um longo intervalo naquilo que, nos nossos termos, seria um século passado. Miriam esteve envolvida em vários destes, e o meu pai pensa no assunto, interrogando-se sobre qual gostaria de experimentar, por assim dizer. Inclina-se para o século XIII, em França — uma pequena localidade perto do Mediterrâneo. Vê-se num pequeno barco. Miriam vive na aldeia. O meu pai quer resolver certas coisas com a personalidade de Miriam. Miriam, naturalmente, também foi a minha mãe.

«A psique dela e a do meu pai fazem faísca quando se tocam; o encaixe não é muito bom, mas ambos querem resolver determinados problemas. Um deles consiste em ocupar porções do mesmo corpo ao mesmo tempo — algo como as características masculinas e femininas que dizemos estarem presentes em cada pessoa. Nessa vida [francesa], Miriam cresce e torna-se uma mulher bastante gananciosa e atraente. É a mais forte dos dois e afasta o meu pai, enveredando, aos treze anos, por um curso provável de ação que torna isso possível.

«O meu pai é projetado para fora, para sua consternação. Ao mesmo tempo, morre um jovem na aldeia. Aqui não tenho a certeza — se é que tenho certeza de alguma coisa disto —, mas o meu pai rodopia num estado não físico, procurando desesperadamente um lugar onde pousar ou a que se prender.

Tenta o corpo do jovem, em vão. Assim, o meu pai começa uma nova vida em França, partindo do zero e nascendo de novo.

«Agora, o meu pai sente-se atraído da mesma maneira pela Miriam de Nova Iorque. Quer ver, explorar, se puder, em que consistia a atração anterior. Depois, ficará satisfeito por seguir o seu próprio caminho. Miriam é tão curiosa psiquicamente como o meu pai é, e era. Ele considera agora perfeitamente lógico viver aquela vida passada; não tem uma noção clara, mas tem indícios e lampejos de que todas as vidas são simultâneas e de que vai saltando entre elas, pousando aqui e ali.

«Compreende que isto é um pouco como virar-se do avesso: tudo o que esteve escondido no interior torna-se conhecido e disponível. Em França, o meu pai ficou sem forma física e escolheu pôr fim àquela existência. Depois disso, renasceu. É isso mesmo: uma personalidade forte despoja-se por vezes de porções indesejadas da sua própria psique. Contudo, essas partes podem orbitar a psique como satélites e podem ser de novo ocupadas ou reativadas a qualquer momento, nos nossos termos. Isto explica por vezes a maneira como uma personalidade muda os seus objetivos e comportamentos ao longo da vida, para perplexidade de quem a observa.

«O meu pai era realmente um homem bondoso, quase envergonhado de ser tão sensível, naquela vida do século XIII, na parte que dela viveu. Tivera várias vidas anteriores muito

severas, envolvendo disciplinas militares e monásticas. Agora, o meu pai espera, reunindo lentamente as suas emoções. Sente alguma relutância em abandonar o seu estado atual — é muito tranquilo —, mas sabe que, para além da porta que contempla, há muitas coisas que agora mal consegue pressentir.

«Ocasionalmente, olha para o nosso mundo com olhos muito perplexos. Vê a folhagem como imagens de calor. Não vê Jane nem a mim; em vez disso, perceciona focos de energia semiformados que não compreende verdadeiramente, embora as ideias de Jane e de mim façam algum sentido para ele. Vê melhor a minha mãe [também falecida] e confunde-a com a Miriam do século XIII e com a Miriam do estado de Nova Iorque; pois a vida que teve com a minha mãe também foi uma tentativa de alcançar determinados objetivos. Sente que não foi bem-sucedido aqui. Não "vê" a minha mãe, mas sabe que ela já não é física. Percebe que ela nascerá de novo em breve e que, desta vez, a parte de Miriam nela escolherá seguir o seu próprio caminho.

«Essa parte do desafio psíquico foi resolvida tão bem quanto possível; essas partes não voltarão a encontrar-se nesses termos. O sentido alterado do tempo do meu pai pode fazer com que o crescimento de uma folha de erva demore um segundo ou um século, conforme ele se "sinta".

«Aqui termina o material relativo ao meu pai. Fiquei muito perturbado depois de o escrever. Não sei porquê. Penso que

> senti que continha tantas distorções que provavelmente não seria muito fiável. Suponho que não confiei na maneira como o recebi, uma vez que é a primeira vez que recebo material exatamente desta forma, e senti que provavelmente precisava de prática. Por outro lado, procurei realizar algo que poderia ter inibido se soubesse o que esperar. Também achei que o material continha algumas ideias que considerava uma interferência psíquica — quase doentia, talvez.»

Ficámos perturbados com o material; Rob, em particular. Era precisamente o tipo de «informação» mais fácil de descartar como fantasia imaginativa a apresentar-se como facto; contudo, há qualquer coisa de terrivelmente arrogante em darmos como adquirido que conteúdos tão pouco convencionais têm de estar distorcidos por não concordarem com as nossas ideias anteriores. Inibir essas experiências, como muitas pessoas fazem, significa que vigiamos constantemente um nível da nossa consciência com outro, de modo que a nossa perceção preconceituosa domina.

A ideia geral de que o pai falecido de Rob ainda estava a descansar era perfeitamente aceitável. Mas, para além disso, havia a indicação de que a condição de pessoa não era de modo nenhum tão bem delimitada como supúnhamos, quase como se pudesse dispersar-se de tantas maneiras desconhecidas que desaparecesse enquanto o tipo de unidade de personalidade que reconhecemos.

Pareciam estar envolvidas memórias do futuro e do passado, e um entrelaçamento de eus muito difícil de acompanhar. Contudo, quem deveria saber mais acerca das experiências da psique do que

a própria psique? E por que haveríamos de duvidar das implicações do material de Rob apenas por ser tão subjetivo? Também admitíamos que a própria consciência do pai de Rob pudesse estar confusa, supondo que fosse essa a fonte do material, comunicado através da mente de Rob. Mas talvez o conhecimento celular e a psique estejam tão ligados que, de alguma maneira, o filho continue a acompanhar o progenitor mesmo depois da morte; que a própria consciência celular siga as suas ramificações em todas as direções.

Se Rob e eu estamos a fazer alguma coisa, é a explorar a realidade não oficial, estudando e encorajando os acontecimentos que habitualmente são ignorados; certamente, este era um desses acontecimentos. Na manhã seguinte, sentei-me a reler as notas de Rob. Voltou a impressionar-me aquele aparente entrelaçamento de eus, ou de uma identidade com outras, como se um eu pudesse dispersar-se, digamos, como um milhão de gotas de chuva, cada uma ela própria e separada, caindo em inúmeros quintais ou ambientes, embora conservando, ao mesmo tempo, um sentido de toda a identidade.

E, de repente, senti o eu disperso por universos desconhecidos, continuando, no entanto, a ser ele próprio; serpenteando vertiginosamente por labirintos de intensidades psíquicas e corpóreas, cada uma formando uma vida no seu contexto. Será toda a psique semelhante a um quebra-cabeças multidimensional, cada peça independente, com não um, mas mil lugares adequados, cada uma formando automaticamente uma nova versão da imagem global, saltando para dentro e para fora de sistemas temporais com a facilidade com que uma criança salta entre as casas da macaca?

Se assim for, como são duplamente preciosos os nossos momentos privados e a nossa experiência de permanência psíquica! Isto é matéria forte para nós, habituados como estamos a segurar firmemente, desafiadoramente, o nosso sentido de identidade e a aplicar os seus critérios ao resto da criação.

Talvez, pensei, a personalidade focal seja apenas uma janela psíquica através da qual a psique observa a realidade; só que o simples ato de olhar cria uma consciência sintonizada tridimensionalmente, que somos tu e eu. As minhas experiências na biblioteca fazem-me interrogar sobre o que estarei a fazer noutros níveis de realidade quando não tenho consciência das minhas atividades nesses níveis.

Sentada a pensar, sentia ligações interiores a entrarem em foco, embora não conseguisse apreendê-las inteiramente. Suavemente, logo atrás da consciência habitual, algumas pedras sarapintadas de compreensão rolavam pelas encostas da minha mente. Então, com a pergunta seguinte, toquei em alguma coisa. Sentia-me a começar a compreender algo novo — ou algo antigo de uma maneira nova.

Teremos incontáveis fios de consciência, interrogava-me, como a experiência de Rob parece sugerir? E, pelo menos teoricamente, poderíamos seguir qualquer um deles até outro tipo de realidade, até outro tipo de estrutura psíquica diferente daquela que tomamos como garantida? Estaremos nós próprios, de alguma maneira estranha, compostos por esses outros fios de consciência, que serpenteiam pelas terminações nervosas invisíveis do universo?

Sigo o meu «eu» concentrando-me no meu próprio fio de consciência, composto por outros que se entrelaçam, cada um seguindo o seu? Esses outros poderiam ter plena consciência de mim… Eu poderia percorrer os seus fios, e a minha personalidade poderia fazer parte de outro fio mais complexo, nesses termos, do que o meu.

Mais uma vez: conceitos vertiginosos, nos quais qualquer Deus estaria dentro da textura dos próprios fios; o princípio por detrás e no interior da organização; o próprio padrão de individualidade que se mantém no meio de uma diversidade interminável. Eu seria eu precisamente porque, nesses termos, também faria parte de «outros», embora a sua maneira de ser pessoa pudesse ser incompreensível do meu ponto de vista. E a minha sala de trabalho, pensei, com a sua parafernália acolhedora, seria privada e minha precisamente por fazer parte de um cosmos desconhecido que constantemente se entretecia nela e para fora dela.

Era uma terça-feira de manhã. Devia estar a preparar notas para a aula dessa noite, mas fiquei absorvida pela ideia destes fios de consciência e pelas suas implicações. Via-os a formar personalidades focais em determinados pontos ou interações psíquicas. Por exemplo, será Seth eu a um nível de consciência que é habitual para ele, mas não para o eu que conheço? Nesse caso, Seth teria o seu próprio fio de consciência, do qual eu faria parte — tal como Seth poderia ser um fio numa espécie de consciência ainda mais vasta. Esta ideia também poderia aplicar-se às moléculas que compõem os nossos corpos. Aos átomos e moléculas que formam a

minha carne, parecerei uma espécie diferente de Seth? Serpenteará a minha consciência para dentro e para fora da de Seth?

Sentia diferentes fios de realidade, separados, mas unidos. Os fios poderiam reunir-se e expandir-se várias vezes num século, formando as contrapartes. Toda a ideia evoca uma dança do ser, na qual o nosso mais pequeno aspeto tem a possibilidade de se desenvolver, ajudando a formar um milhão de construções diferentes e, contudo, conservando o seu próprio sentido de direção, formando combinações intermináveis, dando vida a outros à medida que a recebe — parte de uma cadeia infinita do ser.

Isto dá origem a outras imaginações: muda a psique de tamanho — expande-se e contrai-se? Fios de consciência! O universo, ou Deus, estaria constantemente a emiti-los. Os nossos eus representariam os nossos caminhos privados de consciência — a maneira como o «Ser» é recolhido para a nossa espécie de existência, a maneira como o cosmos se faz a si próprio. E, se conseguíssemos separar os nossos próprios fios de consciência, o que encontraríamos?

Enquanto escrevia e fazia perguntas, a certa altura entrei num estado acelerado de consciência. Vou citar as minhas notas tal como as rabisquei na altura, para preservar o imediatismo. Parte da experiência recordou-me outra, envolvendo um pedaço de papel, ocorrida alguns anos antes. Ver *Aventuras na Consciência* e *Dialogues* of *The Soul and Mortal Self in Time — Diálogos da Alma e do Eu Mortal no Tempo*.

«Entrei num estado alterado, como se uma parte de mim se movesse incrivelmente depressa. Ao mesmo tempo, fiquei muito quente, sobretudo na nuca, e, embora esteja entusiasmada, os meus olhos querem fechar-se. Tenho de os manter abertos para registar isto. Portanto, é outro fio de consciência que estou a seguir; outro fio da "qualidade de ser eu", que, na verdade, funciona o tempo todo. Talvez um que se relacione com uma realidade inteiramente diferente? Contudo, estou entretecida nele e, mudando de foco, acompanho-o ou sigo-o como uma aranha que percorre os fios distantes de uma teia gigantesca.

«Estou mentalmente tonta. Psicologicamente, a sensação é agradável, como a que sentia fisicamente quando era criança e andava a rodopiar em círculos; contudo, não me sinto desorientada. A sala mantém-se firme, e o sol acaba de aparecer. Mas sinto que o mundo é aquilo que vemos quando rodopiamos mentalmente a determinada velocidade — e, se nos movermos mais depressa ou mais devagar, o tempo, os objetos e o espaço desfazem-se como as peças de um quebra-cabeças, recompondo-se de maneiras novas. Cada um destes fios de consciência tem a sua própria velocidade. Talvez eu só seja eu quando o meu fio vibra de determinada maneira; e, quando vibra a um ritmo diferente, sou outra versão de mim, que não é uma cópia, mas ela própria. Talvez o eu seja apenas uma nota em toda uma sinfonia de eus, alguns em escalas tão estranhas que eu nunca reconheceria neles a minha qualidade de ser eu.

«Mais uma vez, enquanto estou aqui sentada, toca uma sinfonia no rádio. Há alguns minutos, o meu olhar voltou-se para a janela. Um pedaço de jornal era levado pelo vento através do parque de estacionamento e, de repente, senti a sua textura de uma maneira impossível de descrever: macia, mole, flexível. O vento apanhou-lhe as bordas. Inclinou-se para o lado, saltou, disparou para a frente e ficou preso nos arbustos altos e eriçados. Preso, os seus movimentos pareciam sincronizados com a música do rádio. Notas suaves — e o papel ficava imóvel, à espera. A música elevava-se e o papel erguia-se, suavemente, para depois cair à medida que as notas se extinguiam.

«As minhas mãos também se sentiam assim: moles, passivas, flexíveis — e o meu corpo também, de modo que uma parte de mim estava encostada aos arbustos e o papel que era eu se curvava em torno dos espinhos, sem resistir, mas caindo suavemente à sua volta. A música ressoou com força. Um bando de pombos veio para o telhado. Bicavam a comida ao ritmo da música, de modo que o papel, as aves e eu estávamos todos envolvidos no mesmo movimento, a responder. Agora, outro crescendo. Sim, as aves levantaram voo todas juntas. Seria toda esta organização minha? Que importa se transpusera ou não aquela ordem para aqueles acontecimentos? É real. Talvez seja a maneira real como as coisas funcionam.

«Estou, portanto, dividida entre simplesmente seguir esta versão do momento, escrever o que sinto ou acompanhar

outros pensamentos sobre fios de consciência que me ocorrem. Parece que este momento me dá indícios de como a própria consciência funciona.

«Enquanto registo tudo isto, chegou o meio-dia. A música acaba de dar lugar às notícias, o que me irrita um pouco. Contudo, o que faz isso ao meu fio de consciência? Falam da subida dos preços dos alimentos, e penso: bem, podemos sempre voltar a fazer economias. Uma sensação boa, satisfatória. Depois, ignorando o rádio, volto aos pensamentos anteriores, desligo o rádio e a corrente de consciência que estava ligada a ele.

«E ocorre-me que escolho entre fios de consciência a toda a hora, e que as minhas escolhas me trazem determinadas experiências. Isto envolve certamente probabilidades. Os nossos pensamentos servem de pontos focais. Até certo ponto, perpetuam-se a si próprios, e escolhemos habitualmente um tipo em detrimento de outro.

«Alteramos, portanto, realmente a nossa consciência de forma constante, através das nossas escolhas. Por exemplo, imediatamente antes de uma das últimas sessões de Seth, sabia que podia obter determinado material a um nível, por minha conta — mas isso exigiria algum tempo e trabalho —, ou podia recebê-lo de Seth muito mais depressa e sob forma acabada. Mas o mesmo se aplica a assuntos mais vulgares. Sei, por exemplo, que aceito algumas experiências "negativas", que também se perpetuam. Conseguirei localizar

um fio de consciência diferente, que se concentre de outra maneira nesses assuntos?

«Isto faz-me lembrar uma coisa. Hoje, mais cedo, telefonou um aluno. Partiu uma perna na semana passada. Desde então, tem trabalhado constantemente com as suas crenças e percebeu como formava sistematicamente imagens mentais negativas, como fotografias mentais, que se somavam até resultar no seu infortúnio. Contudo, se tivesse… escolhido outro grupo de pensamentos, outro fio de consciência, a sua experiência também teria mudado.

«Ao terminar de passar à máquina a última página, fui novamente arrebatada pelo papel. Ou seja, olhei para ele, vi que a mesma coisa estava a acontecer de novo, senti a minha rápida identificação com o papel e decidi acompanhá-la. Agora, a sensação de textura é muito forte — uma sensação sentida, não uma ideia intelectual —, de modo que o meu corpo sente as experiências do papel… tão reais como aquilo que normalmente sentiria, digamos, como molhado ou seco. Sinto a pressão do vento contra o arbusto, a comprimi-lo; um êxtase de movimento em miniatura. Oh, as aves voltam. A mão direita pica-me: será o papel contra os espinhos? Uma aceleração no estômago quando os pombos voltam a passar em voo rasante. E tudo está ligado. É como se as aves voassem através do meu estômago. As formas fantásticas que o papel assume, cada uma única para o papel e para mim; para nós! Cada forma coloca-nos numa relação diferente com tudo o resto. Agora, o

papel atira a cabeça para trás, abre-se, cheio de êxtase com o vento…

«Alguns minutos depois, Rob entra na sala. Olho quando ele sai, mas o papel desapareceu. Rabisco os pensamentos que tenho, muito depressa; mal expressos. Criamos organizações como focos da nossa consciência; reconhecemos determinados acontecimentos como significativos e ignoramos outros. No nosso estado habitual, não seguimos os tipos de acontecimentos que acabo de experimentar com o papel. Estão abaixo da nossa atenção. Enquanto escrevo isto, há três fios de consciência que tento seguir simultaneamente; quatro, se nos lembrarmos de que tento registar tudo ao mesmo tempo. As aves e o trânsito estão sincronizados, movem-se em conjunto, e posso saltar para esse movimento com eles. Tenho de me preparar para a aula desta noite, e uma parte de mim quer seguir essa direção. Outra parte tem consciência de estar a decidir entre as outras duas, enquanto as analisa. Mas sei que, se seguirmos outras sequências, acabaremos com acontecimentos diferentes. Será o papel uma espécie de fio de consciência sempre disponível, e poderia eu escolher passar um dia inteiro a experimentar a realidade dessa maneira? Poderia alguém viver uma vida inteira concentrando-se nos acontecimentos interiores que habitualmente são psiquicamente invisíveis?

«Rob voltou. Tentei falar com ele, mas a minha fala era arrastada e lenta, embora soubesse que podia fazê-la regressar à velocidade normal mudando de foco. Continuo

consciente dos três fios separados de consciência. Em cada um, a minha consciência é preenchida de maneira diferente, ou os mesmos conteúdos do mundo são experimentados de outra forma. O papel voltou a entrar no meu campo de visão. Fundimo-nos, enquanto continuo consciente de mim própria a fundir-me. Sinto o papel cair. Sou o papel que tomba no chão, mas o papel não é eu sentada à mesa. Ou, se é, não o sei. O tempo não tem significado nos termos habituais, mas cada mínimo movimento representa mudanças e variações surpreendentes, e tudo continua a mover-se ao ritmo. Há alterações subtis de perceção a acontecer constantemente e mudanças de temperatura quando o papel se agita, demasiado húmido para farfalhar. De certa maneira, é inacreditável, embora estas notas mostrem tão pouco. Inacreditável: são três da tarde. Pensei que passava pouco do meio-dia.»

A experiência não foi profunda em termos convencionais. Não trouxe grandes visões nem iluminações «arrebatadoras». No entanto, foi subjetivamente profunda, precisamente porque, de resto, envolvia assuntos vulgares — o papel, a música, o trânsito — e porque ofereceu perspetivas intrigantes sobre as outras organizações interiores, habitualmente ocultas, que se alojam dentro de qualquer momento conhecido.

Como de costume, não percebi então para onde conduziam estas experiências. Mas interrogava-me: quando dirigimos a nossa atenção para fora, projetamos fios de energia que se cruzam com uma pessoa ou um objeto e suscitam uma resposta — um fio de energia correspondente que provoca uma interação constante sob

a perceção habitual? Dei como adquirido que o pedaço de papel não tinha qualquer consciência de mim, do meu escrutínio, da minha identificação ou apreciação. Mas e se tivesse? E se a minha atenção provocasse ondulações às quais ele respondia?

Assim, por alguns momentos, pressenti esta interação dentro da matéria — movimento constante, fios de energia a encontrarem-se, a própria consciência a fundir-se e a formar construções invisíveis tão variadas e válidas como as físicas; formando até identidades que, por sua vez, formavam toda a espécie de combinações.

Vagamente, vi como isto se aplicava à personalidade. Os aspetos primordiais funcionam como faíscas psíquicas, a sua natureza viva proporcionando um número interminável de novos começos potenciais. Como átomos psíquicos, mantêm uma determinada forma dentro da psique, orbitando a personalidade focal enquanto continuam a mudar constantemente; alterando posições dentro da psique em resposta à atividade psíquica, mantendo a estabilidade da personalidade focal — não apenas na sua relação com o mundo exterior, mas também na sua posição psíquica interior.

Nos nossos termos, a personalidade focal é quem dirige. Antes, por exemplo, eu tivera a possibilidade de me concentrar em qualquer um dos três fios de consciência. Nenhum me fora imposto. Da mesma maneira, os juízos da personalidade focal dominam na vida habitual e dirigem a atividade do corpo. Os músculos do braço não questionam a intenção do indivíduo de os mover. Não perguntam, figurativamente: «Ora, será mesmo preciso levantar este braço?» A personalidade focal formula os juízos, que depois

são executados. É também a personalidade focal, com as suas crenças, que rege a política da psique na sua orientação para a vida diária. Só quando essa política é prejudicial a todo o tecido da personalidade se tomam medidas interiores e se exerce pressão a partir de dentro. Acima de tudo, ficou-me a ideia de que as contrapartes são versões excêntricas do eu-fonte, ativadas no mesmo período. Isto permitiria concretizar um milhão de variedades de experiência possíveis para a psique em qualquer época terrena, como se uma planta psíquica viva estendesse as suas raízes muito abaixo do solo da atividade consciente habitual, povoando o planeta com as suas sementes psíquicas.

Suspeito que todas as perguntas que fazemos acerca do universo exterior podem ser feitas, ainda mais legitimamente, acerca do interior, pois, em termos mais amplos, vejo cada um como uma contraparte do outro. Os quarks e as partículas com charme postulados pelos físicos terão as suas versões psíquicas das quais emergem toda a matéria e os seus «componentes interiores». Assim, qualquer experimentação ou investigação psíquica deste tipo envolverá muito provavelmente a «descoberta» de unidades cada vez menores do eu, cada uma movendo-se livremente, cada uma dependente, mas independente, cada uma percecionando um tipo diferente de experiência que, não obstante, está ligado a todas as outras experiências.

Os físicos descobriram que o mundo dos sentidos era algo distinto da realidade por detrás ou dentro dele — que os objetos, independentemente da sua estabilidade e permanência funcionais, são na verdade massas de átomos invisíveis em movimento rápido.

Poderá esperar-nos uma surpresa muito maior: é bem possível que o eu que reconhecemos seja também resultado da nossa perceção psíquica da realidade, tão funcional como um objeto e igualmente enganador na aparência. O eu poderá, em vez disso, ser uma unidade de identidade, uma entre muitas, uma unidade psíquica que percorre fios de consciência, também composta por eus em miniatura e gigantes — e parte de um universo psíquico que nem sequer começámos a explorar.

Descobrimos que a Terra não é plana, que não cairemos das suas bordas, e a nossa experiência enquanto espécie mudou em consequência disso. Talvez descubramos em breve que o eu também não é «plano» e que a morte é tão real e, contudo, tão enganadora como o horizonte; que também não caímos para fora da vida. Desorientador, sem dúvida, mas estimulante. Poderemos descobrir uma nova maneira de ser pessoa, verdadeiramente multidimensional, e, pela primeira vez, encontrar realmente as dimensões em que a alma existe, ligada à carne, mas também separada — os átomos invisíveis do eu a orbitarem a nossa identidade conhecida, formando ligações psíquicas e mundos mentais atualmente para além da nossa conceção.

Mas, uma vez alcançada esta ideia, uma vez começada a leitura dos indícios, que perseguição metafísica! A maioria das nossas ideias atuais estará tão ultrapassada como o conceito de outrora segundo o qual «o mundo é plano». Livres da nossa cegueira psíquica, quem sabe que fronteiras interiores poderemos explorar, ou que universos psíquicos se apresentarão à nossa vista?

# CAPÍTULO 14

## De Regresso à Biblioteca,
## Subindo os Degraus da Psique,
## e a Rapariga Que Tentava Amar Toda a Gente

As festas chegaram e desapareceram, como todas as anteriores. Aquele Natal de 1974 seria o último que passaríamos nos nossos apartamentos de Water Street, embora então não o soubéssemos. Rob estava muito ocupado a produzir os diagramas para *Aventuras na Consciência* e os desenhos a tinta para *Dialogues of the Soul and Mortal Self in Time*. Dizíamos um ao outro que nos mudaríamos quando ele acabasse; mas já tínhamos falado em mudar antes. Ainda assim, a ideia de que poderíamos fazê-lo deu uma tonalidade especial àquele Natal.

Trabalhei em alguns poemas novos, mas, durante as festas, a biblioteca parecia distante e era difícil recuperar os sentimentos de certeza e grande confiança que tivera antes. A biblioteca parecia esconder os seus livros, e eu tornava-me inquieta e irritada.

Estava precisamente nesse estado de espírito quando os acontecimentos que se seguem me despertaram de súbito. Era o início da noite, e eu estava sentada à mesa, a olhar para as árvores despidas. Devo ter fechado os olhos por um momento quando um conjunto de imagens mentais muito vívidas me surgiu na mente.

Primeiro, vi o meu corpo enrolado à volta de qualquer coisa, como carne num espeto, mas sem o fogo. A imagem estava projetada na sala, mesmo fora da zona onde habitualmente via a biblioteca.

Depois, sem transição, vi o meu corpo esticado no espaço, no sentido do comprimento: prolongava-se para lá de mim, até distâncias inimagináveis, e depois desaparecia elasticamente, primeiro muito à minha direita, depois muito à minha esquerda. De cada vez, atravessava as paredes do prédio, saía para o espaço e regressava. A minha cabeça física virava-se tão depressa para o acompanhar que fiquei tonta, enquanto observava o meu corpo ir de um lado para o outro diante dos olhos da mente. Isto continuou durante vários minutos.

Seguiu-se uma série rápida de imagens menos intensamente sentidas. Abriu-se uma porta para uma sala de pedra, cheia de correntes de ar. Eu era uma criança, empurrada para lá e mandada brincar com «as outras crianças».

Isto esbateu-se, e senti o meu próprio corpo como se se enrolasse numa bola. Mentalmente, vi-o rolar pelo chão da nossa sala de estar. Depois, transformou-se numa serpente e começou a subir por uma árvore na selva. Enquanto tudo isto acontecia, sentia-me extremamente descontraída, quente e flexível.

Na tarde seguinte, comecei a escrever as notas sobre o sucedido quando percebi que havia material da biblioteca pronto para mim. Não vi a biblioteca nem os seus livros, mas o material seguinte

chegou-me suavemente à cabeça, cada palavra cheia e vívida como um fruto largado num cesto.

## 1. Da Biblioteca — A Paisagem Interior da Psique

A psique é energia tornada consciente, num estado de criatividade constante; um padrão psíquico expresso multidimensionalmente; cada ponto dentro dele mudando na sua relação com todos os outros pontos e, assim, alterando todo o padrão ou modelo.

Cada eu está imerso na psique e, simultaneamente, imerso na sua própria individualidade, experimentando a realidade dentro e fora do tempo ao mesmo tempo. Criamos acontecimentos naturalmente, da mesma maneira que a Terra produz árvores, cereais, montanhas e mares. Na experiência terrena, a própria Terra é um «dado»; ou seja, parece produzir-se a si mesma e ser autossuficiente dentro do enquadramento do universo. Da mesma forma, o eu é um «dado»: a aliança da psique e do corpo produz acontecimentos e experiências mentais que também parecem autossuficientes e gerar-se a si mesmos dentro do enquadramento do mundo psíquico. Contudo, tudo está interligado.

Existe uma paisagem interior da mente que produz pensamentos, sonhos, experiências e acontecimentos, e esta correlaciona-se com a paisagem exterior. É extremamente difícil cartografar esta terra interior, porque confundimos a

atividade do cérebro com o poder por detrás dele e porque não consideramos a paisagem interior tão real como a exterior. Estamos também tão imersos no mundo interior que tomamos os seus elementos naturais como garantidos. Os sonhos, os pensamentos e todas as experiências mentais compõem os fenómenos naturais da realidade interior. Viajamos pela psique como viajamos pelo tempo e pela superfície da Terra. Quando encontramos acontecimentos, estes apresentam-se de maneira diferente conforme a nossa posição dentro da psique.

Muitos acontecimentos dos sonhos são versões de acontecimentos da vigília — sem distorção alguma, apenas a versão onírica, tal como o acontecimento físico é a versão desperta. Embora aceitemos a experiência desperta como a real, ela não é mais nem menos real do que o acontecimento do sonho.

Aqui, o material simplesmente parou. Olhei para o relógio. Eram duas e meia da tarde. Ainda olhava para o relógio quando vi o meu duplo sentado à mesa da biblioteca, a ler. A minha consciência saltou para aquela forma, enquanto eu tentava ler rapidamente o mesmo livro que ela lia. As letras das palavras tornaram-se imediatamente brilhantes e transformaram-se em pequenos quadrados luminosos. Estes abriram-se em imagens que representavam pequenas aberturas para outros mundos. Pelo menos, foi assim que o entendi na altura.

Em todo o caso, decidi que era agora ou nunca: depois de estar algum tempo sem entrar na biblioteca, certamente iria aproveitar a

oportunidade. Tentei, por isso, mergulhar de cabeça numa das janelas em miniatura — a minha imagem também se tornara minúscula. De alguma maneira, fiquei presa, sem conseguir avançar nem recuar, e fui suavemente projetada de volta para a biblioteca.

No instante seguinte, estava de novo no meu corpo à secretária, enquanto o meu duplo permanecia na biblioteca. Ela estava empoleirada no tampo da mesa, de pernas cruzadas, com o vestido verde de alças e as meias pretas que eu usava no antigo retrato que Rob pintara de mim. Perguntei-lhe mentalmente se tinha alguma coisa a dizer. Saltou da mesa da biblioteca para a sala de estar, veio para trás de mim e fundiu-se com o meu corpo. Depois, emergiu, voltou a fundir-se comigo, reapareceu e regressou à biblioteca. Voltei a falar-lhe mentalmente, perguntando quanto mais material receberia da biblioteca. Ela riu-se e saltou de novo para cima da mesa.

A série de acontecimentos seguinte deu-se tão depressa que era difícil acompanhá-la. Ela saltou da mesa e, ao fazê-lo, a minha consciência foi transferida para a sua imagem. Enquanto isto acontecia, começou a rodopiar cada vez mais depressa, transformando-se numa forma semelhante a um suporte de guarda-chuvas. Ela — eu — tinha quatro lados, ou quatro eus que saíam da haste daquela forma de guarda-chuva.

Enquanto isto decorria, «soube» que haveria pelo menos três livros nesta série particular de psicologia dos aspetos; este manuscrito seria o segundo e *Aventuras na Consciência* o primeiro.

Depois, vi uma parede de livros em quatro partes, como uma pirâmide invertida, que subia indefinidamente. Toda a estrutura era larga no topo, e eu encontrava-me no fundo estreito, a olhar para cima. Sabia que devia voar até à abertura mais além. De algum modo, fui impelida para cima, passando por todos os livros nos seus turbilhões de cor. No cimo, tinha diante de mim a abertura e um céu muito acima. Aqui, assustei-me, sentindo-me como uma ave atirada do ninho. Voei de braços estendidos através da abertura. Precisamente quando começava a sentir pânico, surgiu um ramo de árvore com um globo a crescer na ponta, como um fruto. Agarrei-me a ele, descansando.

Fechara os olhos, desnorteada com a altura. Quando os abri, estava de novo à secretária, na sala de estar. O meu duplo estava de pé na biblioteca. Desta vez, pedi-lhe alguma ajuda para a rigidez física que me vinha a incomodar.

Quase de imediato, vi mentalmente uma pequena figura semelhante a uma fada, com uma varinha. Entrou no meu corpo, passando de uma zona para outra. Vi-a e senti-a dentro da cabeça, por exemplo: a varinha transformou-se num pano do pó e o círculo dentro do meu crânio foi vigorosamente limpo — de teias de aranha mentais, sem dúvida. Em todo o caso, senti tudo aquilo, e pareceu-me então que havia muitas janelas empoeiradas em toda a circunferência do meu crânio. Tornaram-se luminosas e reluzentes. Depois, a pequena figura desceu pela minha coluna, como uma criada em miniatura prestes a fazer as tarefas domésticas. Senti-a varrer energicamente a zona dos ombros, como se varresse um patamar; depois, desceu a escada das vértebras, degrau a degrau,

a varinha transformando-se numa vassoura ou esfregona — no utensílio que fosse necessário. Depois disto, desapareceu.

O rádio estivera ligado todo este tempo, a tocar música rock em volume baixo. Era uma tarde luminosa de janeiro, com o sol a entrar pela janela. Acabara de pensar em baixar os estores quando um movimento mental me «chamou a atenção». Virei-me, desta vez realmente sobressaltada, e fechei os olhos para «ver melhor». Na minha visão mental, um símio enorme estava de pé junto à mesa de centro. O movimento que pressentira fora o seu salto da biblioteca. No instante seguinte, parte da minha consciência estava dentro do corpo dele. Fez uma série complicada de movimentos vigorosos. Senti-os a partir do interior dele; mas o meu corpo físico também parecia encher-se de uma alegria flexível, de tal maneira que me sentia a mover-me com mais facilidade do que uma bailarina. O símio dançou por toda a sala, saltou para a mesa de centro e depois deixou-se cair, estendido no chão, a fazer-se de morto. Saí do seu corpo, transformando-me numa imagem minúscula de mim própria. O símio estendeu a mão e pegou em mim. Por um momento, fiquei assustada, mas ele aconchegou-me numa pequena dobra de pêlo do seu peito, como num saco-cama, onde me senti muito confortável e segura.

Foi aqui, quando supunha terminadas as experiências, que começou o episódio mais estranho e vívido. Mais uma vez, com os olhos da mente, vi a biblioteca tornar-se uma pirâmide invertida. Existia, como sempre, no canto sudeste da sala de estar, junto à parede interior. De novo, a minha consciência tinha a sua própria imagem. Nela, encontrava-me outra vez no fundo da pirâmide

invertida, que se elevava aparentemente até à eternidade. Outros eus — outros eus meus — subiam pelos lados da pirâmide, usando as laterais dos livros como saliências de apoio, cada um ascendendo para a larga abertura no centro do topo. Tudo aquilo parecia uma caverna. A luz do sol descia, brilhante, da abertura muito acima e chegava até onde eu estava, diretamente focada em mim. Contudo, reparei que os raios do sol também tocavam cada uma das outras figuras.

Não tenho a certeza do que aconteceu a seguir, mas, de repente, voava a toda a velocidade até ao cimo do desfiladeiro, em direção ao céu distante. Umas mãos desceram e seguraram-me. Nesta altura, encontrava-me no espaço para além da caverna, deitada horizontalmente no céu. Umas mãos passavam o meu corpo estendido a outras mãos. Volto a não me lembrar do que aconteceu, e «voltei a mim» para me descobrir como um bebé envolto num cobertor. Aparentemente, entretanto, tinham-me levado mais alto no espaço. Olhei à minha volta. Uma mulher estava sentada nas nuvens. Segurava-me ternamente. Embora tivesse uma auréola, sabia que não era uma representação da Virgem, mas que, de alguma maneira que não conseguia compreender, era a minha mãe em termos… heroicos. Passou-me a um homem sentado ao seu lado — o meu pai nesses mesmos termos incompreensíveis.

O homem segurou-me delicadamente, da mesma maneira, e depois devolveu-me aos braços da mulher. Sabia que eram «divinos», ou, pelo menos, que a sua existência se situava num contexto muitíssimo mais vasto do que o nosso; e sentia que originalmente viera do mesmo «lugar». Vagamente, porém, uma

pequena parte da minha consciência ainda fazia ecoar lá para cima as suas perguntas: «Deuses no céu? Representações simbolizadas do conhecimento da psique?» Com perguntas ou sem elas, sentia-me supremamente confortável, segura e amada. Por um momento, quis ficar exatamente onde estava.

De repente, porém, o bebé, com a minha consciência dentro dele, afastou-se a rodopiar pelo espaço; uma criança muito pequena, com o cobertor a esvoaçar. As dobras do cobertor formavam padrões no espaço de uma maneira que agora esqueci. Caí durante muito tempo e depois fui novamente impelida para cima, até onde a mulher estava. Aqui, a minha consciência separou-se. Parte dela tornou-se uma porção do véu à volta da cabeça da mulher. O bebé, com a sua porção da minha consciência, rolou para fora das dobras do véu — mas o bebé e as dobras tornaram-se um só, e, dentro das dobras, voltei a flutuar pelo espaço abaixo. As dobras, compostas pela minha consciência, eram como estandartes ou pergaminhos, só que vivos. Caíram para a Terra, entraram no meu corpo físico e fluíram para dentro dos meus músculos — ou transformaram-se nos meus músculos, não sei ao certo. Ao assumirem a forma muscular, o amor da mulher irrompeu através delas.

Abri os olhos, meio tonta e certamente espantada, e vi a sala de estar. Aquilo não fora uma experiência mental árida e intelectual; espero tê-lo deixado claro. Senti-me a cair pelo espaço, sem asas nem qualquer veículo conhecido. Não há dúvida de que fiquei bastante assustada em várias ocasiões, mas também sabia que podia transferir a minha consciência de volta para o ambiente físico.

Esse conhecimento torna-me sempre mais ousada, naturalmente, do que de outro modo seria. A certa altura, fiquei intelectualmente embaraçada por encontrar a mulher e o homem no céu, com auréolas e tudo, e a mim própria como bebé, por muito amada que fosse, por muito… sobrenaturalmente amparada. Ao mesmo tempo, não tentei negar a validade emocional do episódio. Não pensava estar num céu objetivo, digamos, a tantas milhas acima da nossa atmosfera, embora fosse assim que a experiência se apresentava. Estava perfeitamente disposta a admitir que a viagem, tal como a experimentara, representava outra igualmente incognoscível nos termos habituais e igualmente afastada do mundo habitual.

Este episódio foi muito diferente das viagens fora do corpo mais convencionais, nas quais uso frequentemente métodos definidos para sair do corpo e costumo dispor de outro corpo não físico, um «duplo», para viajar. Nessas ocasiões, posso muitas vezes verificar as minhas experiências mais tarde, por exemplo noutra parte do mundo, para ver se correspondem a acontecimentos físicos reais. Nelas, em regra, não me transformo noutras formas, embora possa não ter forma alguma.

O «símio na sala de estar» assemelhava-se um pouco ao episódio mencionado anteriormente neste livro, e interpretei o símio como o «curandeiro animal» a atuar numa situação terapêutica. Ainda assim, figuras destas a aparecerem no «meu espaço» eram mais intrusivas e surpreendentes do que as minhas atividades mais estranhas em espaços que, à partida, não considerava meus.

Por outras palavras, era mais fácil aceitar «deuses no céu» do que um símio a aparecer de repente na sala de estar e a instalar-se à vontade — mesmo não sendo tridimensional —, precisamente porque o símio se encontrava tão entre as realidades aceites. Se tivesse sido físico, poderia ter gritado: «Olhem, está um símio na sala!», e tomado as medidas que parecessem apropriadas. Se o símio se tivesse apresentado apenas como uma realidade mental, vista na minha mente, mas não projetada para o espaço da sala, provavelmente ter-lhe-ia dado maior liberdade no episódio. Mas a combinação de um símio mentalmente percecionado sobre a mesa física fez-me hesitar. Que espécie de criatura estranha da psique era aquela? Além disso, por vezes, o símio e eu éramos um só. Desde então, tive mais experiências deste tipo. Podem ser classificadas como alucinações, mas esse rótulo nada nos diz sobre o seu comportamento criativo nem sobre a sua relação com as realidades da psique.

Tinha, porém, muitas perguntas. Algumas receberam pelo menos respostas parciais, como vereis mais adiante neste livro. Entretanto, o foco da minha experiência estava a mudar.

Uma visita inesperada e novo material da biblioteca foram, cada um à sua maneira, precursores, oferecendo indícios dos acontecimentos dos meses seguintes.

A visitante apareceu no domingo seguinte, um dia acolhedor e doméstico, pelo menos até às seis da tarde. Acabara de lavar o cabelo, que me caía molhado e solto pelos ombros. Estava quase tudo pronto para o jantar. Eu tirava os bifes amaciados do frigorífico

e Rob punha a mesa quando ouvimos tocar os sinos tibetanos da porta. Rob foi ao corredor atender. Da cozinha, ouvi a voz dele e a de uma jovem. Parei, a ponderar. Não havia dúvida: estava uma desconhecida à porta. Convidá-la-ia Rob a entrar ou não? Decidi deixar a decisão com ele.

Ouvi-o rir, aquela sua grande gargalhada de surpresa; depois, chamou: «Querida!», e ouvi passos a entrar na sala. «Não», pensei, «não acredito.» O meu cabelo estava numa confusão; queria um jantar tranquilo e, depois, planeara simplesmente descontrair e ver televisão.

— Não. Estás a brincar — respondi, de longe.

Mas, quando entrei na outra divisão, lá estava Rob com uma jovem de pouco mais de vinte anos. Parecia embaraçada, mas determinada. Rob disse, a sorrir:

— Veio da Geórgia de propósito para te ver.

Da Geórgia? Pelo menos por um minuto, não me teria importado que tivesse vindo da Lua.

Mas ali estava ela, e, na sua presença, dei por mim também a sorrir.

— Dá-me um segundo — disse.

Desliguei o fogão e pedi a Rob que trouxesse vinho. Sentámo-nos à mesa junto às janelas salientes. Era uma rapariga bonita, mas agora, já dentro de casa, estava nervosa; quase abatida, pálida, esguia. Tinha dedos compridos. As unhas, pintadas de cor-de-rosa vivo, estavam magnificamente arranjadas. Pareciam, porém, incongruentes em comparação com o seu ar de seriedade pesada. Ou seja, os dedos pareciam felizes, mas o rosto não. Vou chamar-lhe Margery.

— Li todos os teus livros, e os meus amigos também — disse. — Temos um grupo. Vivemos juntos. Desculpa invadir o vosso mundo, mas…

Interrompeu-se e pareceu prestes a chorar. Por esta altura, eu já gostava dela; deixara de ser uma desconhecida. Haveria uma razão para a sua visita, uma razão para Rob a ter deixado entrar.

— Quando saíste da Geórgia? — perguntou Rob.

— Ontem de manhã, por volta das nove — respondeu.

Gemi:

— E se Rob te tivesse mandado embora à porta?

— Então, teria simplesmente voltado para casa — disse. E, numa torrente: — Há tantas perguntas que me atormentam! Por exemplo, há tantos sistemas e grupos, e o nosso grupo recebe informações e publicações da maioria deles. Bem, como se escolhe entre sistemas? Como se sabe qual é o certo?

Olhei para ela: falava muito a sério.

— Esquece simplesmente os sistemas — disse, a rir.

— Mas como posso? Como pode alguém? — perguntou com veemência. — Há verdade em todos. Todos foram elaborados.

— Fica apenas com aquilo que faz sentido para ti, onde quer que o encontres, e deixa o resto — disse.

Foi então ela quem ficou a olhar para mim.

— Mas e se eu deixar o que não devia? E se abandonar alguma coisa e afinal ela for a verdade? Como é que sei?

— Por que tens tanto medo de errar? — perguntei. — Suponho que a verdade vem em toda a espécie de embalagens. Por isso, escolhe os embrulhos de que gostas.

Margery encolheu os ombros, com uma impotência cómica e exagerada, e olhou para Rob.

— O que Jane quer dizer é que deves confiar nos teus próprios sentimentos acerca do que lês — disse ele. — Não tens de aceitar nenhum sistema, se não quiseres.

Ela olhou então para nós os dois e disse:

— Sei, por exemplo, que ainda não transmutei as minhas qualidades inferiores. Isso preocupa-me muito. As minhas qualidades negativas. Ainda não amo toda a gente. Quando as pessoas vêm ao

> nosso grupo, por vezes, em vez de ser amorosa, não gosto de uma pessoa tanto como de outra… não gosto de alguém tanto como devia. E, bem, eu… retraio-me.

Margery quase sussurrou a última palavra, de olhos baixos. Era evidente que considerava a sua observação uma admissão de culpa.

Fiquei escandalizada.

> — Ora, há pessoas de quem não gosto particularmente — disse. — Não tento dizer a mim própria que devo amar toda a gente, nem sequer gostar de toda a gente. E certamente não espero que toda a gente me ame.

Ela ficou mais escandalizada com as minhas observações do que eu ficara com as dela — se isso era possível.

> — Não? — exclamou, ofegante. — Mas por que não esperas que toda a gente te ame? Por que não haveriam de te amar? Somos todos um, por baixo da individualidade, todos parte uns dos outros. Por isso, se não te amam, é uma parte de si próprios que não amam.

Depois, disse mais calmamente:

> — Não compreendo. Todos os sistemas que conheço dizem que devemos amar toda a gente por igual.

Houve um breve silêncio.

> — Pensei que tinhas dito que leste *A Natureza da Realidade Pessoal* — disse Rob, baixinho.

— Li…

— Bem, não se pode amar toda a gente por igual — disse Rob. — E, quando pensas que tens de o fazer, acumulas uma carga tremenda de culpa. Isso faz parte daquilo de que trata *A Natureza da Realidade Pessoal*.

— Sinto-me culpada por isso. Terrivelmente — disse ela.

Estava realmente bastante abalada.

— Olha — disse eu. — Gosto muito de ti, Margery. Porque és tu, e reconheço a tua singularidade e reajo a ela. Se tentasse amar toda a gente, não amaria realmente ninguém — e, se dissesse que gostava de ti, ficarias aborrecida. Soaria como um insulto, porque era suposto eu amar-te. Mas, se dissesse que te amava nessas condições, isso não significaria grande coisa, porque pensarias: «Bem, claro, ela tem de dizer isso, porque tem de amar toda a gente, seja quem for.» — Fiz uma pausa. — Estás a acompanhar-me?

Ela abanou a cabeça, dizendo que não. Tirei as primeiras páginas deste manuscrito, onde descrevia o meu encontro com o «senhor Parapsicólogo Júnior», e li-lhe algumas passagens.

— Não gostava dele e ele estava a incomodar-me — disse. — Isso não significa que não pudesse apreciá-lo como um ser humano único, embora não fosse alguém do meu agrado.

Margery abanou a cabeça.

— Mas era evidente que tu… o apreciavas de uma maneira realmente extraordinária…

— Certo. Apreciei a sua individualidade porque me permiti reagir a ela, às semelhanças e diferenças entre nós; porque era livre de não gostar dele, se assim o sentisse. Então, pude vê-lo para além do efeito que tinha sobre mim, e até apreciar o facto de não gostar dele.

Por esta altura, Rob ria-se. Entretanto, o telefone tocou. Rob atendeu, inclinando-se, pois tínhamos retirado o telefone da mesa e colocado-o sobre o radiador. Willy, o nosso gato, saltou de repente para o radiador e começou a mordiscar o cabelo comprido, grisalho e encaracolado de Rob, como se fosse uma porção de salada. Margery e eu ficámos a rir enquanto Rob tentava falar ao telefone e o gato lhe mastigava alegremente o cabelo. Por fim, afastei Willy de Rob. Mas o pequeno episódio doméstico mudou, pelo menos, o humor de Margery. Parecia mais animada.

Pouco a pouco, porém, foi apresentando ideias que me horrorizavam. Uma vez, por exemplo, disse:

— Percebo que não criamos ideias; que elas estão à nossa volta e apenas escolhemos as que queremos.

Pensei que a tinha entendido mal.

— Espera lá — interrompi. — Claro que criamos ideias…

— Bem, pensamos que sim, naturalmente…

— Não. Criamos mesmo — disse, com bastante firmeza.

Poderia ter sido mais diplomática, mas ideias daquelas tiram-me do sério.

> **— Estás a dizer que não somos criativos e, quando o fazes, negas a validade da tua própria realidade.**

O jantar que planeara não chegava para três, pelo que preparámos uma refeição de ovos mexidos, puré de batata instantâneo e picado de carne com batata, de conserva. Margery parou com o garfo no ar e disse, com um espanto inteiramente sincero:

> **— Estás a dizer que somos nós próprios que criamos ideias?**

Mais uma vez, era-me realmente difícil imaginar como podia ela pensar seriamente o contrário. Expus brevemente as minhas ideias sobre os modelos, explicando que até estes eram constantemente renovados por «excentricidades», ou novas variações criativas.

Mas ainda não tínhamos terminado. Enquanto comíamos gelado e bebíamos café, Margery percorreu toda uma teia de crenças que envolviam o «plano físico grosseiro» e a necessidade de o transmutar em vibrações mais finas. Lera efetivamente *A Natureza da Realidade Pessoal*, de Seth, mas interpretara-o através do enquadramento de velhas crenças, e considerava essas crenças a Verdade. Seguindo estes conceitos, Margery acreditava que o corpo era, na melhor das hipóteses, um instrumento; que a vida, no seu melhor, era uma provação; e que ao homem eram negadas as alegrias do pensamento verdadeiramente original ou criativo. Ao

mesmo tempo, estava convencida de que tinha de amar toda a gente — cada uma daquelas pessoas grosseiras e sem criatividade.

Contudo, era uma rapariga bonita, uma rapariga amorosa. Quando se foi embora, porém, eu estava exausta. Rob e eu lavámos a loiça e depois vimos Kojak na televisão; pensei que o programa tinha, pelo menos, um sentido caloroso de humanidade, uma «aura» da condição de criatura com os seus altos e baixos. Até os criminosos podiam pensar por si próprios, e ninguém andava a lamentar-se da sua condição mortal: bem ou mal, tentavam fazer alguma coisa com ela. E não eram apáticos.

Não que os meus próprios pensamentos não fossem contraditórios. Eram. Sempre me preocupou profundamente a estranha vulnerabilidade da nossa condição humana — mas roubar-lhe a criatividade, negar-lhe a vitalidade e a exuberância dificilmente ajuda. Essas atitudes podem conduzir a uma frouxidão espiritual amorfa, na qual nenhuma ação, mental ou física, é definida ou espontânea.

Mencionei a visita de Margery na aula, dois dias depois, e isso parece ter levado Seth a fazer algumas novas afirmações acerca do seu próprio «passado». Também deu origem a um excelente monólogo sobre o amor e o ódio, quando Seth falou dessas emoções. Para além disso, porém, respondeu a muitas perguntas que dizem respeito não apenas aos meus alunos, mas às pessoas em geral. Por essa razão, descrevo essa aula no capítulo seguinte.

# Capítulo 15

## Seth: Sobre o Amor e o Ódio. Códigos Interiores

Esta foi, na verdade, uma das últimas sessões regulares das aulas. Quando se realizou, Rob e eu ainda falávamos da possibilidade de nos mudarmos. Mas era tudo. No nosso mundo normal, não tínhamos tomado decisões concretas. Depois da mudança, porém, suspendi as aulas para terminar este livro e, à data em que escrevo, ainda não as retomei. Nem sequer tenho a certeza de que o farei. Mas, como gosto de não saber o que poderei fazer amanhã, raramente tento prever psiquicamente os acontecimentos da minha própria vida.

Aos níveis habituais, portanto, ninguém percebia que as aulas — e as sessões de Seth nelas realizadas — não continuariam indefinidamente, como tinham continuado nos últimos oito anos. Pensara que uma eventual mudança poderia interromper brevemente as aulas, mas, nessa altura, nem sequer considerara uma pausa superior a um mês.

Nas sessões regulares, Seth continuava a ditar A Realidade "Desconhecida", mas, nas aulas, mencionava muitas vezes visitantes que tínhamos recebido e respondia às perguntas dos alunos. Nessa noite, 7 de janeiro de 1975, a nossa sala de estar estava cheia — até ao teto, parecia. Perto de quarenta pessoas de

todas as idades espalhavam-se pelo chão, sentavam-se nas cadeiras ou no sofá, ou simplesmente se encostavam às paredes. Como fazia muitas vezes, Seth entrou na conversa geral, sorridente, caloroso e sociável.

Tínhamos estado a falar da correspondência, que aumentara a passos largos. Eu já não conseguia responder a tudo, mesmo com a ajuda de Rob, pelo que os alunos respondiam a algumas cartas por mim. Muitas sugeriam que criássemos uma organização ou um programa de formação para ajudar as pessoas a aplicar as ideias de Seth à vida diária. Enquanto falávamos disto, Seth manifestou-se, dirigindo-se aos alunos.

> «Ora, digam a Ruburt que ele não precisa de uma fundação. Ao responderem às cartas, mostram às pessoas a vossa própria interpretação das nossas ideias e, pelo menos, tornam clara a vossa compreensão. Depois, as pessoas podem fazer o que quiserem. É um direito que lhes assiste e é a sua liberdade. Mas vocês estão aqui e ajudam, na medida em que mostram a interpretação que nós, aqui, damos a essas ideias. [Com humor:] Seremos uma fundação não oficial.
>
> «Muitas vezes, ao construírem novas pontes, têm de ajudar os outros a derrubar as antigas. É isso que estamos a fazer. Cada um de vocês faz o mesmo à sua maneira. Cada um, na sua própria vida, olhou para os sistemas e achou-os insuficientes. O indivíduo é mais forte do que qualquer sistema, e o indivíduo

> tem sempre de estar em primeiro lugar. Por isso, não criaremos outro sistema que exista à parte do indivíduo. Em vez disso, mostraremos ao indivíduo o seu devido lugar como iniciador da realidade.
>
> «A vossa vitalidade vem primeiro. Formais sistemas. Isso está bem, mas não deveis permitir que os sistemas vos governem…»

Seth também nos alertou contra a criação de uma organização em várias sessões posteriores, mas, nessa noite, mudou de assunto para Margery, a rapariga que pensava ter de amar toda a gente. Desta vez, falou bastante alto, num tom meio trocista, a sua voz cheia enchendo a sala com aquela vitalidade quase bombástica que por vezes manifesta.

> — Também sou livre de gostar ou não gostar

— disse Seth, referindo-se a uma observação semelhante que eu fizera antes.

> — Também sou livre de amar ou odiar. Uma característica de uma existência antiga, se me perdoarem o termo, é que os velhos ódios não duram, porque se aprende a ter sentido de humor. Costumava achar isso altamente lamentável, pois, a um nível de realidade, não há nada mais reconfortante do que um ódio antigo. Permite-nos saber onde estamos e qual é a nossa posição.

«Mas, com sentido de humor, o ódio torna-se demasiado cómico e, por isso, perde o poder. O amor, por outro lado, mesmo com sentido de humor, torna-se extremamente precioso e suficientemente vasto para conter muito bem os velhos ódios.

«Há velhos camaradas odiados, nos vossos termos, de vidas passadas, que amo profundamente. Partilhamos um belo ódio. Amávamo-nos por causa desse ódio que nos unia. Estávamos magnificamente em contato uns com os outros e relacionávamo-nos. Por isso, examinem o que querem dizer com a palavra "ódio" e vejam como pode estar próximo do amor.»

Não há dúvida: Seth diverte-se imenso quando fala com os alunos. Não fala por cima deles, mas para eles, individualmente e em grupo; olha primeiro para um, depois para outro, respondendo à sua individualidade de uma maneira que poucas pessoas conseguem. Ao mesmo tempo, usa as perguntas individuais como formas de expor questões mais gerais. Terminou as observações anteriores com um comentário sorridente — «Agora, devolvo-vos a esta não fundação» —, quando um aluno o interrompeu.

**— Posso fazer uma pergunta?**

O jovem, a quem chamarei Larry, saltou como um boneco de mola para apanhar Seth antes de ele voltar a transformar-se em mim. Os alunos sorriram; muitos já tinham tentado o mesmo

truque. Por vezes, apanham Seth enquanto ele ainda é «ele»; outras vezes, não. Desta vez, resultou.

> — Podes, com certeza — disse Seth. — Isso não significa que recebas uma resposta, mas podes fazer a pergunta.

Falava num tom de brincadeira suave. Larry respondeu com um sorriso e depois disse:

> **— É uma pergunta sobre Tudo O Que É. Como Tudo O Que É é tudo, alguma vez se sente só?**

> — Tudo O Que É és tu, Larry. Como pode sentir-se só? Essa é a minha resposta — disse Seth.

Contudo, continuou, desenvolvendo:

> — Tudo O Que É é composto por cada pombo, carriça, cardeal, ave, cão e folha. E Tudo O Que É fala constantemente consigo mesmo através de mundos e realidades em crescimento, e esses sussurros e murmúrios só são solitários na medida em que anseiam por mais criatividade. E isso é uma resposta.

Sabia que a presença de Seth era muito poderosa naquela noite, mas surpreendia-me a energia que sentia acumular-se à minha volta. Quando terminou de falar com Larry, devolveu-me a aula. Entrámos numa discussão sobre a morte, e Seth voltou a

manifestar-se; desta vez, a sua voz parecia funcionar como um canal ou veículo de energia de uma maneira ainda mais enfática do que o habitual. Proferiu o monólogo seguinte em tons que iam do sussurro a um volume profundo e ressonante.

No mínimo, Seth fala a partir de um nível, ou de uma espécie, de consciência que habitualmente não nos está acessível. Por essa razão, sinto que o resto da sessão é uma bela demonstração da política da psique, quando outros aspetos dela encaram a existência de um ponto de vista que certamente não é o nosso.

> «O que é a morte?», começou. «Façam a pergunta a vós próprios. Mas, à minha maneira, numa resposta que não é resposta, eu respondo-vos. Pois eu sou a morte. Sou eu próprio, tal como vocês são vocês próprios. Sou uma pequena flor num planeta que não conhecem, e sou eu próprio. Sou uma névoa sobre um tempo que não conseguem compreender, e sou eu próprio. Sou um deus ainda não criado e, contudo, sou eu próprio, tal como vocês são vocês próprios e são porções de pensamentos que ainda não pensaram.
>
> «Estão sobre os abismos de vós próprios e os vossos próprios cumes. São a morte e são a vida. E eu sou a morte e sou a vida. Sou uma borboleta num mundo que ainda não nasceu, nos vossos termos, e, contudo, sou eu próprio nesta sala.

«Sou Ruburt e sou Jane, e sou uma pedra no quintal e, contudo, sou eu próprio, separado de todas essas outras realidades, pois essas realidades também são elas próprias e estão separadas da minha.

«A Terra fala através das ervas, e as ervas florescem, e as aves chegam, e a neve voa: isso é morte e isso é vida.

«Sentem aqui a energia do vosso ser, e ela é morte e é vida, pois as duas estão unidas. Nunca voltarão a conhecer, nos vossos termos, o eu que são agora e, no entanto, ele nunca terminará e lembrar-se-ão sempre dele. Contudo, noutros termos, há uma história do vosso ser. Nos vossos termos, podem olhar para trás, para vidas reencarnacionais, mas elas não são vocês.

«Vocês são vocês próprios. Eu sou eu próprio. Não sou Ruburt. Ruburt não é eu. Ruburt é eu. Sou eu próprio. Sou Ruburt e não sou Ruburt. Vocês são a morte e são a vida. São mais do que os eus que pensam ser; contudo, os eus que são têm liberdade absoluta dentro do enquadramento da vossa realidade, e podem até sair dessa realidade; e saem, e já saíram.

«Sou a vida e sou a morte. Ora, quando a morte pode falar da morte, aí está a vossa resposta. Só os vivos são tão mudos. Pensem nas vossas definições. Em certos termos, estão todos mortos e assim estão há séculos. Noutros termos, ainda não

nasceram e passarão séculos antes de caminharem sobre a superfície da Terra. Contudo, estão vivos e dão como adquirido que eu estou morto; por isso, que jogo delicioso jogamos!

«A morte e a vida, nos vossos termos, são relativas. Nesses termos, para as pessoas que nascerão daqui a duzentos anos, vocês estão mortos. A partir da realidade delas, meus queridos amigos, vocês não existem. São história antiga, remota, e elas leem sobre a vossa época nos livros de História. Ora, do vosso ponto de vista, vocês leem livros de História. Os cientistas examinam montanhas. Olham para estratos rochosos e encontram apenas fósseis. A partir da vossa realidade, esses estratos estão mortos e apenas surgem fósseis mortos. Contudo, esses fósseis vivem. A morte e a vida — mais uma vez, nesses termos — são relativas. Do vosso ponto de vista, estão vivos. De um ponto de vista mais vasto, estão vivos e mortos ao mesmo tempo, e não há diferença.

«Ora, falei muitas vezes, em muitas línguas e em muitos lugares, e, quando fui um papa menor, estava longe de ser eloquente. Era um pequeno político religioso. Posso olhar para trás, nos vossos termos, para essa existência e ver uma grande vitalidade e exuberância, e esse papa menor continua vivo. Não tenho contato com ele e, contudo, ele cresce e aprende devido às minhas experiências, e eu recordo a vida terrena com mais carinho por causa da continuidade da vida dele.

«Por isso, estão vivos e mortos ao mesmo tempo, e não há diferença. Mais uma vez, estão agora tão vivos ou mortos como alguma vez estarão.»

Seth fez finalmente uma pausa, e outro aluno colocou uma pergunta.

**— Mas e os focos? O teu foco não muda? Por exemplo, tu continuas a existir e o papa continua a existir, e em tempos estiveste focalizado no papa.**

— Ele tem a sua própria realidade — disse Seth. — Continua a desfrutar dela. Examinem o vosso conceito de tempo, pois ainda pensam que uma vida tem de existir entre determinadas datas, de modo que o nosso querido velho papa corrupto, de espírito político, tem de terminar a sua existência numa certa altura que já não é reconhecida como vida. Ora, ele escolheu continuar, e alguns dos que estão com ele escolheram continuar esse período, embora vocês já não o reconhecessem.

Desta vez, outro aluno interveio:

**— O que te impediria de reviver a tua vida como papa?**

— Não é prático. Seria aborrecido — respondeu Seth. — Nesses termos, muitas pessoas escolhem efetivamente voltar a experimentar aquilo que considerariam uma existência passada, para a alterarem à medida que a vivem. Vocês estão

apenas focalizados num período particular, no qual reconhecem a história… mas, tal como o espaço vos parece estender-se para fora, também o tempo se estende. Tal como montanhas, ilhas ou oceanos surgem no espaço, também montanhas, ilhas ou oceanos surgem no tempo.

Seth fazia agora pausas, dando aos alunos oportunidade de colocarem as suas perguntas. Desta vez, falou uma jovem, Linda.

**— Nesta existência — e admito que a escolhi —, tenho-me visto catapultada para a frente com uma vitalidade sem limites, e isso assusta um pouco. Pergunto-me se tudo o que faço é inteiramente válido, na minha realidade multidimensional.**

Seth falou com seriedade, mas a sorrir:

— Suponho que preferirias ser catapultada para trás?

Linda corou.

**— Gosto do movimento para a frente, mas…**

— Então, qual é o teu problema? — perguntou Seth. — Sabes que a tua energia e a tua vitalidade são boas. Não tentes construir uma vedação à volta da palavra «validade». É a única resposta que receberás. É a única resposta que realmente queres ou de que precisas.

Seguiu-se uma animada discussão entre os alunos sobre a reencarnação e a memória. Alguém se interrogou em voz alta acerca das minhas ligações a Seth e perguntou se a minha vida existia na memória dele. Seth regressou imediatamente com alguns comentários que mais tarde me intrigaram, quando li a transcrição. Começou por dizer:

> «Ruburt pode fazer muitas coisas que me surpreendem — coisas que eu não fiz no meu passado, pois lembrem-se de que também do passado emerge uma criatividade nova, como em Oversoul Seven [o romance de Ruburt].
>
> «A minha memória não inclui um passado predeterminado em que Ruburt exista. Ele pode fazer coisas que não aconteceram na minha recordação dessa existência e que, de facto, não ocorreram. Ora, esta é uma afirmação de "dar a volta à cabeça", e aplica-se a cada um de vocês. É importante para a compreensão que têm de si próprios e da natureza do tempo.»

Seth voltou a fazer uma pausa e olhou em redor, detendo-se noutra aluna, Ann, que queria fazer uma pergunta, mas estava intimidada. Seth sorriu e encorajou-a a falar.

> **«Estava a pensar nos futuros prováveis», disse Ann. «Um eu futuro poderia falar daquele que seria o seu próprio futuro provável, embora pudesse escolher fazer outra coisa. É isso que quer dizer?»**

«Exatamente», disse Seth. «Mas alguns alunos sentem como se cada pessoa tivesse um eu futuro semelhante a um Grande Irmão, que olha de cima para cada vida e diz: "Ah! Eu fiz isto ou aquilo, por isso tu tens de fazer o mesmo amanhã."»

Outro aluno, Len, fez uma pergunta:

**«Mas pode explicar como é que as nossas encarnações acontecem ao mesmo tempo? É uma coisa difícil de compreender.»**

«Dediquei duas sessões inteiras do meu livro mais recente [*A Realidade "Desconhecida"*] a explicar as encarnações e as contrapartes. Por isso, não posso explicar-vos isto rapidamente. Tudo o que posso dizer-vos — e a turma já o ouviu muitas vezes — é que o tempo é simultâneo e que a criatividade não tem limites. Portanto, vocês não estão à mercê de nenhuma vida passada, nem são uma espécie de vasto supereu assente em camadas de vidas passadas, ali de pé, a esmagá-las.

«A natureza do tempo fala através das vossas células e moléculas. As células do vosso corpo conhecem o equilíbrio adequado que deve ser mantido. Conhecem a vossa posição exata neste planeta. Cada uma delas é individual. Os átomos e as moléculas da vossa forma têm as suas próprias existências. Nesse contexto, podem comparar-se àquilo que consideram vidas passadas. No entanto, existem ao mesmo tempo, dentro da realidade física do vosso ser.

> «Do mesmo modo, todas as vossas vidas passadas e futuras são simultâneas. Estão ligadas entre si da mesma maneira que as partes do vosso corpo estão ligadas, e os vossos pensamentos voam de uma existência para outra como as mensagens saltam para as terminações nervosas do corpo e dizem ao vosso dedo que se mova no ar.
>
> «Eu sou a morte e sou a vida, e vocês também, e vivem todas as vossas vidas simultaneamente. Ora, vocês não são nenhum desses outros eus e eles não são vocês. Contudo, estão relacionados numa gestalt psíquica, como todas as células do vosso corpo.»

Voltámos a discutir as afirmações de Seth e acabámos por fazer perguntas acerca da espontaneidade e da necessidade de disciplina. Mais uma vez, Seth manifestou-se. Desta vez, a sua energia parecia realmente encher a sala.

> «Disse-vos que confiassem no vosso eu espontâneo», disse ele. «E alguns de vocês tornaram-se suficientemente ousados para olhar para a vossa própria realidade; suficientemente ousados para considerar a possibilidade de, afinal, serem naturalmente bons; suficientemente escandalosos para aceitar a possibilidade de o vosso ser talvez ser abençoado; suficientemente audaciosos para considerar a possibilidade de, se se permitirem ser, serem criativos, exuberantes e livres.

«Tiveram a gentileza de me ouvir. Tiveram a gentileza de ponderar o que eu tinha a dizer — mas, por serem quem são, permitiram-se pensar duas vezes. E pensam, por detrás dos vossos pensamentos: "É muito bonito um velho fantasma dizer isso, mas o que acontecerá realmente se eu for o meu eu espontâneo? Que males poderei perpetuar ou fazer surgir? Poderei… falar honestamente com os outros. Poderei fazer uma abençoada figura de parvo ao demonstrar afeto. Poderei expor a minha vulnerabilidade humana; porque, se me mantiver distante, ninguém saberá quem sou, a não ser eu, e ninguém poderá magoar-me."

«Apesar disso, têm tentado, e no fundo das vossas mentes começam a considerar a possibilidade da espontaneidade, mas ela assusta-vos. Pensam: "Esta energia e este poder podem ser mal utilizados, e, se eu for uma criatura má, como me atreverei a saborear a minha própria energia? Mais vale contê-la." E isto aplica-se, em certa medida, a todas as pessoas nesta sala.

«Mas vou dar mais um passo, pois agora digo-vos que sejam temerários com a vossa energia e temerários com o vosso ser, e vocês pensam imediatamente: "O que significa temerário? Significa fora de controlo. Meu Deus, o que poderia acontecer se eu fosse temerário com o meu ser?"

«Os deuses são temerários, senão vocês não teriam um mundo. As flores são temerárias, senão não teriam primavera nem outono. Eu sou temerário, senão nem sequer consideraria falar nestas circunstâncias. É, de facto, temerário da minha parte dizer-vos que são abençoados.»

Seth olhou em redor da sala, deixando que as suas palavras fossem assimiladas, e uma aluna fez uma das perguntas inevitáveis que surgem sempre que se fala de espontaneidade. Disse:

**«Seth, estava a falar da espontaneidade e de sermos temerários, mas este é o meu problema. Estou sempre a dizer a mim própria: "Bolas, tens de ser espontânea." E digo-o constantemente. Quero dizer, porque quase nunca sou espontânea. Mas como posso sê-lo, se penso tanto nisso?»**

Algumas pessoas riram-se, porque tinham a mesma dúvida. Seth disse:

«A si, digo-lhe que se esqueça disso. Deixe lá isso. Está aí sentada a olhar para mim e é uma bela criatura. O seu corpo está espontaneamente a fazer o melhor que pode — está a mantê-la viva. Faz a sua pele resplandecer e os seus olhos brilhar, e não pára a cada momento para dizer: "Ah! Tenho de ser espontâneo." Limita-se a descontrair-se e a ser ele próprio.

«Portanto, esqueça o assunto e, nesse esquecimento, a sua espontaneidade fluirá — como flui, quer a atormente quer não.

> Os seus lábios curvam-se. Os seus ouvidos são como conchas que ouvem a minha voz. Não param para se perguntar se são espontâneos. Não dão ordens a si próprios. Por isso, não dê ordens a si própria. E, se por vezes disser a si mesma: "Não vou ser espontânea, vou ponderar e voltar a ponderar", então isso também é espontâneo!»

Houve mais alguns comentários e perguntas, e Seth encerrou a sessão da turma com o seu humor e a sua filosofia característicos, sempre destinados a suscitar novas perguntas e a incentivar as pessoas a olhar para a sua realidade de novas maneiras.

> «Estão agora nesta sala», disse ele. «Trazem para aqui a vossa própria realidade. Em certos termos, claro, a sala não existe. Aceitam a realidade dela e a vossa realidade dentro dela. Nos termos em que falei há pouco, todas as pessoas nesta sala já morreram e partiram. São cadáveres. Como podem ser tão obtusos que não percebem que estão tão mortos como eu? Em termos ainda diferentes, ainda não nasceram; como é, então, que experimentam seja o que for ou sentem o milagre do vosso ser? Examinem as vossas definições. Deem-nos um momento e depois oiçam uma canção sobre o exame das definições.»

Com isto, saí do transe — por breves instantes. No momento seguinte, estava a cantar em Sumari, a minha «língua de transe». É impossível descrever a canção, a não ser dizendo que os seus padrões cadenciados e ritmos alternados pareciam nascer de um

estado de ser em que as definições não têm significado ou não vêm ao caso. O ser definia-se a si próprio sendo.

Sou certamente espontânea quando canto em Sumari. Se parasse para me lembrar de que, normalmente, não consigo cantar afinado, tudo acabaria ali. Mas, quando li a transcrição daquela noite, o uso que Seth fazia da palavra «temerário» incomodou-me, como incomodara alguns alunos. Temerário? Não significava ser temerário… conduzir automóveis a cem milhas por hora ou correr riscos estúpidos com a própria vida?

No entanto, ao cantar em Sumari, eu sabia o que significava ser temerário; e, de cada vez que começo um cântico ou um poema Sumari, sei o que significa. Também o sei quando me transformo em Seth. Ao pensar nisso, suspeitei de que, pelo menos em certa medida, tinha dificultado o meu progresso na biblioteca por não ser suficientemente temerária. Decidi concentrar ali a minha atenção mais intensamente do que fizera até então.

Mas, se esperava simplesmente obter material da biblioteca e manter um contato com o universo através de um único ponto, aguardava-me uma surpresa. A visita de Margery não só pareceu desencadear a excelente sessão de Seth com a turma naquela noite, como também pareceu dar origem a uma nova enxurrada de visitas e telefonemas. Demorei algum tempo a perceber como essas interrupções se relacionavam com a política da psique e com este livro.

Desde o início me perguntara o que encontraria realmente na minha biblioteca. Compreendia que a minha experiência ali demonstrava uma determinada política da psique e representava orientações minhas que tornavam possíveis as minhas visitas. Para além disso, havia muitos aspetos importantes que desconhecia e, como já referi, muitas vezes passava algum tempo antes de compreender intelectualmente aquilo que andara realmente a fazer.

Por exemplo, o significado do meu encontro com o «homem e a mulher no céu» só se tornou evidente vários meses depois, quando percebi que apresentava simbolicamente uma experiência que só viria a alcançar-me quando estivesse quase a terminar este livro. No entanto, ali, fora-me dada numa espécie de cápsula concentrada.

Naquele mês de janeiro surgiram também outros indícios que só fariam sentido para mim no mês de julho seguinte. Várias noites depois da visita de Margery, por exemplo, a palavra «codicilo» surgiu-me na mente enquanto estava sentada à mesa. Algo na maneira como sentia a minha consciência me dizia que a palavra era importante, embora eu não estivesse nada familiarizada com ela. Não fazia parte do meu vocabulário habitual. Na verdade, estava prestes a ignorar aquele suave toque mental quando ele se repetiu três ou quatro vezes seguidas. Queria realmente chamar a minha atenção, de modo que acabei por me levantar e procurar a palavra no dicionário, cedendo à insistência tal como cederia às exigências do meu gato quando não me larga por querer alguma coisa.

Não li a definição com grande atenção, anotando apenas que um codicilo era «algo acrescentado a um testamento». Depois, a palavra «polémica» surgiu-me da mesma maneira insistente, pelo que também a procurei. O dicionário dizia que era «a arte da disputa, a teologia polémica, que tem por objeto a refutação do erro». Só meses depois percebi de que maneira «codicilo» se aplicava a mim. Mas polémica fazia algum sentido, e pensei: «Sim, de certa forma, é isso que estou a fazer.» E, ao pensar assim, soube de repente que havia algum material da biblioteca pronto para mim. Sentei-me e escrevi a seguinte passagem breve:

## 1. Da Biblioteca — Códigos Interiores

Os códigos interiores da realidade surgem, por um lado, no interior das moléculas e, por outro, também na psique individual e coletiva. Estes códigos vão sendo distorcidos ao longo dos tempos, e é necessário regressar à sua fonte. Os livros da biblioteca são a minha interpretação dessa fonte. O material contido nestes códigos interiores é sempre traduzido para o exterior, para o mundo da ciência, da religião, da política e do direito. Mas, se essas manifestações exteriores se tornarem demasiado rígidas ou se petrificarem, ou se a sua fonte interior for esquecida, deixam de servir as necessidades da psique individual ou coletiva.

Estes códigos têm, pois, de ser constantemente reformulados, novamente vividos e interpretados, para que voltem a emergir, dando um novo impulso à humanidade e assegurando que a civilização acompanhe as necessidades espirituais e psíquicas.

> Os códigos interiores são padrões, modelos flexíveis que transportam em si indícios das maiores potencialidades e realizações do homem, que este pode depois projetar imaginativamente no futuro como padrões de desenvolvimento. (Devem ser utilizados da mesma maneira que um urbanista utiliza plantas; do mesmo modo que as células sabem antecipadamente que forma devem assumir.)

A passagem terminava aqui, mas estabeleci imediatamente certas ligações. Tal como as nossas células têm os seus próprios códigos interiores, que as orientam para a sua realização mais plena, também as nossas psiques os têm. Assim, para mim, a biblioteca e os seus livros representavam, da mesma forma, «o meu verdadeiro caminho», atuando como… cromossomas psíquicos que sabem antecipadamente qual a melhor direção que devo seguir ou qual a «forma» psíquica mais realizadora que devo assumir. A biblioteca representa também, pelo menos nesses termos, a «verdadeira fonte» de uma psique individual: o eu que regressa à sua fonte para se renovar e redescobre as suas próprias «verdades antigas».

Está bem, pensei, mas o que são, afinal, as verdades? A informação dos cromossomas é certamente verdadeira, na medida em que orienta o organismo e as suas partes para a forma que, em última análise (e idealmente?), lhe convém nesta realidade. Serão as intuições verdadeiras da mesma maneira, orientando o eu para a sua relação ideal com o mundo?

Sem o saber, começava a fazer algumas perguntas do tipo certo — perguntas que mais tarde desencadeariam uma nova espécie de política psíquica. Entretanto, outras pessoas faziam as suas próprias perguntas — a mim — e, embora eu ansiasse por mais algumas experiências privadas na biblioteca, era-me apresentada uma «biblioteca viva» de vozes e problemas muito humanos.

Além disso, começámos a procurar casa a sério. O meu mundo privado e público estava a mudar. E eu preocupava-me: será que a biblioteca iria connosco se nos mudássemos? Não percebia — mais uma vez, só o perceberia algum tempo depois — que a primeira fase da biblioteca e deste livro tinha terminado.

# PARTE DOIS

## *Vozes do Mundo*

# CAPÍTULO 16

## Vozes da «Clandestinidade» e a Política da Personalidade Focal

Em janeiro de 1975, o telefone não parava de tocar, ou assim parecia. Telefonavam-me pessoas com praticamente todos os tipos de problemas, de modo que me via obrigada a aplicar as minhas ideias em termos muito práticos. E, no entanto, mais uma vez, cada pessoa era quase super-real, mesmo ao telefone. Cada um dos seus dilemas tinha uma vitalidade «excêntrica» tão enérgica que eu não cessava de me interrogar acerca da imensa criatividade da humanidade — e dos domínios em que se concentra.

Uma mulher a quem chamarei Molly deu início a esta «chamada» de perguntas. O seu problema proporcionou-me imediatamente novas perspetivas sobre os diversos fios de consciência e a sua ligação à nossa vida quotidiana.

Há mais de um ano que Molly ouvia vozes mentais, ou pensamentos que «não eram seus». As vozes, disse ela, atravessavam-lhe continuamente a mente, disputando a sua atenção. Tinham mudado de caráter durante esse período — e, para mim, constituíam exemplos fascinantes de fios de consciência segmentados.

> «Primeiro», disse Molly, «ouvia uma voz na minha cabeça que supostamente era Deus. Depois, havia uma voz na minha barriga que dizia ser o meu pai. Isto foi logo a seguir à morte dele. Eu devia aprender com isto que o meu pai não era Deus.»

«Alguma vez pensou que fosse?», perguntei.

> «Sim, de certa maneira, acho que sim», disse ela. «De qualquer modo, achava que ele não podia fazer nada de errado.»

A voz de Molly era queixosa. Parecia esgotada e fatigada, e repetia-se constantemente. No entanto, já tinha aprendido muito, porque disse:

> «As duas vozes, a de Deus e a do meu pai, ensinaram-me que um era diferente do outro. A voz do meu pai — ou a voz que dizia ser o meu pai — parecia sempre vir da minha barriga, e Deus vinha sempre à minha cabeça. Por isso, passado algum tempo, percebi que tinha divinizado o meu pai.»

As duas dramatizações eram bastante claras para ela, mas prosseguiu:

> «Mais tarde, porém, fiquei mesmo assustada. Li um livro sobre possessão e pensei que estava possuída. Depois, o meu pai e Deus, ou as vozes que diziam sê-los, calaram-se. Agora, em vez delas, há uma voz que duvida. Está sempre a dizer-me que não acredito realmente naquilo em que acredito. E há a minha voz boa, a voz do guia, que tenta ajudar-me. Nunca se calam. Acredito naquilo que diz, que criamos a nossa própria realidade, por isso estou sempre a mandar as vozes embora. Mas elas não vão.»

> **«Está a escolher o caminho mais difícil», disse eu. «Veja, as vozes representam aspetos ou partes de si própria que está a inibir. Por isso, têm de facto mensagens importantes. Não são alheias a si — são apenas partes dos seus próprios processos de pensamento que tem negado. Tornaram-se segmentadas. Uma voz representa as dúvidas que não exprime, que ignora ou tentou negar. A voz do guia representa uma idealização do eu que deseja ser.»**

Molly continuava a repetir o que já me tinha dito. Deixei-a falar. Enquanto a ouvia, percebi mais uma vez que a nossa consciência normal é como uma orquestra de sentimentos e pensamentos que se combinam — fios de ideias, emoções e juízos de valor entrelaçados e interligados. Quando nos tornamos demasiado seletivos, quando decidimos que alguns pensamentos são aceitáveis e outros não, muitas vezes prestamos atenção apenas aos segmentos aceitáveis. Começamos a separar os fios da nossa própria consciência até que estes deixam de se misturar harmoniosamente ou de se modificar como antes. Ficam divididos. Foi o que aconteceu no caso de Molly. Ignorou correntes fundamentais de pensamento e sentimento até deixar de as reconhecer como suas.

> **«Está no meio, a ser atacada dos dois lados», disse eu. «Ouça, Molly. Uma voz está a mostrar-lhe as suas dúvidas. São exageradas, ou parecem sê-lo, em contraste com a voz do guia. Ao ouvi-la, é evidente que a voz do guia estabelece um padrão de comportamento sobre-humano que nenhuma pessoa poderia alcançar.»**

Mais uma vez, Molly começou a repetir as suas experiências, quase como se quisesse impedir-me de dizer alguma coisa que pudesse ajudar. Era compreensível. Tinha estabelecido uma determinada estrutura, e, embora dissesse que queria ajuda, essa

estrutura tinha servido certos propósitos. No entanto, como lhe fiz notar, as suas experiências eram belos exemplos da natureza terapêutica do eu. Como o simbolismo fora adequado desde o início! Sentia que Molly estava, por algum tempo, presa aos ideais que antes atribuíra ao pai, e disse-lhe que, quando reconhecesse a voz da dúvida e a voz do guia como símbolos de atitudes opostas suas, ficaria livre. Então, essas atitudes poderiam voltar a modificar-se mutuamente e a integrar-se no conjunto da identidade que aceitava como sua.

Quando aceites, as dúvidas podem ser encaradas como uma parte necessária do processo de aprendizagem. Molly considerava má a voz da dúvida, mas as dúvidas surgiam precisamente porque os seus ideais não eram razoáveis. Ninguém pode ser um «espírito puro» enquanto vive à face da Terra, mas a voz do seu guia estabelecia precisamente esse tipo de objetivos impossíveis. Deus já não era o «pai», mas os ideais que ela lhe atribuía eram agora enunciados pelo guia. Assim, como lhe disse, a voz da dúvida protestava imediatamente sempre que ela negava a sua própria experiência emocional.

> **«Estou a pensar deixar o emprego e concentrar-me apenas no desenvolvimento espiritual», disse ela.**

> **«Pois. Se não gosta do seu emprego, procure outro», respondi. «Mas não fique em casa a remoer.»**

Disse-lhe que fizesse os exercícios de *A Natureza da Realidade Pessoal*, de Seth, e ela respondeu que os andava a fazer. Pela conversa, porém, era evidente que apenas fingira seguir as

instruções. Sempre que tocava em sentimentos de dúvida, recuava. Se trabalhar realmente com as suas próprias crenças, conseguirá encontrar a origem das suas incessantes aspirações impraticáveis — porque são estas que a impedem de ver a sua própria realidade «verdadeira». E essa realidade é espiritual. Por detrás de muitas das suas atitudes encontrava-se a ideia perturbadora de que não se pode confiar no eu e de que ser humano é errado.

No caso de Molly, a voz da dúvida é a clandestinidade do eu. Molly dividiu as suas próprias atitudes entre os bons e os maus e depois personificou-as parcialmente. O governo do eu fica minado, porque ela não ouve todos os «eleitores», todos os elementos da sua personalidade que têm interesse na sua vida. Como se sente tão culpada, não consegue contentar-se em ser uma pessoa «normal», feliz, razoavelmente satisfeita, dando e recebendo, em paz com a sua humanidade; em vez disso, sente-se impelida a ser uma santa na Terra. Estava decidida a arrancar todas as ideias céticas ou dúvidas, precisamente porque, na realidade, tinha consciência da impossibilidade de corresponder aos seus ideais.

O mesmo tipo de fenómeno de vozes mentais poderia ter-se desenvolvido em Margery, a rapariga que pensava ter de amar toda a gente, não fosse o facto de Margery, pelo menos, admitir as suas dúvidas e manter o contato com elas. Tanto ela como Molly partilhavam a crença de que o eu não era digno de confiança e de que a existência física era grosseira. Infelizmente, muitas pessoas com tais crenças pensam que a espiritualidade só pode desenvolver-se mediante a aceitação de uma gama muito limitada

de emoções. Assim, um manto sombrio cobre o espírito e também o mundo.

Molly acreditava que estava a expandir-se, porque tentava desenvolver a sua consciência espiritual. Sempre que examinava as suas ideias, porém, interpretava esse autoexame como dúvida e tentava imediatamente ser mais espiritual. Acabei por lhe dizer que se esforçava demasiado. A sua própria autoterapia conduzi-la-ia a uma visão mais ampla da vida, se ela simplesmente o permitisse. Penso que consegui fazer-me compreender.

Mais uma vez, em *Aventuras na Consciência*, expliquei as minhas teorias acerca da origem e dos componentes da personalidade. Via-nos a chegar a esta realidade provenientes de um eu-fonte, livre do espaço e do tempo. A personalidade focal (ou o eu que conhecemos) concentra-se nesta vida, mas é também composta por outros aspetos ou partes do eu-fonte que estão latentes na psique, embora «vivos» noutras realidades.

Estes formam a estrutura básica da psique, da qual emerge a personalidade focal. Chamo-lhes «aspetos primordiais». Uma relação de funcionamento harmoniosa entre estes aspetos primordiais dá origem a uma personalidade focal equilibrada — razoavelmente feliz, saudável e criativa.

Na prática, estes aspetos primordiais fundem-se naquilo a que chamo aspetos terrestres, ou versões terrenas dos aspetos primordiais. Manifestam a sua existência nas nossas próprias

características e tendências — a matéria-prima psíquica a partir da qual formamos o eu que conhecemos. Estes aspetos revelam-se também como modelos ou padrões psíquicos que podem funcionar como indicadores de progresso e realização. Também interpretamos as suas «mensagens» através das nossas crenças atuais acerca de nós próprios e do mundo.

Molly, por exemplo, estava a inibir elementos fortes da sua própria personalidade. Acreditava que duvidar era errado, a tal ponto que o seu próprio intelecto se tornara suspeito. Já poderia ter dito isto quando terminei *Aventuras na Consciência*. No entanto, até receber o material da biblioteca, não compreendia a natureza dos modelos nem a maneira como os aspetos terrestres podem atuar no interior da psique como modelos de realização, como indicadores de diversas tendências ou inclinações, ou como reguladores. Molly não só inibia aspetos de si própria, como exagerava o «guia» — com tanta eficácia que a psique fez surgir um aspeto oposto para restabelecer o equilíbrio. Assim, na sua experiência, tem o guia ou eu santo e aquele que duvida. E cada um tem uma voz. Estes modelos não são apenas ideias. São psiquicamente ativos e «vivos». Possuem certas capacidades e características. Interagem na sua psique.

Molly desaprova o mundo porque se desaprova a si própria. Como tem medo das suas dúvidas interiores, quaisquer dados físicos que lhes correspondam são igualmente considerados subversivos. Livros ou artigos que neguem a validade dos fenómenos psíquicos, por exemplo, parecem-lhe ameaças e

representarão material não oficial. A clandestinidade interior será projetada na experiência exterior.

Por outro lado, as pessoas que se apoiam em ideias limitadas do intelecto e reprimem os elementos psíquicos pessoais da personalidade considerarão qualquer domínio de atividade psíquica um disparate ou uma ameaça (uma coisa ou outra), mas decididamente algo subversivo. Em privado, essas pessoas tentarão inibir as experiências intuitivas.

Na verdade, muitas pessoas tentam manter o «poder estabelecido» do eu e seguem as suas convenções tão rigorosamente como seguem as manifestações exteriores dessas convenções — os grupos religiosos ou políticos que lhes dão voz. Contudo, quando tentamos manter uma posição tão inflexível, temos sempre de proteger a nossa posição atual, erguer as nossas defesas e, de uma maneira ou de outra, travar batalha.

A nossa política psíquica — as nossas orientações privadas — também se estende ao exterior, tocando e afetando o nosso mundo comum.

Voltemos a Molly. Deu-me um exemplo da maneira como a sua voz subversiva da dúvida a «tentava» e procurava destruir a sua paz de espírito.

> **«Tenho andado a ler um livro que diz que podemos aumentar a nossa riqueza pensando em termos de abundância», disse ela. «Alguns dos seus livros também dizem isto. Mas, sempre que leio isso, a voz da**

> **dúvida intervém e diz: "Contigo não vai resultar." E repete-o vezes sem conta.»**

E tinha razão! Molly não acreditava realmente que pensar em termos de abundância aumentasse a sua riqueza, mas queria convencer-se de que acreditava. Além disso, o conceito não produziria resultados se ela não fizesse alguma coisa que lhe permitisse funcionar. Em vez disso, pensava deixar o emprego porque o patrão era «negativo». Julgava-o pelos seus próprios padrões irrealistas, pelo que patrões «negativos» a seguiriam de emprego em emprego. A voz da dúvida implorava-lhe que examinasse as suas próprias reservas, para poder perceber o que estava por detrás delas.

Na realidade, essa voz da dúvida era bastante instrutiva, mostrando-lhe a diferença entre os seus objetivos alcançáveis e inalcançáveis. Punha em evidência as aspirações exageradas da voz do guia, que apenas levavam Molly a sentir-se culpada. Molly pode ser singularmente ela própria, a «melhor» Molly, trabalhando no âmbito do mundo prático, à medida que aprende a trabalhar com a sua natureza humana e não contra ela.

Mas de onde vinha a voz do guia? Acredito que seja uma versão vagamente percecionada, distorcida e convencionalizada do aspeto terrestre — a combinação destilada dos aspetos primordiais, tal como funcionam enquanto componentes da personalidade focal. Essa parte da psique contém em si o conhecimento das nossas maiores potencialidades em relação à existência terrena. Contudo, interpretamos as suas mensagens através das nossas crenças.

As crenças convencionalizadas de Molly acerca do bem e do mal levaram-na a interpretar erradamente a parte orientadora da sua personalidade, e a voz da dúvida foi então estabelecida como uma contramedida necessária. Molly agia como uma ditadora, estabelecendo um conjunto de leis, e ai de qualquer parte da sua personalidade que não concordasse! Insistia em que todos os seus pensamentos e atos se conformassem a um padrão rígido de desenvolvimento espiritual, tal como ela o entendia — um padrão que não deixava espaço para se ser simplesmente humano.

Molly encerrara todos os meios de comunicação que pudessem conceder qualquer liberdade às suas dúvidas. Inibia pensamentos «negativos», lia apenas literatura «inspiradora» ou revistas e jornais de orientação psíquica, até que, por fim, as dúvidas reprimidas emergiram na consciência numa revolução própria — com a sua própria guerra de guerrilha, surgindo como as vozes não oficiais que reclamavam a sua atenção.

Molly considerava o intelecto culpado e via-o como o tentador que era preciso silenciar ou vencer. Também tenho tido notícias de cientistas que enfrentam a mesma dificuldade, mas no sentido oposto. Insistem na importância primordial do intelecto em detrimento das intuições. Também agem como ditadores. Leem apenas material científico, e a sua clandestinidade é o oculto. Depois, de uma maneira ou de outra, a psique reage contra tais restrições, e subitamente o cientista confronta-se, não com a voz trocista da razão de Molly, mas com homens vindos do espaço, escrita automática ou revelações súbitas — tudo mensagens não

oficiais que acabam por se infiltrar e perturbar o poder psicológico estabelecido.

No dia seguinte ao telefonema de Molly, recebi uma carta de um homem precisamente assim. Roderick, como lhe chamarei, contou-me a seguinte história:

> Durante anos, concentrara-se na sua carreira científica e fora muito crítico em relação à religião, ao oculto, aos sonhos, aos pressentimentos intuitivos ou a qualquer outra coisa que não pudesse ser produzida num tubo de ensaio. Depois, a filha recebera um exemplar de *Seth Fala* pelo Natal. Intrigado com os seus próprios atos, lera o livro. Então — bum! Do nada, disse ele, Roderick começou a praticar escrita automática. Depois, experimentou um tabuleiro Ouija. Assegurou-me que Seth o tinha contatado, comunicando através do tabuleiro, e, para completar, inteligências de outro mundo queriam que ele ajudasse a desenvolver um novo tipo de pirâmide.

> **«Agora está tudo a acontecer ao mesmo tempo», escreveu Roderick. «Tudo o que eu pensava que não era verdade é verdade.»**

Estava tão habituado a interpretar toda a informação em termos literais que nem sequer admitia a possibilidade de as comunicações do Ouija provirem de partes da sua psique que tinha negado — uma explicação que provavelmente teria aplicado com bastante rapidez a outras atividades desse género pouco tempo antes. Mas agora a psique mostrava a sua incrível riqueza, deixando entrever as suas verdadeiras dimensões — e certamente não podia tratar-se da

psique que antes considerara tão indigna da sua atenção! No seu caso, as inteligências de outro mundo e o seu Seth eram os equivalentes das vozes da dúvida e do guia de Molly. Também representavam aspetos que ele tinha negado, dramatizando-se através da criatividade dos seus próprios interesses e da sua personalidade.

Sempre que o intelecto e as intuições são considerados características separadas e opostas, e um deles é exageradamente realçado em detrimento do outro, o que foi inibido vem à superfície. Isto acontece certamente em muitas experiências de conversão. Surge um novo governo do eu, com novas orientações perante o eu e o mundo. Se isto não for compreendido, as antigas características dominantes podem facilmente tornar-se a nova clandestinidade, reprimidas com tanto vigor como antes eram exibidas. Encontram-se exemplos disto sempre que o cientista convertido aos fenómenos ocultos perde inteiramente a sua antiga objetividade e se torna tão fervoroso nas suas novas ideias como antes o era nas antigas. O crente excessivamente crédulo, em termos religiosos, torna-se o ateu declarado, contrário a toda a religião, pela mesma razão.

Vejo a psique como um processo que se governa a si próprio, tendo a personalidade focal como chefe de Estado. Os modelos interiores são estruturas no seio da psique, padrões em constante mudança que orientam suavemente a personalidade para o seu desenvolvimento mais pleno, da mesma forma que os modelos invisíveis dentro das células orientam o crescimento destas. Por isso, estes modelos representam alguma coisa, embora não pense que os possamos tomar literalmente nos nossos termos. A realidade

deles ajuda a formar a nossa, mas não podem ser confinados às nossas definições.

Mais uma vez, no nosso mundo, estes modelos manifestam-se habitualmente como aspetos terrestres, como características ou qualidades que parecem ser nossas e que efetivamente funcionam como componentes da personalidade. Na sua capacidade mais ampla, porém, representam aspetos primordiais do eu-fonte, de modo que cada aspeto primordial tem a sua própria realidade num tipo de existência diferente do nosso. Em conjunto, representam as potencialidades e as propriedades singulares da psique — e a origem da nossa própria condição de pessoas. Recorremos constantemente a estas características. Muitas vezes, porém, damos excessiva ênfase a uma em detrimento da outra: as nossas crenças levam-nos a inclinar-nos demasiado numa direção e a perder o centro. Ocorrem então ajustamentos que nos ajudam a manter o foco e a nossa posição no mundo.

Algumas pessoas conseguem estabelecer uma relação com um dos aspetos primordiais, de modo que este pode comunicar informações acerca da sua própria existência e também fornecer uma descrição deste mundo a partir do seu ponto de vista. Penso que é isso que estou a fazer com Seth. Quando isto é feito adequadamente, a personalidade focal beneficia imenso, mantendo ao mesmo tempo o seu próprio foco psíquico. Simultaneamente, começa a estender-se noutras direções, altera a sua perceção e traz novos conhecimentos para a existência física.

Neste caso, a personalidade focal muda certamente, talvez de forma drástica, mas numa evolução natural em que conserva sempre a sua autoridade nos assuntos correntes da vida. Não sei por que razão mais pessoas não conseguem fazê-lo bem. Suspeito de que isto deixe entrever uma expansão natural da consciência que nos pertence enquanto espécie e aponte para uma forma mais rica de consciência pessoal, inerente, mas ignorada na nossa concentração na especialização.

A personalidade focal é a frente do eu, o dirigente que lida com outras pessoas e estabelece orientações pessoais, da mesma maneira que o governante de uma nação lida com outros países. Mas a personalidade focal representa outras partes do eu — os seus conselheiros e compatriotas noutros níveis da identidade —, e recebe delas mensagens que a preparam para a sua tarefa e posição. Se não desempenhar suficientemente bem a sua função — se for demasiado autocrática ou censurar demasiadas mensagens dos seus eleitores —, dá-se uma mudança de poder, de acordo com o tipo de política interior característico da personalidade.

Pode haver uma mudança de governo suave e democrática e a adoção de um novo tipo de constituição; uma deposição violenta; uma conversão religiosa ou uma inquisição. Muitos dos telefonemas e cartas que recebi durante este período mostravam-me os métodos utilizados por outras partes do eu para «pôr as coisas em ordem», e estes envolvem habitualmente mensagens não oficiais, isto é, mensagens que a personalidade focal não aceita como legítimas.

Ocorreu-me muitas vezes que a nossa ideia de individualidade é uma mistura muito pouco substancial. Não conseguimos compreender, por exemplo, a rica multiplicidade da experiência psíquica de algumas tribos ou civilizações que sentiam que a sua identidade, sendo ela própria, fazia também parte da consciência dos seus antepassados; ou de outras que também se identificam com os animais. Talvez, em certas civilizações passadas, uma pessoa que pensasse ser apenas ela própria fosse considerada louca, apenas parcialmente presente, uma pessoa quase sem alma.

De vez em quando, ocorre-me um pensamento estranho: talvez o meu modo de consciência, com as suas muitas facetas, seja tão natural como a versão mais singular das outras pessoas. Na verdade, talvez seja mais natural, e aquilo que reconhecemos como consciência normal seja uma parte muito limitada e especializada de capacidades muito maiores. Não gostaria de andar por aí como Seth o tempo todo, nem de entrar em transe por tudo e por nada. A existência de Seth é dele e a minha é minha. Afinal de contas, não trocaria com ele por nada deste mundo. E também não gostaria de andar constantemente a cantar versos Sumari.

No entanto, uma vez, nessa semana, vieram visitar-nos uns amigos. Ao tentar explicar um ponto difícil, passei para a consciência Sumari, cantando nos tons mais puros e felizes — com uma extensão e uma profundidade que espantaram os músicos presentes. Uma afirmação filosófica bastante complexa foi traduzida numa forma de arte emocional muito mais adequada do que uma longa explicação verbal. E, por um momento, quando terminei, senti uma imensa pena das outras pessoas que não

conseguiam variar os seus modos de consciência de acordo com as suas necessidades e intenções.

Durante esse período, tinha sessões semanais de Seth com a turma, além das sessões privadas em que Seth ditava o seu livro. Mais uma vez, falar por Seth está tão fora da experiência da maioria das pessoas que estas lhe atribuem todo o tipo de significados. Contudo, até ter cantado em Sumari naquela noite, não me ocorrera sentir pena das pessoas que não conseguem passar, por exemplo, para um modo de consciência de Seth e que nunca sentem essa riqueza adicional de perceção e expressão. Por isso, parece-me que a maioria das pessoas apenas sorve a mais rala das sopas do requintado caldo de consciência disponível.

Ainda pensava nisto e na importância da personalidade focal enquanto diretora das atividades quando, no dia seguinte, senti que havia algum material da biblioteca pronto para mim. Sentei-me e transcrevi-o imediatamente:

## 1. Da biblioteca — A Psique Mundial e a Projeção Coletiva

> A estrutura da psique do mundo em qualquer momento pode ser determinada observando a sua condição exterior: as diversas civilizações representam, todas elas, características concretizadas inerentes à mente mundial. Os diferentes governos agem em resposta a uma política interior que resulta

das inúmeras orientações utilizadas pelos indivíduos ao lidarem com a sua realidade privada, interior e exterior.

Historicamente, os deuses de uma época podem transformar-se nos demónios de outra; os heróis, nos desprezados; os legisladores, nos fora da lei, e vice-versa, à medida que cada conjunto de gerações vê a realidade através dos aspetos da psique mundial que escolheu encontrar. Uma nação lidará com as outras nações como lida com os seus próprios membros e projetará no exterior, sobre os inimigos, os aspetos de si mesma que não exprime, onde estes surgirão sob forma exagerada. A literatura dominante e as atividades oficiais de uma nação refletirão fielmente a corrente principal da consciência do seu povo.

As culturas não oficiais ou clandestinas representarão aspetos não expressos ou negados pela maioria. A literatura ou a arte subversivas são temidas precisamente porque representam uma cultura interior, não exterior. Tal como acontece com as repressões pessoais, este tipo de material explosivo cresce quanto mais é denunciado.

Quando o material cessou, fiquei ali sentada, de sobrolho franzido. Podia sentir muito mais vindo «do livro», mas, até então, tudo o que tinha eram passagens bastante breves. Via com facilidade onde se aplicava aquele último material, e era evidente que as minhas próprias experiências e o livro estavam intimamente ligados. Mas quando receberia o resto do material, e aonde levaria tudo aquilo? Sabia que estava no meio de alguma coisa, de uma

aventura psíquica, mas escapavam-me a sua forma geral e o seu desfecho. De vez em quando, porém, a palavra «codicilo» continuava a surgir-me na mente. Sabia que o termo era importante, mas, ao reler a definição do dicionário, continuava a ser difícil perceber como se aplicava.

Mal acabara de registar o material da biblioteca, o telefone tocou, quase como se o tema do livro tivesse desencadeado a chamada. Era um jovem que me disse que uma amiga sua acabara de ser assassinada. Tinha apenas dezassete anos, e a polícia não tinha pistas. Perguntou se eu conseguiria obter alguma impressão que pudesse levar à captura do assassino.

Já recebera alguns telefonemas desta natureza e perturbavam-me sempre. Agora, com o mais recente material da biblioteca na mente, compreendi subitamente porquê.

Na verdade, lidei com a chamada da mesma forma que com as anteriores, mas desta vez não tinha sentimentos contraditórios acerca das minhas próprias atitudes. Disse ao rapaz que enviaria energia à jovem morta — porque acredito efetivamente que a consciência continua a responder depois da morte —, mas disse-lhe que não me envolveria na tentativa de localizar o assassino. No passado, sentira-me sempre tentada a ajudar (é impossível não sermos influenciados pelas emoções das pessoas envolvidas), mas, quando chegava ao ponto de dizer «Está bem, vou ver o que posso fazer», havia sempre alguma coisa que me detinha.

Agora, as minhas razões pareciam tão simples e claras que me espantava a minha anterior falta de clareza. Não ia utilizar as minhas capacidades para perseguir outro ser humano, fosse o que fosse que tivesse feito. A política psíquica do crime e castigo não era a minha. Certamente, ela funciona no nosso sistema, e ainda não parece haver uma alternativa aceitável, mas perseguir um agressor simplesmente não é para mim. Por um lado, acredito demasiado profundamente que criamos a nossa própria realidade — uma crença impopular quando se trata de violência —, mas estou convencida de que a futura vítima escolhe o agressor com tanta habilidade e engenho como o assassino procura a sua vítima, e, enquanto não soubermos muito mais acerca de ambos, não chegaremos a lado nenhum no combate ao crime. Não estou de maneira nenhuma a justificar o homicídio, mas estou a dizer que a vítima quer ser assassinada — talvez para ser castigada, se não por um deus vingativo, então por um dos seus semelhantes — e que um potencial assassino pode mudar num minuto e tornar-se, em vez disso, a vítima; e que aquele que mata quer ser morto.

Como nunca enfrentámos tais questões, encontramo-nos numa situação em que temos de transformar parte da nossa sociedade em matadores pagos, quer como polícias quer como soldados, para nos protegerem, perpetuando assim o processo. Naturalmente, pago impostos que ajudam a manter esse mesmo sistema. Mas não vou perseguir ativamente ninguém, seja por que razão for. Uma atitude ambígua, talvez. Entretanto, espero que o meu próprio trabalho nos ajude a compreender-nos melhor, para que ninguém precise de ser agressor ou vítima.

Outras chamadas, porém, levaram-me a refletir sobre a minha própria política psíquica e a dos outros. Logo no dia seguinte, por exemplo, telefonou-me um homem a quem chamarei Bill. A mãe estava a morrer. Bill telefonava a todos os sensitivos que conhecia. Não se tratava apenas de estar naturalmente preocupado e angustiado. Havia outras questões envolvidas, que me eram evidentes enquanto o ouvia.

A mãe de Bill era uma mulher muito idosa. Ele queria que eu lhe enviasse energia curativa — e que a curasse, se pudesse, quer ela quisesse viver quer não —, para não se sentir culpado por não morar perto dela. Ela sentia-se indesejada, disse ele. Era indesejada. Ela sabia-o e ele sabia-o. Em vez de enfrentar o facto de que, na realidade, não queria a mãe, lançou-se freneticamente na tentativa de se convencer de que a queria desesperadamente — de que ela tinha de viver. Estava a ceder sob a tensão, por isso mentia a si próprio, a ela e a todas as pessoas a quem telefonava. Se os médicos não a conseguiam salvar, certamente os sensitivos conseguiriam.

A honestidade poderia tê-la salvo; talvez não. Mas a honestidade poderia ter desanuviado o ambiente e feito Bill sentir-se muito melhor consigo próprio e com as suas emoções. Ele, porém, não me ouvia. E eu pensei, suponho que com sarcasmo: temos de utilizar tudo. As verdades de nada servem se não as pudermos tornar práticas exatamente como queremos; se não nos puderem dar o que queremos. Não parecemos perceber que, por vezes, uma intuição impraticável pode ser a «mais verdadeira» e até a mais prática, de uma maneira diferente.

A música é verdadeira. Pouco importa se se compreende ou não a notação musical. Aquilo que a música é escapa a esse tipo de raciocínio. A poesia, a escultura ou a arte são verdadeiras da mesma maneira. A arte é verdadeira, quer se consiga abrir uma lata com ela, fazer alguém viver ou torná-la nossa serva, quer não. Não se pode fazer da arte uma serva, nem da vida ou da verdade, e não se pode usar a capacidade psíquica para obrigar as pessoas a fazer o que não querem: porque a realidade pessoal é demasiado vigorosa para esse tipo de manipulação.

Essa chamada, e algumas outras, também me lembraram que cada um de nós parece ter um foco principal, uma ideia particular do que é prático — um conceito «daquilo que queremos da vida», em função do qual julgamos as nossas experiências. Muitos de nós estudam este ou aquele assunto — ciência, religião ou história, por exemplo — como se existisse separado da experiência que torna possível o próprio estudo. Isto é, concentramo-nos de forma tão exclusiva no nosso foco que tendemos a esquecer a sua ligação à própria vida. Contudo, cada pessoa é tocada por essa estranheza e, apesar de todas as nossas filosofias, passamos da juventude à velhice, e a nossa principal corrente de consciência está entranhada na nossa carne.

A nossa experiência é interior de uma maneira que não conseguimos realmente esclarecer. Vejam-na assim: enquanto escrevo esta página à máquina, é inverno no Nordeste, um dia frio e cinzento. Contudo, sei que o ar está quente e ameno na Florida. Há estradas bem conhecidas à minha espera, se eu decidir viajar para sul durante um mês. No entanto, não há estradas conhecidas

que liguem o verão e o inverno das nossas almas. Talvez tudo o que eu faça no meu trabalho seja explorar estas dimensões, apresentar caminhos alternativos através das experiências desconhecidas do nosso viver; descobrir oásis, estalagens, continentes e ilhas nas terras interiores que todos percorremos. Provavelmente, há todo o tipo de caminhos a seguir — o percurso panorâmico, o percurso histórico, as estradas que passam por templos antigos, as vias rápidas da cidade ou os desvios pelo campo.

Há viajantes que param em todos os monumentos históricos entre aqui e a Florida. Relatarão toda a viagem em função dos campos de batalha que visitaram — as recordações distribuídas com as datas das manobras militares. Percorrerão os cemitérios dos mortos confederados. É assim que programam a sua viagem. Outros pararão pelo caminho para visitar qualquer adivinho, curandeiro ou médium que consigam encontrar em caravanas, parques de campismo ou casas na cidade, detendo-se em pequenas igrejas afastadas, frequentando «cursos de desenvolvimento». Outros ainda dirigir-se-ão aos hotéis e bares de cada cidade, concentrando-se na gastronomia e nas orquestras de baile. Assim, embora possa haver apenas um número limitado de caminhos objetivos para a Florida, há infinitas maneiras de os percorrer. As diferenças tornam-se muito mais importantes do que o itinerário escolhido. Isto também se aplica às nossas viagens interiores.

# CAPÍTULO 17

## Uma Aula Provável

Por vezes, penso que, apesar de tanto falarmos da expansão da consciência, escondemos deliberadamente de nós próprios grande parte do nosso comportamento pouco ortodoxo, simplesmente porque é tão difícil explicá-lo ou relacioná-lo com as nossas atividades habituais. Sempre que nos deparamos com as nossas próprias experiências não oficiais, somos obrigados a examinar o resto das nossas vidas, suspeitando (provavelmente com razão) de que, em geral, estamos conscientes apenas da maneira mais superficial. Esse exame significa que enfrentamos a tarefa de alterar constantemente as nossas ideias acerca da realidade, para as pôr a par das nossas experiências mais recentes com ela; e, naturalmente, temos também de mudar a nossa postura mental no mundo dos factos aceites.

Durante este período ocorreu, por exemplo, um acontecimento desse género relacionado com a minha turma; um acontecimento que tocou cada um de nós em maior ou menor medida, pois certamente vislumbrámos as dimensões mais vastas da atividade possível à psique e a amplitude da comunicação que decorre por baixo da perceção habitual.

O acontecimento em si estendeu-se entre a experiência de vigília e a do sono e envolveu estados fora do corpo. Vou citar as minhas próprias notas, escritas na manhã seguinte. Evidentemente, ainda persistiam elementos do acontecimento, como mostra o primeiro parágrafo.

## 1. Notas, 15 de janeiro de 1975

«Estou aqui sentada para registar uma experiência que tive durante a noite. Contudo, mesmo enquanto escrevo, tudo à minha volta parece estranhamente significativo. Neste momento, pelo menos, estou a impregnar o mundo de elementos de visão provenientes de outros estados de consciência. Um tom de outro mundo paira sobre a sala e sobre a vista para lá da janela. Hoje deve ser algum feriado menor, sem aulas, porque de vez em quando passam grupos de crianças, vivamente coloridas pelos cachecóis e luvas de um vermelho invernal. Tudo parece maior do que o habitual — a casa do outro lado, os carros, até a montanha; tudo cheio daquele estranho significado que, para mim pelo menos, tem uma deliciosa tonalidade verde.

«E os livros avançam em três níveis: Seth continua a ditar *A Realidade "Desconhecida"*. *Política Psíquica* prossegue com as suas duas etapas — aquela em que escrevo os relatos dos acontecimentos e o estado inspirado em que o material vem da biblioteca ou tenho experiências lá. Mas ontem à noite, depois de a turma sair, tive uma experiência de outro tipo.

«Rob e eu só nos deitámos depois da uma da manhã. Primeiro, tivemos de arrumar a sala depois das quase quarenta pessoas que tinham vindo à aula; depois, comemos qualquer coisa. Pensei que adormeceria num instante. Em vez disso, dei voltas e mais voltas na cama e acordava de meia em meia hora, aproximadamente. Às duas e meia, estava sentada na cama com o candeeiro aceso. Depois, apaguei-o.

«Quando dei por mim, estava de novo na sala, a dar uma aula. Ben falava e eu tomava notas. Tento sempre dar toda a atenção aos alunos, e alguém comentou o facto de eu estar a tomar notas. Detestei ser interrompida, mas disse:

**"Ouçam. Isto é importante. Aceitamos esta aula como sendo, enfim, a aula. Mas, noutra probabilidade, a aula acabou. Foram todos para casa. Estou a tomar notas para comparar o que Ben diz aqui com o que disse nessa outra aula, para podermos identificar exatamente as diferenças."**

«A sala estava tão cheia como me lembrava de a ter visto na aula anterior. Ouvi a voz de Mary no corredor e depois ouvi a irmã dela, Jean. Tentei perceber o que estava a acontecer: Mary saíra cedo daquela outra aula e Jean nem sequer estivera presente. Certifiquei-me de que anotava essas variações dos acontecimentos. Depois, chamei:

**"Mary, pensei que tivesses ido para casa, e, Jean, nem sabia que estavas cá!"**

«Mary respondeu em voz alta, a rir:

**“Oh, cá estávamos, sim. Temos andado por aqui o tempo todo.”**

«Tentei manter um foco consciente claro, para descobrir o que estava realmente a acontecer. Na altura, parecia vital que anotasse tudo o que pudesse. Apesar disso, a minha memória não é clara; isto é, lembro-me de ter esquecido tanto quanto recordo. Por essa altura, as luzes começaram a acender-se e a apagar-se. Isso perturbou as minhas anotações. Enquanto me esforçava por ver, voltaram a chegar vozes do corredor do prédio. Todos ouvimos um médico desconhecido a discutir medicina com uma jovem, e a turma inteira escutou os seus passos a descerem em direção à porta da rua. Depois, Rob e eu fomos à cozinha, de onde vimos o médico entrar num carro no parque de estacionamento lá em baixo. Alguns alunos observavam das janelas da sala.

«O médico, porém, levava um macaco pela trela. Foi o primeiro pormenor verdadeiramente desconcertante para mim. Parei e tentei ponderar. Era possível que um médico tivesse um macaco pela trela no parque de estacionamento, mas era pouco provável. Sabia que estava consciente. Tinha a certeza de que, segundo a minha orientação habitual, estava fora do corpo. Mas, segundo a orientação desta aula, estava no meu corpo, e o corpo que devia estar na cama era… um corpo provável.

«Lembrei-me, mesmo então, de que a aula anterior terminara com uma longa discussão sobre medicina, inoculações e macacos dadores. Estaríamos, nesta aula, a abordar aquela

discussão de uma maneira diferente? Abri a janela da cozinha, sentindo o ar límpido e frio do inverno — aquilo era ar verdadeiro, caramba, pensei —, e examinei o cruzamento da esquina. Tudo parecia absolutamente normal, exceto uma coisa: não brilhava luz alguma em lado nenhum. Os candeeiros da rua estavam apagados; o semáforo também; as nossas luzes estavam apagadas havia alguns minutos.

«Fechei a janela e disse a Rob, que estava ao meu lado, que, tanto quanto podia perceber, estávamos de algum modo a funcionar entre realidades, mas que, em todo o caso, as luzes estavam apagadas e devia ter acontecido alguma coisa à eletricidade. Ele sorriu e disse:

> **"Pelo menos, não são os nossos fusíveis",**

querendo dizer que não teria de se dar ao trabalho de os substituir.

«Ao mesmo tempo, um rádio começou a tocar estridentemente, com o que parecia ser um boletim meteorológico. Infelizmente, aqui falhei: aceitei o rádio sem me perguntar como podia ter energia, se não havia eletricidade. Depois, com a mesma brusquidão, estávamos outra vez na cama. Um rádio ao meu lado também tocava estridentemente, e pensei, desalentada, que, com tanto barulho, nunca conseguiria perceber o que estava realmente a acontecer.

«A estática tornou-se tão ruidosa que acordei, zangada. O meu primeiro pensamento foi: "Ótimo. Pelo menos agora posso escrever tudo isto." O segundo foi: "Vai ser difícil como o diabo escrever às escuras, se as luzes não funcionarem." A seguir, apercebi-me de que não tinha a certeza de em que realidade acordara; e, enquanto não experimentasse as luzes, não saberia. A minha mão tremia ao estender-se para o interruptor. A luz espalhou o seu pequeno círculo de calor. Escrevi as notas que estou agora a rever e a passar à máquina.

«Agora tenho a certeza de que a experiência da noite representou uma aula provável. Mas, enquanto estava nessa aula, tinha igual certeza de que ela era a verdadeira. Tenho a certeza de que estava num estado fora do corpo, na sala — tudo era físico e perfeitamente nítido. Mas estaria a alucinar os alunos, ou estariam eles aqui de algum modo? E estaria a alucinar a ausência de luzes, primeiro o seu acender e apagar intermitente e depois o seu desaparecimento? Ou estaria literalmente numa realidade provável que existe neste mesmo ponto do espaço e, nessa realidade, teria havido um corte de luz? Teria ligado um rádio para descobrir a causa e depois, na minha confusão, esquecido isso? Ou teriam as luzes falhado realmente ontem à noite? É fácil verificar, telefonando à companhia de eletricidade, embora os nossos relógios pareçam certos.»

Telefonei à companhia de eletricidade. Não houvera problemas com a luz naquela noite. Depois, por palpite, telefonei a Mary. Sem lhe contar o que tinha acontecido, perguntei-lhe se tivera algum

sonho de que se lembrasse ou alguma experiência invulgar depois de sair da aula.

Mary é enfermeira e mãe, por isso tem bastante que fazer. Primeiro, pediu desculpa por ter saído cedo da aula; estava cansada e preocupada com uma desilusão nos negócios que o marido acabara de sofrer. Para se animar e ganhar alguma perspetiva sobre o assunto, fora para o quarto folhear cópias de antigas sessões de Seth com a turma, dizendo a si própria que saberia quais devia ler.

> **«Sei que nada é realmente acidental», disse ela, «por isso pensei que, fossem quais fossem as sessões que escolhesse, seriam as mais significativas para mim naquele momento.»**

Pegou numa sessão sobre probabilidades e eus prováveis.

> **«Nunca consegui meter na cabeça essa ideia dos eus prováveis», disse ela. «Depois, de repente, enquanto lia a sessão, compreendi realmente, pela primeira vez, o que Seth queria dizer. Agora nem consigo explicar como soube. Mas fiquei verdadeiramente encorajada e senti-me triunfante.»**

Não se lembrava, porém, de nenhum sonho, como eu esperara que acontecesse. Ainda assim, pensei, Mary estivera a pensar em eus prováveis aproximadamente à hora em que eu a ouvira no corredor durante a minha aula provável. (Acabara por adormecer por volta das três da manhã, e eu olhara para o relógio às duas e meia.) Interessante, sugestivo, mas nada mais. Contei-lhe então as minhas próprias experiências e pedi-lhe que guardasse o assunto

para si, para eu poder interrogar os alunos sobre as experiências deles antes de ouvirem falar da minha, e desliguei.

Cerca de uma hora depois, Mary voltou a telefonar. Fora verificar as sessões que lera na noite anterior. As últimas frases que se lembrava de ter lido apresentavam instruções dadas por Seth acerca de sonhos provenientes das «Portas de Corno». Supostamente, tratava-se de tipos especiais de sonhos que punham o indivíduo em contato com o universo e com o eu interior.

Mary presumiu que tivesse adormecido nesse ponto. Ainda assim, virou a página para ver o que vinha a seguir.

> **«Não sei o que significa», disse ela, «mas sinto realmente que isto é importante. A página seguinte era uma discussão da única experiência consciente fora do corpo que alguma vez tive, uma sessão antiga de junho em que Seth a mencionava. Nessa experiência, fui a uma aula fora do corpo e quase enlouqueci a tentar dizer a toda a gente que estava presente. Não parava de gritar: "Ouçam, o meu corpo está a dormir em casa, e eu sei-o, mas estou aqui." Bem», disse ela, «parece simplesmente uma coincidência grande de mais, de alguma maneira…»**

Concordei. Parecia haver algum tipo de ligação, mas certamente nada de verdadeiramente definido. Por isso, escrevi o que ela me contou e esperei que talvez outro dos meus alunos apresentasse uma ligação mais específica.

A minha experiência acontecera depois da aula de terça-feira, dia 14 de janeiro. Na quarta-feira, tive uma sessão regular de Seth e, na quinta-feira à tarde, dei a minha habitual aula de escrita

criativa, à qual Mary também pertencia. Antes da sessão de quarta-feira, pedi a Rob que interrogasse Seth acerca da minha experiência fora do corpo e da aula provável. A sessão foi relativamente curta — a nossa 730.ª —, e a versão de Seth acerca das minhas experiências alargou consideravelmente a minha compreensão. Foi isto que disse:

> «As nossas aulas ocorrem na vossa realidade física, mas os encontros mais amplos têm lugar na psique, e este encontro está livre do espaço e do tempo. Embora as probabilidades atuem, a vossa consciência lida habitualmente com elas uma de cada vez. Nos vossos termos, portanto, depois de a aula ter terminado ontem à noite, começou outra aula — à medida que aqueles acontecimentos da aula eram vividos nas psiques individuais e coletivas dos envolvidos. Esta "segunda" aula, porém, não aconteceu realmente depois da primeira, mas simultaneamente. Representava as dimensões mais amplas dos acontecimentos da aula, e os acontecimentos que compunham a segunda aula ocorreram efetivamente num nível diferente da realidade.
>
> «Mary saiu cedo da aula física, mas participou ainda assim, noutro nível da realidade, em tudo o que se passou. A irmã, que não tem vindo ultimamente, esteve presente psiquicamente. Nessa dimensão, portanto, Ruburt tinha consciência de ambas as presenças. Estava a percecionar as dimensões mais amplas do acontecimento da aula física. Nesses termos, Jean, a irmã de Mary, que não assistiu à aula física, assistiu a uma aula provável;

e Mary, que não esteve presente no final da aula física, participou em toda a aula provável.

«Na experiência de Ruburt, as aulas pareciam separadas: uma real e a outra provável. Mas as duas aulas aparentemente separadas representavam as dimensões mais amplas, habitualmente não percecionadas, de qualquer acontecimento de uma aula ou de qualquer acontecimento percecionado.

«A Ruburt pareceu-lhe que as luzes se apagavam e acendiam. Isto representava o desligar e ligar da sua consciência à medida que esta captava perceções habitualmente restringidas e depois as perdia.

«O aluno Ben tem, de facto, uma energia extraordinária, utilizada de forma irregular e explosiva. Ainda não sabe utilizá-la, por isso ela manifesta-se, não como uma qualidade constante, mas como uma qualidade irrequieta e por vezes perturbadora. Ainda não aprendeu a conduzi-la. Ruburt reconhece-o e, em certa medida, contou com a energia de Ben, sabendo que ela atravessaria ambos os níveis. Esperava depois comparar o que Ben dissesse em cada realidade.

«Ruburt estava fora do corpo, como sabe. Nesse estado, percecionava as dimensões mais amplas do acontecimento da aula, enquanto tentava relacioná-las com a perceção habitual da

aula. [Dirigindo-se a Rob:] Tu também estavas fora do corpo, mas não te recordas da situação.

«Mary estava desanimada e queria dar um presente a si própria. Inconscientemente, escolheu precisamente a antiga sessão da turma que tratava das probabilidades; continha a descrição que fizera, em junho passado, de um episódio fora do corpo em que, de facto, visitara uma aula provável. [Embora tivesse parado de ler imediatamente antes de chegar a essa passagem e sem ler a sessão inteira.]

«Era nisso que tinha a mente ao adormecer. Visitou então este lugar fora do corpo e foi percecionada por Ruburt, que também se encontrava num estado fora do corpo. Mary não entrou na sala, mas ficou no corredor com a irmã.

«Ao olhar pela janela da cozinha, Ruburt utilizava todas as suas capacidades, mas não conseguia manter fisicamente ambos os acontecimentos em curso ao mesmo tempo; ou, melhor, a sua consciência não conseguia conter toda a informação percetiva.

«Parte da paisagem ficou às escuras. Ali, a luz plena da consciência não brilhava. Alertou-se a si próprio através do rádio alucinatório, que o levou a perguntar por que razão as luzes estavam apagadas. Depois, regressou ao comportamento

consciente habitual, pensando: “Deve haver uma tempestade”, e que um boletim meteorológico lhe indicaria o percurso dela.

«Percebeu que o seu corpo dormia e quis acordar para registar os acontecimentos, por isso fez o rádio tocar estridentemente para o despertar.

«Há, porém, mais a dizer acerca do médico e do macaco. O macaco não estava livre, mas preso por uma trela — a interpretação da psique, noutros termos, da discussão anterior da turma acerca das inoculações. O macaco não estava livre porque lhe tinham sido inoculados tecidos doentes, mas o dador esperava manter a doença sob controlo, ou presa pela trela, através de inoculações medidas. Ruburt viu um médico real e um macaco real porque queria tornar bem claro que estavam envolvidos animais vivos, que depois adoeciam, e que eram homens reais que realizavam as experiências.

«Noutros termos, na vossa maneira geral de pensar, as doenças representam aflições animais, e o macaco representava essa ligação. Não estava nenhum médico no parque de estacionamento com um macaco pela trela; contudo, noutros termos, o acontecimento era literal, porque os médicos sentem que têm de controlar o “animal” em vocês para curar; e que, sem a sua trela, a natureza animal (tal como é concebida) se tornaria descontrolada. O macaco foi também utilizado [como símbolo]

> porque é "humanístico", ou possui aquilo que consideram características humanas incipientes.
>
> «O vocabulário utilizado na aula habitual foi interpretado pela psique dessa maneira, e era uma linguagem literal e simbolicamente verdadeira.»

A explicação de Seth intrigou-me e surpreendeu-me. Dera por adquirido que estavam envolvidos dois acontecimentos separados, um físico e outro provável — ou real noutro sistema. Ele dizia que ambos eram partes de um único acontecimento. Isto significaria que qualquer acontecimento e todas as suas versões prováveis faziam, de algum modo, parte uns dos outros. Perguntei-me quantos deles conseguiríamos vislumbrar num dado momento.

Antes de adormecer naquela noite, sugeri a mim própria que teria outra experiência fora do corpo, uma que me ajudasse, de algum modo, a estudar a natureza dos acontecimentos de dentro para fora. Para minha desilusão, de manhã só me lembrava de um breve fragmento. Recordava-me de estar de pé no meio do meu escritório e de ver a minha amiga Sue Watkins no corredor, do outro lado da porta. Trazia um fato de calças novo; a palavra «calças» parecia tão significativa enquanto eu sonhava que, mais tarde, a mencionei especificamente quando registei o episódio no meu caderno. Depois, porém, o caso pareceu tão trivial que me perguntei por que razão me dera ao trabalho. Pensei que, se Sue se lembrasse de alguma coisa, me diria.

Nessa tarde, dei a minha aula de escrita criativa. Mary entrou, transbordante de entusiasmo. Tivera a sua segunda experiência consciente fora do corpo na noite anterior. Como me conhecia, sabia que eu quereria um registo escrito. Escrevera-o para registar a experiência da maneira mais simples e direta possível. A sua experiência é um excelente exemplo das alegrias e tribulações de manter um foco consciente sob condições variáveis de atividade fora do corpo:

> «Estava a dormitar na cama. Repito: a dormitar. Ouvi o hino nacional na televisão e depois a emissão acabou. Rolei até à beira da cama e levantei-me. Os sons altos de estática que vinham do aparelho depois de a estação encerrar incomodavam-me; desliguei a televisão e voltei para a cama. Estava cheia de sono, mas, para minha surpresa e irritação, os sons da televisão continuavam.
>
> «Voltei a levantar-me — uma e outra vez — para desligar o aparelho. De cada vez tinha a certeza de que estava desligado, mas, quando regressava à cama, o som continuava. Por fim, percebi o que estava a acontecer e tentei uma experiência. Rolei para fora da cama, pus-me de pé e abri os olhos físicos — mas continuava na cama; não me tinha mexido. Tentei isto várias vezes, com o mesmo resultado. "Eu" estava fora do meu corpo e ele continuava na cama. Fiquei mais desperta à medida que experimentava, entrando e saindo várias vezes.
>
> «Depois, decidi ficar fora. "A casa de Jane", pensei. "Tenho de chegar lá." Imaginei a porta interior no corredor de baixo do

prédio de Jane. Estava lá! Agora, subir as escadas, chamando o mais alto que podia: "Jane, Jane." Ao mesmo tempo, perguntava-me se o meu corpo também estaria a gritar, perturbando quem estivesse em casa. Ambos os pensamentos me divertiam.

«Jane e Rob estavam os dois de pé no cimo das escadas. Eu ria-me, a exibir-me. "Olhem para mim, a minha segunda experiência fora do corpo. Não estão satisfeitos?"

«Jane disse "Ótimo", da sua maneira habitualmente entusiástica, mas achei que se devia inventar uma nova exclamação para a ocasião. Olhei em redor, tentando comparar criticamente o ambiente com o habitual. Disse a Jane que o apartamento parecia diferente, e ela perguntou-me em quê. Voltei a olhar à minha volta.

«Por um lado, sabia que era noite, mas ali o sol entrava pelas janelas. Por outro, havia salas de jantar por todo o lado. Sabia que estava a ver as coisas de maneira diferente daquela como deviam ser e pensei que também devia inspecionar o resto da casa, para ver que diferenças havia em relação à realidade habitual.

«Jane e Rob também estavam diferentes. Pareciam mais novos. Rob começou a falar. Disse que ia ao Ohio participar num concurso de lavoura, e eu pensei: "Ai, Rob, nunca vais acreditar neste eu provável que tens." Depois, virei-me para

Jane. Ela e Rob sorriam, mas pareciam vagos, de alguma maneira, e eu sabia que os estava a perder. Contudo, estava plenamente consciente, a estudar o que se passava. "Jane, sabes o que é um eu provável?", perguntei.

«Ela abanou a cabeça afirmativamente, dizendo:

> **"Pois sei."**

«"O quê?", perguntei, desconfiada, porque nessa altura parecia ter pouco mais de vinte anos; na verdade, tudo o que restava da Jane que conheço era o cabelo preto. Parecia não saber grande coisa sobre coisa nenhuma, e, quando respondeu à minha pergunta dizendo "Calças", soube que perdera completamente Jane e Rob.

«Com isto, decidi ir visitar a minha irmã Jean. Tinha a sensação de que não dispunha de muito tempo, por isso visualizei a cozinha dela, dei por mim lá e subi as escadas até ao seu quarto, chamando-a pelo nome. Jean estava na cama, ensonada e confusa. Tentei dizer-lhe o que estava a acontecer, mas senti que tinha de regressar. O som do sinal da televisão que ouvira antes parecia agora mais alto. Chamei: "Tenho de ir, Jean", e dei por mim à minha própria porta.

«Percebi que provavelmente teria de olhar para o meu corpo para voltar a entrar nele e pensei: "Bem, mais vale fazê-lo e despachar isto. Acho que consigo fazê-lo sem entrar em pânico."

> «Entrei, preparando-me, sem saber o que sentiria ao ver o meu corpo. Ali estava eu, na cama, a agitar-me de um lado para o outro. Por alguma razão, aquilo divertiu-me. Mergulhei sobre mim própria. Depois, durante um minuto, foi como lutar com outra pessoa. Pensei: "Se ao menos ficasses quieta e parasses de lutar! Devia realmente fazer isto de maneira mais organizada." Perguntei-me se alguma vez conseguiria endireitar-me na posição certa e, por fim, voltei a estar dentro. Abri os olhos físicos.»

Era suposto ser uma aula de escrita criativa, mas discutimos a experiência de Mary. Ela perguntou-me se me lembrava de alguma coisa, e respondi que não, apenas de uma breve experiência fora do corpo envolvendo Sue, mas que não era nada clara. Depois, disse:

> **«Calças! Há qualquer coisa de familiar nisso, porém»,**

e fui consultar o meu caderno de sonhos. Mary e eu ficámos apenas a olhar uma para a outra durante um minuto.

Que raio significava aquilo? Na experiência dela, perguntou-me o que era um eu provável e eu respondi com o comentário aparentemente desconexo «Calças». Na minha experiência, vi Sue com um fato de calças novo e sabia que a palavra «calças» era importante — tão importante que a escrevi, apesar do seu aparente absurdo. Portanto, de alguma maneira, Mary e eu comunicáramos.

Só na terça-feira seguinte soubemos que não tínhamos sido as únicas.

Comecei a aula como fazia muitas vezes, perguntando aos alunos pelos sonhos que tinham tido durante a semana. Desta vez, perguntei se alguém se lembrava de algum sonho na noite depois da nossa última aula. Mantive a voz tão normal quanto possível, para que ninguém soubesse que tinha alguma coisa específica em mente. Ben agitou imediatamente os dois braços no ar e pareceu bastante entusiasmado.

> **«Tive um sonho realmente estranho», disse ele.**

Folheou um caderno de sonhos de aspeto desarrumado, encontrou uma folha e exclamou:

> **«Aqui está!»**

**«Está bem, Ben primeiro», disse eu.**

Leu o seguinte:

> «Na terça-feira passada à noite, depois da aula de Seth… estava numa espécie de estado entre o sono e a vigília. Nesse outro estado de consciência, dei por mim na aula de perceção extrassensorial, só que não era a habitual, mas a aula noutro nível da realidade. Estávamos a discutir aulas adjacentes, como tínhamos feito na aula habitual dessa noite. Mas havia uma diferença. Os nossos pontos de vista tinham mudado, de

> modo que a aula física era considerada a aula irreal, e esta era a aula real.
>
> «Um aluno, Dick, fez uma piada sobre a aula física irreal, mas não me lembro dela. Só sei que tinha alguma coisa a ver com uma imagem de um porco com pontos de sutura na perna. Dick arrancou então a parte da imagem que mostrava a perna suturada do porco. Todos acharam aquilo muito engraçado — eu incluído. Nessa altura, saí de toda aquela situação e repassei-a mentalmente para me lembrar. Senti uma satisfação invulgar por me ter lembrado de estar nessa outra realidade.»

Mary e eu soltámos exclamações de espanto — e de triunfo —, deliciadas. Quando li as minhas próprias notas, que descreviam a «aula provável», Ben sorria de orelha a orelha e outros alunos começaram a procurar nos seus cadernos de sonhos. Algumas pessoas não se tinham lembrado de muitos sonhos nessa semana. Outras lembravam-se, mas tinham deixado os cadernos em casa.

Mary leu as notas que fizera sobre a sua experiência fora do corpo na noite de quarta-feira, 15 de janeiro, em que Rob lhe dissera que ia a um concurso de lavoura. Quando leu essa parte, todos se riram, incluindo Rob, porque ele nunca conduzira um arado na vida. Depois, um aluno, John, levantou a mão, sorriu e leu um longo sonho que tivera nessa mesma noite. Tudo se passava com Rob e comigo — numa casa de quinta. Também lá estavam alunos da turma.

Outro aluno leu ainda um sonho da mesma noite em que todos os membros da turma estavam no nosso apartamento, a preparar-se para nos mudar para uma quinta. No sonho de John, a casa estava construída numa encosta, de modo que parecia ter dois pisos, mas não tinha. No sonho deste outro aluno, havia campos em redor e uma piscina.

No dia seguinte, outro aluno enviou-me pelo correio esta nota:

> «Não consegui esperar pela aula da próxima semana para te contar isto. Não me lembrei de nada durante a aula desta noite, mas, ao folhear agora o meu caderno de sonhos, depois da aula, deparei-me com este sonho que tive na terça-feira passada à noite. Escrevi-o na quarta-feira de manhã.
>
> «Sonho, 15 de janeiro de 1975 — esqueci-o, mas repeti esta frase tantas vezes que pelo menos ela ficou: "assisti a uma aula de Seth". Isto parece coincidir com a "segunda aula" de que falámos esta noite — e estou mesmo a passar-me!»

Para completar, Mary telefonara à irmã, Jean, na manhã seguinte àquela em que a visitara no estado fora do corpo. Sem dizer nada, perguntou a Jean se se lembrava de algum sonho da noite anterior. Jean disse:

> **«Sim. Vieste cá e tentaste tirar-me do corpo.»**

Jean, porém, não tinha escrito o episódio.

É quase impossível saber o que realmente aconteceu ou por que razão foram comunicados certos dados, enquanto outras informações, aparentemente mais pertinentes, não o foram. A palavra «calças», por exemplo, constituía evidentemente uma ligação entre a experiência de Mary e o meu brevíssimo episódio com Sue e as calças na mesma noite. Sue não se lembrava de nada. No entanto, mais uma vez, eu sabia que a palavra «calças» era muito importante — e, na experiência de Mary, quando ela me pergunta pelos eus prováveis, eu respondo «Calças». Ocorreu, evidentemente, uma passagem de informação entre os dois estados.

O mesmo aconteceu com o concurso de lavoura. De algum modo, refletiu-se nos sonhos dos outros alunos, em que nos viam numa casa de quinta ou a mudar-nos para uma.

Experiências destas obrigam-me sempre a parar e a refletir. É difícil acreditar que compreendemos tão pouco das nossas próprias atividades relacionadas com o estado de sonho. Evidentemente, ocorrem níveis de interação e comunicação para além dos normalmente aceites. Enquanto considerarmos a nossa corrente habitual de consciência a única normal, nunca saberemos como se misturam e fundem os diferentes níveis de perceção e de consciência.

Teria o sonho de Ben acerca de outra aula sido apenas uma coincidência? Nesse caso, que coincidência maravilhosa e exata! Suspeito de que o seu «porco com pontos» fosse a sua interpretação do meu macaco pela trela. Em todo o caso, tenho a

certeza de que qualquer grupo, social ou de outro tipo, comunica de maneira semelhante no estado de sonho, em que os símbolos são mais móveis e as associações seguem um tipo diferente de organização.

Uma coisa aprendi: é preciso uma boa quantidade de tempo consciente para acompanhar as nossas atividades habitualmente inconscientes. Depois de aprendermos a recordar os sonhos, podemos facilmente levar uma hora por dia só a registá-los, sem contar com a análise. As experiências fora do corpo são ainda outra questão, porque podemos estar num de muitos estados de consciência quando estamos fora do corpo, tal como quando estamos dentro dele.

Do ponto de vista habitual, o meu médico e o meu macaco no parque de estacionamento eram alucinações, formando um drama criativo à medida que a psique interpretava certas informações à sua maneira. Contudo, do outro lado da questão, nesse outro estado de consciência, tanto o médico como o macaco eram reais — e o meu corpo físico adormecido é que parecia ser a alucinação. Somos profundamente parciais, talvez por necessidade nesta fase do jogo, mas insistimos em interpretar as nossas experiências não oficiais a partir do nosso ponto de vista habitualmente consciente.

Em todo o caso, enquanto tentava pôr por escrito os meus registos de sonhos nessa semana e esperava explorar mais plenamente outros estados de consciência, o telefone tocava constantemente. O mundo, tal como a maioria das pessoas o vivia,

fazia-se realmente ouvir. E os episódios que as pessoas relatavam pareciam, por vezes, tão bizarros como qualquer sonho.

# CAPÍTULO 18

## Sexo e Energia:
## Algumas Versões Inventivas, e Seth em Doses de Ouija

Passava da meia-noite. Rob saíra de casa havia mais de uma hora, para levar de carro uma desconhecida a um motel da cidade. Ou assim eu pensava. Esperara que regressasse dentro de meia hora, no máximo. Estava preocupada por várias razões. Não parava de tentar não estar preocupada. Além disso, a situação era ridícula, e eu sabia-o. Por isso, o que fiz? Sentei-me e escrevi sobre ela, naturalmente, à máquina, tão depressa quanto conseguia. Só para mostrar que não sou cega às minhas próprias fraquezas, incluo as minhas notas originais sobre a situação. Mesmo enquanto as escrevia, amaldiçoava o meu sentido de humor (por que não era mais compassiva?), mas não conseguia decidir o que tinha mais graça — os acontecimentos ou as minhas próprias reações naquele momento. Eis o que escrevi:

> «Bem, cá estamos, passa da meia-noite e Rob está num motel aqui da cidade. Está a levar lá uma advogada. Ela apareceu aqui esta noite, vinda do nada, a chamar "Jane, Jane" à nossa porta — à porta da sala, depois de primeiro bater às portas do corredor e do escritório. Por outras palavras, entrou simplesmente no corredor que separa os nossos dois apartamentos e pôs-se a vaguear, batendo a todas as portas.

Estávamos a ter uma sessão de Seth. O telefone tocara imediatamente antes de começarmos. Habitualmente, desligamos o toque durante a sessão, mas esquecêramos. Por isso, Rob desligou a campainha e começámos.

«Tínhamos acabado de fazer um intervalo quando ouvimos a primeira pancada. Ignorámo-la. Mais cinco ou seis pancadas à porta do corredor. Depois, ouvimos abrir a porta que dá acesso aos nossos apartamentos — não estava trancada. A seguir, passos e pancadas na porta fechada do meu escritório, mesmo do outro lado, que voltámos a ignorar, cada vez mais irritados. Estendi a mão para um cigarro — em silêncio — e parei quando os passos atravessaram o corredor; desta vez, as pancadas começaram na porta trancada da sala. Estávamos sentados a apenas alguns pés de distância.

«Rob e eu ficámos a olhar um para o outro. É estranho estar assim sentado, mal respirando, na nossa própria maldita sala. Além disso, lembrava-me da chamada que não tínhamos atendido. Passou-me pela cabeça que quem telefonara não se limitaria a ligar outra vez, mas viria cá em vez disso. Então, do corredor, chegou uma voz queixosa, perdida, débil, chamando: "Jane? Jane? Não está à minha espera? Está à minha espera, não está? Jane?"

«Sabia que, de qualquer maneira, não conseguiria continuar a sessão se não deixasse entrar fosse quem fosse. Sentia a aflição. Não eram necessários relâmpagos esotéricos; a voz bastava. Disse a Rob que era melhor abrir a porta. Entretanto,

chamei, perguntando quem estava ali. Ela respondeu, mas não consegui perceber.

«Não sei se hei de rir ou chorar. Apanhou o avião, disse-nos, e veio cá porque Seth lhe mandara; e a força Kundalini era tão intensa que, durante as quatro horas de escala, teve de se masturbar vezes sem conta — meu Deus — E depois disse que as relações sexuais ajudam — e aqui está Rob, no motel com ela. E se ela lhe pede que a ajude? E logo hoje dei uma entrevista ao jornal local sobre casamento aberto, de entre todos os assuntos possíveis. Quero dizer, bem, há limites. E, se a velha força Kundalini está a enlouquecer a boa senhora advogada, bem, o que deve fazer um homem compassivo?

«Mas, seja como for, acho hilariante uma advogada aparecer aqui e contar-nos como se masturbou desvairadamente no avião; só que é uma mulher encantadora, na casa dos quarenta anos e atormentada; em agonia, e, como sempre, senti-me tocada e quis ajudar. Mas, enquanto me dizia como era sã e equilibrada, pensei: "Ouça, minha senhora, as pessoas equilibradas não invadem a casa de desconhecidos porque vozes interiores lhes dizem para o fazer." Inclinou a cabeça para um lado e disse suavemente: "O quê? O quê? Estou no sítio errado? Esta é a Jane Roberts certa?"

«Não sei se era a Jane Roberts certa, mas é a única Jane Roberts que tenho, pensei. Disse: "Olhe, esqueça as vozes interiores. Quer uma chávena de café?" Não parava de pensar

que estava uma noite fria dos diabos. "Quer comer alguma coisa?", perguntei.

«Acho maldade da minha parte ter um sentido de humor assim, mas ali estava ela — a mulher atraente, de ossatura larga e cabelo preto, e a situação ridícula; uma tragédia cómica. E ela tinha estado doente. Mas a realidade dela era sua e estava fechada a tudo o que eu pudesse dizer. Sabia-o; senti-o de imediato.

«E, enquanto ela falava, senti que procurava tudo aquilo: as visitas dramáticas aos vários sensitivos de que nos falou; a excitação; o horror e o prazer combinados da sua situação; porque, como nos disse, era na verdade tão escrupulosa. Mas sabia que a força Kundalini tinha sido libertada dentro dela e agora não a conseguia controlar, e ela manifestava-se como uma pressão sexual que tinha de encontrar alívio.

«Rob relacionou-se melhor com ela do que eu. Ainda assim, tive uma breve sessão de Seth para ela. Mal ouviu. Não queria ser ajudada. A sua situação era demasiado deliciosamente dramática para abdicar dela. Seth disse-lhe que a força Kundalini era a força vital natural; que ela formava a sua própria realidade; que estava a lutar contra a sua própria energia em vez de a acompanhar; a criar divisões onde não havia nenhuma. Mas ela não quis ouvir.

«O noivo sabia onde ela estava; desta vez — e de todas as outras vezes em que voara de um lado ao outro do país para visitar este ou aquele sensitivo. Como era evidente que não podíamos ajudar, decidiu visitar um famoso guru indiano assim que nos deixasse. E não devíamos preocupar-nos. Encontraria um lugar onde passar a noite, caminharia pelo ar frio da noite até encontrar uma praça de táxis; agasalhar-se-ia bem para não ter frio.

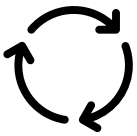
«Pois sim, minha senhora; sugeri um táxi. Rob disse que o mínimo que podia fazer era levá-la de carro a um motel. Isto foi há bem mais de uma hora. Agora, enquanto escrevo, pergunto-me que diabo estará a acontecer naquele motel. Estará ela a tentar explicar-se, desesperada, ansiosa, compenetradamente? Estará suficientemente perturbada mentalmente para se meter em sarilhos sérios? Sugeri que consultasse um psicólogo, mas recusou. Conseguirá Rob lidar com a situação? Sinto que ele consegue lidar com praticamente tudo. Ainda assim, gostava que chegasse a casa. E a grande questão é: se a senhora advogada está em tamanha agonia, bem — deverá Rob ajudar, se puder; e, se o fizer, como poderá uma esposa sensitiva e compassiva zangar-se? Facilmente.»

Pois bem, Rob chegou a casa precisamente quando eu acabava de escrever o que ficou acima. O nosso carro não pegara. Ele quis chamar um táxi, mas ela insistiu que o ar frio da noite lhe faria bem, pelo que os dois tinham caminhado mais de uma milha até ao motel; depois, Rob tivera de regressar a pé.

Os meus sentimentos acerca do caso eram profundamente ambíguos e contraditórios. Li as minhas notas originais na aula de escrita criativa como exemplo de escrita no momento, mas pedi a Rob que descrevesse o episódio à turma de expansão da consciência. Uma coisa perturbou-me, de facto. Como tantas outras pessoas, a senhora advogada tinha medo da própria força vital, a fonte de todo o poder. Acreditava que era preciso tratá-la com pinças, ou ela a destruiria. Não havia confiança na espontaneidade do ser. Não conseguia aceitar como natural que a força vital nos dá vida e energia com facilidade e espontaneidade.

Em vez disso, seguia um dogma que define a energia como Kundalini, a qual tem de ser libertada de determinadas maneiras prescritas. Basta dar um passo em falso, desviar-se do equilíbrio interior meia polegada figurativa, e essa energia pode destruir-nos. Estou convencida de que tais ideias são uma distorção das revelações originais que lhes estão subjacentes. Mas, sempre que a senhora tentava exercer a sua profissão, a Kundalini, acreditava ela, erguia-se para a abater.

Por outro lado, tudo aquilo era um jogo de engano emocional que ela fazia consigo própria e com os outros; e dependia de certas outras ideias e contrastes que serão discutidos mais adiante neste capítulo. Mais uma vez, de facto, o mês iria apresentar-nos experiências que se interligavam todas. Todas mostravam versões diferentes de questões fundamentais que, à primeira vista, pareciam separadas.



Estávamos muito ocupados. No início de fevereiro, decidimos começar a procurar casa a sério. Rob terminou os desenhos para o meu livro de poesia, *Dialogues of the Soul and Mortal Self in Time*, e os diagramas para Aventuras na Consciência. Assim que estes foram enviados pelo correio, começámos a consultar anúncios e a telefonar às agências.

Reservávamos tardes para percorrer de carro a cidade e as localidades próximas, examinando casas anunciadas para venda. Ao fazê-lo, impressionava-me cada vez mais a semelhança entre os nossos interesses e atividades interiores e exteriores. Quando Rob e eu entrávamos de carro numa zona impecável e reluzente de casas suburbanas, por exemplo, vendo as moradias térreas com pequenos jardins, sebes, garagens e carrinhos de crianças nas entradas, para nós elas representavam ideias aconchegadas e voltadas para dentro — os bairros eram a materialização das crenças das pessoas que neles viviam. Talvez fosse injusto da minha parte, mas era isso que sentia. E Rob e eu nunca nos sentiríamos à vontade ali.

Depois, havia casas mais ao nosso gosto — grandes construções espalhadas, com um certo estilo antiquado que era, de alguma maneira, intemporal; grandes jardins privados, divisões de tetos altos com paredes de um branco suave e ricos soalhos de madeira escura; mas exigiam manutenção, até uma empregada ou um

jardineiro. E as casas pareciam exigir uma certa formalidade — vestidos de anfitriã, em vez das minhas habituais calças de ganga. Por isso, embora essas casas me intrigassem, não se ajustavam a nós.

Mas percebi que cada um de nós está rodeado pelas versões materializadas das suas ideias de riqueza e poder, de esperança e desespero, e que os objetos à nossa volta representam, de uma maneira ou de outra, as nossas crenças e os nossos métodos de lidar com a energia da vida. Se temos medo da energia da vida, acumulamos o que temos, receando não obter mais, mas muitas vezes utilizamo-lo de maneiras desastrosas para nós próprios por causa da nossa desconfiança. Ou prejudicamo-nos de tal modo que o nosso poder entra em curto-circuito.

Enquanto procurávamos casa, por exemplo, um conhecido jovem guitarrista clássico assistiu à aula e visitou-nos em privado. A sua música era mais do que deliciosa — estava cheia de poder e vitalidade. Para ele, a energia era o poder de fazer música; de comover os outros. A força vital devia ser expressa, não inibida. Era livre de crescer no seu próprio poder. Era a repressão dessa força, não a sua libertação, que perturbava a senhora advogada.

Mas o sexo parecia ser o tema do mês. Mais uma vez, das minhas notas originais:

> «Acabei de receber um dos telefonemas mais cómicos, mais exuberantes e mais trágicos de sempre. É inacreditável a

maneira como se relaciona com a política psíquica e mostra como as nossas formas interiores de lidar connosco regulam os nossos métodos de enfrentar o mundo, as nossas famílias e a vida social.»

O telefone tocou. Atendi. A voz da mulher era evidentemente idosa, mas forte. O tom era imperioso, exigente, à espera de ser atendida e sem paciência para disparates.

E que história, digna de um romance! A minha interlocutora, a heroína, tinha mais de setenta anos. Começou logo, dizendo:

> **«O que diria de uma situação em que alguém descobrisse que o cônjuge, com quem estava casada havia uns cinquenta anos, se entregara durante todo esse tempo a toda a imundície dos bordéis? Que, durante todo esse tempo, se aventurara pelo submundo da homossexualidade; praticara sexo oral frequentemente e, depois, não satisfeito, ainda tinha de se masturbar? Por que sabia que aquelas mulheres eram más, dominadas por elementais, e, mesmo assim, não conseguia afastar-se delas?»**

Eu bebia café aos golos. Ainda tinha mais de uma hora de escrita pela frente e a correspondência do dia por fazer, mas fui imediatamente cativada pela vitalidade daquela mulher e fascinada pelos contrastes que estabelecera na sua vida. Continuou, interminavelmente, parecia-me, a descrever o marido (o dela, naturalmente) em diversas situações e posições, cada uma envolvendo apetites sexuais notáveis. Satisfazê-los fora o passatempo dele durante todos aqueles anos, enquanto o dela fora aderir a sociedades espíritas e psíquicas.

Entre os dois, tinham conseguido explorar com zelo enérgico as duas dimensões da alma e do sexo, porque viam esses domínios como definitivamente opostos. Ela era a mulher boa, o pilar da família, a sensitiva delicada, crente em Deus e na pureza — e ele era o marido errante, envolvido nos «buracos imundos e fedorentos do mundo das prostitutas e nos ímpios e fedorentos recreios do diabo». Mas subornara um empregado a mais, e a notícia espalhara-se. Pior: um bordel sofrera uma rusga, e ele fora apanhado com o resto da pescaria esperneante. Os habitantes da pequena povoação da Nova Inglaterra onde viviam andavam a rir-se à socapa, disse ela, e os Elks expulsá-lo-iam se tivessem conhecimento das suas atividades nefandas.

Por isso, queria saber o que eu pensava.

«A respeito de quê?», perguntei.

> «De tudo. De qualquer parte», disse ela. «Emissão oral. Sou uma mulher instruída. Não precisa de ter receio de usar a expressão.»

«Bem, é ótimo. Não vejo nada de errado nisso», comecei.

> «Está a dizer-me que tenho de sorrir e aceitar quando o meu marido o faz com uma rapariga que, ao mesmo tempo, o faz com outra rapariga — enquanto uma terceira observa?»

«Isso é outra questão», protestei.

Tinha dificuldade em acompanhar e custava-me imaginar todos aqueles corpos a fazer o que ela dizia que faziam. E não parava de

pensar: também tu formas a tua própria realidade, Jane. Então por que estás a receber todas estas chamadas disparatadas? Entretanto, ela continuava a descrever novas proezas do marido, certamente notáveis num homem de setenta anos. E não era uma partida.

Mencionou então, coisa que não fizera antes, as visões psíquicas que tivera ao longo dos anos — todas corretas —, um vislumbre dos degraus do bordel, com o marido a ser ajudado a descer de forma pouco gloriosa, demasiado bêbedo para caminhar sozinho.

**«Pensei que há pouco tinha insistido em que não sabia?», perguntei.**

> **«Não acreditava naquilo que via», disse ela.**

Prosseguiu:

> **«Depois de descobrir o que se passava, quando me contaram, outras pessoas, naturalmente, confrontei-o, mas ele negou. Mentiu vezes sem conta» (aqui, a voz tornou-se dura e vingativa), «por isso eu disse: "Estás a mentir na face de Deus Todo-Poderoso, a escarnecer da Sua verdade. Ele devia fulminar-te aí mesmo, a tresandar na tua imundície."»**

**«Agora espere lá um momento»,**

exclamei, começando também eu a zangar-me, vendo-a mentalmente a confrontá-lo daquela maneira — e sendo ambos desconhecidos a perturbarem-me a tarde.

**«Para mim, isso é pior do que a infidelidade.»**

Ela não se deixava interromper.

**«Espere», disse eu, com firmeza. Calou-se. «Ouça», disse, «que direito tem de invocar a ira de um deus para destruir um homem? E por que pensa, afinal, que um deus o faria? Que espécie de deus fulminaria um homem porque uma esposa enfurecida o quer castigar?»**

**«Mas ele desafiou a verdade.»**

Depois, sem parar, com a voz a tremer de indignação virtuosa, continuou:

**«E ele disse, disse que, de repente, enquanto eu ali estava, viu toda a sua carreira imunda através dos meus olhos, dos meus olhos; e até recuou por reencarnações passadas. Ora, como explica isso?»**

Queria que eu dissesse que ele vira a sua culpa na sua verdadeira luz, refletida através do espírito puro dela, ou coisa semelhante. De qualquer maneira, não me deu oportunidade de responder e prosseguiu:

**«E a homossexualidade dele…»**

Desta vez fez uma pausa, e eu consegui dizer:

**«A homossexualidade não é um mal.»**

> «Bem, o que hei de fazer?», exigiu ela. «As pessoas estão a começar a descobrir e já não posso protegê-lo.»

«Por que continua com ele, se ele a ofende tanto?»

> «Porque não abandono um navio a afundar-se», disse, amargamente. «Ele acabará completamente na sarjeta. Diz que sou a única coisa boa que alguma vez lhe aconteceu.»

«Bem, talvez fosse mais feliz na sarjeta», disse eu, maliciosamente.

Ela bufou.

> «Ele diz que as putas são controladas por elementais.»

«Olhe», disse eu, «ninguém é perverso, mau e reles de uma ponta à outra, nos termos em que está a falar. Se ele acha que as prostitutas são imundas, essa é a crença dele, e a sua também, suponho. Mas tem pouco a ver com qualquer das senhoras envolvidas. Enquanto os dois partilharem essas crenças, porém, ficarão presos num dilema entre pureza e sexo, depravação e espiritualidade; presos no meio, sem possibilidade de ganhar. Examine as suas crenças. Disse que leu *A Natureza da Realidade Pessoal*, de Seth. Pois bem, faça os exercícios sugeridos no livro. Descubra aquilo em que realmente acredita e porquê.»

Senti-me ligeiramente triunfante, só por conseguir meter uma palavra ou duas. Ao mesmo tempo, vi claramente como aquela mulher e o marido estavam juntos, entre Deus e Satanás, ambos acreditando que o sexo era pecaminoso — as mulheres boas não gostavam dele; só as prostitutas praticavam sexo oral —, e cada um desempenhava até ao fim o papel oposto. Mas também estavam envolvidos dinheiro, poder e prestígio: as prostitutas, os

homossexuais e os «antros imundos de iniquidade» contrastavam de forma hilariante com as organizações sociais a que ambos pertenciam, os grupos empresariais e cívicos e os cidadãos ricos e prósperos. Estas crenças tinham pouco a ver com qualquer igreja ou clube em particular, ou, aliás, com qualquer proxeneta ou prostituta em particular. Um único encontro com uma prostituta de luxo, rica e bem instalada, abalaria em certa medida a crença estereotipada da esposa, porque, na sua mente, as duas coisas não podiam coexistir.

A respeitabilidade e a devoção estão tão entrelaçadas na sua mente que lhe é quase impossível pensar numa sem a outra. Foi precisamente a vida dupla do marido que tanto a chocou e provocou o seu sentimento de traição enfurecida; a mesma duplicidade que provavelmente lhe proporcionava a ele o tempero e o sentido proibido de realização maléfica — ter relações com prostitutas e depois enfiar-se numa cama imaculadamente arranjada, ao lado da sua esposa pura, numa casa que era o símbolo material da responsabilidade! Assim, ele era «mau» pelos dois, e ela era a consciência conjunta de ambos.

Embora soubesse muito bem o que ele andava a fazer, mantivera-se calada durante mais de quarenta anos. E mesmo agora, ao relatar as suas visões das iniquidades dele, podia dizer que não acreditara realmente nelas; que não soubera realmente. E ele, conhecendo as capacidades psíquicas dela, agia sabendo perfeitamente que, a algum nível, ela sabia. Portanto, ela dera certamente um consentimento silencioso, enfurecendo-se apenas quando as condições interiores implícitas foram quebradas.

O caso tornou-se público — já não era secreto, estava à vista de todos. Além disso, agora eram mais velhos. Uma promiscuidade sexual daquele tipo num homem mais novo pode ser considerada viril por alguns; outros homens podem invejá-lo ao mesmo tempo que o censuram. Mas, num homem velho, o comportamento torna-se motivo de risos abafados e, por isso, não parece tão mau. Não consideramos as coisas más e verdadeiramente cómicas ao mesmo tempo. E agora a senhora era também obrigada a enfrentar publicamente uma situação que, à sua maneira, tolerara durante anos.

A minha visitante recente era advogada. Esta mulher era desenhadora. Mas não pude deixar de as comparar. Ambas tinham medo da energia, ambas a identificavam em certa medida como sexual e, portanto, má, desastrosa, degradante — uma «obrigada» a masturbar-se e a outra obrigada a ver o sexo arruinar o seu bom marido. Estas atitudes assentavam em crenças ensinadas por algumas religiões durante séculos: o eu é mau, o corpo é um veículo de decadência; o terreno tem de ser transmutado no puro e no bom. A vitalidade natural do homem torna-se uma força a temer e a disciplinar, uma pressão, uma energia contra a qual lutar, em vez de um poder vivo e criativo partilhado com toda a vida.

Por isso, disse-lhe o que pensava e ela ouviu, embora com bastantes protestos. Pelo menos, dei-lhe a minha opinião honesta e recomendei-lhe que trabalhasse com as suas crenças. Não sei se consegui fazer-me compreender, mas suspeito que sim. Telefonou-me depois de ler os meus livros, por isso devia ter alguma ideia de

qual seria a minha resposta. E era uma mulher vigorosa e aguerrida. Havia esperança para ela.

Quando desliguei e contei a Rob a chamada, também aprendi alguma coisa sobre mim própria. Antes, apelidara a primeira senhora de «a senhora advogada que se masturba». Agora, ao descrever o diálogo acima, dei por mim no auge do meu humor. Ao mesmo tempo, pensava: «Isto não é muito bondoso da minha parte. Para ela, as circunstâncias certamente não parecem muito engraçadas.» Mas, mal pensei isso, todo o caso me pareceu mais cómico, mais trágico e, contudo, mais hilariante ao mesmo tempo. Sentira-me culpada em relação à senhora advogada pela mesma razão.

Mas compreendi, ao ouvir-me falar com Rob, que só me sentia culpada quando me julgava segundo uma definição de bondade ou de gentileza diferente da minha. Sempre que o fazia, desviava-me do meu caminho. A minha compaixão e o meu humor existiam juntos. É todo o elemento humano que é tão desconcertante, vasto, cómico e trágico ao mesmo tempo. Em certa medida, o meu humor ajuda-me a evitar armadilhas e permite-me ajudar os outros a ver as suas vidas numa perspetiva melhor.

Depois, compreendi outra coisa: os telefonemas, as visitas e as cartas estavam a organizar-se em padrões, tal como os acontecimentos subjetivos da minha vida. Surgiam em grupos, tratando de certas questões e temas específicos. Cada chamada dava-me a oportunidade de ver como diferentes pessoas

organizavam a realidade exterior de acordo com a sua política interior. Era espantoso não ter visto as ligações mais cedo.

Andara a remoer o tempo de escrita perdido — mas já começara a escrever sobre a última chamada. E, perante a voz ao telefone, sou mais ou menos obrigada a lidar diretamente com as pessoas e a pôr a teoria em prática. Por isso, perguntei-me: de alguma maneira estranha, estarei sentada à espera de que o telefone toque? Que número deseja? E de uma voz, vinda do universo, a telefonar com uma pergunta a que me cabe responder?

A maioria das chamadas nunca aparece nos meus escritos, naturalmente. Muitas vezes, dedico meia hora ou mais a ajudar alguém, perguntando-me se realmente ajudei. E vi muitas dessas pessoas fazerem ajustamentos criativos espantosos nas suas vidas. Ainda assim, uma parte de mim precisa do sossego e da paz da minha biblioteca. Gosto de me recolher aos recessos secretos da psique. Também me ocorreu que a minha «dupla» estava na biblioteca, ocupada tranquilamente com o seu trabalho, mesmo quando eu atendia o telefone.

Enquanto refletia sobre tudo isto, o telefone voltou a tocar. Desta vez senti-me tentada a não atender, mas atendi. Era um homem que me disse que, na noite anterior, Seth comunicara com ele através do tabuleiro Ouija. Lera a afirmação de Seth de que comunicava apenas através de mim, para proteger a integridade do material. Por isso, o meu interlocutor queria saber quem ou o que movera o Ouija para ele.

Expliquei que, desde a publicação dos livros de Seth, apareciam Seths por todo o lado, o que não tinha mal, mas não eram o meu Seth. As pessoas usavam Seth como símbolo, e ele não se importava com isso; um símbolo de níveis superiores de consciência. Também lhe falei de *Aventuras na Consciência*, em que apresentava as minhas ideias acerca dessas personalidades de transe ou de Ouija.

Desliguei, abanando a cabeça. Parecia realmente que o telefone tocava mais desde que encontrara a minha biblioteca. Certamente, mais desconhecidos encontravam o caminho para os nossos apartamentos. As perguntas das pessoas atropelavam-se na minha mente, e, pela primeira vez, considerei seriamente pedir um número de telefone não listado.

Entretanto, continuava a pensar nas pessoas que telefonavam ou escreviam e nos seus problemas. No dia seguinte, ao reler o material anterior sobre os fios de consciência, surgiram-me novas ideias: não são tanto os acontecimentos das nossas vidas que compõem a nossa experiência mental, mas o nível de consciência em que nos encontramos quando vivemos esses acontecimentos. Lembro-me de como tudo diante dos meus olhos parecia mudar no meu estado alterado à porta do supermercado. Os dados físicos eram os mesmos de antes. O conteúdo do mundo não ganhara nem perdera uma polegada, em termos físicos. Contudo, qualitativamente, tudo mudara a tal ponto que o mundo era inteiramente diferente e mais rico. Os edifícios e as pessoas tinham dimensões mais plenas. No meu estado alterado, havia mais coisas fisicamente aparentes. Mas, mesmo então, sabia que as outras

pessoas à minha volta, no estado habitual de consciência, viam o mesmo mundo que eu vira antes da mudança. Nada era acrescentado ao mundo delas, e eu também não sabia quanto conservaria ao regressar ao «normal».

O que conservara era a memória e breves lampejos em que a experiência irrompia momentaneamente num dia e depois desaparecia — e a biblioteca —, porque, de uma maneira que ainda não compreendia, a biblioteca nascera daquela visão alterada. Mas começava a ter a certeza de que os estados de consciência ajudam a moldar os acontecimentos e fazem invisivelmente parte deles.

As dificuldades de um nível de consciência desaparecem noutros níveis. Certas experiências «negativas» simplesmente se dissolvem e as contradições desaparecem. Apenas não nos ensinaram a variar os nossos próprios níveis de experiência, a viajar para um estado de consciência para encontrar respostas a problemas existentes noutro nível.

Pelas minhas próprias experiências, também sabia que estes diversos estados possuem características e especializações criativas diferentes. Utilizando estados alterados de consciência, podemos viver os acontecimentos de diferentes lados — e, se soubéssemos utilizar essas condições, seria concebível circundarmos os acontecimentos, vendo-os de dentro e de fora do espaço e do tempo, vislumbrando a sua realidade mais ampla. É bem possível que as dificuldades das nossas vidas representem áreas específicas em que a nossa visão está verdadeiramente limitada a um foco demasiado estreito.

Estava a pensar em tudo isto e a tentar relacioná-lo com os problemas sobre os quais as pessoas escreviam ou telefonavam quando — adivinharam — o telefone tocou. Uma rapariga disse:

> «Tem alguma ideia do que se passa aqui?»

A voz transbordava de entusiasmo, mas soava meio sussurrada, como se receasse as próprias palavras.

> «Não», disse eu,

e, num tom baixo e conspirativo, contou-me a seguinte história. Ela e o irmão leram os meus livros e arranjaram um tabuleiro Ouija. Na primeira noite, Seth manifestou-se. Na segunda, disse que falaria através da rapariga, a quem chamarei Loretta. Na terceira noite, ainda através do tabuleiro, Seth começou a ditar um romance.

> «Ótimo», disse eu. «Um bom produto criativo é maravilhoso, venha de onde vier.»

Houve uma pausa. Felicitei Loretta e o irmão pela sua criatividade e imaginação, pela sua curiosidade e flexibilidade de consciência, antes de abordar a possibilidade de o Seth deles não ser o meu Seth.

> «O que é muito bom», disse eu, «porque estão a abrir áreas das vossas próprias psiques. Essa parte provavelmente identifica-se como Seth por causa do vosso respeito pelos livros. Está a dizer: "Ouçam, isto é importante. Venho de um nível de consciência diferente do habitual."»

**«Mas é Seth», disse ela, baixando a voz.**

Disse-lhe que lesse *Aventuras na Consciência* e tentei explicar-lhe em poucas palavras como se aplicava à sua experiência, depois prossegui.

**«Olhe», disse eu, «abriram os vossos próprios canais criativos. As diversas partes da psique usam linguagens diferentes. Não as interpretem todas literalmente. Foi-vos dada a ideia para um romance. Isso é um afluxo de criatividade de um nível para outro.»**

**«Pode esperar um momento, por favor?», pediu ela, e depois o irmão, Dennis, veio ao telefone. Voltou a contar todo o episódio.**

Tentei uma abordagem ligeiramente diferente.

**«Olhe, os livros estão a ajudar as pessoas a perceber que têm outros focos mentais possíveis, outros tipos de consciência percetiva. Seth está a servir de símbolo de níveis superiores de consciência, o que é ótimo. Usem o símbolo, mas não o tomem à letra.»**

Dennis continuava a dizer que compreendia, acrescentando logo a seguir:

**«Mas ele continua a dizer que é Seth.» Depois, prosseguiu: «Deixei o meu emprego e Loretta deixou o dela. Vamos escrever este romance. Tudo isto está a orientar as nossas vidas.»**

**«Bem, não devia», disse eu.**

**«Não devia? Porquê?», perguntou ele.**

A surpresa dele surpreendeu-me.

> **«Por que haveria de orientar?», disse eu. «Peguem no material e usem-no como usariam qualquer outro produto criativo. Provavelmente, ambos queriam deixar os empregos e fazer outra coisa. Por isso, se decidirem escrever um livro, ótimo. Nesse caso, o material deu-vos uma oportunidade e uma desculpa, se precisavam dela. Talvez vos tenha tirado de uma rotina. Mas, se tratarem a vossa fonte como se fosse omnipotente, terão uma desilusão.»**

Estava cansada de explicar. A minha voz foi-se apagando. Ficaram desiludidos. Desligámos.

Pensei na chamada e decidi escrever algumas notas sobre ela, quando o telefone voltou a tocar. Desta vez, quase decidi deixá-lo tocar. Que diabo se passava? As chamadas chegavam tão depressa como o material automático da biblioteca. Havia uma boa pista nessa ligação, mas só a compreendi depois de terminar a chamada seguinte.

Era a voz de um jovem.

> **«Sou São Paulo, a telefonar para receber instruções.»**

> **«O quê?», perguntei.**

Ouvira perfeitamente. Precisava apenas de um minuto.

> **«É difícil explicar», disse ele. «Mas sou São Paulo, reencarnado. Estou pronto a iniciar a minha missão e telefono-lhe a si e a Seth para receber instruções.»**

Falava com uma voz tranquila, bastante racional.

E, de repente, foi simples. Soube exatamente como lidar com a situação. Disse:

**«Quando estou ao telefone nestas circunstâncias, falo por Seth e também por mim própria.»**

E, ao dizê-lo, percebi que era verdade.

**«Está bem», disse ele. «Farei tudo o que disser.»**

**«Primeiro, arranje um emprego.»**

Houve silêncio do outro lado, e aproveitei-o.

**«Não pode compreender as pessoas e ajudá-las se não partilhar o seu mundo de trabalho quotidiano. Não fique em casa a remoer a sua missão.»**

**«Está bem», disse ele, corajosamente.**

**«E tem de compreender que São Paulo é um símbolo na sua psique. Tem de descobrir o que representa.»**

E, milagrosamente, consegui fazer-me compreender.

**«Compreendo», disse ele. «Compreendo, e obrigado.»**

Desligou, e as pistas que pressentira antes vieram para o primeiro plano da minha mente. Claro! As pessoas que telefonavam e os visitantes eram… o outro lado da biblioteca; telefonam com certas perguntas, e estas servem de impulso para o material da biblioteca. Isto é, o meu desejo de ajudar impele-me para a biblioteca.

Todas aquelas pessoas eram, à sua maneira, super-reais; exageravam certas características bastante normais até já não ser possível ignorá-las. O primeiro material da biblioteca dizia que me seriam apresentadas as experiências de que precisava para fazer as perguntas adequadas. Mas eu pensara que se referia a experiências psíquicas do tipo mais convencional. Em vez disso, os interlocutores mostravam-me a política psíquica em ação no mundo habitual. Mostravam-me como relacionavam os acontecimentos psíquicos com o enquadramento normal da realidade.

Eram pessoas fortes e vigorosas à sua maneira, mas tinham aprendido a interpretar literalmente todos os acontecimentos. Muitas vezes, era precisamente essa tentativa de traduzir os acontecimentos psíquicos em termos habituais que as fazia parecer tão estranhas a si próprias ou aos seus semelhantes.

Contudo, o material da biblioteca, que eu esperava que fornecesse algumas pistas, vinha a conta-gotas, de vez em quando; subitamente, mas aos bocados. Seth continuava a ditar *A Realidade "Desconhecida"*, mas Rob estava tão ocupado que não tinha oportunidade de passar à máquina muitas das sessões, e eu não consigo ler o sistema de taquigrafia que ele criou. Por isso, embora

suspeitasse de que Seth talvez estivesse a acrescentar alguns esclarecimentos sobre a situação presente, só algum tempo depois pude ler essas sessões.

Entretanto, continuámos a procurar casa.

# CAPÍTULO 19

## Ouço Uma Voz e Não Está Lá Ninguém, e Sequências Oficiais e Não Oficiais

Como toda a gente, tenho duas fontes de informação: a interior e a exterior. Naquele inverno, os dados exteriores acerca do mundo chegavam tão depressa quanto eu conseguia lidar com eles: através dos telefonemas e da correspondência e das nossas experiências ao aventurarmo-nos no mundo do imobiliário. Além disso, recebíamos as notícias habituais do mundo através dos meios de comunicação.

Vista através do foco habitual da consciência, toda esta informação compõe um quadro bastante assustador: indícios de sobrepopulação, poluição, ignorância — a humanidade aparentemente a caminho da extinção, quer pela guerra quer pela má gestão do planeta. Este próprio quadro gera incerteza e medo, porque, dentro dele, o indivíduo parece ameaçado e inseguro. As provas estão todas lá e reforçam-se constantemente.

Essa é uma imagem do mundo, bastante legítima ao nível habitual da consciência. Por vezes, é tudo o que conseguimos ver, até que, gradualmente, quaisquer dados contrários se tornam invisíveis e não se vislumbra esperança. Contudo, a este nível, só são percecionadas partes dos acontecimentos, e utilizam-se as

probabilidades mais desastrosas para fazer previsões. Os mesmos acontecimentos, percecionados a um nível diferente de consciência, poderiam ser muito diferentes, mostrando soluções antes invisíveis.

Na verdade, fiquei cada vez mais convencida de que existia, noutros níveis de consciência, um tipo diferente de realidade terrena, tão legítima como esta — o mesmo mundo, na verdade, apenas numa versão melhor. Admitindo que tal mundo existia, sintonizado com um determinado nível de consciência, como poderíamos então aprender a habitá-lo na realidade normal?

Mesmo ao nosso nível habitual, as nossas crenças e atitudes permitem uma variedade infinita de experiências e de perspetivas alternativas. A matrona e o marido promíscuo estão presos num enquadramento de bem e mal que os cerca constantemente e colore os seus momentos mais banais. Também veem o mundo através dessa tonalidade. As suas ideias políticas e sociais seguirão a mesma linha, e viverão o mundo como um campo de batalha entre o bem e o mal.

Outros poderão concentrar-se antes na guerra. Um pai pode participar numa guerra e os filhos nas seguintes. Outras famílias talvez nunca tenham uma experiência direta da guerra, embora vivam no mesmo período histórico — para elas, as guerras estarão à margem da experiência. Mas cada um de nós, por mais livre que se sinta, sabe que outros neste mundo não o são. E, nessa medida, partilhamos a mesma realidade.

Pensava em tudo isto quando aconteceu algo realmente estranho. Era um acontecimento bastante insignificante; muitas pessoas tiveram experiências do mesmo género. Impressionou-me, porém, a sua vividez, e, como veio a verificar-se, o episódio desencadeou algum material da biblioteca que me deu uma ideia muito melhor dos mundos alternativos.

Era 15 de fevereiro. Estávamos cansados do trabalho e da procura de casa e decidimos dormir uma sesta antes do jantar. Como de costume, fui para o nosso quarto, no apartamento a leste, fechando a porta do apartamento. Rob deitou-se no catre do seu ateliê, no apartamento a oeste. Fechou as portas do apartamento e do ateliê. Primeiro, entretive-me com pequenas coisas, reguei as plantas; sentei-me à beira da cama e li durante alguns minutos. Depois, deitei-me. O telefone tocou quatro vezes e parou, e eu adormeci.

Talvez tenha acordado parcialmente uma vez; depois, tive um sonho de que mal me lembrava. Estava num parque e pensei ficar algum tempo, mas decidi não o fazer, pois estava a escurecer. Alguém se sentou no banco comigo e começou a ler a correspondência que eu pusera ao meu lado. Protestei vigorosamente, satisfeita comigo própria por exprimir o meu aborrecimento em vez de o esconder. Depois, Rob apareceu e disse:

> **«Vamos juntar as nossas coisas e sair daqui de uma vez.»**

Então, a voz real de Rob chamou «Querida», do escritório, do lado de fora do quarto. Acordei, sentei-me e gritei «Está bem, estou

acordada», para lhe dar a entender que o ouvira. Depois, levantei-me, perguntando-me por que razão não entrara no quarto para me acordar, como fazia habitualmente quando dormíamos sestas separados.

Para meu espanto, a porta do apartamento continuava fechada. Deixávamos sempre abertas as portas dos dois apartamentos, a não ser quando dormíamos, porque o corredor entre eles tinha uma porta separada para um corredor exterior. Por que raio a fechara Rob outra vez atrás de si?

Abri-a e vi que a porta do outro apartamento também estava fechada. Entrei — e a porta do ateliê de Rob estava fechada. Nesse preciso momento, abriu-se. Ele saiu, esfregando os olhos.

> **«Ah, já estás levantada», disse, surpreendido. «Acabei agora de me levantar.»**

> **«Como assim? Acabaste de ir lá chamar-me, não foi?»**

Rob jurou que não. Disse que acordara momentos antes e pensara levantar-se para me chamar, mas fora tudo. Abanei a cabeça: mal podia acreditar, mas, evidentemente, não houvera voz alguma para ouvir! Contudo, fora a voz aparentemente física de Rob que me despertara — de um sonho em que um Rob de sonho também falava. A voz real distinguia-se facilmente da voz do sonho. E eu gritara fisicamente em resposta.

Depois do jantar, escrevi uma lista de possibilidades:

1. Alucinei a voz. Nesse caso, foi uma alucinação esplêndida, que provocou uma ação física. Nada a distinguia de uma voz real. Se Rob já estivesse levantado quando me levantei, nunca teria posto em dúvida que me chamara, desde que tivesse aberto as portas.

2. Rob estava num estado fora do corpo. Entrou no quarto enquanto eu ainda dormia, falou comigo «astralmente» e eu traduzi a voz em termos físicos.

3. A intenção mental de Rob de me acordar foi transmitida telepaticamente, e eu alucinei a voz em resposta.

4. Apesar do que penso ter acontecido, nunca chamei fisicamente; tanto a voz como a minha resposta foram alucinatórias. Não consigo aceitar isto.

Por fim, decidi que captara telepaticamente a intenção de Rob de me chamar e depois alucinara o som da sua voz; reagira como se tivesse ouvido um som real e acordara. Mas continuava insatisfeita. Depois, ao ver televisão nessa noite, vi uma cena em que um comediante queimava as pernas das calças — e, de repente, tive a certeza de que conseguia cheirar o fumo. Sabia que estes «dados sensoriais falsos», como lhes chamei, estavam relacionados com ter ouvido a voz de Rob. Mas como?

O dia seguinte era domingo, habitualmente um dia livre para nós. Ao fim da tarde, quando me sentei para ler uma revista, percebi

que havia material da biblioteca pronto para mim, por isso fui para a secretária. Não vi a minha dupla na biblioteca nem quaisquer outras imagens. Em vez disso, limitei-me a registar o material à medida que chegava, tão depressa quanto conseguia escrever à máquina — material certamente preparado noutro nível de consciência, mas «embalado» para este.

## 1. Da biblioteca — Os Caminhos Percetivos da Realidade

O mundo, tal como o vivemos, é o resultado de conclusões neurológicas a que chegamos reconhecendo certas sequências ou séries de estímulos e ignorando outras, de acordo com modelos aprendidos que nos são dados na infância. Desenvolve-se uma espécie de preconceito aprendido em que apenas uma determinada série ou sequência de atividade neurológica é aceite. As outras séries, igualmente legítimas, permanecem quase como imagens-fantasma. Organizamos então a nossa experiência e moldamos os acontecimentos seguindo a série principal.

Existe aqui uma correlação com padrões numéricos infinitos e infinitesimais, ou com aquilo a que se pode chamar séries não oficiais. Se fossem seguidas, estas trariam para a experiência um tipo diferente de acontecimentos, ou acontecimentos que seriam outras versões daqueles que reconhecemos. As séries aceites, neurologicamente aceites, tornam-se geralmente habituais e formam uma espécie de caminho percetivo. Este

caminho é sustentado, em certa medida, por valores ocultos ou acontecimentos e séries não oficiais que se escondem dentro da sequência principal. O brilho e a imediatez da série principal apagam essas outras sequências ocultas ou menores. Deste modo, há pouca dificuldade em distinguir as séries biologicamente aceites daquelas outras que estão biologicamente latentes.

Aceitamos a comunicação verbal, mas não a telepática, por exemplo, embora a telepatia esteja biologicamente incorporada no mecanismo corporal. Limitamo-nos a ignorar esses estímulos neurológicos e não fazemos qualquer esforço para estabilizar ou manter tais dados. Muitas vezes, porém, utilizamos essa informação subconscientemente, mas ela não passa a fazer parte do nosso quadro sensorial estabelecido. Uma vez ativada, essa sequência desencadearia automaticamente outras séries com que está ligada, todas relacionadas com aquilo a que chamaríamos informação não oficial.

Habitualmente, essas perceções não oficiais não estão ligadas aos nossos órgãos dos sentidos; isto é, ignoramos os dados e os sinais: não estabelecemos a ligação, pelo que a informação não se torna um conjunto de dados sensoriais sólidos. Quando isso acontece, por uma razão ou por outra, a nossa falta de experiência leva-nos muitas vezes a misturar as duas sequências e a introduzir a informação não oficial na linha oficial: os valores ocultos adquirem momentaneamente destaque e disputam a nossa atenção com os dados sensoriais

principais. Na realidade, há uma distinção clara entre os dois. Além disso, existem muitas séries alternativas, embora muitas delas não fizessem sentido nas nossas sequências aceites. Os acontecimentos, por exemplo, poderiam ser demasiado grandes no espaço e no tempo, ou demasiado pequenos, para a nossa compreensão.

Na minha experiência de ontem, passei para outra série ou sequência neurológica próxima, em que a telepatia constitui dados principais e os pensamentos dirigidos são ouvidos mentalmente. Por falta de experiência, troquei e misturei as séries neurológicas, entregando a informação aos sentidos físicos — os ouvidos —, que então alucinaram o som. Depois, respondi fisicamente.

No nosso enquadramento aceite da realidade, os sons têm de ser fisicamente ouvidos para serem considerados reais, por isso transferi a informação da sua sequência de origem para a oficial. O episódio foi importante, porém, porque captei com grande clareza a palavra interior e a intenção de Rob. A sua intenção, fazer-me levantar, estava implícita na palavra «Querida», de modo que captei não só a palavra, mas também a intenção. Essa sequência particular inclui igualmente informação precognitiva e uma série de acontecimentos não oficiais relacionados, ligados à nossa sequência aceite.

A minha própria audição interior é apurada. Isto significa simplesmente que ativei essa outra sequência e depois a dirigi através de uma versão-fantasma do som. Habitualmente, interpreto-a como som interior. Ontem, a minha receção foi tão

clara que, na minha confusão, exteriorizei os dados e misturei as séries. Foi ao amor de Rob por mim, quando ele acordou, que reagi primeiro. Esta série não oficial construiria uma visão inteiramente diferente da realidade e dos acontecimentos. Incluiria alguns dos nossos acontecimentos aceites e excluiria outros, tal como a nossa série é uma versão especializada construída através de discriminações.

Na série não oficial em que estive envolvida, a comunicação telepática é o acontecimento principal e a comunicação verbal é a versão-fantasma: a chamada forma astral é o acontecimento percecionado e o corpo físico é a versão-fantasma. Evidentemente, podemos tomar consciência da série não oficial em certa medida, uma vez que está tão relacionada com a nossa. Da mesma maneira, há estruturas ocultas nas nossas células, invisíveis na nossa série. Só aparecerão em sequências que as reconheçam, enquanto algumas estruturas visíveis para nós serão invisíveis noutras sequências ainda.

A chamada expansão da consciência envolve tomar consciência dessas outras sequências que escapam aos nossos limites de tempo e espaço e inseri-las na nossa série habitual. Quando isto acontece, porém, as relações de tempo e espaço dentro da nossa experiência mudam (da mesma maneira que números acrescentados alteram qualquer sequência). Este acréscimo abre a nossa realidade, embora continue a ser possível que outros sigam a antiga série aceite, na qual tal experiência não se manifestará.

Escrevi este material à máquina tão depressa quanto pude. Depois, Rob e eu fomos dar uma volta de carro. Quando regressámos, soube imediatamente que havia mais material pronto para mim. Fui buscar o café e os cigarros, pus outra folha de papel na máquina e recomecei.

Estas sequências e séries oficiais e não oficiais, reconhecidas e não reconhecidas, são a base de todos os sistemas de realidade; cada sistema está sintonizado com as suas próprias sequências, embora, em última análise, cada um se relacione com todos os outros. A espessura da nossa realidade é, na verdade, composta por muitas realidades não oficiais, sequências-fantasma do nosso ponto de vista. Conforme as sequências em que nos concentremos, resulta um sistema de realidade inteiramente diferente. Isto é, a nossa sequência principal é uma parte não oficial de outros sistemas. Cada uma das sequências, embora faça parte de outras, é também (algures) uma série principal.

A nossa própria realidade física de objetos e de tempo aparece de forma não oficial noutras sequências, como um valor oculto.

Estas séries mantêm a sua própria integridade, mas não são fechadas: as relações de tempo e espaço são estabelecidas em escalas, utilizando cada sistema as suas próprias sequências. Se imaginarem os números oficiais de 1 a 10 em fila, haverá um número infinito de uns não oficiais escondidos no 1 que veem e um número infinito de espaços entre o 1 e o 2 oficiais. A posição do 1 no papel representará o nosso mundo de dados sensoriais,

enquanto os uns invisíveis por detrás do 1 oficial representarão os valores ocultos e as probabilidades infinitas desse 1 oficial.

O dois (2) no papel representará o sistema adjacente ao nosso no espaço-tempo e, por detrás dele (ou dentro dele), estarão os seus infinitos valores ocultos. Além disso, naturalmente, haverá um 1 por cima do 1 que vemos no papel; isto é, acima do papel, mas não o podemos ver. Estaremos entre o 1 no papel e o 1 acima dele, e, para esse 1 (acima do papel), somos um valor oculto e um sistema provável, uma variação do seu próprio sistema. Movendo-nos lateralmente do 1 para o 2, haverá, mais uma vez, espaços infinitos a um nível tridimensional a separar-nos do 2 no plano horizontal, representando qualquer movimento adjacente que o nosso universo possa realizar no espaço e no tempo tal como os compreendemos.

Dentro de qualquer sistema, estão disponíveis escolhas de todo o tipo. De um número infinito de sequências de origem, escolhemos as fundamentais que compõem a nossa experiência, colocando-as na posição principal. Estas sequências atuam como indicadores dimensionais, orientando a manifestação da energia e as atitudes dimensionais que ela exprimirá. A posição do espaço e do tempo mudará de acordo com os padrões sequenciais e — ponto importante — há infinitas possibilidades de novas ligações entre sequências, formando novas realidades em pontos tanto infinitos como infinitesimais.

Estas sequências ou séries formam «ordens». As ordens são campos formados pelos pontos de interseção no interior de

sequências que, ao fundirem-se, produzem um determinado quadro dimensional dentro do qual são possíveis certos tipos de experiência. A palavra «ordens» é aqui utilizada como sinónimo de sistemas, implicando uma qualidade de aparente permanência assente em variáveis infinitas.

O Sumari, tal como o utilizo, é um decifrador de códigos, fragmentando os dados como um feixe laser, mostrando os fragmentos que compõem o nosso todo, libertando os componentes psicológicos.

A energia dotada de consciência, ou consciência, é a fonte e o elemento organizador destes sistemas. Estou a aprender a experimentar diferentes sequências a um nível primitivo, quase como quem avança ao jogo do eixo.

É significativo que apliquemos números ao tempo, mas, tal como há espaços não reconhecidos entre os números, há espaços não reconhecidos (psicologicamente invisíveis) entre os momentos ou dentro deles, e alguns acontecimentos dos nossos corpos são «demasiado pequenos» para que os acompanhemos, concentrados como estamos na nossa série principal. Estes acontecimentos corporais são, na realidade, «infinitesimais, mas infinitos», seguindo os seus próprios padrões, que se fundem com os nossos. A compreensão celular estende-se àquilo que consideramos o passado distante e o futuro distante: estes formam, porém, um agora sempre presente a esse nível, representando interações que ocorrem em posições celulares demasiado pequenas para as acompanharmos.

Ali, as células são construídas a um nível, tal como os universos o são noutro; e essa sequência também tem os seus buracos negros, anãs brancas e assim por diante, só que nós os percecionamos, a partir da nossa sequência, como estruturas biológicas de incorporação diminuta. Por assim dizer, o nosso tipo de consciência cintila a partir dessa sequência, ou, melhor, cavalga sobre ela, consciente apenas de certos «picos» no seu interior, que reconhecemos como acontecimentos porque são suficientemente grandes para se enquadrarem na nossa série de escala.

Reli o material: na minha experiência do supermercado, teria então misturado sequências? Existiria aquele mundo aparentemente super-real como um facto quando ativávamos certas respostas neurológicas? Aparentemente, fizera a mesma coisa de maneira diferente quando ouvi o que pensei ser a voz física de Rob. Continuava sem saber ao certo o que acontecera quando cheirei o fumo enquanto o comediante do programa de televisão queimava as calças; contudo, quase conseguia sentir a ligação.

Ainda assim, para ajudar as pessoas de forma prática, seria preciso algum tipo de contato permanente com o mundo mais amplo do que o nosso — e não apenas alguns vislumbres. Esse pensamento lembrou-me os telefonemas e as cartas. Mas, de um dia para o outro, pareceu-me, o tom deles mudou, pelo menos por algum tempo. Houve cartas e telefonemas simplesmente agradecidos; as pessoas ligavam para me dizer como o material de Seth estava a mudar as suas vidas para melhor. Fiquei mais animada.

# CAPÍTULO 20

## Mudamo-nos de Mais de Uma Maneira, e «Lugares Especiais»

Certamente, na maior parte das vezes, limitamo-nos a passar pela superfície das nossas próprias experiências e raramente vemos o reverso deslumbrante dos acontecimentos vulgares. Todos nos mudamos de uma casa ou apartamento para outro, de um bairro, estado ou país para outro, tão envolvidos nas questões superficiais que nunca notamos o impulso e a mobilidade ainda maiores que existem por baixo. Contudo, agora tenho a certeza de que reunimos antecipadamente o novo bairro ou local e repelimos outros, e de que nos mudamos nas nossas psiques muito antes de empacotarmos uma única carga de livros ou de roupa.

Apenas nos mudámos de um bairro para outro, mas parece que viajámos através de probabilidades sem fim, e podíamos sentir os estranhos alongamentos e ruturas dos limites interiores de cada vez que ficávamos a olhar para um alpendre desconhecido que, se quiséssemos, poderia ser nosso. Podíamos sentir, mas dificilmente exprimir em palavras, a simbolização que ocorria continuamente ao interpretarmos os locais físicos em termos das nossas inclinações interiores; reagindo a magnetismos psíquicos, de modo que gostávamos ou não de uma casa imediatamente.

Seth continuava a ditar *A Realidade "Desconhecida"* e apresentou algum material excelente que relacionava a mudança de casa com as probabilidades, explicando como escolhemos uma probabilidade em detrimento de outra e mostrando os ricos entrelaçamentos psíquicos que ligam uma probabilidade a outra. Esse material encontra-se em *A Realidade "Desconhecida"*, juntamente com as notas de Rob acerca das nossas experiências durante a procura de casa. Mais do que nunca, Seth utilizava as nossas experiências privadas para mostrar como até as situações mais banais se relacionam com as nossas crenças acerca da realidade em geral; e como o movimento mais simples põe em marcha as forças da psique e incita outros a responder. Nunca pedimos a Seth que nos encaminhasse para uma casa, embora ele tenha fornecido informações de contexto fascinantes sobre vários lugares e nos tenha dado alguns conselhos gerais.

De qualquer modo, encontrámos uma casa de que gostámos particularmente. Era um bangaló com cerca de cinquenta anos, com um terreno privado profundo, incluindo um jardim degradado e uma estátua partida que outrora estivera junto de uma fonte, no lago de cimento agora vazio.

Decidimos fazer uma proposta pela casa. A proposta foi recusada. No dia seguinte, saímos outra vez de carro, procurando mais anúncios, quando Rob virou subitamente para uma colina e conduziu até uma casa vazia que já tínhamos visto. Nessa altura, nem sequer pedíramos para entrar. Limitáramo-nos a passar, sem ficar impressionados. «Como é que te deu para vires aqui acima?», perguntei, enquanto nos aproximávamos. E então — pronto —

fiquei literalmente de boca aberta. Como pudéramos alguma vez desvalorizar aquela casa encantadora, na sua pequena colina, com vista para a cidade? Também sentia a surpresa de Rob. «É este o mesmo sítio que vimos antes?», perguntei, sabendo que sim antes de ele confirmar com a cabeça: «É.»

Ficámos subitamente encantados. O lugar parecia uma casa saída de um livro de histórias. Era quase impossível acreditar que antes tínhamos passado por ela sem parar. Demos a volta de carro às traseiras. Estacionámos; espreitámos pelas janelas; imaginámos como seria no verão. Depois, fomos para casa e telefonámos à agência imobiliária.

No regresso, surgiram-me as palavras «espaço especial», e as ligações irromperam na consciência tão depressa que tive dificuldade em registá-las. O material começou como material da biblioteca, mas as mudanças de consciência eram difíceis de acompanhar. Parecia receber material da biblioteca que depois era expresso para mim em termos pessoais por outro nível da minha própria psique, e, por vezes, os dois níveis fundiam-se. Estava, porém, bastante entusiasmada enquanto escrevia, porque o material ligava muitas das nossas experiências presentes. Eis o que escrevi:

# 1. Da biblioteca — Os Espaços Latentes da Experiência

A própria biblioteca é um «espaço especial» (neste caso, privado), em que a energia de uma consciência dirigida altera de determinada maneira a disponibilidade do espaço. Tal como há um número infinito de momentos dentro de qualquer momento oficial, também dentro de qualquer ponto do espaço há um número infinito de relações espaciais não oficiais, ou lugares.

Estes permanecem latentes, invisíveis, inexistentes em termos práticos, regra geral. Contudo, são recetivos à impressão (a serem marcados ou estampados), uma vez compreendida a sua disponibilidade. Como não se manifestam na área vivida da experiência habitual, as relações normais de tempo e espaço não se aplicam. Isto é, o tempo é vivido de maneira diferente num lugar especial, embora retome o seu curso normal ao nível habitual.

Quando estou na biblioteca, o meu corpo encontra-se numa relação diferente com o ambiente físico, minuciosamente alterada, minuciosamente desengrenada a níveis infinitesimais, com alguns efeitos atómicos que escapam à nossa atenção. Isto é, as mudanças não se manifestam aos nossos níveis, embora sejam definidas e bastante consequentes noutros níveis.

Esta relação diferente surge porque a consciência dirigida se encontra noutro ambiente, a níveis não oficiais, enquanto conserva a sua posição física. Nos nossos termos, o meu corpo continua nesta sala enquanto escrevo agora, mas continua a ser afetado por uma troca de energia que ocorre entre o eu na biblioteca e o eu aqui. Trata-se de uma divisão como a que uma ameba poderia realizar, só que é da consciência — uma parte fica com o «progenitor» e a descendência entra num espaço especial diferente, mas relacionado. Nesses lugares especiais, estão presentes as características espaciais habituais, mas são muito mais plásticas; e o tempo e o espaço são utilizados de maneira diferente; a consciência brinca neles de uma forma normalmente impossível.

Ali, o corpo assumido pode brincar sem ser limitado pelas restrições habituais, porque é projetado pela consciência no espaço especial e é composto pelas mesmas características. Isto é, a consciência imprime a sua própria marca nesse meio. (Isto acontece da mesma maneira que as frações voam para fora de um número primo, enquanto o número permanece o mesmo e ele próprio; as frações dentro do número primo não estão imóveis, mas partem sempre nas suas próprias direções infinitas, sem prejudicar a primazia do inteiro.)

Nos nossos termos e do nosso ponto de vista, esses lugares especiais não são estáveis nem permanentes, embora o sejam aos seus próprios níveis. Sinto a biblioteca mesmo quando me parece inacessível. A sua realidade é parcialmente determinada pela minha perceção dela. Tem outras salas, por exemplo. Por um lado, estão

lá para eu as encontrar; por outro, serão parcialmente formadas pelo facto de eu as encontrar.

Aqui, isso parece uma contradição. Mas é como se a consciência sentisse de algum modo zonas de cedência no espaço; caminhos percetivos latentes; e, se pressionarmos suavemente a nossa consciência contra o universo, ele cede em certos pontos e abre-se. Passado algum tempo, apanhamos-lhe o jeito e sabemos onde estão os lugares especiais. Aprendemos a afastar suavemente as barreiras dimensionais habituais e a passar por elas com a parte da nossa consciência que melhor se ajusta às condições — ou que melhor pode trabalhar nessas condições. Uso a minha consciência como um arrombador de cofres usa os dedos; e está envolvido um tipo diferente de escuta intensa, até se encontrar a combinação certa e se ouvirem cair os mecanismos invisíveis.

A analogia do arrombamento de cofres é boa aqui, com as suas conotações numéricas, porque estas ordens ou sistemas de realidade estão interligados em virtude das suas relações. Podem estabelecer-se novas ordens ou lugares especiais fixando quaisquer limites hipotéticos; isso altera automaticamente as relações interiores. É como se utilizássemos a consciência como as estacas de uma tenda, proporcionando estabilidade — energia a penetrar num determinado meio de espaço-tempo, ou a inserir-se num espaço-tempo diferente, como estacas cravadas no chão — e formando depois uma nova relação em que são possíveis certos tipos de experiências.

Aliás, cada pessoa marca o espaço com os seus símbolos privados. Este livro trata do movimento da psique ao traduzir dados e símbolos interiores em realidade vivida; trata da origem desses símbolos e da sua atividade poderosa. Os símbolos não são ideias imóveis que se empurram de um lado para o outro, mas concentrações de energia dotadas de movimento. As características dos símbolos incluem força, intenção, identificação, movimento (transferência) e mudança de forma. Embora os símbolos sejam sobretudo privados, em qualquer momento as imagens e associações privadas formarão agrupamentos, sempre em mudança, em torno dos quais gravitarão comunidades ou civilizações.

Os símbolos são imagens ou representações de crenças, carregadas de energia, intensamente emocionais. Os indivíduos estão constantemente a procurar harmonizar esses símbolos interiores com a realidade física; ou, melhor, estão a transformar essa realidade numa contraparte do mundo interior simbolizado. Quando as condições vividas deixam de refletir o ambiente interior simbolizado, o indivíduo procura alcançar um novo equilíbrio. Isto acontece em privado e no âmbito de qualquer grupo ou organização.

Os símbolos atraem modelos e também ajudam a formá-los ao nosso nível de atividade. Os modelos são símbolos que se sustentam a si próprios, agrupados num determinado enquadramento psíquico — símbolos estabilizados em que o movimento é contido ou retido: desse modo, forma-se uma estrutura psíquica reconhecível, como modelo constante em relação

ao qual se avalia a correspondência entre a simbolização interior e a experiência exterior. Estes modelos são, portanto, organizações estabilizadas de símbolos mantidas por algum tempo na psique. Contudo, mudam à medida que mudam os símbolos que os compõem, de acordo com a nossa intenção, de modo que um modelo pode transformar-se suavemente noutro.

Quando li o material, comecei a compreender as ligações entre os meus sentimentos em relação à casa da colina (como lhe chamávamos), os lugares especiais e os símbolos. Podemos tomar um símbolo importante, dar-lhe a forma de um modelo e depois descartá-lo numa determinada altura da vida, para o retomar mais tarde, quando serve de base a um novo modelo. Isto é, podemos ser incapazes de «completar» um símbolo, quer por ainda não o termos ligado a um modelo suficientemente forte para o conter, quer simplesmente por ainda não termos encontrado os elementos necessários.

É como se procurássemos o ingrediente que falta a um símbolo e, enquanto não o encontrarmos, não pudéssemos completar o modelo a que pertence. Quando o encontramos, tudo encaixa como as peças de um quebra-cabeças; o velho símbolo esquecido é imediatamente revitalizado, forma o seu modelo, é ativado e move-nos — ou deixamos que se mova através das nossas vidas. Esses símbolos formam fortes elementos motivadores e podem mobilizar capacidades que estavam latentes.

Geralmente, trazem consigo novas organizações psíquicas e físicas, padrões diferentes de pensamento e atividade, mudanças

na experiência de vida e uma recarga das baterias psíquicas e criativas. Estes símbolos são como filmes vivos no interior da psique, e vi como Rob e eu utilizámos duas imagens simbólicas distintas que nos sintonizaram com a casa da colina e a fizeram entrar em foco.

O processo deve ter começado quando iniciámos a procura de casa. Sabíamos que alguma coisa se passava. Tínhamos uma consciência parcial das associações que nos vinham à mente. Percebíamos que projetávamos reflexos de símbolos interiores sobre os diversos bairros e depois comparávamos as condições exteriores com certos requisitos interiores. Sentimo-nos atraídos pelo bangaló mais antigo, mas, quando a proposta foi recusada, não fiquei nada surpreendida. Suponho que me teria contentado com a casa, mas faltava alguma coisa. Contudo, quando passámos pela casa da colina naquele dia, algo encaixou, e esse algo foi a formação de um modelo viável no espaço e no tempo. Símbolos interiores esquecidos, que remontavam à infância, foram subitamente ativados — e projetados no exterior. Cintilaram; pairaram e encontraram um encaixe psíquico.

Enquanto procurávamos casas, imagens e símbolos esquecidos procuravam um lugar onde pousar; um ambiente ao qual pudessem ligar-se. Rob não dissera nada, mas percebi que os terrenos em redor da casa da colina lhe lembravam um parque estadual próximo, onde passara muitos verões felizes. A lareira no jardim completava a imagem e evocava recordações de todos os quadros que pintara ao ar livre anos antes, com o seu pequeno cavalete entre as árvores do parque. Aceitei o simbolismo dele, de modo que

a piscina no terreno vizinho também me lembrou o parque. Visualizei uma mesa de piquenique junto da lareira exterior, completando o quadro, porque escrevera o meu primeiro romance publicado numa mesa assim, nesse mesmo parque.

Para mim, em privado, o lugar evocava também outras imagens, lembrando-me um bairro específico descrito num livro de que gostava muito nos anos do secundário. Por exemplo, quando entrámos na casa com a agente imobiliária alguns dias depois, não parava de ver a nossa aparelhagem numa determinada posição da sala. Só quando escrevi estas passagens percebi que o protagonista do livro tinha a aparelhagem nessa mesma posição — numa descrição que lera anos antes.

Assim, criámos o nosso próprio lugar especial em termos mais correntes, ao simbolizarmos aquela casa e aquele recanto, marcando-os como nossos, imprimindo-lhes a marca de símbolos vivos que sobre eles transpusemos. A partir daí, o lugar adquiriu uma qualidade mágica. A 15 de fevereiro, comprámo-lo, embora só pudéssemos mudar-nos um mês depois. Não estivemos lá dentro mais de meia hora. Provavelmente, foi a venda mais fácil que a agente imobiliária alguma vez fez.

Nas semanas seguintes, fomos de carro à casa da colina muitas vezes, e continuei a tentar compreender melhor a política interior que nos levara àquela escolha específica. Depois, uma tarde, ao regressar aos dois apartamentos da Water Street, percebi que perdiam rapidamente qualquer magia que tivessem tido; já não pareciam «nossos». Estávamos a escoar-nos deles de uma maneira

estranha. Havia caixas de livros e papéis empilhadas por todo o lado. E compreendi de repente que os novos símbolos que tínhamos ativado não o poderiam ter sido antes. Antes, não queríamos a responsabilidade nem a despesa de uma casa, e por isso excluíramos da nossa sintonia quaisquer símbolos que pudessem formar esse tipo de modelo.

Ao perceber isto, surgiram-me novas ligações. Escrevi-as imediatamente, afastando as caixas de louça meio empacotadas que se amontoavam sobre a secretária.

«Já dotámos a casa da colina e os seus terrenos de símbolos do passado. No nosso caso, são símbolos que outrora descartáramos. Voltámos a pô-los em movimento, demos-lhes um centro na casa e no ambiente — e ativámos também partes da psique que estavam e agora estão ligadas a eles. A casa parece-nos diferente agora, e só lá entrámos duas vezes e passeámos algumas vezes pelo terreno. Quando a vimos pela primeira vez, parecia anónima, embora a paisagem nos tivesse chamado a atenção. Talvez, então, aquele primeiro vislumbre tenha ativado os símbolos interiores tão silenciosamente que não reparámos, porque depois vimos outras casas; quase nos esquecêramos daquele lugar até Rob ter subido ali de repente, naquela tarde de quinta-feira.

«Então, limitámo-nos a olhar. O lugar sofrera uma mudança. Tinha um ar quase mágico — a casa aninhada em segurança diante do pequeno bosque, mas olhando da sua colina para o vale e para a cidade, com as montanhas a erguerem-se ao

longe. Todo o lugar poderia ter acabado de surgir do nada, pensei, e até o ar parecia novo. Como podia ser a mesma casa por que tínhamos passado e que ignoráramos apenas algumas semanas antes? Não parava de me interrogar.

«Mas, durante esse tempo, a simbolização decorrera sem que déssemos por ela. As grandes fantasias da psique atuavam tanto sobre a paisagem da terra como sobre a da mente, e, quando passámos naquela quinta-feira, o processo estava concluído. Aquele "sim" que sentimos encaixar era o encaixe do símbolo interior com a forma exterior, a transferência do sonho para a matéria; talvez a mesma coisa que acontece quando nos apaixonamos.

«Mas não era esta uma casa nos subúrbios, precisamente aquilo que dizíamos não querer? Clique, clique, clique — como poderia uma casa numa colina mágica ser uma casa nos subúrbios — uma casa com um céu novo por cima? Não são todas aquelas outras casas como supertendas agachadas na colina, com as chaminés a lançarem sinais de fumo no inverno — a piscina do bairro uma maneira nativa de evocar recordações do oceano distante? Clique, clique, clique. Consigo até imaginar o meu avô indígena morto, os seus ossos finos metidos num fato largo dos anos quarenta, a caminhar por ali, feliz, numa estranha dimensão de mente e bosque.

«Contudo, ao mesmo tempo, consigo ver a minha falecida sogra e imaginá-la também a visitar o lugar, um fantasma muito mais substancial, com sapatos de plataforma de um

vermelho vivo, uma espécie de vestido com folhos e um ar altivo; espreitando por entre as árvores para ver garagens duplas e casas bem cuidadas. Quase a ouço pensar, com um sólido ar de satisfação, que o filho afinal não era pobre; que, mesmo sendo artista, devia ter adquirido algum juízo. Quase a ouço dizer a outros fantasmas: "O meu filho, o mais velho, vive agora numa casa encantadora, por isso posso descansar em paz." E eu direi ámen a isso.

«No entanto, contra isto erguem-se também ideias nossas mais antigas, que surgem de vez em quando. Porque a casa da colina tem abastecimento de água próprio e um abrigo antiaéreo na cave, e isto lembra-me velhas crenças que tínhamos, há anos, acerca da sobrevivência num mundo estranho. Em certa medida, essas ideias devem continuar connosco, uma marca de probabilidades que ainda ecoam, por resolver, entre as nossas novas filosofias. Pois o pequeno bosque atrás da casa poderia fornecer combustível para a lareira interior, transformada no principal local para cozinhar se ocorresse alguma catástrofe. A água do poço também poderia dar jeito se alguma vez tivéssemos de nos refugiar juntos, como fizemos de uma maneira diferente durante a cheia de 1972.

«Pensara que tínhamos terminado com tais ideias. E, no entanto, não é o próprio conjunto do material de Seth um manual de sobrevivência psíquica a legar aos outros? "Olhem, foi isto que aprendemos. Façam com isso o que quiserem. E, para além disso, mesmo que não sobrevivamos,

> sobrevivemos.” Portanto, a casa nova é segura e nossa, independentemente de a quem pertenceu antes ou de a quem pertencerá num futuro em que já não teremos lugar.»

Assim, escolhemos entre probabilidades, utilizando os nossos próprios símbolos como instrumentos de medida; testando este ou aquele ambiente ou situação até um deles corresponder ao modelo interior — que depois ajustamos muito bem às condições exteriores. É como se cada um de nós tivesse um livro de colorir multidimensional, com esboços infinitos de qualquer acontecimento provável. Por causa das nossas intenções e características individuais, sentir-nos-emos atraídos por algumas dessas probabilidades, enquanto outras permanecerão vagas e irreais. Escolhemos as imagens que queremos completar em termos físicos e preenchemo-las com a cor da experiência. Ao fazê-lo, porém, alteramos os acontecimentos descartados que ficam por baixo e que continuam ativos e em movimento. Os próprios esboços, naturalmente, são ativos.

Também marcamos, portanto, as nossas próprias dimensões com lugares especiais, o que significa apenas que, através das nossas escolhas e intenções, imprimimos certas especificidades nas dimensões que reconhecemos; preparamo-nos para responder a elas, excluindo lugares especiais prováveis igualmente legítimos. Por outras palavras, formamos a realidade física da mesma maneira que eu formo a minha biblioteca: imprimindo numa dimensão recetiva a marca das nossas necessidades conscientes, crenças, capacidades e intenções.

Também não foi coincidência que, logo depois de começar este livro sobre política psíquica, nos tivéssemos mudado pela primeira vez em mais de dez anos; começámos a lidar com agentes imobiliários, advogados e outros, de modo que a pequena mudança se estendeu à comunidade. Quando recebi o primeiro material da biblioteca, disseram-me que estariam envolvidas tanto a experiência interior como a exterior; que não podia simplesmente permanecer na biblioteca. À medida que o tempo passava, descobria o que isso significava.

Contudo, tal como na analogia do livro de colorir, não só existem infinitos esboços que podem ser coloridos, como há também um número infinito de eus prováveis a olhar para os seus próprios livros de colorir. No nosso caso, um «eu» ficou com o bangaló, oferecendo mais; outro mudou-se umas milhas para longe, para Sayre, na Pensilvânia (onde Rob cresceu), como em tempos tínhamos considerado fazer; e o eu que reconheço, o «oficial», escolheu a casa da colina em que estou agora a escrever este manuscrito à máquina.

Quando finalmente nos mudámos, ficámos espantados com o número de coincidências ligadas ao acontecimento. Coincidências? Rob começou a tomar nota delas. Na última contagem, eram mais de cinquenta. Começámos, com razão, a suspeitar de que essas coincidências são, antes, os minúsculos e numerosos «nós» que ligam uma probabilidade a outra, e o próprio livro de Seth começou a explicar como todos nos movemos tão suavemente através das probabilidades que nunca questionamos as coincidências que nos surgem de todos os lados.

Assim, algures no inverno de 1975, mudámos de alianças. Fizemos seguir as nossas consciências por um caminho diferente. Sabemos que somos pessoas diferentes das que éramos antes. Outras partes das nossas consciências escolheram outros percursos. Contudo, continuo curiosa acerca daquele momento de decisão. Que elementos, além dos que conhecemos, levaram Rob a virar para a casa da colina naquele dia? E quais são as implicações dessa atividade interior em todas as decisões das nossas vidas? Não estou a falar de teoria árida sem aplicação prática, mas de uma rica atividade psicológica que decorre continuamente nas nossas mentes; nas nossas e nas vossas.

De qualquer modo, os alunos ajudaram-nos na mudança e nunca mais voltei aos apartamentos. Foram remodelados depois, por isso nunca terão o aspeto que tinham quando lá vivíamos. Mas, ao ocuparmos a casa da colina, interrogava-me: estaria lá a biblioteca? Sentir-me-ia à vontade para realizar as sessões de Seth? Em que parte da casa as faríamos? E mais: voltaria alguma vez a entrar na biblioteca? Todos os meus livros publicados tinham sido escritos naquele prédio da Water Street. As sessões de Seth tinham começado ali. Casa da colina mágica ou não — sentia-me transplantada.

# PARTE TRÊS

## *Rumo a Uma Nova Política da Psique e a Um Modelo Alternativo para a Civilização Seguir*

# CAPÍTULO 21

## Os Codicilos e um Modelo Alternativo para a Civilização Seguir

Mudámo-nos para a nossa casa em meados de março de 1975. Transportar os nossos utensílios domésticos foi fácil, mas tínhamos caixas e caixas de material de Seth e de manuscritos, para não falar de todos os quadros de Rob e dos nossos livros. Willy, o nosso gato, passara toda a vida na Water Street, mas adaptou-se imediatamente ao novo lugar. Eu demorei mais do que Willy a instalar-me.

Rob e eu organizámos primeiro as nossas salas de trabalho. Depois de Rob colocar todos os meus livros numa divisão, decidi que preferia trabalhar junto da grande janela da sala, porque sentia vagamente que a biblioteca seria transposta para a parede leste da sala.

Deixámos os livros onde estavam. Acabei com a minha velha mesa e o suporte da máquina de escrever diante das grandes janelas. Rob foi para o seu novo ateliê. Willy percorreu todas as divisões, miando enquanto as inspecionava. E eu escrevi o seguinte:

«Agora que estamos aqui, esta casa e tudo o que nela existe parecem inevitáveis, como se este fosse um ponto no espaço e no tempo que nos cabia preencher; um de muitos igualmente certos para nós, que poderíamos ter escolhido. E agora, olhando para trás, parece que fomos suavemente guiados, encontrando uma série de agradáveis surpresas que surgiram de repente como colinas suaves e onduladas depois de uma curva, quando só esperávamos terreno plano.

«Por isso, ao escrever diante da minha nova janela panorâmica, parece-me de algum modo que sempre vi aquelas montanhas deste ponto de vista privilegiado; que um eu espectral esperava aqui, que agora estou a ocupar o meu próprio lugar futuro, dando carne àquela imagem.

«O nosso caminho sinuoso curva-se pela sua pequena colina abaixo até uma rua que se parece, mais do que com qualquer outra coisa, com uma recôndita estrada de campo, ladeada de bordos e bétulas; o nosso recanto é assinalado por algumas caixas de correio agrupadas. Mais uma vez, cada pormenor parece certo e inevitável, como se a casa e o terreno existissem na minha biblioteca, talvez, como um livro de imagens vivo, e aqui tivessem ganhado vida.

«Sinto como se tivesse alcançado uma parte de mim própria, como se em tempos tivesse projetado aqui um padrão de mim e agora o estivesse a preencher ou a entrar nele. Assim, no nosso tempo, tenho de avançar dia a dia, aprendendo o que anda a fazer aquela Jane que chegou aqui antes de mim.

Contudo, não pretendo sugerir predestinação quando uso a palavra "inevitabilidade". Refiro-me a uma profunda adequação, porque a Jane que aqui esperava foi projetada para o exterior por mim; enviada pelas minhas esperanças e pelos meus sonhos, à procura de um lugar onde Rob e eu pudéssemos viver, escrever e pintar numa casa nossa, "quando chegasse a altura"!

«Eu, ela, nós fizemos um bom trabalho, e já sinto mudanças à medida que um eu presente, passado e futuro se fundem, fazem o que lhes cabe, estabelecem um novo tipo de alquimia, reagindo às condições que criámos. Algumas mudanças na minha atitude são simplesmente divertidas. Hoje, por exemplo, chove enquanto escrevo, mas, em vez de me sentir sombria por isso, como acontecia na Water Street, dei por mim a olhar pela janela e a pensar: "Ora, a chuva é ótima, refresca as minhas árvores, dá vida à minha relva — e ninguém vai transformar este relvado num parque de estacionamento, porque estas árvores têm a minha proteção." E, ao olhar lá para fora, sabia que as árvores também me protegiam à sua maneira; que os nossos espíritos e os espíritos das bétulas e dos pinheiros se encontravam a algum nível e amavam este pequeno recanto do universo.

«A realidade é diferente a cada mudança de espaço e de tempo, e cada família cria a sua própria casa, divisão, recanto, cabana; esplendor ou miséria materializados, de acordo com as crenças e intenções interiores. O artista que acredita que a arte e a riqueza nunca se misturarão pintará na mansarda que

escolheu; o "senhor do solar" que acredita que o mundo do espírito e o mundo do dinheiro não se podem misturar escolherá a sua grande propriedade e viverá numa miséria de espírito, tendo escolhido de acordo com as suas crenças. Porque cada realidade pessoal é única e apresenta uma imagem especial do universo.»

Tudo muito bem. Mas eu sentava-me à mesa e esperava — que a biblioteca se manifestasse, ou que viesse alguma inspiração. Entretanto, comecei a passar à máquina parte deste manuscrito, desde o início. E, enquanto copiava o material sobre as minhas primeiras experiências com a biblioteca e a minha visão super-real do mundo, olhava para trás com nostalgia. E se, só suponhamos, nunca mais recebesse nada da biblioteca? E se ela simplesmente não encaixasse aqui? Arrumei e voltei a arrumar a minha área de trabalho. Escrevi alguns poemas e fiquei a remoer.

E Seth? Pusemos o retrato que Rob fizera dele na parede junto da lareira, de onde ele sorria, parecendo corpulento e divertido. Mas, antes de a minha preocupação com as sessões se poder instalar verdadeiramente, Seth retomou o livro exatamente onde o deixara. Realizávamos as sessões na sala. Ao princípio, até parecia estranho não ouvir pessoas a caminhar por cima de nós, nem a água a correr pela canalização do andar superior, nem o trânsito a gritar da esquina lá em baixo.

Seth continuava a dizer-me que estava a ser preparado novo material para mim na biblioteca, e eu continuava a pensar: «Pois, Seth, isso é ótimo, só que onde está ele?» Assim passou abril.

Depois, na primeira metade de maio, chegou tanto material criativo que eu mal conseguia, literalmente, acompanhá-lo. Mesmo então, não percebia o que estava a receber nem o que a informação realmente significava; essa compreensão chegou um pouco mais tarde. Por um lado, estava tão ocupada a registar o material e a observar os meus diferentes estados de consciência que adiava o exame consciente habitual. Mas, sobretudo, estava tão encantada por voltar a avançar a todo o vapor que nem sequer punha em dúvida o material que recebia, como antes fazia.

Por fim, porém, certa manhã, enquanto estava sentada à mesa, vi a biblioteca transposta sobre a parede da sala. A minha dupla estava lá sentada, a ler um livro. Ao mesmo tempo, a palavra «codicilo» voltava a surgir-me continuamente na mente. Ouvia-a mentalmente, primeiro de forma ténue e depois cada vez mais alto, até escrever a palavra e esperar. Soube então que o material que viria representava um modelo alternativo para a civilização seguir e que estava a transcrever o meu livro a partir de outro que descrevia esse modelo — um modelo que não tínhamos escolhido no passado. Os codicilos representariam uma nova hipótese sobre a qual construir uma civilização nova e melhor.

Não o percebi na altura, mas grandes trechos da terceira parte de Política Psíquica seriam escritos em vários estados alterados de consciência. Era como se todas as minhas experiências anteriores com pessoas e acontecimentos tivessem entrado numa espécie de ranhura de «entrada de dados» e agora a biblioteca me apresentasse respostas a todas as perguntas que se atropelavam na minha mente.

# 1. Da biblioteca — Codicilos

(Hipóteses alternativas como base da experiência privada e pública.)

1. Toda a criação é sagrada e viva, cada parte está ligada a todas as outras, e todas comunicam num intercâmbio criativo e cooperativo em que o mais pequeno e o maior estão igualmente envolvidos.

2. Os sentidos físicos apresentam uma versão única da realidade, na qual o ser é percecionado numa determinada sequência dimensionalizada, construída através de padrões neurológicos, e que resulta de um tipo de foco neurológico. Existem percursos neurológicos alternativos, biologicamente aceitáveis, e outras sequências até agora não escolhidas.

3. O nosso autogoverno individual e as nossas organizações políticas são subprodutos da perceção sequencial, e os nossos métodos exteriores de comunicação estabelecem padrões que se correlacionam com o nosso comportamento sináptico e o reproduzem. Encerramo-nos assim em certas estruturas de realidade.

4. Contudo, a nossa perceção sequencial e parcial é inerentemente muito mais flexível do que reconhecemos. Existem meios passos — outros impulsos não percecionados — que também saltam entre as terminações nervosas,

demasiado rápidos ou demasiado lentos para o nosso foco habitual. O seu reconhecimento pode ser aprendido e incentivado, trazendo dados percetivos que desencadearão mudanças na resposta sensorial habitual, preenchendo espetros sensoriais potenciais com que normalmente não estamos familiarizados.

5. Este espetro sensorial mais amplo possível inclui uma perceção acrescida da realidade corporal interior em termos de identidade e comportamento celulares; o controlo consciente automático dos processos corporais e uma perceção acrescida das condições exteriores à medida que os sentidos habituais se tornam mais vigorosos. (A nossa visão, por exemplo, está longe de ser tão eficiente como poderia. As nuances de cor, textura e profundidade poderiam ser ampliadas, e toda a nossa área visual alcançar um brilho atualmente considerado excecional ou supranormal.)

## 1.1 Comentários aos Codicilos

A aceitação destes primeiros codicilos ampliaria o conhecimento prático do eu, derrubaria barreiras resultantes da nossa perceção parcial e reestruturaria a vida pessoal, social e política.

Os conceitos do eu e a experiência prática do eu têm de ser alargados para que a humanidade desenvolva as suas verdadeiras potencialidades. Só uma evolução da consciência pode alterar a visão do mundo que surge à nossa corrente oficial de consciência.

## 1.2 Comentário ao Codicilo 2

Este próximo passo é tão importante como foi o nascimento do cristianismo na história da humanidade. Apresentará uma nova estrutura para a civilização seguir. O cristianismo representou a psique humana num determinado momento, formando primeiro padrões interiores de desenvolvimento que depois se exteriorizaram como mito, drama e história, com a cultura judaica do Talmude a apresentar a direção da psique. As diferenças entre o judaico e o cristão representavam probabilidades aliadas, mas diferentes, uma separando-se da outra, embora unidas por raízes comuns e concretizadas no mundo em graus variáveis.

O conceito tradicional de um deus personificado representava o desenvolvimento de um único ego na psique coletiva; o ego governava o eu como Deus governava o homem; o homem dominava o planeta e as outras espécies, como Deus dominava o homem — por oposição à ideia de muitos deuses ou ao crescimento de um eu mais multifocal, com maior identificação com a natureza.

A organização em padrões neurológicos do tipo que conhecemos começou com os judeus dos primeiros tempos testamentários (conhecidos, então, como o povo de Deus), olhando em frente através do tempo para um eu inteiramente concentrado num único ego. Antes, o funcionamento neurológico não era tão fixo; e, no nosso mundo atual, alguns povos minoritários e tribos ainda conservam esses impulsos neurológicos alternativos. Estes não aparecerão nos nossos instrumentos de medição, porque somos literalmente cegos a eles.

Os profetas judeus, porém, utilizavam eles próprios esses focos alternativos de perceção e eram relativamente livres de parcialidade neurológica. Podiam, por isso, percecionar visões alternativas da realidade. Contudo, a sua grande obra, embora concentrasse a energia de todo um povo e conduzisse ao cristianismo, resultou também em limitar de maneiras importantes o campo percetivo potencial do homem.

Os profetas conseguiam sentir as potencialidades da psique coletiva, e as suas profecias traçavam percursos no tempo, projetando o povo judeu no futuro. As profecias davam grande força ao povo precisamente porque lhe davam um futuro no tempo, proporcionando um fio de continuidade e uma certa imortalidade em termos terrenos.

As profecias eram moldes psíquicos a preencher em carne. Algumas cumpriram-se e outras não, mas as que não se cumpriram foram esquecidas e serviram o seu propósito, proporcionando escolhas e direções alternativas. As profecias traçavam antecipadamente o percurso provável de um povo, prevendo os triunfos e os desastres inerentes a uma aventura assim através do tempo.

Forneciam redes psíquicas, planos e dramas, com pessoas vivas a entrarem nos papéis já delineados, mas também a improvisarem à medida que avançavam. Estes papéis eram, porém, válidos, escolhidos em resposta a uma realidade interior que previa a forma que a psique viva do povo assumiria no tempo.

Mas, tal como uma serpente abandona a pele velha, a psique abandona velhos padrões que se tornaram rígidos, e precisamos de um novo conjunto de planos psíquicos para prolongar a espécie no futuro, repleto de grandes feitos, heróis e desafios; um novo drama criativo projetado da psique para a arena tridimensional. Porque agora já não vemos a realidade com olhos originais, mas através de estruturas de crenças que ultrapassámos. Estas estruturas destinam-se simplesmente a enquadrar e organizar a experiência, mas confundimos a imagem com a realidade que ela representa. Tornámo-nos neurologicamente congelados nesse aspeto, obrigados a reconhecer um único padrão sequencial de perceções sensoriais, de modo que pensamos que aquele que escolhemos é o único possível.

## 1.3 Comentário ao Codicilo 3

Até agora, projetámos as partes não reconhecidas da nossa identidade mais ampla no exterior, em Deus, na religião, no governo e em conceitos exteriorizados. Nesta existência, a identidade depende das perceções sensoriais, pelo que a nossa parcialidade neurológica e o nosso foco rígido limitaram os nossos conceitos de identidade. Quando tomamos consciência de informação não oficial, que chega por canais diferentes dos reconhecidos, parece-nos então que ela vem do não-eu ou do exterior.

Tem sido utilizada uma grande quantidade de energia para reprimir níveis de identidade e projetá-los em heróis religiosos e nacionalistas e em organizações culturais.

O governo e a religião procuram preservar o estado de coisas, preservar a sua própria existência, não por razões políticas ou religiosas, mas para preservar a imagem oficial do eu em torno da qual se formam.

Mas a realidade estruturada em que esse tipo de eu pode existir está a desagregar-se. A imagem oficial já não corresponde à experiência privada, que a está a ultrapassar, nem a explica. Existe uma separação momentânea entre a psique interior e as suas criações.

Além disso, o eu vivido não é o mesmo ao longo dos tempos. O eu vivido é uma criação psíquica, que responde às condições exteriores que ele próprio cria, enquanto a psique mergulha nas águas da identidade terrena vivida. Só uma parte do eu potencial é experimentada, mas experimentam-se partes diferentes à medida que mudam as intenções e os propósitos. É possível, porém, concretizar uma parcela maior do nosso potencial.

## 1.4 Comentário aos Codicilos 4 e 5

As respostas e as soluções residem na utilização de níveis de consciência atualmente considerados excêntricos ou secundários. Isto inclui uma utilização muito maior dos estados de sonho e das condições alteradas até agora consideradas exceções da consciência. Estas «exceções» representam outros tipos de foco, extremamente necessários para alargar os nossos conceitos do eu e a nossa experiência da identidade pessoal, ampliando a conceptualização, proporcionando experiência direta de perspetivas

alternativas e aplicando outros tipos de dados ao mundo que conhecemos. No passado, as atitudes em torno de tais perceções criaram as suas próprias dificuldades. As perceções são, porém, biologicamente aceitáveis e conduzirão a uma relação mais clara entre a mente e o corpo.

## 2. A Personalidade Focal e a Perceção Sensorial Alternativa

(Quando escrevi isto originalmente, sentia a minha dupla na biblioteca. Ela lia um livro, e eu sentia que este material era a minha versão desse livro. Anoitecia: os pássaros cantavam e uma deliciosa descontração apoderou-se de mim. A palavra «codicilo» regressava insistentemente, de tal modo que por vezes me parecia ser o som que os pássaros faziam.)

> A personalidade focal, ou eu vivido, é um foco através do qual o eu se conhece a si próprio; uma faceta da relação do eu com as outras pessoas e com o mundo, e representa a sua exteriorização. Mas abordagens diferentes poderiam aumentar o conhecimento da personalidade focal e alargar o seu âmbito. Proporcionando a este eu vivido uma ligação consciente à fonte do seu próprio ser, ele poderia receber um sentido de continuidade não limitado pelo tempo conhecido e poderia literalmente ver para além de si mesmo, até à fonte em que se encontra inviolavelmente acolhido.

Ao identificar-se agora apenas com a experiência da vida atual, a personalidade focal é limitada pelo enquadramento percetivo que escolheu, e tais dados adicionais não estão disponíveis em termos habituais. A vida depois da morte, a existência de outras realidades válidas e a participação do eu nelas têm de ser aceites pela fé — se chegarem a ser aceites —, uma fé atravancada por velhas crenças. Isto torna extremamente difícil à personalidade focal percecionar qualquer informação não oficial que possa contradizer a imagem atual da realidade.

Por toda a parte, a personalidade focal é confrontada com a evidência dos sentidos, que parece negar quaisquer condições alteradas desse tipo. Os próprios sentidos são mantidos restringidos, de modo que parecem apresentar a única imagem possível da realidade a partir da qual se podem formular pressupostos. A sua visão é válida, mas outros métodos e modos percetivos podem acrescentar algo a essa imagem, alargando-a para mostrar outros tipos de existência igualmente válidos. E temos uma escolha. Podemos abrir as portas da perceção, aventurar-nos num mundo mental e psíquico mais amplo, tal como, pelo menos em termos históricos, saímos das cavernas para explorar o ambiente físico. Ainda temos por explorar a geografia da psique.

Vários estados alterados podem fornecer à personalidade focal a evidência direta de que necessita, proporcionando-lhe o benefício de dados sensoriais extraordinários ou excêntricos — dados completos em si mesmos, mas que não se enquadram na imagem estabelecida e podem por vezes parecer

contradizê-la. Contudo, não existe tal contradição entre as imagens oficial e não oficial da realidade quando cada uma é vista como uma versão alternativa ou paralela válida. Como resultado da aceitação desse material, os dados sensoriais correntes serão aprofundados, as suas qualidades intensificadas, tornando-se a experiência sensorial super-real pelos nossos padrões atuais à medida que começam a emergir os espetros mais completos.

Esta emergência desencadeia imediatamente respostas corporais diferentes e surpresa corporal. A mudança não é apenas metafísica, mas apresenta-se sob uma roupagem bastante prática: o mundo parece diferente porque é diferente; são percecionadas mais das suas qualidades, e quem perceciona traz mais elementos para o campo objetivo dado. (A minha visão super-real do mundo, descrita anteriormente neste livro, é um exemplo.)

Mais uma vez, tais experiências deixam entrever as verdadeiras potencialidades da perceção humana, mas é necessário mobilizar partes maiores do eu e torná-las disponíveis à personalidade focal. Muitas vezes, essa experiência assusta a personalidade focal, porque esta é entravada por velhas crenças acerca da identidade e se sente em conflito com a cultura estabelecida. É a própria personalidade focal que tem de romper com os padrões antigos e alterar os seus conceitos de identidade. Este eu vivido não deve ser aniquilado, mas realizado; não deve dissolver-se na

unidade, mas descobrir a sua verdadeira individualidade em relação a uma unidade que é sempre individualizada.

Aqui, a analogia do modelo e das suas excentricidades pode ter grande valor. A tensão e a interação constantes entre eles podem sugerir o mistério da individualidade que existe como parte da unidade; o múltiplo-no-uno, em que o Uno se traduz constantemente em individuação, mas sem destruir a unidade original.

Essa unidade procura uma diversificação maior, investindo cada parte de si mesma com a sua própria criatividade e impulso, mudando-se assim a si própria, recriando-se constantemente numa criação que nunca é estática e é sempre nova, porque as suas infinitas excentricidades são sempre acrescentadas ao seu próprio modelo, multiplicando probabilidades de desenvolvimento que criam novas excentricidades.

## 3. Os Aspetos e os Estados Alterados

Os aspetos são os representantes, na psique, destes percursos alternativos da consciência para a expressão de si e para a experiência. Os aspetos, portanto, vivem a realidade de maneira diferente e têm o seu próprio tipo de ser subjetivo. São conscientes num contexto diferente, noutro tipo de meio — mas a sua realidade forma uma rica base inconsciente sobre a qual assenta a nossa própria versão da consciência.

Aqui, os aspetos são as variações excêntricas latentes dos nossos modelos de pessoa. Na realidade deles, acontece o inverso. Ali, os nossos tipos de processos psicológicos servem de estruturas de apoio; isto é, a nossa consciência pode servir como parte da atividade inconsciente deles.

Nos sonhos, nas visões e nos estados alterados, aproximamo-nos do seu tipo de organização e de simbolismo, que é válido nessa ordem interior dos acontecimentos, mas normalmente não é percetível aqui. No estado habitual de consciência, obrigamos essas perceções a fluir para as nossas estruturas simbolizadas, onde por vezes parecem não fazer qualquer sentido.

Culturalmente, na nossa sociedade, dividimos de forma nítida as capacidades intelectuais e intuitivas. Nessa medida, isolámos partes de nós próprios e limitámos os benefícios práticos que, de outro modo, poderiam ser proporcionados pelas partes intuitivas do eu.

Separámo-nos de níveis de consciência relacionados com a saúde dos nossos próprios corpos, por exemplo, entregando tais problemas a especialistas e afastando-nos ainda mais da nossa própria competência corporal, negando qualquer responsabilidade pelo nosso estado de saúde. Há um curador dentro de nós, a mesma força que nos mantém vivos e em funcionamento. Talvez nos seja natural personificar essa parte da nossa consciência, uma vez que nos é difícil imaginar consciência sem as nossas ideias de pessoa. Não há nada de

pouco sofisticado em ter uma imagem, estátua ou símbolo exterior que represente os aspetos curadores do eu e sirva de ponto de referência externo. Mas as religiões projetam o poder interior nas imagens, separando-o ainda mais da sua fonte. Nesse tipo de estrutura, é mais fácil ir a um médico do que tentar qualquer autocura.

Contudo, os aspetos também servem como modelos invisíveis de identidade. O curador, o professor, o progenitor, o masculino e o feminino residem todos no interior da psique, não como modelos rígidos, mas como padrões vivos, singularmente moldados de acordo com os interesses e propósitos da personalidade focal, representando a tensão entre a existência imortal do eu e a sua vida temporal.

Os aspetos funcionam também como contrapartes psíquicas, reservas de capacidades e forças entre as quais a personalidade focal pode escolher, e, de certa maneira, representam uma família interior de eus potenciais na qual a nossa própria condição de pessoa está firmemente alicerçada.

Surgem na nossa experiência como sentimentos emocionais, tendências psicológicas, tonalidades através das quais nos vemos a nós próprios e ao mundo. Mas, por vezes, emergem da invisibilidade psíquica com os seus próprios fios característicos de consciência, trazendo consigo visões da realidade que lhes são exclusivamente próprias.

Nesses casos, podemos ver a existência a partir de um centro diferente da psique. Ao fazê-lo, não precisamos de ficar menos bem focados neste mundo; podemos, em vez disso, trazer o mundo para um foco novo e mais completo: podemos tornar-nos mais centrados, pois dispomos então de mais informação acerca do contexto mais amplo em que o nosso mundo assenta. Isto só pode acontecer, porém, se aprendermos a tirar partido destas mensagens de outros aspetos; apenas se aprendermos a interpretar o seu conteúdo dramático.

Somos uma multidão de eus, e, quanto mais depressa o aprendermos, melhor. E é nessa rica aliança de aspetos psíquicos que reside o próprio segredo da nossa estabilidade prática e operacional. Só porque mudamos constantemente de posição em relação à psique e ao mundo conseguimos atuar fisicamente e traduzir a experiência interior em termos sensoriais.

## 4. Natureza e Consciência

Tentar proteger o eu nos termos antigos, ou mantê-lo rigidamente «ele próprio», é como suster a respiração durante demasiado tempo. Os eus, como as respirações, atravessam-nos continuamente. Mas, do nosso ponto de vista, somos as estruturas psíquicas mais amplas que traduzem esses eus em nós próprios, tal como o corpo traduz as nossas respirações no nosso viver.

Até os nossos corpos parecem muitas vezes não ser nós ou não ser nossos, porque nos esquecemos de como nos identificar com eles, perdemos a capacidade de seguir os fios de consciência que nos deveriam ligar, de modo que a nossa experiência plena da própria condição de criaturas fica ainda mais limitada. Em vez disso, parecemos vítimas da carne, à mercê de doenças, guerras e catástrofes naturais, porque perdemos o contato com os nossos eus naturais e deixámos de ver o nosso lugar no enquadramento da natureza.

Parece idiota, por exemplo, pensar que podemos curar-nos naturalmente de doenças quando acreditamos que a doença nos é imposta pela carne e nada tem a ver com os nossos desejos ou crenças. Enquanto não percebermos que a nossa consciência, trabalhando através do corpo, cria o seu estado de ser, quaisquer curas naturais serão consideradas milagrosas. Seth, por exemplo, afirma que as chamadas curas milagrosas são simplesmente exemplos da natureza sem impedimentos.

Da mesma maneira, fazemos parte da natureza; somos fisicamente tão reais como as montanhas, as correntes de ar, as árvores ou os oceanos, todos eles com os seus efeitos sobre o clima e as condições do mundo. Contudo, por alguma razão, imaginamos que só afetamos o mundo natural através da nossa tecnologia. Mas a nossa própria presença física interage com a Terra e com os elementos físicos que a compõem. Estamos biologicamente ligados, e isto significa que a composição química dos nossos corpos faz parte do conteúdo da Terra.

O nosso equilíbrio químico muda à medida que mudam as nossas emoções, e alteramos a composição da Terra. Não estamos à mercê das catástrofes naturais. Esquecemos ou ignorámos a nossa identificação emocional inata com o vento e com as tempestades e, por isso, perdemos a nossa participação na sua existência e qualquer controlo consciente que possamos outrora ter tido sobre eles. Por conseguinte, precisamos de tecnologia — para levar chuva a zonas áridas, por exemplo — e consideramos o mais puro disparate culpar, em vez disso, emoções ressequidas.

Perdemos as dimensões mais amplas de uma identidade natural que se identifica como ela própria e com a sua posição na natureza. Se quisermos, podemos comandar o vento, mas apenas quando percebermos que ele faz parte de nós e nós fazemos parte dele. Podemos mover montanhas sem gruas — apenas quando percebermos que a nossa consciência é ela própria e, ao mesmo tempo, uma parte da Terra; que a nossa respiração contribui para a atmosfera e os químicos que eliminamos ajudam a formar as montanhas.

Essa consciência natural não tem medo da morte. Sabe que a sua individualidade não é atingida, mesmo quando a sua forma e as suas experiências mudam. Como pode identificar-se com a Terra, não depende do conhecimento corporal, porque a própria Terra não depende dele, e a natureza sempre soube mais.

# 5. Consciência de Linha Única, Governos e Ordens Sociais

Se também víssemos os nossos governos e ordens sociais como elementos naturais da psique (tal como os continentes e os mares são fenómenos naturais da Terra), veríamos igualmente as suas estações, a sua ascensão e queda, como parte de um ciclo tão natural como a primavera ou o inverno.

No passado, todas as civilizações, cristãs ou outras, estabeleceram um sistema de deuses e deusas, ou de viagens míticas e cosmologias místicas, que refletia a estrutura da psique, projetando os seus aspetos no exterior, de modo que um indivíduo que empreendesse essa peregrinação religiosa percorria, na realidade, as terras interiores da psique. A visita à igreja ou ao santuário era uma objetivação de um estado interior. A objetivação servia de sinalização física. Estes mitos e construções intuitivas funcionavam enquanto refletiam eficazmente a vida individual e coletiva da psique.

Infelizmente, os elementos míticos e mágicos tornaram-se dogmas, deixando de servir de orientações e começando a programar o indivíduo na sua viagem, a tal ponto que a visão original e a espontaneidade eram negadas. A psique procura então novos percursos, anseia por se libertar das estilizações rígidas em que as suas experiências são enquadradas. Quando isto acontece, os velhos deuses caem, juntamente com as organizações políticas e sociais que os sustentavam.

Como quase sempre elevámos certas partes do eu acima de outras, a segurança dos governos e das instituições sociais dependeu da supressão de partes da psique consideradas suspeitas. A educação tinha de apoiar o estado de coisas, prestando apenas reconhecimento verbal aos domínios não oficiais da experiência, e essas expressões eram canalizadas para zonas marginais da atividade ou para o reino do bizarro.

As civilizações e as ordens sociais não foram orientadas para a realização do potencial humano (nem mesmo agora, apesar de todo o nosso pensamento liberal), mas para a supressão de capacidades que não se enquadravam nos pressupostos básicos acerca da natureza do eu. Inibimos a entrada de qualquer evidência desse tipo na consciência, desenvolvendo uma espécie de consciência oficial de linha única. Os dados contrários não desapareceram, mas formaram poderosas correntes subterrâneas que compunham o conhecimento não oficial da humanidade.

Por isso, ficámos efetivamente com medo. A informação reveladora podia conduzir a comportamentos perturbadores e, nessa medida, desafiar as crenças da família, da Igreja e do Estado. A Igreja Católica Romana estabeleceu regras rígidas em torno da experiência visionária e fez grandes esforços para controlar os seus místicos. Com o protestantismo e as interpretações pessoais da Bíblia, nasceram ainda novas religiões, cada uma apresentando as suas próprias interpretações da relação entre a psique, Deus e o Estado, e tornando-se, em certa medida, centrada no nacionalismo. O fervor missionário sempre envolveu objetivos políticos e sobrevivência muito mais do que experiência visionária.

A corrente oficial de consciência vê tudo a preto e branco, como bem e mal; da mesma maneira, vive o eu privado — que é, de certo modo, uma criação sua. Não se podem tolerar visões alternativas da realidade, porque, nesse enquadramento, uma tem de vencer a outra, tal como a corrente oficial de consciência tem de dominar outras partes do eu. Outros partidos políticos, religiões ou ordens sociais não podem ser vistos como visões alternativas da realidade ou como organizações que lidam com a experiência de maneira diferente, mas como ameaças. Esta crença na competição é, de facto, uma das semelhanças fundamentais que todos os nossos sistemas atuais de crenças têm em comum.

Neste século, temos vivido juntos numa aliança inquieta. Não admira que, quando Freud iniciou as suas investigações, visse as partes não oficiais do eu como desagradáveis, de modo que o inconsciente parecia conter apenas elementos selvagens e incontroláveis. Uma nova caixa de Pandora. Se alguns de nós escapavam às crenças repressivas da religião, podíamos levar os nossos eus esclarecidos a um psicanalista, à procura de uma razão científica mais aceitável para a nossa culpa. Nunca compreendemos que eram as nossas almas que escondíamos. A nossa culpa era uma reação natural destinada a fazer-nos questionar os nossos conceitos acerca de nós próprios e das sociedades que os refletiam e prolongavam.

Ao registar o que ficou acima, percebi subitamente que o resto do livro trataria de um modelo alternativo para a civilização seguir, baseado nos codicilos que acabara de receber e noutros que se seguiriam. Até agora, tínhamos tomado a hipótese de que o eu era

inerentemente mau e seguimo-la até uma versão da realidade. O governo, a política, as religiões e as ordens sociais tinham assentado nessa premissa. Aqui, oferecia-se a premissa oposta.

O resto do material chegou muito rapidamente, e dei por mim envolvida numa visão do mundo muito diferente daquela que conhecemos.

Se fossem seguidos, os codicilos conduziriam a um governo tão natural, ordenado e espontâneo como as estações, no qual cada indivíduo realiza a sua condição de pessoa da melhor forma que consegue e, ao fazê-lo, desempenha automaticamente um papel poderoso no desenvolvimento de toda a sociedade.

Uma civilização assim assentaria nos seguintes codicilos, acrescentados aos já apresentados.

1. Cada pessoa é uma versão única de um modelo interior que é, ele próprio, uma reserva de potencialidades, variações e criatividade. A psique é uma semente de individualidade e de identidade, lançada no espaço-tempo, mas, em última análise, independente dele.

2. Nascemos em muitos tempos e lugares, mas não num regresso da identidade tal como a compreendemos; não como uma cópia com roupas diferentes, mas como um novo eu que emerge sempre da vida da psique, tal como o novo governante

sobe ao pódio ou ao trono, numa política psíquica tão antiga como a humanidade.

3. As civilizações, tanto passadas como presentes, representam projeções da identidade interior e refletem o estado da psique coletiva em qualquer momento. Conservamos a memória e o conhecimento de civilizações passadas tal como conservamos memórias inconscientes das experiências privadas do início da nossa vida atual.

4. A partir do nosso presente, exercemos força sobre o passado, bem como sobre o futuro, formando as nossas ideias do passado e reagindo em conformidade. Projetamos efetivamente acontecimentos no nosso próprio passado novo.

5. Cada geração forma um novo passado desse tipo, que existe tão seguramente como o presente; não apenas como uma construção imaginária, mas como uma plataforma prática — um passado recém-construído — sobre a qual edificamos o nosso presente.

6. Existem opções e modelos alternativos de identidade e de civilizações num padrão psíquico de probabilidades, entre as quais podemos escolher para concretizar um sistema de vida inteiramente novo.

## 5.1 Comentários aos Codicilos

Como ponto de partida, temos de alterar os nossos conceitos do eu, do tempo, do espaço e da psique, para podermos conceber o eu, ou personalidade focal, como a versão fisicamente concretizada de uma psique multidimensional, dotada de liberdade de escolha e de uma capacidade maior para combinar e ajustar as nossas características pessoais do que antes julgávamos possível. Podemos aplicar mais das potencialidades da psique à vida corrente, abrindo espetros sensoriais que mostrarão o verdadeiro significado e a beleza da vida corporal. Temos de compreender que as intuições e o intelecto estão unidos. Só as nossas crenças os fazem parecer opostos. O «intelecto superior» é uma fusão perfeita de qualidades intuitivas e intelectuais, que se unem para formar aquilo que quase pareceria uma nova faculdade.

Deixados agir livremente, os aspetos da psique estabelecerão um eu criativo operacionalmente estável; os talentos e as características fluirão da reserva interior do ser — o eu-fonte — para a personalidade focal, conforme necessário, em resposta às crenças, aos propósitos e às avaliações da personalidade focal acerca das condições exteriores.

Os aspetos serão também automaticamente projetados no exterior, na criação de uma ordem social (o eu alargado), no estabelecimento de instituições, rituais e agrupamentos, onde as suas tendências distintas e variadas podem juntar-se aos aspetos dos outros, ampliando assim os propósitos e valores da personalidade focal.

Deixados agir livremente, estes aspetos fluirão, mudarão e evoluirão à medida que a personalidade focal escolhe e põe de parte características da sua própria reserva de aspetos. (Só quando este processo é congelado e se erguem barreiras à sua volta é que os indivíduos e as organizações se tornam rígidos, dogmáticos ou violentos.)

Quando acreditamos que o eu é inerentemente mau e indesejável, criamos anticorpos psíquicos contra nós próprios e impedimos este processo natural de mudança. O eu resultante e o seu comportamento parecem então muitas vezes «maus»; a nossa experiência justifica as nossas crenças e conduz a novas restrições, comprovando assim a hipótese anterior.

As nossas crenças acerca da hereditariedade também programam drasticamente o nosso comportamento, que fornece depois provas efetivas a favor da teoria. Em termos práticos, a teoria torna-se realmente a realidade, com os mecanismos físicos a refletirem fielmente a informação ou os dados fornecidos.

Ao ler o material acima, perguntei-me por que razão não tínhamos maior consciência dos aspetos, se eram tão fundamentais. Depois, percebi que escondemos os nossos aspetos de nós próprios porque nos habituámos tanto a uma identidade restrita que qualquer extensão dela parece realmente ameaçadora. Por esta razão, muitas pessoas têm medo da sua própria criatividade ou do impulso da própria força vital. Mais uma vez, acredito que estes aspetos são os componentes da personalidade, embora cada um viva a realidade de uma maneira diferente. São

conscientes e atentos noutra dimensão da realidade efetiva e vivem o nosso mundo de outro ponto de vista. Por outras palavras, a nossa realidade é diferente para eles do que é para nós. Também penso que existem independentemente como eus ou identidades num meio de existência diferente do nosso. A nossa psique inteira poderia consistir na totalidade destes aspetos.

Por vezes, como no meu caso, existe comunicação entre alguns destes aspetos e a personalidade focal. Então, a personalidade focal expande as suas capacidades habituais para participar conscientemente nessa ligação. Em certa medida, pode assim vislumbrar a sua própria realidade de um ponto de vista que não é o seu, alterando o foco e assumindo outro tipo de hipótese sobre o mundo, pelo menos momentaneamente. Podem surgir dificuldades, porém, se os dados resultantes forem interpretados pela personalidade focal nos termos da sua própria hipótese habitual.

Os aspetos podem ter ligações biológicas ocultas conetadas à nossa estrutura neurológica. Em todo o caso, servem funcionalmente para proporcionar modelos alternativos à personalidade focal e, em conjunto, oferecem uma reserva infinita de potencial à qual a espécie pode recorrer.

# CAPÍTULO 22

## Aplicação Pessoal dos Codicilos.
## Os Deuses Despem-se.
## Civilizações e Domínios Psíquicos

Escrevi o material sobre os codicilos em surtos de atividade ao longo de três dias. Muitas vezes, via subitamente o livro da biblioteca na minha mente, quando não estava à mesa, mas ocupada com tarefas domésticas, a ver televisão ou sentada no jardim. Por isso, mantinha um caderno comigo e registei a maior parte do material à mão. Ia a meio de o passar à máquina quando chegou mais — desta vez, material que me mostrava como aplicar os codicilos à minha própria vida.

Quando recebia o material original dos codicilos, estava envolvida num entusiasmo visionário, convencida da validade dos codicilos e do seu valor para nos ajudarem a mudar os aspetos negativos da civilização. Contudo, enquanto os passava à máquina, pensei: «Claro, são bastante válidos. Mas que utilidade prática têm agora?»

O material pessoal irrompeu quase de lado, logo depois de eu fazer aquelas perguntas. Parte dele tem aplicação geral, por isso incluo aqui alguns excertos.

# 1. Da biblioteca — Uma Nova Política do Eu

A cultura atual assenta na ideia de um universo hostil. Este conceito invade todos os campos do pensamento e provoca uma necessidade exagerada de autoproteção. A ação confiante, ousada e inocente torna-se suspeita, e parece perigoso explorar os domínios interiores do eu quando toda a sociedade está construída para esconder o eu de si próprio; para colocar instituições entre ele e as suas próprias experiências. Contudo, fundamentalmente, o crescimento não pode ser impedido, e a consciência tenderá a florescer à sua maneira, apesar de tudo…

Os codicilos são importantes no que respeita à ação individual. Sugiro que faças uma cópia deles para ti e os utilizes como novos enquadramentos eficazes para a ação; isto é, como uma nova hipótese sobre a qual construir a tua civilização do eu. A um nível privado, os codicilos estabelecem um contrato novo e mais eficaz entre várias partes do eu; e com a personalidade focal, à medida que esta vê a sua posição na realidade exterior e compreende a sua relação com a sua própria fonte…

Cada pessoa estabelece diversos contratos entre aspetos da experiência interior e exterior. Estes devem ser flexíveis, resultando numa mudança gradual em vez de, por exemplo, revoluções psíquicas. Mas algumas hipóteses estão mais próximas da realidade fundamental do que outras, e os codicilos representam os guias práticos de comportamento mais próximos dessa validade subjacente: isto é, são os que

> mais se aproximam de exprimir as relações privadas do homem com a psique e com a natureza. Agir de acordo com estes preceitos proporcionará as maiores oportunidades de vitalidade, compreensão e realização. Utilizados como preceitos culturais por toda uma sociedade, produziriam uma experiência superior a todos os níveis.

Havia mais material, de natureza mais pessoal, que se revelou muito valioso, mas só depois de passar tudo à máquina é que as suas implicações me atingiram — para mim e para os outros. Codicilos; claro. Lembrei-me de ter recebido a palavra meses antes e de a procurar no dicionário, onde encontrara «aditamentos acrescentados a um testamento». O significado do dicionário referia-se a aditamentos a um testamento legal. Mas estes codicilos eram aditamentos ou apêndices à vontade humana — pressupostos sobre os quais a vontade poderia construir, novas hipóteses para fundamentar a ação individual e cultural.*

O material pessoal dizia-me também que gastava demasiada energia a preocupar-me com qualquer reação hostil ao meu trabalho:

* Nota de tradução: a palavra inglesa «will» significa tanto «testamento» como «vontade». A autora parte do sentido jurídico de «codicilo» para apresentar os seus codicilos como aditamentos à vontade humana.

# 2. Da biblioteca — Da Defesa ao Autogoverno

> Como um país que exagera a sua necessidade de defesa, vais longe de mais, despendendo demasiada energia nas defesas, retirando-a, por assim dizer, às artes e à realização individual. Com essas orientações erradas, gastas tanto esforço a proteger os teus recursos que não os consegues utilizar adequadamente: escondes a tua riqueza para que não seja roubada e negas a ti própria o prazer da tua exuberância. Apesar disso, a tua criatividade e o teu crescimento prosseguem, mas tens agora de aceitar estes codicilos. Não são afirmações esotéricas sem relação com o comportamento; servirão antes de base melhor e mais criativa para o autogoverno e afetarão o comportamento da mesma forma que um país seria transformado se adotasse uma constituição nova e mais livre em lugar de uma anterior limitadora.
>
> O universo não é hostil. Ninguém te pode magoar e nenhuma crítica te pode ferir — a não ser que permaneças nesse nível de compreensão.

Lembrando-me disto mais tarde, enquanto íamos de carro aos correios, voltei a pensar «Claro», e, por alguns momentos, senti um anseio intenso, recordando de novo as experiências que tinham dado origem a este livro. Durante alguns dias, pelo menos, nunca sentira tão pouco medo de mim própria, dos outros ou do mundo em geral. Teria então aceitado momentaneamente a nova hipótese sem saber realmente o que era? Teria suspendido os pressupostos habituais que a maioria de nós aceita sem pensar? Seria assim o

mundo se confiássemos em nós próprios, na natureza e na nossa relação com a vida?

Habitualmente, vivemos aconchegados nos nossos códigos, confusos como são, tentando encontrar o caminho entre conceitos emaranhados e ramificações erráticas que surgem para nos confrontar. Não matarás, por exemplo — a não ser que o façamos numa matança em massa por Deus e pela pátria, chamada guerra, e então já está bem. E matar, naturalmente, refere-se, antes de mais, à nossa própria espécie; as outras que se arranjem. Não roubarás. Certíssimo, outra vez. Mas roubar ao governo ou aldrabar a declaração de rendimentos não tem mal, porque, afinal, o governo já tem o dinheiro todo. Ou então não há mal em roubar aos nossos inimigos. Depois, dizem-nos que sejamos bons, o que significa odiar o mal, e isto também pode ser alargado até significar que é bom matar os malfeitores. Muito confuso.

Mas ocorreu-me que, ao aceitarmos os codicilos, talvez não precisássemos de mandamentos, porque as novas hipóteses conduziriam a um enquadramento flexível em que poderíamos explorar em segurança as nossas próprias capacidades. Os codicilos não eram regras, mas novos pressupostos. Acreditávamos que o universo era inseguro, e assim parecia certamente na nossa experiência. Se mudássemos a crença para o seu oposto, a nossa experiência também mudaria realmente?

No entanto, os codicilos deixavam-me inquieta de uma maneira que, ao princípio, não conseguia compreender. Por um lado, incomodavam-me precisamente porque pareciam contrariar

diretamente os pressupostos gerais. Como poderíamos realmente acreditar que o mundo era seguro, por exemplo, ou que o eu estava perfeitamente bem, perante a experiência humana e em contradição direta com as ideias básicas tanto da ciência como da religião? A maioria dos cientistas parece pensar que o corpo é um mecanismo bastante notável, mas que a mente ou o eu é apenas um subproduto disparatado, nascido do acaso, enquanto as religiões parecem ver o corpo como um templo de tentação. Mas ambas acreditam certamente na contenção do eu.

Nessa noite, Rob e eu discutíamos a espontaneidade, e eu disse:

> **«Mas imagina que eu não tinha um horário de escrita e fazia simplesmente o que me apetecesse? Poderia decidir fazer outra coisa.»**

Ele disse:

> **«Estás a dar por adquirido que, se te deixasses em paz, não escreverias o suficiente; que não podes confiar em ti para seres espontânea, porque, espontaneamente, poderias querer fazer a coisa errada.»**

Rob fez uma pausa, olhou-me com curiosidade e perguntou:

> **«Que coisa terrível pensas exatamente que farias em vez de escrever? Intriga-me sempre quando as pessoas não confiam em si próprias. Que raio pensam realmente que fariam se simplesmente se deixassem ser? Arranjar uma arma e ir pela rua a disparar contra todas as pessoas que vissem? Poucos fazem esse tipo de coisas, e as pessoas que as fazem não são as que**

> confiam em si próprias; muito pelo contrário. Por isso, o que receias realmente fazer, se te deixares em paz?»

Falava meio a brincar, e eu respondi com ligeireza, quase sem pensar:

> «Afastar toda uma civilização do cristianismo.»

> «Talvez apenas lhe oferecesses alguma coisa melhor; o cristianismo está bastante em cacos», disse Rob. «E, além disso, o que te faz pensar que tu ou outra pessoa poderiam conduzir uma civilização numa direção ou noutra, ou que as pessoas vão fazer alguma coisa que não querem?»

Fiquei bastante embaraçada.

> «Talvez a humanidade saiba que precisa de seguir novas direções. Mas por que pensarias que isso era mau, fosse quem fosse que o fizesse?»

Rob estava sinceramente perplexo, mas eu finalmente percebi por que razão os codicilos me incomodavam — preocupava-me em segredo contrariar ideias estabelecidas, sobretudo as da cultura cristã, embora discordasse de muitas delas. E esse medo oculto formava imagens verdadeiramente insensatas e hilariantes de Jane, a cruzada — a anticruzada —, desviando gerações do bom caminho, conduzindo-as ao engano — embora o caminho em que estávamos não fosse exatamente o do Paraíso.

Um turbilhão de recordações veio-me à mente antes mesmo de ter tempo de falar. Lembrei-me de ser uma criança do quinto ano,

a passear com um grupo de raparigas à volta do quarteirão junto do orfanato onde vivi durante dois anos. Uma freira guiava-nos. Chegámos a uma igreja da Ciência Cristã. A freira explicou que a igreja era uma monstruosidade, fundada por uma mulher em desafio a todas as regras de Cristo. Não consigo recordar as suas palavras, apenas o seu impacto, o horror que sentia por um ser humano se atrever a fundar uma igreja quando a Igreja Católica fora estabelecida por Deus; o seu desprezo escandalizado por uma mulher ousar semelhante crime, e a sua fé absoluta em que os membros daquela igreja e todos os ligados àquele caso nefasto seriam condenados ao inferno por toda a eternidade.

«Que completo disparate», pensei, mas, mesmo enquanto me lembrava de que ultrapassara tais ideias, recordei os velhos ditos: o pior pecado de todos era perder a fé ou destruir a fé de outra pessoa. E o conhecimento era sempre suspeito. Não tentara Eva Adão; e não era o pecado fundamental o desejo de conhecimento e o orgulho do intelecto, porque o conhecimento pertencia apenas a Deus? E o que fazia eu, senão prosseguir a busca do conhecimento e afastar de Cristo os meus semelhantes?

O que fazia eu, dizendo que o homem era bom quando toda a religião proclamava que era pecador?

Porque os falsos deuses e os falsos profetas eram sempre os que discordavam dos dogmas; e, naturalmente, ou se estava com Cristo ou contra ele. Nunca havia meio-termo. Por isso, eu colocara-me desafiadoramente do outro lado, alinhada com os falsos profetas. Andava à procura de deuses mais bondosos, deuses com algum

bom senso e dignidade; mas, entretanto, retirava às pessoas as suas mantas de conforto. E que realidades encontrariam elas sem dogmas que dessem respostas prontas às suas perguntas? Sem o doce Jesus ali e sem ninguém para pôr no seu lugar?

Porque eu não acreditava que as coisas funcionassem assim. E é preciso avançar com cuidado quando se rasgam tecidos psíquicos tão delicados; mas, sob os seus deuses, continuo a pensar que o homem poderá encontrar-se a si próprio, recuperar as partes perdidas que sempre projetou nas divindades. O homem poderá recuperar a sua identidade terrena — ele e ela —, e, confiando espontaneamente no eu, descobrir o que é a verdadeira divindade. Acredito que essa busca nos é tão natural como respirar; e que, ao conhecermo-nos, desencadearemos automaticamente respostas e capacidades que nos conduzirão à descoberta de uma divindade que sempre aqui esteve.

Então, por que raio continuava eu a reagir às velhas crenças? Tinha medo de ser mais uma guru, uma visionária louca? Ou receava ter tanto êxito que os velhos deuses me abatessem? Que reflexões idiotas! E, no entanto… quem não quer ter os deuses do seu lado? Quem se atreve a ficar sem deuses, procurando uma vez mais? Sem um deus de espada flamejante ao nosso lado e sem um inferno a que condenar os nossos inimigos? Mas sozinho, falando apenas com a autoridade da psique individual, sem apoio de dogma, religioso ou científico, sem credenciais que o mundo compreenda?

No início, podia dizer: «Ninguém vai ouvir.» Antes de Rob e eu decidirmos tornar público o material de Seth, isso não me

incomodava muito: tínhamos embarcado numa busca privada; uma busca que eu sabia ser delicada nos nossos tempos, mas eu era forte e determinada e tinha Rob ao meu lado. Depois, porém, sendo escritora, treinada para descrever as minhas experiências, tinha de as partilhar. E aí estava o problema. Fazer recair sobre a minha própria cabeça uma possível catástrofe era uma coisa, um risco que estava preparada para correr, mas e os meus seguidores? Porque, em breve, as pessoas ouviram. Estavam a experimentar o meu caminho. Seria eu, então, responsável pela experiência delas? Porque, naquele enquadramento antigo, não compreendia inteiramente que formamos a nossa própria realidade. As pessoas farão o que quiserem; e, se seguirem uma ideia, é porque essa ideia encontra eco nas suas mentes.

Ainda estou a meio da minha busca, mas alguns já estão prontos a estabelecer o meu trabalho como o dogma mais recente. Passei a detestar a expressão «buscador da verdade», porque tantas vezes significa que cada nova intuição tem de ser guardada, protegida, transformada em mais uma regra a seguir. Seth é muitas vezes visto à luz de velhas crenças, de modo que algumas pessoas utilizam as suas ideias para reforçar conceitos antigos com um cimento novo.

E por detrás de tudo isto está a delegação da responsabilidade pessoal, pois para que servem os deuses se não nos disserem como viver as nossas vidas? Qualquer deus ou deusa que se preze estabelece um código de mandamentos, diz-nos o que é certo e errado e como tratar os nossos amigos e inimigos. E, como projetámos partes de nós próprios nessas divindades, elas

exageraram não só os nossos poderes e capacidades, mas também as nossas falhas. Podiam ser dez vezes mais cruéis, dez vezes mais amorosas. Sempre foram personificadas e, por isso, sempre refletiram o nosso estado de ser num dado momento; ou, melhor, o nosso estado de compreensão.

Para que serve um deus que não nos diz o que fazer? Contudo, enquanto pensarmos nesses termos, teremos sempre de justificar perante o homem os caminhos de Deus, pois, se ele cria o nosso bem, como explicamos então o nosso mal? Para mim, toda a estrutura é enganadora. Criamos a nossa experiência à escala pessoal e global — o nosso bem e o nosso mal — através de uma energia criativa que forma o nosso ser; que se personifica em nós e que está para além das nossas ideias de pessoa. Temos de deitar fora todos os deuses para descobrir o mistério por detrás da sua existência, que brilha através do milagre da nossa carne.

Penso que esta é uma bela busca sagrada, o empreendimento psíquico mais digno de ser levado a cabo, mas continuo, suponho, assombrada pelo deus da minha infância. Lembro-me da estátua do Menino Jesus e do Cristo sangrante cuja imagem sorria compassivamente da parede do quarto — o coração a gotejar sangue que dissolveria os meus pecados. Se a minha mãe não compreendia, Cristo compreendia. Se ele estava ocupado, havia sempre a sua mãe, imaculada, a salvo do sexo, tão santa que tivera um bebé sem nunca o fazer. Clamava em voz alta aos santos, cada um deles ali mesmo na minha mente — um para encontrar objetos perdidos, outro para me manter em segurança nas viagens —, uma família psíquica para a alma.

Lembro-me do conforto: se mais ninguém me amasse, Cristo amava-me — desde que eu fosse à igreja ao domingo, não me masturbasse, conservasse a fé e não lesse livros proibidos. E ele estava sempre ali, a observar; o Grande Irmão original. Era preciso uma certa ousadia desafiante para me masturbar, estendida na cama de criança, com Cristo ali, a olhar. Mesmo quando voltava a imagem dele para a parede, não fazia diferença. E o ato simples e natural tornava-se horrível, sacrílego, mau, por causa do bem que supostamente negava. Tinha de ser um símbolo: por vezes, de aceitação humilhante da fraqueza da carne; por vezes, de desafio triunfante — porque, se era errado, por que sabia tão bem?

Mas sabíamos sempre o que era certo, mesmo quando nos desviávamos, e havia a confissão, em que se procurava perdão — perdão pelo facto de sermos humanos. O sagrado e o profano, criações nossas lançadas na experiência; os nossos ódios e amores; cada um visto em oposição, nunca se ajustando aos outros, mas fazendo parte de um todo que ainda não aprendemos a compreender.

No entanto, estou longe de ser ateia. Apenas me horroriza o tipo de personificação e de disparate que impusemos aos deuses; a maneira como os aprisionámos, a eles e a nós, em conceitos que se recusam a crescer, porque, mal decidimos que determinado dogma é a verdade, deixamos de procurar, determinados a proteger a certeza que pensamos já ter encontrado. Por vezes, pergunto-me se somos suficientemente fortes para compreender, porque um dia teremos de lidar com a nossa própria realidade, manter-nos firmes, sabendo que formamos o nosso mundo e a nossa experiência.

Teremos de assumir a responsabilidade pelas nossas vidas e pelo estado do planeta. Talvez então sejamos suficientemente sábios e corajosos para encontrar os deuses que, ao longo dos tempos, surgem e desaparecem no nosso ser.

Assim, fui tão marcada por conceitos limitadores como qualquer outra pessoa, e, em certa medida, cegada por eles. Tanto quanto posso ver, a Igreja Católica não é melhor nem pior do que qualquer outra organização religiosa. Aliás, algumas seitas cristãs fundamentalistas fazem o catolicismo parecer liberal; e as ciências têm os seus próprios dogmas limitadores. Todas elas, porém, partilham uma desconfiança fundamental em relação ao eu e às próprias condições do seu ser.

Por isso, escrevi os codicilos, e uma parte de mim sentia-se triunfante enquanto outra recuava, pensando: mas é tão difícil — o que fariam as pessoas, privadas de todas as velhas mantas de conforto, ensinadas a ser livres? E ali estava eu, a receber este material e, ao mesmo tempo, a cumprir um horário de escrita apertado, como se nunca mais fosse escrever uma linha se o abandonasse. Lembrei-me de um velho poema que escrevi no secundário:

> **Manterei a minha alma na prisão,**
>
> **É demasiado amorosa e bondosa.**
>
> **E lá a deixarei para sempre,**
>
> **Se não aprender a obedecer.**

Assim, com magnífica bravura, decidi fazer apenas o que me apetecesse no dia seguinte, mesmo que o meu eu «pecador» quisesse apanhar sol em vez de escrever; ou — bem, fosse o que fosse. E, perante o dia, livre como um pássaro, senti-me cheia de inspiração e — adivinharam — escrevi o dia inteiro. Mas o problema é que a maioria de nós tem medo de se pôr à prova, mesmo nas situações mais pequenas, para ver como realmente é. Se nos deixarmos em paz, receamos não trabalhar, não produzir: ficaremos ociosos, como se o corpo e a mente juntos, deixados a si próprios, não fossem fazer o que lhes compete, mas precisassem sempre de um mestre ou de uma mestra por cima, a dar ordens. E, obedecendo sem questionar a essas ordens, tudo o que aprendemos a fazer é imitar-nos a nós próprios e à nossa própria vida.

E tenho visto muitos jovens seguir este ou aquele guru da moda, à procura de um propósito que oriente as suas vidas, procurando uma sensação do seu próprio poder e vitalidade em dogmas que encorajam a dependência. Perguntam: qual é o meu propósito? E têm o direito de perguntar, porque as crenças que alimentámos acerca de nós próprios lhes roubaram a capacidade de encontrar um propósito no único lugar onde ele pode ser encontrado — o eu privado.

As religiões podem dizer «Deus está dentro de ti», mas o «tu» em que Ele está é uma tal mistura de «baixas vibrações», de «desejos carnais» ou do que quer que seja que parece mais fácil tomar drogas, na esperança de alguma intuição milagrosa. As pessoas pedem ajuda pelo telefone e por carta, sem perceberem

que a melhor coisa que posso fazer é reforçar a sua fé em si próprias, tentar encontrá-la e ajudá-las a erguer-se pelos seus próprios recursos espirituais. Qualquer outra coisa apenas reforça a sua sensação de impotência.

Por isso, escrevi os codicilos. Levaram-me a considerar as minhas próprias crenças limitadoras, aqueles restos dogmáticos traiçoeiros que cozinhavam no fundo da minha mente havia anos. Com eles à vista, conseguia compreender melhor os problemas das outras pessoas. Ainda a refletir sobre toda a questão dos deuses e da nossa relação com eles, escrevi os dois poemas seguintes.

**QUE OS VERDADEIROS DEUSES SE LEVANTEM**

«Que os verdadeiros deuses se levantem, por favor»,
gritei, mas todos os profetas berravam,
e era difícil ouvir.
«Faz isto, faz aquilo —
ou sofre a ira divina —»,
como uma espécie de reação nuclear psíquica
dirigida às almas que não entravam na linha.
Mais depressa rezaria
a um minúsculo sapo arborícola
que ao menos amasse a Terra
e soubesse o que era a aurora.
Se comesse moscas,
não fingiria

que as castigava

por algum pecado

contra a sua benevolência divina,

e a sua fome é inocente.

## QUANDO OS DEUSES SE DESPEM

Algures, os deuses despem

as imagens com que os vestimos

e nadam, nus,

nas águas límpidas da sua essência,

ou rodopiam até as suas imagens se desenrolarem

como cintilantes faixas de múmia

que enfim caem.

Algures, os deuses penduram as suas formas vazias

em margens secretas,

saindo delas triunfalmente,

libertando as almas, a contorcer-se,

de espirais de ouro, de brocados; sacudindo

de si os sagrados corações,

saltando ousadamente para fora de cueiros,

mantos reais e vestes manchadas de sangue.

Coroas, espadas e cruzes
empilhadas numa fogueira e acesas —
Cristos vazios, Jeovás
abatendo-se nas chamas,
Budas a derreter, Alás a arder
com uma luz alegre,
enquanto formas ocas de anjos pendem, flácidas,
da árvore da vida,
as asas enrugadas a ondular
num novo vento de primavera.

A rir, os deuses atiram lá para dentro
todos os emblemas da sua majestade.
Bíblias, relíquias, anéis sagrados
vão em espiral,
enquanto, nas sombras, velhos deuses
que partiram antes
aplaudem e gritam conselhos.
Que risadas imensas,
quando os deuses se erguem
e se estendem através do universo inteiro;
apagam o fogo a pés e dispersam-se
em tudo o que existe.
E que conversa divina,

> **toda pública,**
>
> **aberta como o mundo,**
>
> **enquanto os deuses gritam, sussurram, tagarelam**
>
> **as suas mensagens; desaparecem**
>
> **em folhas de erva, pessoas,**
>
> **planetas, cães, moléculas —**
>
> **a camuflagem divina.**
>
>
> **Os deuses estão**
>
> **onde não olhamos.**

Ao reler os codicilos, considerar os poemas que acabara de escrever e pensar nas maneiras como eu própria fora entravada por velhas crenças, vi as dificuldades envolvidas na tentativa de estabelecer novas hipóteses como base para a ação. A nossa cultura só concede reconhecimento oficial às experiências que reforçam as suas próprias estruturas de crenças. Até certo ponto, isso é compreensível. Mas, desde a infância, ensinam-nos a respeitar a autoridade e a procurar nos outros a confirmação das nossas perceções da realidade, que assenta em determinados acordos acerca do que é real e do que não é. Quando damos por nós a viver experiências tabu, ou quando o mundo parece comportar-se de uma maneira que nos ensinaram ser impossível, enfrentamos um dilema enquanto permanecermos nesse quadro de referência: ou aquilo que percecionámos aconteceu realmente ou não aconteceu — e, se não aconteceu, então estamos iludidos. A nossa crença em nós próprios e no mundo é abalada. Até o apoio que recebemos das

outras pessoas pode ser retirado se as nossas ideias da realidade colidirem demasiado intensamente com as habituais.

Para alguns, um simples sonho precognitivo pode ser devastador, não tanto pelo conteúdo específico do sonho como pelas suas implicações. Não é suposto sabermos nada que não esteja imediatamente presente aos nossos sentidos. A maioria dos psicólogos convencionais, embora não todos, considera as experiências fora do corpo como dados alucinatórios, sem referência ao comportamento normal. Quaisquer perceções excecionais podem, por isso, ser ameaçadoras, pelo menos em certa medida. Se a nossa visão da realidade diferir demasiado da norma, somos considerados loucos: não conseguimos lidar com o mundo real porque a nossa visão privada se lhe sobrepõe. E os codicilos apresentam uma versão alternativa da realidade que aumentaria os chamados acontecimentos excecionais.

A nossa cultura não só restringe experiências excecionais que parecem contradizer as teorias aceites, como muitas vezes também desaprova o desenvolvimento de capacidades criativas se estas entrarem em conflito, por exemplo, com a ética do trabalho ou com qualquer outra crença central da sociedade. Os aspetos da psique têm de ser comprimidos para caber nesta versão da realidade, e a rica mistura psíquica tem de ser diluída para se ajustar ao meio cultural.

Mas, se a personalidade focal tiver experiências que não se enquadram no molde, começa muitas vezes a formar uma cultura interior própria, na qual pode utilizar as capacidades que, de outro

modo, estariam bloqueadas. Para o fazer, precisa de uma autoridade interior que a apoie, compensando a ausência do acordo habitual no mundo exterior.

Em circunstâncias mais ideais, esta criação subjetiva raramente surgiria como tal, mas fluiria naturalmente para o exterior, projetando-se na cultura e nas suas organizações, alterando-as subtilmente através de uma troca entre simbolismo privado e concretização exterior.

Quando a cultura se torna demasiado restritiva, este fluxo é interrompido, e o indivíduo descobre que as suas experiências interiores já não se conformam. O sentido de identidade da personalidade focal é ameaçado, sobretudo quando estão em causa acontecimentos psíquicos. As pessoas que se deparam com material revelador, casos de clarividência ou de telepatia não têm a quem recorrer.

Existem grupos de contracultura. O problema é que a maioria deles também estabelece dogmas aos quais os seus convertidos têm de se conformar, com algum desespero, porque a que outro lugar da sociedade podem recorrer? Muitos desses grupos têm as suas próprias circulares, reuniões e boletins, e algumas das suas excentricidades são bastante ridículas. Não são, porém, mais ridículas do que uma revista de notícias científicas quando fecha os olhos a tudo o que está fora do seu próprio sistema de crenças e utiliza os seus próprios termos com tanta rigidez como qualquer «fanático».

O problema é que nos ensinam que os acontecimentos acontecem — ou não acontecem — dentro de um enquadramento muito estrito. Por isso, se temos visões, intuições ou revelações, não sabemos como interpretá-las. Temos de provar a nós próprios ou aos outros que aconteceram — no enquadramento normal —, onde não cabem. Por exemplo, um engenheiro mencionado anteriormente neste livro acreditava ter visto um OVNI com base em indícios muito frágeis; depois, começou a praticar escrita automática e convenceu-se de que recebia mensagens daquelas pessoas vindas do espaço. Juntamente com isso, teve alguns casos válidos de telepatia com a esposa e algumas excelentes experiências fora do corpo. A sua formação científica fazia tais experiências parecerem impossíveis. Por outro lado, sentia-se impelido a «provar» os dados em termos físicos. A nave espacial era real, insistia ele, portanto não estava louco.

Não estava louco, mas a nave espacial (a dele, pelo menos) também não era física. Formara todo aquele enquadramento subjetivo para tentar explicar experiências subjetivas legítimas, como a telepatia e as projeções da consciência. Por fim, quando ninguém concordou com a validade física da nave espacial, abandonou tudo.

Tentei dizer-lhe que o OVNI e as inteligências espaciais eram criações válidas da psique, representações simbólicas de outra coisa, destinadas a conduzi-lo a outras perguntas, mas ele não conseguiu aceitar isso. O mundo habitual do verdadeiro e do falso não tolera tais conceitos. Assim, infelizmente, também não pôde

tirar partido das suas experiências telepáticas, porque não conseguiu encontrar um enquadramento adequado para elas.

E não conseguiu sobrepor o seu enquadramento subjetivo ao exterior como facto físico.

O mesmo se aplica independentemente do enquadramento subjetivo. Escrevi aqui anteriormente sobre o Cristo que me telefonou de vez em quando durante alguns anos. A sua obsessão acabou por abrandar quando deixou de servir os seus propósitos e quando me recusei a aceitar como facto literal que ele fosse Cristo. Telefonou há alguns meses. Agora percebia que não era Cristo, disse-me, tinha estado confuso: era São Paulo. Talvez não pareça que estivesse muito melhor, mas era um salto considerável do Cristo omnipotente que julgava ser para um mero discípulo físico. Significava que se via a uma luz mais realista. E, agora que era humano, talvez conseguisse perceber que era ele próprio.

A nossa corrente oficial de consciência constrói a sua própria visão do mundo e o seu próprio conjunto de pressupostos, que depois se tornam juízos a priori. Estas crenças apoiam-se mutuamente, de forma visível e invisível, de modo que desafiar uma é desafiar todas e ameaçar todo o enquadramento. Contudo, esta própria corrente de consciência cria dilemas e contradições destinados a servir de impulsos para um desenvolvimento posterior. Acredito que os codicilos, ao oferecerem uma visão alternativa — até oposta — da realidade, podem servir de orientações de apoio que nos ajudem a harmonizar melhor o mundo exterior com as potencialidades da psique.

# CAPÍTULO 23

## Os Contornos Naturais da Psique

Ninguém tentou verdadeiramente cartografar os contornos naturais da psique. Poucos sequer se interrogam sobre se isso pode ser feito. Não é possível fazê-lo considerando a psique um fenómeno mais ou menos local e confinado, como fez Freud, entrando na água apenas um pouco além da margem da nossa consciência habitualmente focada. Freud remexeu numa zona entre a margem e o oceano psíquicos, examinando os redemoinhos, vendo a lama, permanecendo sempre onde estava, sem avançar mais para cavalgar as grandes ondas da psique que chegavam, majestosas e trovejantes. Examinou apenas os detritos naturais que eram levados das margens da mente, mas nunca vislumbrou a afluência de poder e energia que renova e revitaliza constantemente a consciência comum.

Porque a nossa própria consciência avança e recua, encontra a realidade física, forma as suas espirais tridimensionais, castelos de areia e rochas, e volta a retirar-se para as suas profundezas, em padrões gigantescos e minúsculos que estão gravados nas próprias circunvoluções e relevos dos nossos cérebros. De dia — e a maré da nossa consciência embate contra a Terra objetiva, o padrão do seu movimento espalha para fora as pedras e os seixos dos acontecimentos, incide sobre o mundo do tempo, faz rabiscos nas

areias históricas; e de noite — quando nos retiramos para as profundezas de onde emergem as margens e de onde certamente nasce a nossa consciência de vigília.

Carl Jung, pelo menos, sabia que existia esse oceano. Sentia a corrente de fundo, sonhava com as vagas distantes e pressentia as formas imponentes que se erguiam e caíam, formando todas as menores. Mas até onde pode a nossa consciência normal aventurar-se nesse oceano figurativo? Naturalmente, faz parte desse oceano o tempo todo, é composta pelos mesmos ingredientes e participa no seu movimento. Mas, quando viajamos corajosamente para além das nossas profundezas habituais e trazemos recordações, por mais estranhas que lá pareçam, quando as trazemos de volta à margem são, de algum modo, as mesmas velhas coisas. Parecem passar por uma metamorfose.

As intuições e revelações que parecem tão cintilantes e originais no momento da descoberta tornam-se muitas vezes gastas. É como se tivéssemos capturado uma bela criatura misteriosa nas profundezas do oceano — uma criatura que parece pertencer a uma espécie nunca antes vista. Triunfantes, cheios de esperança e surpresa, trazemos a nossa presa, da maneira que conseguimos. Mas, quando regressamos, antes mesmo de podermos gritar «Olhem o que encontrei!», vemos que a criatura pertence, afinal, a uma espécie bem conhecida; algo exótica, talvez, porque poucas pessoas vão suficientemente longe para encontrar o seu habitat. Contudo, poderíamos ter jurado — lá fora, onde a vimos — que tínhamos descoberto algo de valor inestimável e de configuração original.

Assim nos escapam as nossas visões místicas. Quando somos apanhados pela grande vaga da aceleração súbita da psique e a cavalgamos com o borrifo fresco e inebriante das intuições a rebentar à nossa volta, mal conseguimos acreditar na originalidade das nossas perceções ou no significado do nosso novo conhecimento. Contudo, quando regressamos à margem sobre as vagas, agarrando a nossa nova captura na rede dos pensamentos, descobrimos, ao examiná-la, que temos mais um peixe-Cristo flácido, um Buda coberto de algas que outra pessoa deitou fora, ou outra boneca da Virgem desfeita. Detritos, pensamos, nada de novo, apenas as velhas versões habituais, afinal. Desiludidos, recordamos a sensação elevada de certeza e inspiração que sentíramos ao cavalgar aquela vaga e perguntamos: teria sido tudo mentira?

Porque alguma coisa acontece quando tentamos traduzir conteúdos intuitivos interiores em termos correntes. Funciona, a certo nível, como sugerem os casos de telepatia e clarividência. Mas, para além disso, parecem ocorrer grandes distorções. Li que existem criaturas marinhas estranhas nas profundezas do oceano, precisamente adaptadas ao seu ambiente. Mas tentem trazê-las à superfície e terão cadáveres: passam de vivas a mortas pelo caminho. Para as ver, é preciso ir lá, ao território delas. Talvez, portanto, as visões originais mudem da mesma maneira, adaptando-se ao nosso ambiente na viagem de regresso, apenas para conseguirem manter-se vivas. Podem adaptar-se, em certa medida, à atmosfera da consciência comum.

Mas até que ponto somos responsáveis por esta transformação infeliz? William Blake, o místico e pintor do século XVIII, tinha visões constantemente. Certa vez, pintou o espírito de uma pulga tal como este lhe apareceu ao princípio de uma noite. Viu-o tridimensionalmente, e, fosse o que fosse, tratava-se de uma experiência sensorial pessoal que depois utilizou para criar uma obra de arte. E que obra de arte notável e estranha! Não havia ali uma visão leve e aérea, nenhuma criatura feérica com asas diáfanas. Blake desenhou um robusto e horrível homem-animal-demónio, a pingar sangue; inchado e peludo.

Para mim, isto é perfeitamente legítimo como base de uma obra de arte: pinta-se como se vê. Mas por que razão Blake o viu assim? Via as suas próprias visões através de crenças embebidas em religião, de modo que o seu espírito de uma pulga tinha pouco a ver com uma pulga — ou com o seu espírito — e muito com as suas ideias acerca do grotesco do mal.

Apesar de tudo isto, Blake foi um grande místico e artista. Contudo, não posso deixar de me perguntar o que teria produzido se tivesse permitido à sua magnífica visão ver à sua própria maneira.

Deparei-me com o seu desenho do espírito da pulga enquanto trabalhava neste capítulo e achei que era um excelente exemplo das transformações que podem ocorrer nas visões ou revelações. Outra pessoa poderia ter visto uma pulga mais simpática ou transformado-a numa criatura feérica romantizada, mas o génio de Blake conseguia transformar até uma visão distorcida em arte. Se

pudéssemos percecionar o espírito de uma pulga, provavelmente não o conseguiríamos capturar de qualquer maneira. Seria uma aura, uma atmosfera ou uma inclinação invisível do ser; um nó vivo de espaço em movimento — talvez passível de ser sentido, mas nunca capturado. Só que sentimos que temos realmente de capturar as nossas visões e moldá-las em termos físicos. Fazê-lo poderá ser a única maneira segura de perder aquilo que julgávamos ter encontrado.

Escrevi este poema sobre Blake e as suas visões depois de ver o desenho da pulga, enquanto continuava a refletir sobre como as nossas crenças poderiam programar o conteúdo das nossas visões e intuições.

**ENTRE NA MINHA SALA**

**William Blake**

**desfez o céu**

**com as suas visões.**

**Estrelas e planetas tombaram de lado,**

**caíram-lhe na cabeça**

**em fragmentos pungentes,**

**até explodirem bocados de deuses.**

**Infernos e céus jorravam**

**dos seus olhos ardentes,**

**espalhando santos e demónios**

**pelo chão da sua casa.**

Anjos vingadores, de espadas desembainhadas,

avançavam pelo relvado do jardim

ao crepúsculo, matando gárgulas.

E, quando abria a porta das traseiras,

nunca sabia

quem poderia estar ali,

fantasma ou demónio,

olhos negros a rodopiar em órbitas vulcânicas,

a expelir fumo,

a pele flamejante mais quente do que o fogão da cozinha.

Não se importava.

Se posassem para um retrato,

deixava-os entrar

e convidava-os a dizer o que tinham a dizer,

enquanto os seus dedos chamuscados de céu e inferno desenhavam,

ou transformava-os em poemas

com um súbito gesto da sua mente mágica,

aprisionando-os em verso,

rindo quando gritavam para os deixar sair,

presos entre as barras brilhantes

das suas vogais magnéticas;

enganados.

> **Todas as hordas celestes e infernais**
>
> **encontraram a sua humilde casa,**
>
> **atraídas pela chaminé ardente da sua alma,**
>
> **como se fosse um buraco no céu,**
>
> **e por ele caíram,**
>
> **até que, finalmente, os céus se esvaziaram,**
>
> **e o último serafim, diabo, santo,**
>
> **e cada derradeira imagem de Deus**
>
> **foram capturados, retidos sem fuga possível**
>
> **num firmamento em miniatura —**
>
> **infinito dentro da sua moldura —,**
>
> **mas confinados**
>
> **a quadros pendurados numa parede.**

Ou talvez eu esteja a ser demasiado dura com Blake e com todos nós. O mundo psíquico ou não físico pode não existir independentemente das nossas projeções; isto é, pode ser tão plástico, criativo e psiquicamente elástico que se traduz automaticamente naquilo que pensamos que é. Por outras palavras, a sua capacidade de responder aos nossos sentimentos poderá ser tão apurada e exata que assume a forma que dele esperamos. Nesse caso, veríamos sempre aquilo que acreditássemos que íamos ver, e as nossas visões de deuses e dos seus séquitos concordariam mais ou menos ao longo dos séculos, fornecendo os seus próprios «dados comprobatórios» separados, tal como faz o nosso mundo físico aceite.

Começamos a compreender que a realidade física existe de maneira diferente da nossa experiência sensorial dela. O nosso acordo geral acerca da natureza dos objetos trai-nos nessa medida, porque os objetos simplesmente não existem da maneira que pensamos. Por outro lado, enquanto escrevo, pouso a chávena de café na mesa e sorrio, pensando que devemos estar bastante bem de alguma maneira, para pousarmos chávenas sólidas que na realidade não existem em mesas sólidas que também não são reais — utilizando mãos compostas por moléculas em movimento veloz, com o espaço, mais do que qualquer outra coisa, a mantê-las unidas. Um truque triplo de algum mérito, realizado sem o menor esforço.

Segue-se, naturalmente, que também nós não somos realmente sólidos, embora certamente o pareçamos. Mas os deuses, os demónios e outras versões convencionalizadas da experiência mística poderão ser estereótipos psíquicos, apresentando o seu próprio tipo de material comprobatório noutro nível da realidade — nem mais nem menos válido do que a nossa solidez de chávenas e de pessoas, mas igualmente útil. Mas… se os átomos e as moléculas estão por detrás da nossa realidade física, o que está por detrás da realidade psíquica dessas outras entidades consensuais?

Nas nossas alterações de consciência, nas nossas buscas interiores, procuramos uma realidade fundamental ou a matéria de que são feitas as realidades. Para isso, é necessário romper os padrões conhecidos. Se os átomos e as moléculas são os componentes interiores das chávenas e das pessoas, qual é então

a composição equivalente dos deuses, dos demónios e do seu conjunto noutro nível?

Vemos a realidade física em resultado do treino e da ativação neurológicos. Se as nossas perceções sensoriais se desviarem um pouco, percecionamos uma imagem ligeiramente diferente de um mundo coletivamente aceite. Eu, por exemplo, tenho pouca perceção da profundidade. De alguma maneira estranha, verei realmente uma versão mais verdadeira do espaço, uma versão não oficial, porque a minha visão não está sintonizada com o padrão reconhecido tão claramente como é habitual? Será possível que, quando os padrões sensoriais são excêntricos, tenhamos um ponto mais claro através do qual observar seja o que for que a realidade é, independentemente da nossa perceção normal?

Da mesma maneira, as visões que não concordam com os diversos dogmas religiosos e místicos, que não são formuladas em termos de Cristo, Jeová ou Buda, poderão representar aberturas na imagem oficial através das quais se infiltra um vislumbre da realidade interior.

A visão que nos deixa desconfortáveis, que não se enquadra, aquela que não conseguimos explicar tão facilmente, poderá dar-nos pistas e novas direções a explorar. Tais visões deixam-nos desconfortáveis precisamente porque não são familiares, e isso assusta-nos instintivamente. Já é suficientemente difícil discordar dos nossos semelhantes acerca de diferentes elementos de uma realidade partilhada coletivamente, mas as visões pouco ortodoxas fazem-nos recear a loucura. Pelo menos, os mitos religiosos

proporcionam uma espécie de enquadramento em que São Paulo reencarnado, os discípulos, Cristo e os santos conhecidos podem encontrar lugar, ainda que de forma incómoda. Mas a verdadeira visão não produziria esse tipo de conflito com os factos aceites do nosso mundo, porque a realidade interior seria vista como a fonte de onde nascem os acontecimentos exteriores.

Não estou aqui a depreciar os sentidos físicos nem a dizer que outras dimensões são, a priori, melhores do que a nossa; apenas que não devemos vestir automaticamente as perceções de outras realidades com os termos dos estereótipos convencionais para as fazer encaixar.

Enquanto trabalhava neste capítulo, recebi um telefonema que ilustra o que quero dizer. Lonnie, como lhe chamarei, era secretária numa grande cidade da Costa Oeste. Já me telefonara uma ou duas vezes. Desta vez, a voz estava entusiasmada, cheia de uma estranha espécie de maravilhamento, tendo apenas por baixo um tom de interrogação persistente e sardónica.

> **«Acabei de ir a uma quiromante sensitiva»,**

disse, acrescentando depois, com um toque de ceticismo:

> **«Bem, sabe, é o que ela supostamente é. Lê as linhas da mão, mas também utiliza realmente as suas capacidades psíquicas. Quero dizer, não se baseia apenas nas linhas?»**

A voz terminou numa pergunta.

«Continue», disse eu.

> «Bem, ela leu-me. Quero dizer, leu-me realmente. Sabia como eu era por dentro. Disse-me que eu não sentia que pertencesse aqui, que estava pouco à vontade no meu ambiente, que me sentia uma excluída. E, sabe, isso é verdade.»

«Está bem», disse eu.

> «Fiquei impressionada com isso. Nunca me tinha visto.»

Lonnie fez uma pausa. Soltou uma gargalhada embaraçada que escondia uma esperança e continuou depressa:

> «Depois, a mulher disse-me: "Claro que não sente que pertence aqui, porque… não pertence!"» Outra pausa.

Na minha mente, vi Lonnie ali sentada, magra segundo a moda, de ossatura bastante elegante, chique, com um ar de quê? Moderna? Sofisticada? Algo assim.

Lonnie repetiu as palavras da mulher, com um longo suspiro perplexo.

> «Não pertence aqui. Foi exatamente isso que ela me disse. Depois disse que eu, na verdade, pertencia… às fadas! Já alguma vez ouviu uma coisa destas? Disse que elas eram, bem, como outra espécie, e que eu pertencia a elas, mais do que a qualquer outra coisa. É por isso que sempre senti que não pertencia aqui.»

Durante um minuto, não consegui dizer nada.

> **«Sei que parece maluquice», disse Lonnie. «Mas o que acha? Não é maravilhoso?»**

O maravilhamento irrompera na sua voz — o Pai Natal voltava a existir, e ela era como uma criança no Natal, a quem tinham dado um presente bom demais para ser verdade. E eu era, evidentemente, a pessoa que escolhera para retirar os enfeites à embalagem, ou não teria telefonado: conhecia-me pelo menos o suficiente para suspeitar de qual seria a minha atitude. Contudo, custava-me mexer naquele maravilhamento, naquela esperança recém-nascida. Se queria acreditar que fazia parte de uma linhagem de fadas, era lá com ela. Há crenças piores. Só que me perguntara o que pensava.

> **«Bem», disse ela, impaciente, «por mais disparatado que pareça, acho que é verdade. Tudo é possível.»**

> **«Acho que é um embuste psicológico», disse eu, suavemente. «É isto que penso…» E comecei.**

Simbolicamente, a afirmação podia ter descrito com exatidão a maneira como Lonnie se sentia e dado uma fantasia para explicar a sua sensação de alienação — um sonho de criança, belo aos três ou aos sete anos; Peter Pan, que nunca envelhece; expressões poéticas de verdades interiores —, mas não para serem tomadas à letra, como qualquer criança sabe. Lonnie tinha problemas reais no mundo do trabalho quotidiano: de certa maneira, vagueava num país de fadas, mas precisava de encontrar apoio aqui. Não precisava de uma desculpa para não se relacionar com o mundo. Uma fada aprisionada, incapaz de viver neste mundo, é diferente de uma fada

que voa livremente, à vontade em ambos os reinos — mas isso não vem ao caso.

Também não estou a dizer que a sensitiva fosse uma fraude. Poderia ter captado impressões acerca de Lonnie para além de quaisquer pistas recebidas da sua maneira de estar, e eu aceitaria as suas afirmações como fantasias criativas que descreviam com exatidão o estado de espírito de Lonnie. Mas a sensitiva e Lonnie aceitavam aquele drama como facto literal. E aí eu traçava o limite. Como podia Lonnie acreditar naquilo? Como conseguia manter-se séria?

Estou até disposta a admitir que as fadas possam existir, como lhe disse. Não sou tão egocêntrica que acredite que a consciência só vem numa embalagem humana. Mas não penso que as pessoas descendam das fadas, tal como não penso que os mosquitos nasçam de falcões. Por que não conseguia Lonnie ver que toda a história era como um conto para crianças, com a verdade entre as palavras, não dentro delas?

Interrompeu-me, dizendo:

> **«Olhe, sei que os elementais existem. Lancei a minha consciência numa tempestade, e o ar estava cheio de elementais. Foi incrível. Por isso, se há elementais, por que não posso fazer parte de uma espécie de fadas?»**

Mais uma vez, não soube realmente o que dizer, embora tenha explicado o melhor possível o que pensava. Falo com os espíritos

das árvores e das colinas e sinto a sua resposta, mas sei que este é um enquadramento que utilizo. Não espero que pequenas pessoas das árvores saiam numa alegre parada à meia-noite — o que não significa que não sinta as consciências perfeitamente válidas que formam o mundo natural.

Mas tantos de nós pensam que têm de «ver o pequeno povo», dar-lhe nomes e categorias, imitando os métodos da ciência objetiva num domínio em que esses métodos simplesmente não se aplicam. Quando exigimos interpretações tão literais, transformamos realidades emocionais e psíquicas em caricaturas ridículas de si mesmas, roubando-lhes a originalidade que possuíam.

Acabamos com fingimentos românticos, falsos em ambos os mundos. Ao fazê-lo, destruímos o fluxo natural das intuições, encerrando-as noutra forma estereotipada. Contudo, é fácil perceber por que tantas pessoas fazem isto. Parecemos pensar que, se conseguirmos dar nomes e rótulos a acontecimentos excecionais, eles serão mais aceitáveis e reais. Mas, quanto mais «reais» esses acontecimentos se tornam, menos poderosa é a sua validade interior. Existem numa ordem diferente de acontecimentos. E essa ordem é tão real ou mais real do que o mundo que reconhecemos.

Esta última frase é extremamente importante, porque implica tipos diferentes de realidade e acontecimentos que podem ser reais num mundo e talvez não existir noutro. Muitas das pessoas com quem me correspondo são encantadoras e exploradoras, empreendendo em privado caminhos interiores de realização e de

exploração criativa, por exemplo. Enquanto prosseguem as suas atividades normais, estudam também os seus sonhos, experimentam a projeção da consciência e procuram, à sua maneira, a natureza da realidade. Mas não se podem utilizar os critérios dos factos habituais para medir acontecimentos que não se manifestam no mundo factual, tal como não se pode utilizar uma balança para medir um estado de espírito pesado. Esse estado de espírito é real, mesmo que a balança não reconheça a sua realidade.

Mas procuramos certezas e somos ensinados a considerar os factos físicos os únicos critérios de realidade. Por exemplo, no dia seguinte à chamada de Lonnie, outra mulher telefonou para me contar uma situação que já não me surpreendia: mais um caso de uma personalidade do tabuleiro Ouija que insistia ser Seth.

> **«Era ou não era?», queria ela saber. «A entidade estava a mentir?»**

A voz estava cheia de esperança e dúvida. Dava por adquirido que uma entidade estava a comunicar, sem questionar esse termo nem aquilo que poderia querer dizer com ele. Assim, algum espírito lá fora tinha de estar a dizer a verdade ou a mentir, ou — pior que tudo — era o seu próprio inconsciente que mentia, sendo, portanto, malicioso e indigno de confiança.

Há anos, partilhava o quadro de conceitos em que essas perguntas têm significado, por isso compreendi a aflição da mulher e fiz o meu melhor para explicar o meu ponto de vista. Disse-lhe que estava a atravessar áreas da psique; que, num ponto indescritível, a psique se abre para níveis habitualmente

indisponíveis e que poderia personificar-se para transmitir a sua mensagem. Mas a psique fala uma língua diferente, ou utiliza a nossa língua de maneira diferente. Não mente; temos, porém, de aprender a decifrar a linguagem — uma linguagem mais próxima das artes, com os seus ricos cortejos de imagens e símbolos. Quando vestimos as criações multidimensionais da psique com roupas velhas e gastas, dificilmente nos podemos queixar de que pareçam esfarrapadas. A psique é majestosa e assombrosa, e a nossa existência presente nasce do seu ser. Tem de haver ali muito mais do que deuses de papel.

Mas talvez as nossas intuições e visões originais se ajustem naturalmente aos contornos das nossas crenças, fundindo-se como uma paisagem psicológica natural, destacada apenas de vez em quando, precisamente onde as nossas crenças não encaixam bem umas nas outras, ou nas costuras das nossas dúvidas. Talvez, se conseguíssemos abandonar as nossas crenças estruturadas durante tempo suficiente, pudéssemos surpreender-nos a transformar informação não oficial em roupagem convencional, ou até vislumbrar o que são essas perceções originais antes da sua transformação quase instantânea.

Ou os contornos da própria consciência poderão mudar de nível para nível. Se os nossos deuses e figuras religiosas são reflexos de certas áreas da consciência, talvez possamos segui-los até à sua fonte através de novas alterações do foco. É como se tivéssemos feito traduções dos dados interiores à maneira da pintura por números, moldando-os em padrões predefinidos. Temos medo de não seguir as linhas pontilhadas, porque poderíamos acabar com

uma imagem da realidade diferente daquela a que estamos habituados. As nossas crenças formam, assim, grelhas através das quais fluem as nossas perceções mais profundas. Talvez tenhamos de suspender momentaneamente todas as crenças, para podermos experimentar a perceção original na sua oposição excêntrica ao modelo que demos por adquirido.

Talvez receemos que a realidade seja realmente informe, e por isso sobreponhamos as nossas próprias formas a quaisquer visões que recebamos. Estou, porém, pessoalmente convencida de que os modelos de tudo, incluindo de nós próprios, nascem desta ordem interior de acontecimentos, pelo que ela deve ter fortes propriedades geradoras de significado. Não imagino a realidade interior como um vazio ou uma ausência, mas como algo dotado de uma propensão para a individuação. Aqueles que a concebem como um oceano em que toda a individualidade se perde poderão ter uma surpresa, pois qualquer «coisa» que caia nessas águas primordiais poderá ser imediatamente lançada de novo na individuação. O próprio oceano físico é composto por um número infinito de partículas, mesmo que o concebamos como uma única massa em movimento.

Mas penso que, quando projetamos os nossos padrões sobre os dados interiores, fragmentamos os padrões maiores que efetivamente existem.

Ao manter a mente aberta quanto à natureza da realidade de Seth, por exemplo, sem impor modelos retirados da religião ou da psicologia, posso deixá-lo definir-se à sua maneira, através dos

seus atos nas sessões, das suas interações com os outros e dos seus próprios livros. E posso estar atenta à sua ideia de definição, que pode ser muito diferente da minha.

Contudo, acredito que estes modelos na psique — os deuses, demónios, velhos e velhas sábios, fadas e crianças eternas — representam alguma coisa e refletem verdades acerca da realidade interior, tal como o ambiente natural nos fala do mundo físico em que vivemos. Portanto, o que significam e por que aparecem tantas vezes nas visões reveladoras e na escrita automática? E por que tantas teorias ensinam que a beatitude ou o nirvana — sem ti, sem mim — está por detrás de tudo o que conhecemos? Uma beatitude em que todos os nós de consciência individual se soltam e dissolvem?

Mais uma vez, penso que essa rica sopa de criatividade contém mais alfabetos do que supomos; um caldo espesso e inebriante, fervilhante de atividade. Mas, por agora, deixaria isso passar.

Ainda assim, talvez precisemos de um galo cósmico a cantar nos telhados do mundo, ou de algum deus animal que desorganize eficazmente os nossos conceitos o suficiente para podermos, pelo menos, espreitar através deles. E eu própria estive envolvida em algumas visões de pai e mãe divinos, por isso sei que parecem bastante reais. E, naturalmente, são. É o que está por detrás delas que procuro.

Numa dessas experiências, mencionada anteriormente neste livro, senti-me elevar aos céus, onde, como bebé, fui embalada e reconfortada por um homem e uma mulher sentados nas nuvens. Sentia-me literalmente um bebé. Uma vez caí para trás, em direção à Terra, uma experiência assustadora, embora soubesse que «eu» estava sentada à secretária. As minhas sensações estavam dentro do bebé que caía a pique, não na minha própria figura física sentada.

Com outras crenças, poderia ter visto o casal como Cristo e a Virgem, ou ter-me convencido de que me fora concedida uma audiência divina. Ou poderia ter interpretado a experiência como significando que Deus me devolvera à Terra para cumprir a minha «missão». Por outras palavras, poderia ter dado por adquirido que estava literalmente no céu, a visitar parentes divinos. Contudo, a validade emocional da experiência transcende tais interpretações.

O que se segue é um exemplo do que pode acontecer quando interpretamos dados psíquicos em termos literais e ficamos presos naquilo que parece ser um jogo de poder entre mundos. Falei pela primeira vez com Dorrine numa manhã escura e chuvosa de junho. Estava a passar algumas notas à máquina e a olhar pelas janelas da frente para o relvado e para as montanhas. Seth terminara de ditar *A Realidade "Desconhecida"* cerca de um mês depois de nos mudarmos para a casa da colina, e eu perguntava-me se iria começar outro livro quando o telefone tocou.

A voz do outro lado da linha era feminina, jovem e assustada.

> **«Não sei como dizer isto, mas estou em apuros. Apuros espirituais, e preciso de ajuda», disse ela. «Perguntava-me se poderia realizar uma sessão de Seth para mim, ou se eu poderia assistir a uma…»**

Disse-lhe que já não realizávamos sessões privadas para as pessoas e que Seth escrevera *A Natureza da Realidade Pessoal* para as ajudar a ajudarem-se a si próprias. Depois, perguntei-lhe o que se passava. Era uma psicóloga negra, na casa dos quarenta anos, que investigava o preconceito racial, e telefonava de um estado do Oeste. Era também casada e tinha dois filhos. Contou-me tudo isto de uma assentada. Depois disse:

> **«Foi terrivelmente difícil telefonar-lhe. Aqui estou eu, uma mulher negra, a dizer que os negros podem fazer as suas próprias coisas, e tenho de telefonar a uma pessoa branca para perguntar pela natureza da realidade.»**

> **«Olhe, somos pessoas antes de mais»,**

disse eu, mas, neste caso, o quadro envolvia de facto contrastes e estados de espírito em que tudo era preto ou branco, bom ou mau — e uma interpretação literal dos acontecimentos psíquicos. Dorrine estivera ligada a um grupo que praticava magia negra. Segundo o seu relato, quando tentou sair, os membros dirigiram energia maléfica contra ela. Adoeceu, «sofreu um terrível ataque cardíaco» e teve a certeza de que ia morrer.

Por fim, Dorrine foi a um sensitivo, que lhe deu uma medalha para afastar a energia maléfica enviada pelo primeiro grupo. Esta ajuda, porém, só funcionou temporariamente, pelo que procurou

outro sensitivo com «poderes ainda maiores». Queria que Seth, como entidade ainda mais poderosa, lhe desse maior proteção contra os espíritos malignos e os elementais que acreditava estarem a ser enviados contra ela.

Fiquei horrorizada. Falei com ela durante quase uma hora, dizendo-lhe que lesse *A Natureza da Realidade Pessoal*, reforçando a ideia de que tinha controlo sobre a sua própria vida e procurando, de outras maneiras, fortalecer a sua confiança e segurança em si mesma. Ela desligou, e eu tomei notas da conversa, relacionando as suas experiências com as suas crenças e o seu nível de consciência. Continuava a sentir que a chamada continha algumas pistas importantes a esse respeito que ainda não cristalizara.

Nesse preciso momento, Dorrine voltou a telefonar.

> **«Há algumas coisas que não lhe contei»,**

começou; depois, disse-me que também ela tinha visões, uma das quais em particular mostrava São Francisco a ser destruída. Só os negros eram salvos, e ela conduzia-os para um lugar seguro.

> **«Vá lá, Dorrine. É psicóloga, portanto deve saber o que é a projeção. Nem lhe ocorreu que a raiva contra os brancos estava a irromper nas suas visões, de modo que eles eram castigados?»**

> **«Sei o que é a projeção, mas isto é diferente», protestou. «Tento amar todas as pessoas, mesmo que seja difícil.»**

> **«As pessoas que afirmam amar o mundo livram-se muitas vezes da sua raiva tendo visões em que toda a gente no mundo é destruída, exceto elas próprias e o seu grupo escolhido», disse eu. «A cor da pele não tem de estar envolvida. Pode ser uma seita religiosa ou uma nação específica. De qualquer modo, os sobreviventes são os bons, que veem a sua razão confirmada.»**

Voltámos a desligar, mas continuei a pensar no dilema de Dorrine. O seu estado de consciência, com o respetivo sistema de crenças, resulta em determinados tipos de experiências. As imagens da psique são lançadas para o exterior, nos acontecimentos do mundo, e, dentro desse enquadramento, tudo faz sentido: os espíritos bons e os maus, os jogos de poder e a sensação de impotência que está por baixo.

É preciso mudar as crenças ou o foco para escapar às aparentes provas que continuam a reforçar-se. Se acreditamos que somos perseguidos por espíritos malignos, que somos vítimas; se pensamos que o poder é a resposta (e não o possuímos), teremos sempre de procurar proteção junto daqueles que têm maior poder. Mas, passado algum tempo, isso também deixa de funcionar, porque cada dependência de um poder sucessivamente maior diminui o sentido de autodeterminação. É bastante fácil ver como isto funciona na política mundial, até que nenhuma defesa projetada contra um possível ataque inimigo será suficiente e, por fim, uma nação inicia a agressão — em sua defesa.

As revelações de Dorrine também representavam simbolicamente a sua visão do mundo. Seria uma profetisa a conduzir o seu povo à vitória. Mas surgia então o dilema: como

poderia realizar esses milagres se ela própria era vítima de elementais malignos?

O «ataque psíquico» era uma imagem perfeita dos males que Dorrine via os brancos infligirem aos negros em todos os domínios da vida.

Material poderoso, sem dúvida. Como mulher e como negra, sentia-se impotente e, como psicóloga, tinha sérias dúvidas de que as raízes do preconceito alguma vez pudessem ser erradicadas. Mas, nas suas visões, era invencível. E, comparado com aquela visão psíquica de triunfo absoluto, tudo o que ficasse aquém parecia irrelevante.

Mas serão os demónios, os deuses vingativos, os elementais e os seus semelhantes «características naturais» de um nível de consciência? Não acredito que sejam de todo elementos arquetípicos da psique, mas versões distorcidas de modelos ou aspetos interiores, tal como são refletidos através de certos pressupostos acerca da realidade que parecem válidos em determinados estados de consciência.

Por outras palavras, no instante em que voltamos o foco para dentro, tentamos interpretar os acontecimentos psíquicos segundo os nossos pressupostos habituais, traduzindo esses dados em termos pseudofísicos. Para muitas pessoas, o mundo invisível torna-se então povoado por elementais, que podem ser comandados por quem tiver o poder de os controlar, numa

continuação de uma política de poder inteiramente humana. As próprias crenças atuam como grelhas, programando a experiência interior. Os deuses e os demónios são já padrões numerados na mente, à espera de serem preenchidos por quaisquer perceções não oficiais.

Estas experiências interiores são difíceis de explicar e interpretar. As palavras são inadequadas, pelo que talvez seja útil dispor de uma linguagem simbólica tão estilizada — porque os deuses e os demónios são estilizados e bastante rígidos, tal como surgem ao longo dos séculos. Talvez seja por isso que parecem tão fiáveis. Quando tentamos prescindir deles, enfrentamos a necessidade de tentar interpretar as nossas visões e intuições para nós próprios sem rótulos convenientes — tarefa nada fácil.

Enquanto pensava em Dorrine, nas minhas próprias experiências e nas das pessoas com quem me correspondia, perseguia-me a ideia de que sabia mais do que julgava acerca das visões e dos estados de consciência; de que já tinha alguma informação importante sobre o assunto que esquecera — informação que iria encaixar, embora antes o seu significado não tivesse sido evidente. Sabia que esse material pertencia a este livro. Embora o tivesse recebido algum tempo antes, a minha própria experiência tivera de o alcançar. Mas que material? Não conseguia lembrar-me de nada em particular.

Por isso, com alguma impaciência, fui procurar nas notas antigas. Política psíquica — um belo exemplo —, porque encontrei algumas páginas rabiscadas que imediatamente adquiriram

significado. Fiquei a olhar para o material, cujo sentido era tão claro que me perguntei como pudera tê-lo esquecido, a ele ou aos acontecimentos com que se relacionava. O material estivera ali o tempo todo, à espera apenas de um acontecimento que desencadeasse a minha compreensão plena.

# CAPÍTULO 24

## Estádios da Consciência

Vários meses antes de começar este livro, tive uma experiência percetiva extremamente rica, mas era literalmente impossível descrevê-la. Sendo quem sou, escrevi o que consegui e acabei com uma descrição que parecia bastante adequada: fazia sentido; mas o próprio sentido que fazia era quase destituído de significado noutros termos que me escaparam assim que o acontecimento terminou. Na verdade, fiquei tão frustrada com a descrição que pus as notas de lado. Foram essas que descobri depois da chamada de Dorrine.

O acontecimento dera-se numa sexta-feira à noite. Rob fora à loja buscar petiscos para uns convidados que esperávamos. Eu ficara em casa para arrumar a sala e lavar a louça. Quando terminei, fiquei junto das janelas salientes do apartamento, a remoer. Estava entre livros, à espera de alguma inspiração. O cenário e as circunstâncias lembraram-me uma noite semelhante em que vira a minha «criatura da chuva», uma visão descrita em *Aventuras na Consciência*. Recordei essa experiência com nostalgia. *Seth, Seven, Cyprus e Helper* — seriam partes da minha psique? Independentes? As duas coisas? Seven e Cyprus tinham-me dado, em conjunto, o romance *The Education of Oversoul Seven — Sobrealma Sete*. Helper parecia atuar como curador. «Bem, seja como for», disse

mentalmente, «agora também eu gostaria de alguma ação e ajuda.» Depois, lembrei-me do carvalho diante da janela da cozinha e pensei nele, tão seguro na terra, tão em contato com a sua própria liberdade. Por isso, disse mentalmente que gostaria de estar em contato com o meu próprio conhecimento interior da mesma maneira, ou palavras nesse sentido.

Vou incluir aqui as minhas notas originais, para mostrar não só o que aconteceu, mas a maneira como o descrevi e a minha frustração com a própria descrição.

> «De repente, o ar e a noite adquiriram aquela beleza e aquele significado adicionais tão característicos: havia crianças a andar de bicicleta na ponte, que ainda não está aberta, e as novas luzes acenderam-se numa inundação de claridade, iluminando a cena com uma luz de outro mundo. Tinha uma consciência muito viva das vozes na rua e do som dos grilos — indescritivelmente doces e queridos —, e os grilos eram os sons dos deuses a falar.
>
> «Depois, veio uma daquelas experiências de tudo-estar-em-Deus; não sei de que outra maneira descrevê-la. Fiquei a olhar para uma planta no parapeito, e ela era… Deus a conhecer o verde, mas um verde individualizado; o verde eternamente individualizado. E soube que tudo no universo estava absolutamente… seguro.

«Estou a rabiscar isto logo depois da experiência, mas as palavras nem afloram as realidades emocionais que senti. Há, porém, uma espécie de mensagens que varrem constantemente o mundo e ajudam a formá-lo, invisivelmente, por baixo daquilo que vemos. E senti-as. De certa maneira, eu… sabia que a independência da minha mente nasce da de Seth e que isto também se aplica às outras pessoas, com o seu equivalente de Seth.

«Eu… senti… que a realidade de Seth é em parte espiritual, mas também em parte está na natureza; sobretudo, porém, que existem forças psíquicas — toda uma categoria diferente, como a gravidade e assim por diante —, mas noutro nível. São forças psíquicas de apoio tão fiáveis como as forças físicas que conhecemos e em que confiamos. São… subestruturas da personalidade das quais nascem os nossos seres presentes e funcionam como base da nossa vida psíquica.

«O vocabulário que utilizo simplesmente não diz o que quero. Da maneira mais estranha, as palavras estão certas em certos termos, mas completamente erradas noutros. Por exemplo, ia dizer que sabia — enquanto a experiência decorria — que o amor é uma força tão real como a gravidade, atuando entre psiques em vez de entre objetos; mas aquilo que senti é tão diferente da palavra "amor", tão maior e mais grandioso e, contudo… mais pequeno, que a palavra "amor", tal como habitualmente se usa, não tem significado no mesmo contexto.

«Senti que existem estados de ser tão reais como o mundo físico, muitos dentro de um mesmo universo; partilhando partes, por exemplo, da Terra ao mesmo tempo, mas respondendo a aspetos diferentes dela e tendo consciência deles. Enquanto a experiência decorria, senti tudo isto sem palavras. Senti que me movia em direção a um desses outros estados, um estado novo para mim, e que um desejo sincero de saber nos move de um estado de ser para outro, onde o amor (essa palavra outra vez) é literalmente… uma força motriz. Vemos realmente com maior clareza quando amamos…

«Senti… que estava a ser reamada, como reelaborada, como se esse amor estivesse a vivificar e equilibrar estruturas moleculares dentro do meu corpo. Enquanto isso acontecia, senti-me muito sonolenta. Ao escrever estas notas, alguma coisa está a acontecer agora. Tentarei descrevê-la à medida que avanço. Se conseguir. Tudo isto se transforma numa coisa corporal. Por dentro, a minha cabeça rodopia. A sala parece nova e fresca. Sinto… mal vejo um eu gigante atrás de mim, elevando-se. Está na mesma posição que eu. É o padrão do qual nasci. É como uma sombra, mais definida do que uma sombra vulgar, mas sem volume pesado. Fico inquieta ao pensar que posso fundir-me com ele. Decido não o fazer. Ao mesmo tempo, sinto e quase vejo um gato gigante atrás de Willy, o nosso gato — também é gigantesco e ergue-se do chão ao teto, ou vice-versa, tal como o meu, e é o padrão de Willy. Estou tão descontraída que terei de parar de tomar estas notas no momento…

«Depois de escrever o que ficou acima, deitei-me na cama e senti-me subitamente tão protegida e segura como uma criança com pais amorosos por perto — embora, mais uma vez, as palavras "protegida" e "segura" nem de perto descrevam o tipo de… supersegurança que experimentei. Por um momento, fui uma criança num berço. Compreendi o que estava por detrás da expressão "filhos de Deus", mas também vi que a expressão era enganadora, tal como a palavra "amor" quando a utilizara. Ao mesmo tempo, mesmo enquanto sentia… as sensações de supersegurança e de ser filha de Deus, senti um protesto intelectual vindo do meu nível habitual de atividade. Ao nível de supersegurança, compreendi por que as pessoas se referiam a Deus como um pai e soube que, para outros tipos de consciência, uma das nossas vidas equivale talvez a um ano à escala delas; de modo que, depois de sete vidas, continuaríamos a ser como crianças de sete anos para elas.»

Apesar de todas as minhas notas, os elementos mais amplos da própria experiência escaparam à tradução. Contudo, ao lê-las, percebi que os padrões do eu e do gato gigantes tinham sido a minha primeira tentativa de sentir os modelos tantas vezes mencionados neste livro.

No dia seguinte, enquanto estava sentada à secretária, chegou-me o material que se segue. Sabia que estava ligado à experiência do dia anterior, mas, de alguma maneira, não se encaixava para mim. Só depois da chamada de Dorrine compreendi, num relâmpago proverbial, como aquele material era pertinente. E

estivera ali o tempo todo, à espera de que eu o alcançasse. Ao relê-lo, vi imediatamente onde se enquadravam os codicilos.

## 1. Os Estádios da Consciência

«Como muitas outras pessoas, tive medo da minha própria realidade mais ampla. Estava habituada a identificar-me apenas com uma pequena parte de mim, "eu, a escritora", porque pensava em termos de eu contra não-eu. Na nossa sociedade, quando começamos a vislumbrar as capacidades e o alcance mais vastos do eu, receamos que o eu tal como o conhecíamos antes seja posto de lado, se revele inferior ou seja de algum modo aniquilado. Em vez disso, o "velho eu" é apenas um pequeno vislumbre da verdadeira identidade. O "velho eu" cresce, assimila o novo conhecimento e torna-se o novo eu. É iluminado, expandido e continua a ser o organizador; mas tem realmente de abrir as portas à sua própria realidade mais vasta e permitir-se ser iluminado pela sua própria fonte. Por vezes, a personalidade focal, enquanto eu conhecido, assusta-se por causa das suas próprias crenças e ergue barreiras ao crescimento psíquico diretamente proporcionais à expansão pressentida.

«O estado de consciência que consideramos normal, a corrente oficial de consciência, é apenas um limiar para "progressões" naturais. Em maior ou menor medida, cada pessoa tenta crescer para além desse enquadramento, ou, melhor, expandi-lo. Ao fazê-lo, tornam-se evidentes os seguintes estádios da consciência:

## 1.1 Primeiro Estádio

«A personalidade focal dá início ao processo de expansão e começa a percecionar informação não oficial. Isto envolve habitualmente algum sonho, visão ou experiência de conversão surpreendente. Pode envolver escrita automática, o uso do tabuleiro Ouija ou qualquer processo que permita à psique mais espaço para respirar e mover-se. Este estádio pode incluir, ou não, precognições verificáveis ou casos de telepatia. Existe aqui uma grande margem de variação, e muitas diferenças na intensidade e profundidade da experiência inicial. Embora o acontecimento inicial possa ocorrer subitamente, aparentemente vindo do nada, é na realidade o resultado de um longo processo em que a personalidade focal tem procurado gradualmente nova expressão criativa e alguma liberdade em relação às restrições que limitam o seu alcance.

## 1.2 Segundo Estádio

«No segundo estádio, a personalidade focal tenta continuar a sua expansão, ao mesmo tempo que procura manter a sua orientação anterior perante o mundo — e relacionar a sua informação não oficial com as suas crenças religiosas e culturais. Nesta fase, por exemplo, tentaremos habitualmente provar que as nossas visões são verdadeiras nos termos do mundo.

«Por exemplo, se começarmos com escrita automática que apresenta extraterrestres como a sua fonte, poderemos depois tentar provar que esses seres existem. Se a escrita fornecer precognições verificáveis ou dados telepáticos, convencer-nos-emos de que são os seres do espaço, e não nós, que possuem essas capacidades. Se, como o engenheiro mencionado anteriormente, descobrirmos que os seres do espaço não existem nesses termos, poderemos abandonar tudo, desgostosos, neste ponto, sem utilizar essa abertura nem compreender que os acontecimentos psíquicos eram importantes, mesmo que a sua roupagem fosse simbólica.

«O acontecimento psíquico inicial é muitas vezes dramático, até escandaloso em termos normais — simplesmente para chamar a nossa atenção. Pode ser arte psíquica, envolvendo toda a personalidade, mobilizando todos os sentidos num espetáculo tão brilhante como qualquer drama teatral — apenas para os nossos olhos e para a nossa experiência. Contudo, julgamo-lo — nesta fase — segundo os padrões mais rígidos de verdadeiro e falso. De certa maneira, tais experiências (visões, revelações e algumas personificações de transe) são maiores do que a vida; ou, melhor, maiores do que as nossas ideias acerca do que são a vida e a existência.

«Por esta razão, muitas pessoas permanecem no segundo estádio, num dilema, tentando interpretar acontecimentos psíquicos dentro de um enquadramento demasiado pequeno, ou ficando em círculos religiosos ou pseudocientíficos bastante aconchegados, que proporcionam alguma liberdade

relativamente à corrente oficial de consciência, permitindo aventuras psíquicas desde que sigam certas convenções estabelecidas características do grupo.

«Infelizmente, esse percurso impede muitas vezes a personalidade focal de continuar a desenvolver-se e, se os dados não oficiais mais recentes contradizem a "linha do partido", a pessoa volta a ficar desamparada. Muitas personalidades de transe desenvolvidas no primeiro estádio acabam por se tornar psiquicamente invisíveis no segundo, ou ficam com o desenvolvimento congelado, repetindo o dogma psíquico, religioso ou pseudocientífico corrente.

«Tudo isto pode encobrir a originalidade do conteúdo psíquico. Ao mesmo tempo, pode emergir uma criatividade autêntica; e, quando isso acontece, o indivíduo torna-se mais capaz do que antes de lidar com o mundo normal, mais capaz de resolver problemas e, talvez, bastante satisfeito por utilizar esse dogma como um recipiente confortável, até que a experiência transborde pelas bordas — e se alcance outro estádio.

«Por outras palavras, os símbolos prontos a usar da religião e da pseudociência são provavelmente úteis a muitas pessoas, proporcionando-lhes uma orientação para a atividade e o crescimento interiores. Se, porém, essa organização se torna permanente, as experiências seguintes ficam programadas de maneira demasiado rígida. Essas pessoas nunca chegam aos aspetos verdadeiramente pessoais e originais escondidos no interior.

«Se forem deixados desenvolver-se livremente, estes estádios refletirão os aspetos da psique que estão a ser ativados. Manifestar-se-ão de maneiras características da psique e da personalidade focal. No meu caso, Seth, Seth II, Sumari, Seven, Cyprus e Helper representam este tipo de movimento. As capacidades criativas latentes poderão ser personificadas como uma musa, por exemplo, e a personalidade focal poderá receber novas competências ou interesses. Contudo, esta assistência personalizada da psique à personalidade focal, feita à medida, poderá não emergir se conceitos rígidos continuarem a encobrir as experiências. Na maioria das vezes, o segundo estádio está repleto dos espíritos bons e maus da religião e do mito.

## 1.3 Terceiro Estádio

«O terceiro estádio está literalmente a mundos de distância do segundo. Aqui, a personalidade focal adquire segurança suficiente para aceitar novos conteúdos como parte de uma realidade mais ampla em que o mundo físico está contido. Está pronta para a verdadeira realização de si, o que significa identificar-se com partes da psique anteriormente consideradas não-eu. A necessidade de sacrifício ou de "morte do eu" existe apenas no primeiro e no segundo estádios, quando predominam critérios arbitrários de separação entre o eu e o não-eu.

«Este terceiro estádio, porém, é aquele que se interpreta em termos religiosos como a morte do eu e o novo nascimento —

a morte da vontade, ou através de outros conceitos semelhantes. Na minha maneira de pensar, estes são bastante distorcidos. Na realidade, a personalidade focal aprende que nada funciona para ela a não ser a nova orientação, plenamente aceite: isto significa que se expande, aceita o seu próprio enquadramento mais amplo e percebe que nada se perde. Na verdade, ganha-se o mundo — de uma maneira nova. Este estádio pode ser um rápido momento de compreensão, ou um processo gradual de tentativa e erro, em que a personalidade focal oscila entre o primeiro e o segundo estádios até finalmente receber impulso suficiente para romper até ao terceiro.

## 1.4 Quarto Estádio

«O quarto estádio é um novo país do eu, em que a personalidade focal percebe que os pressupostos da consciência oficial de linha única só se aplicam a esse nível. São abandonados enquanto descrições válidas da realidade e tratados como respeitadas normas locais. As aparentes contradições entre intelecto e intuições, bem e mal, objeto e sujeito desaparecem — as contradições. Este estádio pode ser fugaz, de duração variável. Aliás, as divisões entre os estádios aqui apresentadas são, em certa medida, arbitrárias. Algumas pessoas terão lampejos da consciência do quarto estádio em qualquer um dos outros estados.

«No conjunto, porém, são estes os estádios através dos quais alcançamos a maturidade psíquica. Em maior ou menor

medida, ocorrem em cada pessoa, independentemente da cultura. Representam a revelação intuitiva e a sua assimilação. Mais uma vez, algumas civilizações antigas forneciam grupos móveis de símbolos como orientações. Na nossa sociedade, a corrente oficial de consciência é anterior ao primeiro estádio aqui apresentado — um requisito para os outros estados, pois proporciona uma base física sólida. Contudo, sufocamos o seu desenvolvimento neste ponto e formamos todo um mundo e uma cultura em torno de uma área específica e local da consciência.

«Este nível é particularmente desvantajoso porque os seus pressupostos parecem ser os únicos critérios de realidade, uma vez que se desencorajam os dados não oficiais que mostrariam padrões alternativos. Outros estádios da consciência completam de forma incomensurável a realidade habitual, acrescentando profundidades e nuances geralmente impercetíveis e proporcionando o seu próprio tipo de evidência. De uma maneira estranha, esses outros estádios realizam e expandem a consciência comum, trazendo outros tipos de estímulos.

«Contudo, não reconhecemos esses estádios naturais de crescimento e de mudança. Mas uma progressão normal poderia muito bem conduzir à compreensão da própria morte, porque teríamos provas da independência da consciência em relação ao foco corporal. Até agora, as nossas terapias psicológicas têm-se dedicado a devolver os desviados ao redil da corrente oficial, atuando para reforçar os próprios sistemas

psicológicos que retardavam o crescimento psíquico — isto é, o desenvolvimento e a expressão da psique em relação à sua atividade interior e exterior.

«A minha própria experiência parece envolver viagens frequentes (mas nunca suficientemente frequentes) ao quarto estádio, seguidas da assimilação, pela minha consciência habitual, dos conteúdos aí obtidos. Descobri que agora as linhas tendem a esbater-se consideravelmente, na medida em que considero normais alterações de consciência que outrora pareciam exóticas. Isto é, passo para vários estádios com relativa facilidade. Contudo, na prática, o quarto estádio não é de modo algum constante e permanente, mas lança a sua aura sobre os outros estádios, acrescentando incomensuravelmente prazer e apreço pelo mundo natural.

«Mais uma vez, penso que estes são estádios naturais, experimentados em algum grau por todas as pessoas. Para além deles existem estados de êxtase, quase impossíveis de manter na vida normal, que são a marca do estado místico.»

Assim que encontrei aquelas notas, vi imediatamente onde se enquadravam os codicilos. Não são visíveis no nosso nível oficial de consciência e, aliás, na área vivida ou habitual da experiência, parecem contradizer os factos conhecidos. Percebi a origem da minha confusão anterior. Os codicilos faziam perfeito sentido para mim — eram claros e evidentes — quando me encontrava no mesmo estado de consciência em que os recebera, e em todos os meus outros estados alterados.

Os codicilos são factos aceites da existência para Seth, Sumari, Seven e Helper, que funcionam habitualmente nesse nível da realidade, enquanto eu só o experimento em breves momentos. Existem em condições em que o espaço-tempo não se aplica — para além dos conceitos de bem e mal, onde não há contradições. Por outras palavras, as condições da realidade deles (e das partes da psique a que correspondem) são diferentes das nossas.

Seth II — uma personalidade alegadamente mais avançada do que Seth, e com quem tive alguma experiência — parece existir num nível ainda mais distante. Em alguns estádios da consciência, senti realidades que não se ajustavam aos meus próprios padrões neurológicos. Conseguia sentir-me a fazer todo o tipo de ajustamentos interiores para as incorporar, sabendo que, ao fazê-lo, as comprimia e deformava. Mas estas poderão representar componentes ainda mais remotos do nosso próprio ser, impossíveis de descrever — sons «antigos», memórias da Terra expressas numa linguagem inteiramente diferente, mas vivas a um nível molecular na nossa carne.

Seth, Sumari, Seven, Cyprus e Helper poderão, portanto, ser aspetos da minha psique que funcionam continuamente noutros estádios da consciência, refletidos através da minha experiência, mas que só se tornam ativos para mim quando eu própria me desloco para esses níveis. Sou poeta e escritora, por isso os meus interesses ajudaram a ativar os aspetos que se adequavam às minhas intenções. Helper não é utilizado em toda a sua plenitude, muito provavelmente porque as capacidades curativas da minha própria personalidade estão fundidas com a escrita. O Sumari

permite-me, porém, exprimir claramente capacidades musicais que antes estavam inteiramente submersas e desorganizadas. Outras pessoas poderão ativar sobretudo outros aspetos — como no caso dos médicos espirituais. Mas, mesmo então, se lhes fosse concedida liberdade, esses aspetos seriam profundamente individualizados em vez de programados convencionalmente. Certamente, os aspetos manifestam-se muitas vezes em produções artísticas ditadas ou automáticas de um tipo ou de outro, quando tais talentos emergem subitamente de um estado em que antes estavam sufocados.

Há pouco tempo, uma artista enviou-me dois grupos de fotografias — um dos seus quadros anteriores, feitos à sua maneira normal, e outro de «pinturas espirituais». Era evidente que o seu trabalho anterior era estereotipado, convencionalmente bonito, mas sem verdadeira profundidade. Depois, de repente, surgiram-lhe imagens mentais de quadros que era orientada a pintar. Utilizavam sobretudo figuras geométricas, e ela «sabia» que estas tinham origem em artistas espirituais. Agora recebia «encomendas espirituais». A sua criatividade saltara para fora das limitações anteriores — de algum modo, os círculos e as formas abstratas tinham mais sentimento do que o seu trabalho anterior —, mas estava a ser vivida noutro enquadramento convencional. Contudo, estava a ativar o aspeto criativo da psique, dirigindo-o para a pintura, e o seu trabalho estava carregado de tanto poder quanto ela conseguia interpretar e traduzir. Os artistas espirituais simplesmente parecem mais credíveis a algumas pessoas do que a grande energia da psique.

Em todo o caso, o foco da consciência produz as condições da experiência. Por exemplo, ao nosso nível habitual, é bastante difícil acreditar que o universo é seguro e que o homem é bom. Surgem imediatamente contradições de todo o tipo — contradições que existem como condições nesse foco específico. Quando, no segundo estádio da consciência, tentamos relacionar os dados intuitivos com o nível oficial, essas contradições tornam-se mais evidentes do que nunca; é preciso lidar com elas de uma maneira ou de outra. É quase necessário passar para o terceiro estádio para que esse material intuitivo funcione — sintonizando-nos com o sistema de realidade em que os codicilos são os novos factos.

Contudo, os aspetos, com os seus próprios níveis distintivos de consciência, também estão entretecidos no nosso foco oficial. Quando alteramos o foco, sintonizamo-nos em certa medida com essas outras realidades que sustentam a nossa. Normalmente, não se exprimem de forma isolada. Os aspetos fundem-se para formar o nosso ser psíquico e físico. Algumas pessoas provavelmente chamar-lhes-iam arquétipos, considerando-os componentes poderosos do inconsciente, a tratar com pinças — sendo a ideia a de que a nossa individualidade está tão precariamente colocada que corre constantemente o perigo de ser submersa pelos seus próprios elementos inconscientes.

Nunca parece ocorrer-nos que o nosso tipo particular de consciência individual é natural e nasce da psique tão facilmente como as folhas crescem nas árvores. O inconsciente forma o foco consciente; precisa dele, procura-o e atua no mundo objetivo sob os seus auspícios. O inconsciente é o criador constante da nossa

individualidade, e não o seu grande usurpador; não é o rei sombrio sempre pronto a dar cabo de nós e a estabelecer o seu próprio reino em nosso lugar. Sem o inconsciente, não haveria sequer reino consciente. Essas crenças nos elementos ameaçadores do inconsciente fazem-nos recear a fonte do nosso próprio ser e dificultam as facetas mais plenas da individualidade que seriam possíveis com o encorajamento dos aspetos. Os nossos medos e crenças causam as dificuldades que surgem.

Regra geral, simplesmente não sentimos nem examinamos as formas variáveis que a nossa consciência assume, pelo que não conseguimos identificar-nos com o nosso próprio movimento psíquico. Quando tomamos consciência de algo para além das perceções mais habituais, a nossa mobilidade psíquica parece vir de fora de nós. Contudo, os aspetos, com os seus próprios fios de consciência, entrelaçam-se continuamente logo abaixo do nosso foco.

Os aspetos (que também funcionam como modelos) são, porém, profundamente individuais; únicos, adequados a cada um de nós pessoalmente e a mais ninguém. Quando os transformamos em moldes psíquicos rígidos, por um lado, ou os tratamos como princípios do inconsciente coletivo, por outro, perdemos a sua visão original — que também é a nossa. Acabamos com uma embalagem padronizada de mestre tibetano, Buda, Cristo, homem do espaço ou seja o que for.

É por serem fundamentalmente únicos que podemos confiar nos aspetos: estão orientados para as nossas necessidades e desejos

individuais e conhecem melhor a extensão das nossas capacidades do que nós ao nosso nível habitual de funcionamento. Podem ajudar a resolver os nossos problemas; e, ao estendermo-nos para além do nosso próprio nível de consciência, damos realmente o primeiro passo para uma visão alargada em que os aparentes problemas e contradições se dissolvem. Contudo, na sua singularidade, os aspetos são também universais, pois estão subjacentes à nossa experiência individual e coletiva. São, muito literalmente, as facetas da alma.

Seguimos sem questionar a autoridade da psique, enquanto ela nos impele para o nascimento e através dele, formando as nossas próprias vidas com requintada precisão. A criança confia na autoridade da psique e sabe que é abençoada porque existe. Percebe que a sua própria existência nasce de… algo tão íntimo que o seu ser está para além de qualquer dúvida, para além do facto. Somos o desconhecido tornado conhecido; o espírito feito carne, a transubstanciação no sentido mais verdadeiro da palavra.

E o que é «a palavra», ou o «Verbo», de que ouvimos falar tão frequentemente em várias religiões? Não fala apenas por sílabas e vogais, nem sequer principalmente por elas, mas através de átomos, moléculas, sangue, osso e carne. O seu «som» ganha vida através das propriedades vivas do corpo, tal como se estas letras pudessem voar da página, plenamente conscientes, para formar por si mesmas frases intermináveis, dotadas de todas as capacidades desta escritora — capazes de criar os seus próprios livros, questionar a sua origem e a minha e especular acerca do nascimento dos alfabetos.

> **A psique é inocente.**
>
> **A minha psique é inocente, e a vossa também.**

Os nossos impulsos são bons. Se os deixássemos agir livremente, conduzir-nos-iam naturalmente à realização de nós próprios e permitir-nos-iam contribuir da melhor maneira para a humanidade em geral. Acredito que os nossos impulsos são tão bons como as nossas células, destinados a contribuir para o nosso desenvolvimento psíquico, tal como as células contribuem para o desenvolvimento físico, e que os nossos impulsos, seguidos com uma compreensão da sua natureza, assegurariam a sobrevivência da humanidade e permitir-lhe-iam realizar as suas maiores potencialidades.

Contudo, acreditamos persistentemente que os nossos impulsos são maus e que segui-los conduziria à destruição. Aos nossos níveis oficiais de consciência, com a sua perceção parcial, parece certamente ser esse o caso. Mas cada um de nós sente o peso de um potencial não realizado. As pessoas podem escrever-me para agradecer os livros, pedir ajuda ou contar as suas próprias experiências. Mas um fio atravessa todas as cartas: a busca de um propósito.

> **«Sei que tenho um propósito», escreve uma mulher. «Mas não sei qual é. Sei que também quero ajudar os outros, mas de que maneira?»**

A psique individual sabe e responderia de bom grado. Contudo, ignoramos os nossos próprios impulsos — os estímulos que poriam

em movimento os nossos propósitos interiores. Aprendemos a duvidar da nossa própria vitalidade. Por isso, a sugestão de que confiemos na autoridade da psique soa, na melhor das hipóteses, a puro disparate e, na pior, sugere uma licença perigosa, encorajando as nossas tendências mais destrutivas.

No entanto, à medida que avançamos para o terceiro estádio da consciência, vemos claramente que a psique é inocente e que os nossos impulsos representam um movimento psíquico que conduz ao crescimento e ao desenvolvimento. No quarto estádio, conseguimos utilizar esse conhecimento para enriquecer a vida normal. Enquanto estamos no quarto estádio, fazemos os codicilos funcionar — durante tempo suficiente e com força suficiente para termos a certeza da sua validade.

O quarto estádio é, acredito, o nosso estado natural de consciência mais vantajoso, um enquadramento inicial, raramente alcançado exceto em breves momentos, pelo menos em comparação com o tempo passado ao nível oficial. Estou frequentemente no quarto estádio enquanto escrevo. Um livro é um desafio; exige tempo e esforço físicos. Contudo, embora esse tempo seja passado de maneira normal, a escrita é excecionalmente fácil, espontânea e natural. É nas atividades criativas que estamos mais familiarizados com estes ritmos da consciência, com esta tradução constante de conteúdos interiores em forma reconhecível. Mas acredito que a personalidade focal está destinada a combinar estes estados muito mais amplamente do que faz, fundindo os aspetos numa experiência mais rica e eficaz, sintonizada com a Terra.

Talvez a história do Jardim do Éden represente a nossa escolha do tipo de consciência de linha única, afirmando simbolicamente aquilo de que abdicávamos — a nossa inocência — e aquilo que ganhávamos: a experiência da dualidade. Se assim é, com que propósito? Talvez a personalidade focal tivesse de se concentrar num foco de linha única para estabelecer um enquadramento inicial estável, sabendo que, por fim, o próprio foco reconheceria as suas limitações e procuraria a sua fonte.

Contudo, quando o faz, resulta um tipo novo e único de consciência — não um simples regresso à inocência, mas a conquista de uma inocência que sabe, algo bastante diferente; uma inocência capaz de se apreciar a si própria, uma espécie de subtileza psíquica em que «a juventude não é desperdiçada nos jovens». Essa condição une o conhecimento à inocência e funde intelecto e intuições para formar uma nova síntese da consciência que está para além do alcance do intelecto ou das intuições isoladamente.

Quando atinge determinado ponto e não lhe é permitido realizar-se através da expansão, a consciência linear, com os seus pressupostos, conduz a contradições, doenças e medos. Os codicilos, como novo conjunto de pressupostos, libertam energia e dissolvem as barreiras das crenças anteriores, unificando a experiência. A maioria das doenças é, acredito, causada por bloqueios de energia resultantes de pressupostos lineares acerca da realidade — na verdade, pela tensão que se desenvolve entre a necessidade de desenvolvimento, expansão e espontaneidade da personalidade focal e a sua adesão a velhas crenças que tentam padronizar e limitar a sua experiência.

Ao reler as minhas notas sobre os estádios da consciência, tornou-se mais evidente do que nunca que o nível que consideramos normal gera tensão depois de atingir o seu auge de realização e acumula pressão destinada a impeli-lo para um novo nível. Mas, mais uma vez, nós inibimos este desenvolvimento natural, para o qual acredito que estamos biologicamente preparados.

# CAPÍTULO 25

## A Dimensão Heroica e as Personagens Heroicas

Seth terminou *A Realidade "Desconhecida"* nessa primavera (de 1975), cerca de um mês depois de nos mudarmos. O texto era tão longo que decidimos publicá-lo em dois volumes. Durante o verão, eu trabalhava na primeira versão deste livro e decidi não retomar as aulas regulares por algum tempo. Em vez disso, encontrava-me com os alunos cerca de uma vez por mês.

O nosso primeiro julho na casa nova foi excecionalmente quente e abafado, embora a temperatura na nossa colina fosse dez graus mais baixa do que na cidade. Comecei a trabalhar das três às sete da manhã, quando o ar noturno descia impetuosamente das encostas e os cortadores de relva diurnos estavam calados. Entre experiências na biblioteca e períodos de inspiração, passava à máquina partes anteriores deste livro. Fazia-o havia cerca de uma semana quando algo encaixou e comecei a escrever o material sobre os codicilos e a autoridade da psique. Esse material chegou de uma só vez, em quatro ou cinco dias, como um pacote quase grande demais para manejar. Veio tão depressa que não tive tempo de o escrever à máquina, limitando-me a registá-lo à mão, por vezes sentada no jardim das traseiras.

Terminei o material numa sexta-feira. Tivemos um fim de semana ocupado, e a segunda-feira foi um dos dias mais quentes do ano — 98 graus e humidade. Tencionava realizar a nossa sessão habitual de Seth nessa noite. Por volta das oito e meia, o telefone tocou — uma chamada angustiante de um jovem que pensava suicidar-se. Apliquei um penso psicológico o melhor que pude, reforçando a sua própria energia e vontade de viver. Mas, quando desligou, senti-me cansada e desanimada. Por que razão, enquanto povo, confiávamos em tudo menos na autoridade da psique? Seth ou eu só podíamos ajudar levando os outros a utilizar capacidades que já possuíam, mas que acreditavam não ter.

Na verdade, a maior parte da minha correspondência e dos telefonemas vem de pessoas que estão realmente a pôr em prática as ideias de Seth na vida quotidiana. Muitas começaram novos negócios ou atividades criativas, ao examinarem as suas vidas e tomarem consciência de capacidades que antes não utilizavam. Mas, nessa noite, depois da chamada do jovem, pensei, zangada, que muitas pessoas não queriam assumir a responsabilidade pelas suas próprias vidas: era mais fácil culpar o passado, o destino ou o que fosse pelas suas desgraças.

De repente, Rob e eu parecíamos muito sós, sem colegas, sem… pessoas no nosso foco particular. O crepúsculo adensou-se. Arrumei os papéis, desimpedindo a mente para a sessão de Seth. Contudo, a sensação de solidão persistia e aumentava. Acabou por se transformar numa espécie de anseio — por quê? Por pessoas que estivessem… onde quer que Rob e eu estivéssemos. Uma espécie de saudade de um lugar onde nunca se esteve.

Voltei a sentar-me à mesa, olhando pela janela. Sem transição, senti outros fios de consciência vindos de todas as direções, dos quais eu era o vórtice. Convergiam em mim, fundiam-se com a minha própria corrente de consciência, que os levava para o mundo. Ia acontecer outra coisa em lugar de uma sessão de Seth. Dei por mim com a atenção concentrada na parede onde a biblioteca aparecia habitualmente à minha visão interior.

Começou uma experiência que durou várias horas. O problema é que aconteceu noutro nível de atividade. Conseguia surpreender-me a ter experiências na biblioteca… que estavam por detrás dos acontecimentos de que tinha consciência. Sentia, por exemplo, modelos enormes a rodear cada partícula visível e invisível, conduzindo-as ao seu maior desenvolvimento individual. Mas sentia como se todo o conhecimento das minhas próprias partículas microscópicas estivesse a ser traduzido da «linguagem delas» para símbolos e imagens que eu pudesse compreender. Cada átomo e molécula do meu corpo tinha uma forma psíquica que promovia o crescimento em diferentes níveis de existência.

Enquanto isto acontecia, sentia, mas não via claramente, outras pessoas na biblioteca — colegas nossos — à espera noutras salas que eu teria de percorrer. Isto é, tinha de ir lá. Havia algo diferente naquelas personalidades, na qualidade da sua existência. O termo surgiu-me imediatamente, parecendo inteiramente adequado e inevitável: personagens heroicas. Aquilo que estou agora a tentar descrever em termos habituais, soube-o de uma só vez; e alguma coisa se perde quando a experiência é descrita de maneira linear.

Sabia que ansiara pela dimensão heroica; que a biblioteca era uma construção destinada a ajudar-me nessa busca; e que essas personagens heroicas existiam dentro e fora do tempo. Mais uma vez, terei de citar as minhas notas originais. Continuei a rabiscar o que conseguia. Embora algumas frases estejam incompletas e sejam muitas vezes gramaticalmente incorretas, ainda conservam parte do meu sentido inicial de maravilhamento.

> «Parece-me estar a experimentar uma dimensão do ser fora do tempo. Senti-la é muito diferente de apenas pensar que uma dimensão assim possa existir — isso é certo. Neste momento, tenho um pé lá e outro aqui. É um "lugar" onde habitam os nossos eus completos, embora "completos" não seja a palavra certa — os nossos eus inteiros —, onde existem independentemente do que as suas partes estejam a fazer no tempo. É uma dimensão onde estas superpersonalidades, modelos ou personagens heroicas existem e ajudam os seus eus que existem no mundo.

> «Mesmo estando nós próprios no tempo, como eu, podemos ir lá em certas condições, pelo menos por breves momentos. Na verdade, podemos colocar-nos numa posição em que quase temos de ir lá para prosseguir os nossos propósitos e encontrar respostas que… não estão disponíveis onde habitualmente estamos. Estas personagens heroicas não são fantasmas. É um tipo de existência psíquica completamente diferente; outra versão do ser.

«Não se pode chegar lá antes de se estar pronto, e estar pronto significa não ter medo e estar disposto — porque vemos que só o mundo normal não… fornece o… alimento que queremos; ou, melhor, temos de ir mais longe para aprender aquilo que queremos saber… Fomos tão longe quanto podíamos nas condições habituais. Por isso, o nosso desejo abre esta outra dimensão heroica. As personagens heroicas são como… verdadeiros adultos, e Rob e eu, em comparação, somos como alunos queridos ou colegas mais novos. Também sinto lá outros como nós. É, ou será, como regressar a casa, a… uma família psíquica.

«Sinto a minha lealdade mudar, como se os meus contatos fortes e fiáveis estivessem lá, mesmo emocionalmente, ao nível heroico, em vez de no mundo habitual, embora, de uma maneira estranha, eu devesse conseguir exprimir as minhas emoções mais livremente na vida normal.

«De certa maneira, Seth é como um professor itinerante que vem cá, mas agora sou eu que tenho de ir lá, à dimensão heroica. Só que tinha de querer, e agora quero. Não estou a conseguir exprimir bem algumas destas coisas, mas as personagens heroicas de lá são… refletidas na psique e ajudam a compô-la no tempo, embora a sua existência principal esteja nas dimensões heroicas, fora do tempo.

«Ensinaram-nos a suspeitar de… tais anseios por outros mundos, e suspeito de que faço tanto esforço para tomar estas

> notas apenas para manter o contato com referências conhecidas.»

Tive experiências mentais que simplesmente não conseguia descrever nem relacionar — mais uma vez, algumas pareciam demasiado rápidas para acompanhar e outras demasiado lentas. De algum modo, associei as experiências demasiado rápidas a uma sequência temporal acelerada e as lentas à minha tentativa de traduzir a atividade ao nível heroico. Por fim, encolhi os ombros mentais e decidi ir para a cama. Ao adormecer, senti como se aquelas experiências continuassem logo abaixo da minha consciência habitual.

Acordei às cinco da manhã. Informações acerca da dimensão heroica inundavam-me a mente. Levantei-me imediatamente. O material não era texto acabado, como habitualmente vinha da biblioteca. Em vez disso, sabia que certas coisas eram verdadeiras. Esses saberes vinham um após outro, tão depressa quanto eu conseguia escrevê-los.

Uma exceção: o primeiro parágrafo chegou exatamente como aparece nas notas seguintes. Depois disso, porém, o material veio sob a forma de compreensões que traduzi em linguagem habitual.

> «Há quem sinta, dentro das dimensões comuns da vida, a existência de uma experiência maior do que a vida e quem pressinta a presença de acontecimentos gigantescos e de personagens heroicas cujas qualidades superiores têm de

permanecer fora do domínio humano, mesmo enquanto nele se refletem. Isto é, a vida terrena existe sob os auspícios do heroico, ao qual continuamente aspira. Somos como crianças em comparação com essas consciências gigantescas pressentidas, a que chamarei os nossos próprios eus heroicos.»

Esse primeiro parágrafo lembrou-me vivamente o material de James que recebera antes. Veio em bloco, como se se destinasse a desencadear novas experiências minhas. Assim que o escrevi, as compreensões começaram a fluir, e depois descrevi-as pelas minhas próprias palavras. O parágrafo também me lembrou a experiência do homem e da mulher no céu e várias outras já descritas neste livro; todas implicavam uma comparação entre nós enquanto crianças e um tipo superior de idade adulta.

«Somos uma versão destes eus heroicos, que nos servem de modelos. Algumas pessoas sempre sentiram esta dimensão heroica, recorreram a ela e destacaram-se no nosso mundo. Os oradores [tal como descritos em *Seth Fala*] deram provas da sua existência, interpretando-a nas suas próprias épocas e introduzindo novos modelos de realização.

«Rob e eu sempre reagimos um ao outro a níveis heroicos, para além das interações habituais. Reajo muitas vezes a mim própria em termos heroicos. O problema é que isto pode tornar-nos terrivelmente impacientes com as nossas próprias realizações. Devemos permitir-nos exprimir o heroico que

existe em nós, em vez de tentar estar à altura do heroico, que é a abordagem errada.

«Os deuses do Olimpo eram interpretações das personagens heroicas, numa época em que os limites entre níveis de consciência não estavam tão claramente traçados e as pessoas tinham maior consciência dos seus modelos ou eus heroicos. Estes eus maiores do que a vida não podem manifestar-se numa única vida. As suas capacidades gigantescas não cabem nesse contexto.

«Os nossos governos e civilizações são também versões excêntricas e originais de outros padrões heroicos. Mesmo versões que não funcionam aqui podem ter êxito noutro lugar.

«A minha experiência à porta do supermercado, quando este livro começou, foi na verdade um exercício de sentir as proporções heroicas dos objetos e das pessoas numa pequena porção de tempo. Agora… sinto o heroico do lado heroico… pelo menos na medida em que sou capaz.

«As pessoas preocupadas em descobrir o seu propósito na vida estão a sentir a sua natureza heroica. Só que interpretam isso em termos de progresso: querem saber o que fazer. Em vez disso, o heroico, nesses termos, envolve ser. É terrivelmente difícil descrever o que sinto, mas a dimensão heroica é um estado de ser maior do que a vida, do qual o "fazer" emerge como característica natural. Ao sermos plenamente,

cumprimos o nosso propósito, nesses termos. Quando permitimos que os elementos heroicos fluam da psique, através dos modelos, até nós, sentimos a nossa vida em ambos os mundos. Os modelos são simultaneamente padrões heroicos na psique e personagens heroicas. Mas estas personagens são reais; apenas as condições da sua existência são diferentes das nossas. Quando tentamos fixá-las nas nossas definições, acabamos com distorções e mitos.

«Uma vez mais, estes padrões heroicos estão por detrás de tudo — árvores, animais e todos os fenómenos naturais, mas também por detrás de entidades culturais como governos, famílias e leis.

«Enquanto sinto tudo isto, é um verdadeiro exercício de equilíbrio manter aqui parte da minha consciência para tomar estas notas, ou, melhor, para traduzir o que experimento noutro nível — e escolher as próprias palavras. Parece-me deitar fora ou descartar toneladas de palavras num minuto antes de me decidir finalmente por uma. Seth diz que o tempo é aberto. Pois bem, estou a experimentar estas personagens heroicas como abertas, psicologicamente. Sinto-as rodopiar para dentro de identidades… o tempo todo; cada identidade válida e eterna num espaço psíquico ou heroico, independentemente da sua duração relativa nas nossas ideias de tempo.

«O meu entusiasmo com tudo isto cresce constantemente, de modo que a minha letra se torna cada vez mais rabiscada, mas

> insisto em registar tudo. São um tipo de consciência fora da nossa experiência. Conservando a identidade, podem misturar e fundir identidades para obter certos efeitos de dimensões gigantescas. A nossa realidade nasce da delas, e somos dotados de uma versão dimensionalmente menor das suas capacidades e características. As capacidades e características aparecem como aspetos na psique; mas… por si mesmas, vivem uma vida fora da nossa vida, embora ligadas às nossas vidas através de nós.
>
> «No entanto, de certa maneira, nós… vivemos no ambiente delas, em grande parte sem o saber, tal como talvez os animais vivam no nosso ambiente sem terem consciência de certos aspetos dele que para eles não têm significado.»

Chegou a aurora. Pousei as notas rabiscadas e olhei em redor: alerta, entusiasmada — e zangada, porque sentia todas as minhas capacidades a estenderem-se sem resultado particular. Sentia aquelas outras realidades por toda a parte, mesmo ao virar da esquina das minhas perceções, mas não conseguia focá-las. Sentia o apoio das dimensões heroicas, e o próprio mundo assumia certas propriedades de… magnificência que quase me faziam chorar. Mas eu queria — mais. Claro. Sabia perfeitamente que agora me esforçava demasiado.

E estava a ser demasiado séria. Por isso, comi umas papas de aveia, bebi café, li um artigo inócuo de revista, escrevi um bilhete a Rob e voltei a enfiar-me na cama. Quando ajeitei as cobertas, Rob grunhiu, e o som atravessou-me por completo. Aquilo, sim, era um

grunhido heroico, pensei. De repente, senti-me sonolenta e pateta de uma maneira normalmente feliz. Adormeci logo.

Rob chamou-me ao meio-dia. Tomei um segundo pequeno-almoço enquanto ele almoçava e li-lhe as minhas notas. Estava um belo dia de sol. Pusera uma mesa de piquenique na metade da nossa garagem dupla que, de outro modo, estava vazia, por isso levei uma chávena de café e sentei-me a olhar, através do portão escancarado, para as árvores e as colinas do outro lado da estrada. Mais uma vez, o mundo estava tocado por aquela bela estranheza que parecia sobrepor-se a tudo. Novas «compreensões» começaram a chegar quase imediatamente.

Mais uma vez, estava envolvido um conhecimento direto, em que continuava a receber aquelas compreensões que pareciam simplesmente chegar. Tinha bastante certeza de que as dimensões e personagens heroicas eram a minha embalagem inconsciente daquela informação direta primordial; um exemplo da transformação quase instantânea de dados interiores reveladores em termos compreensíveis. Isso certamente não diminuía a minha experiência; as dimensões heroicas eram reais, talvez mais reais do que a mesa de piquenique a que estava sentada.

Contudo, reparei pela primeira vez numa coisa: os conteúdos estavam organizados de maneira diferente dos processos habituais de pensamento. Não havia uma linha de pensamento. Parecia receber… todos os lados do material ao mesmo tempo, um processo impossível de traduzir numa frase. Literalmente, não se consegue reter esse tipo de informação. Por isso, formei inconscientemente a

dimensão heroica como enquadramento simbólico… que representa a informação que recebi. É a única informação que tenho consciência de receber, naturalmente, mas quase conseguia captar o processo de construção de símbolos a acontecer por baixo — e isso parecia envolver uma curiosa sensação de movimento psíquico, simultaneamente familiar e estranha. É como se quase me tivesse surpreendido a construir uma estrutura psíquica para capturar a informação que recebia em camadas ainda mais profundas. Quase ouvia invisíveis zum, zum, zum, até que a estrutura — a dimensão heroica — fosse suficientemente forte para suportar o significado da informação, que em si mesma não podia ser interpretada literalmente.

Apesar de tudo isto, para mim existe uma dimensão heroica e existem personagens heroicas ligadas a cada um de nós, refletidas nas nossas existências como nós nas delas.

O ar cintilava literalmente à luz do sol. Sentia como se os padrões do mundo estivessem mesmo do outro lado daquela cintilação. Rabisquei o que recebia e, mais uma vez, incluo as minhas notas originais. A sua irregularidade, e talvez a própria organização circular, sugere melhor a experiência do que descrições mais gramaticais que eu pudesse escrever agora. Para mim, pelo menos, as próprias notas parecem enrugar-se em certos pontos, sugerindo a minha sensação de que a realidade tal como a conhecemos se franzia e enrugava, permitindo-me introduzir nela a minha consciência.

Sabia que já sentira muitas vezes as personagens heroicas, como os parentes imensos que descrevi em alguns poemas, e que também estavam ligadas àquilo a que chamava as minhas «experiências de imensidão», em que parecia expandir-me mental e fisicamente, estendendo-me pelo espaço.

Agora, as notas:

> «A experiência do heroico acrescenta a… faculdade heroica a tudo o resto e ilumina a natureza de todas as coisas visíveis. A natureza torna-se supernatureza, mesmo tal como é percecionada pelo olho físico, porque o sentido da visão é dotado de visão heroica. É como se o nosso gato, Willy, visse por um momento a nossa sala através dos nossos olhos e compreendesse tudo o que nela existe da mesma maneira que nós. É assim que me sinto agora. Só que me faltam os meios para exprimir aquilo que sei, tal como os miados do gato seriam inadequados para exprimir o seu novo conhecimento.

> «Os atributos do heroico rodeiam-nos o tempo todo, mas não os sentimos e ignoramos as pistas evidentes da sua existência. Partilhamos parte do nosso ambiente com os animais, mas eles não partilham… aquilo a que chamaríamos os elementos humanos: não conseguiriam, por exemplo, ver as horas num relógio. Assim, partilhamos parte do nosso ambiente com personagens heroicas, igualmente inconscientes da realidade psíquica delas… sem nunca vermos este ambiente partilhado do seu ponto de vista. Conhecem um… tempo que inclui o nosso, por exemplo.

«E os animais partilham o seu próprio tipo de elementos heroicos. (E, aliás, não têm necessidade de ver as horas num relógio.)

«Nascemos dos elementos heroicos; por isso, os padrões do nosso mundo — as células, os átomos, as moléculas e assim por diante — emergem das dimensões heroicas. Habitamos no heroico na medida em que ele faz crescer os nossos corpos, ou é o meio em que os nossos corpos crescem. E somos eternos no heroico. Tocamo-lo em sonhos e visões, embora o vejamos através das nossas próprias crenças e padrões de pensamento.

«Estamos a crescer em direção à consciência desperta das dimensões heroicas. As nossas visões e revelações são como despertares momentâneos ali — vislumbres distorcidos, como uma criança que talvez veja apenas a ponta de uma manta ao acordar aqui, ou que não foque corretamente, ou que veja o rosto da mãe e a considere uma gigante. Ela seria uma gigante à perceção da criança, mas não à sua própria.

«Cada sonho lúcido, visão ou intuição nos desperta mais ali e acorda efetivamente as faculdades heroicas, de modo que esta vida é vista como um foco entre muitos. Aqui, aceitamos dois focos — a consciência de vigília e a do sono. Ali, toda a nossa experiência de vida aqui é apenas uma parte de uma experiência maior. Aqui, esquecemos a maioria dos nossos sonhos. Ali, as nossas vidas aqui são sonhos vivos, tridimensionais, só que acordamos deles ali, lembrando-nos!

«A arte é uma representação simbólica do heroico.

«É tão malditamente difícil agarrar em palavras aquilo que recebo de outra maneira, mas a identidade é simultaneamente aberta e formada por limites psíquicos invioláveis — e pode funcionar de ambas as maneiras sem contradição, talvez tal como a luz pode atuar como ondas ou partículas. Isto torna o conceito de Deus quase inapreensível nos termos habituais.

«Mas sentimo-nos terrivelmente sós e isolados quando não sentimos o heroico de uma maneira ou de outra. As crianças, por exemplo, estão constantemente banhadas nele, crescendo confiadamente no meio do heroico.

«As personagens heroicas (de que fazemos parte) não poderiam experimentar a vida terrena. São psiquicamente grandes demais para caber nela, por isso somos extensões delas, enquanto elas são extensões nossas, só que de uma maneira diferente, gigantesca. Contudo, acrescentamos algo à experiência delas, e elas à nossa.

«A mensagem fundamental de Cristo era antiga, reformulada: sobrevivemos à morte e temos outra existência noutro lugar. Também tratava de princípios heroicos — amor, devoção, honra — expressos em termos que pudessem ser compreendidos na época. Toda a ideia de autossacrifício foi grosseiramente distorcida ao longo dos tempos. Assenta na compreensão de que o eu é eterno e indestrutível. Só então o

chamado autossacrifício pode ser um ato heroico, realizado com o reconhecimento de que nada se perde ou sacrifica; a validade fundamental do eu assenta nas dimensões heroicas. Mas essa mensagem também era, e continua a ser, quase impossível de explicar aqui.

«Mal compreendida ou compreendida pela metade, conduz a intermináveis disparates; por exemplo, à crença de que o sofrimento faz bem à alma — ou a tentativas precipitadas de justificar o homicídio, uma vez que, segundo esse raciocínio, o eu apenas é transferido ordenadamente de uma existência para outra. Essa versão é um dos piores exemplos de interpretação literal da informação intuitiva.

«Seth tem razão: Cristo nunca existiu no tempo, mas existiu (e existe) como personagem heroica e como modelo gigantesco para várias pessoas históricas. O mito concretizou então a personagem em termos que podíamos compreender. Tínhamos de acreditar numa ressurreição literal de uma pessoa física. Paulo sintonizou-se com a sua versão dessa personagem heroica, ficou cego pela visão e interpretou-a nos seus próprios termos, como soldado — partindo à conquista do mundo com a sua verdade.

«(O antigo "direito divino dos reis" era uma tentativa distorcida de sincronizar o heroico e o histórico.)

«Os ritos de sacrifício pagãos e judaicos também assentavam numa interpretação literal — a ideia de que, ao devolver um animal (ou uma pessoa) às dimensões heroicas, se tinha a certeza de receber mais do mesmo em troca; reabastecia-se a reserva enviando um "modelo" para ser copiado por um deus ou por deuses. O melhor da colheita ou do gado servia então de sacrifício.

«Os desenhos das cavernas também representavam este grande amor pelas imagens e pelos padrões: em vez de sacrificar, o artista desenhava uma réplica daquilo que era necessário; por vezes, distorcendo determinados elementos desejados, como a força ou a agilidade. Os desenhos serviam de planos, pedindo à natureza que os preenchesse em carne. Isto também poderia relacionar-se com crenças atuais de povos indígenas acerca das máquinas fotográficas: o medo de que a alma se confunda e salte para a imagem que a reproduz.»

(Continuava à mesa de piquenique, a rabiscar o mais depressa possível. Enquanto escrevia o que se segue em resposta a estas «compreensões», a qualidade cintilante da tarde começou a acelerar.)

## 1. Atributos e Características das Dimensões Heroicas

«A dimensão heroica envolve uma escala diferente de existência, fora do tempo. Não é uma uniformidade estática,

eternamente congelada, mas uma escala em que… a ação acontece… fora do tempo tal como o conhecemos. Não tenho a certeza de conseguir explicar isto corretamente: mas pode ser que a mudança ali seja tão lenta pelos nossos padrões que não percecionaríamos movimento algum, pensando que tudo era imóvel e eterno. Ali, porém, o movimento ocorreria ao seu próprio ritmo característico — característico da dimensão heroica.

«As personagens heroicas não são ideais mortos, a perfeição personificada, mas gestalts psíquicas supercriativas de dimensão heroica, e as nossas próprias capacidades criativas são as nossas ligações mais próximas a elas. As nossas faculdades imaginativas também são importantes a este respeito. Como nos é quase impossível percecionar diretamente o heroico, embora utilizemos as nossas próprias faculdades heroicas, até este material que recebo agora será necessariamente um modelo ou uma versão criativa do heroico. Não podemos obter uma interpretação de "facto literal", porque… o heroico existe fora do enquadramento dos factos e para além dele. Os factos são acontecimentos materializados dessa dimensão, que se manifestam no espaço-tempo como evidência.

«Acontece uma coisa estranha enquanto escrevo isto. Tenho uma sensação de estar desligada do tempo que é um pouco assustadora. Fascinante, mas assustadora. Como se, enquanto escrevo, a garagem, o jardim e tudo o que vejo existissem eternamente, e o tempo começasse mesmo para lá do meu

campo de visão, talvez ao virar da esquina. Mas os pássaros cantam. Passa um avião por cima. Sinto que este é um único momento eterno, chamado, digamos, quatro e meia da tarde, onde estou e onde existe tudo o que consigo ver. Mas, fora deste lugar, o tempo prossegue, e são quatro e trinta e cinco na cozinha, fora do meu campo de visão e deste enquadramento disparatado.

«Mas (sinto-me tão estranha) continua a entrar ação nova no cenário à minha frente, vinda de… não-tempo; fluindo para este momento eterno em que, de algum modo, estou. Os pássaros voam de ramo em ramo. A minha mão escreve. Estou a balançar uma perna para trás e para a frente. Não é apenas ação repetitiva. Posso fazer tudo o que quiser. Mas tudo isto — e nunca chegam as quatro e trinta e cinco. Aqui, não. Mas, quando perder seja o que for isto, este… não-tempo heroico, passarei diretamente para, digamos, as quatro e quarenta ou outra hora qualquer, sem saber o que realmente aconteceu.

«É uma dimensão diferente… dentro do nosso tempo (não sei como explicá-lo sem usar a palavra "tempo") — dentro de qualquer momento dado, que é eterno e, contudo, cheio de mudança. Talvez seja realmente tempo heroico e só me pareça estar fora do tempo? Talvez seja apenas uma espécie de "tempo longo"?»

Voltei a olhar em redor: tudo parecia tão esplêndido, mutável e, contudo, eterno. Mas uma inquietação de criatura apoderou-se de mim. Peguei nos papéis e entrei em casa, onde o relógio da cozinha

marcava cinco da tarde. Depois, curiosa e em segurança dentro do tempo, olhei pela janela da cozinha para o jardim — e agora também lá fora havia tempo.

Contudo, todo o material que recebera nessa tarde representava apenas um vislumbre das compreensões subjetivas que não conseguia traduzir em termos inteligíveis. E, naturalmente, esse material também parecia vir de outro lugar. Como se houvesse uma caixa de correio invisível na minha mente e não parassem de cair cartas estrangeiras vindas de outros mundos. Só que eu tinha de as traduzir, e elas continuavam a chegar.

Preparei o jantar. Rob e eu comemos na sala e vimos um programa de televisão. Lavei a louça. Depois, sentei-me junto das janelas da frente, a observar o crepúsculo de verão. Mais uma vez, começaram as compreensões. Desta vez, a maioria escapou inteiramente às minhas notas.

Vivemos no ar, mas a nossa respiração é automática e, embora demos o ar por adquirido, de uma maneira estranha também o ignoramos. Contudo, ele é o meio em que existimos fisicamente. Nessa noite, enquanto estava sentada a olhar pela janela para as montanhas, foi como se tivesse tomado consciência do meio psíquico em que vivemos. Senti um apoio psíquico; a existência de… algo invisível que sustentava o meu ser mental e emocional da mesma maneira que, por exemplo, o chão sustenta tudo o que está sobre ele.

Mas, psiquicamente, eu crescia através desse meio, tal como uma árvore cresce através da terra sem deixar de fazer parte dela. O heroico é o meio em que esta existência decorre. Sabia-o de maneiras que não consigo explicar e sentia-o sustentar este mundo e a minha própria existência psíquica.

Regressaram alguns sentimentos que me lembrava de ter na infância, quando sentia que, acontecesse o que acontecesse na vida normal, era amada e estava segura «noutro lugar». Enquanto ali estava, sentia-me tranquilizada, segura, mas, acima de tudo, livre. Percebi que vivera a maior parte dos meus primeiros anos numa aceitação inquestionada do heroico. O heroico proporciona um apoio emocional que os animais possuem à sua maneira — um apoio que percebi faltar-me havia algum tempo. A sua ausência provoca uma sensação de queda da graça. Estaria eu a recuperá-lo?

Quando perdemos essa certeza interior, sentimo-nos abandonados, sejam quais forem as nossas realizações. Reconhecemos que uma alegria preciosa e indefinível, não dependente dos acontecimentos, parece ter desaparecido das nossas vidas. Olhando para trás, via que a recuperava em certa medida, apenas para voltar à corrente oficial de consciência como critério de realidade. E então reapareciam as contradições evidentes entre as duas abordagens.

Na manhã seguinte, voltei a levantar-me cedo. Deitámo-nos por volta da uma da manhã e acordei cerca das quatro e meia. Comi papas de aveia, bebi café e sentei-me à secretária. As compreensões recomeçaram imediatamente. Usei uma analogia

para tentar explicar os conceitos que recebia e, embora não seja a melhor, é a melhor que consegui encontrar.

Comparei o adulto e a sua relação com o seu próprio eu infantil à personagem heroica e à sua relação connosco. Isto é, as crianças crescem de fetos a adultos, guiadas por princípios heroicos e padrões de desenvolvimento. Os padrões complexos do adulto existem, portanto, no feto e conduzem-no à idade adulta. Para simplificar, ignorei as probabilidades, que também atuariam mesmo a níveis celulares.

Nesses termos, cada um de nós é uma versão de uma personagem heroica que nos conduz ao desenvolvimento, servindo de modelo, do mesmo modo que a nossa própria idade adulta, sob a forma de um padrão, conduziu o feto ao seu crescimento… até se tornar em nós.

Nesse sentido, o adulto está sempre presente na criança como modelo, biológica e psiquicamente, embora não esteja presente histórica e efetivamente. No entanto, a criança cresce em resposta a esse devir, ou em direção a ele, e faz ela própria parte do padrão global sem o qual a idade adulta seria impossível.

Da mesma maneira, as personagens heroicas estão presentes em nós como modelos (tanto nos adultos como nas crianças), embora não se encontrem concretizadas historicamente. A criança, porém, confia em que crescerá, ao passo que, ao nível da consciência de uma só linha, parece que o adulto «não tem mais

para onde ir». A orientação espaciotemporal do nível habitual de consciência faz com que qualquer desenvolvimento ulterior pareça impossível.

A personalidade histórica inteira faz parte de um padrão heroico global ou de uma personagem heroica que, do nosso ponto de vista, se encontra fora do tempo. Aliás, também o adulto que a criança virá a ser se encontra fora do presente dela. As personagens heroicas atuam como os aspetos da personalidade histórica, mas existem concretizadas nas dimensões heroicas, independentemente da posição da personalidade histórica no tempo. A personalidade focal é a personalidade histórica, concentrada na sua área viva de realidade, do nascimento à morte, enquanto as personagens heroicas são eus-fonte.

Vi que a aceitação e o reconhecimento do heroico, seja qual for o nome que lhe demos, conferem um cunho heroico ao ser humano, à vida e ao universo, mas também acrescentam riqueza emocional à vida normal e a preenchem com aquela indefinível sensação de confiança básica sem a qual a própria vida pode parecer destituída de sentido. Com esse sentimento do heroico, o indivíduo não se sente isolado do universo, mas unido a ele, de modo que os objetivos de ambos convergem, em vez de divergirem — ou, pior ainda, de se oporem.

A presença do heroico impregna o mundo inteiro e, através de uma troca constante entre a experiência histórica e a heroica, formam-se todos os acontecimentos, incluindo as nossas vidas. As dimensões heroicas são a fonte, maior do que a vida, de onde

emerge o nosso mundo; contudo, o nosso mundo faz parte do heroico. Tudo isto era tão simples — tal como eu o sentia — que não conseguia compreender como não o soubera antes.

Era perfeitamente óbvio que todas as minhas experiências desde o início deste livro me conduziam às dimensões heroicas; que todos os telefonemas e cartas me levavam a formular, pelos outros e por mim própria, os tipos específicos de perguntas que inevitavelmente me conduziriam àquele ponto — porque aquela era a… maneira certa de eu crescer. Sentia como se estivesse a formar-me e, ao mesmo tempo, a ser formada numa configuração psíquica benéfica, tal como, por exemplo, as minhas mãos tinham adquirido o número certo de dedos.

O que importa em tudo isto é a compreensão emocional e o conhecimento intuitivo das nossas raízes e daquilo que constantemente nos nutre. Sentimos uma orientação amorosa, a certeza de que estamos a crescer em direção à nossa forma psíquica própria, tal como crescemos fisicamente até nos tornarmos adultos.

Contudo, muitos de nós perdemos, pelo caminho, a sintonia connosco e com a natureza, e perdemos essa profunda satisfação. Parece ter desaparecido da vida uma certa magia e riqueza que só vagamente recordamos. Abre-se uma lacuna na nossa experiência, de tal modo que nenhum acontecimento, por mais alegre que seja, corresponde a um «Jardim do Éden» vagamente recordado; e, pouco a pouco, a nossa energia e o nosso entusiasmo diminuem.

Com o reconhecimento emocional do heroico, porém, sabemos que, apesar de todas as aparentes contradições, cada um de nós tem significado: o nosso mais pequeno movimento é um gesto vital do universo. Compreendemos que cada um de nós faz parte de um padrão amoroso — tal como somos: ricos, pobres, belos, feios, com as nossas fraquezas e as nossas forças — e que arrancar-nos desse contexto causaria danos a toda a estrutura.

Este reconhecimento produz uma tonalidade afetiva que nos sintoniza com o heroico; reabastece-nos, cura-nos e fortalece-nos, e aprofunda a nossa criatividade. Tem, portanto, uma base biológica, além de psíquica. Devolve-nos a sensação de um universo que cuida de nós e concilia, de forma admirável, a identidade individual com a sua posição enquanto parte de um padrão global subjacente.

Sem esse reconhecimento, a personalidade histórica ou focal defende desesperadamente as suas barreiras, sentindo-se sozinha e impotente num universo indiferente.

## 2. O Heroico e o Histórico

Seth diz que formamos a nossa realidade através das nossas crenças conscientes, mas também salienta que a mente consciente não sabe como isso se faz e pouco tem a ver com os processos interiores efetivamente envolvidos. Esses processos são heroicos, exteriores ao espaço-tempo, mas afluem incessantemente à nossa realidade sob a forma de efeitos. Dirigimo-los através das nossas

crenças e intenções. Mas como? Algo nos dá uma vida, um corpo, um mundo físico de relações, um eu histórico — a personalidade focal viva no tempo.

Seth sublinha que tudo isto nos é dado. Se não o compreendermos, sobrecarregamos a consciência normal, esquecendo a fonte da sua força.

Esquecemo-nos de que a psique, ou eu interior, está sempre presente e disponível, porque parece tão separada da nossa consciência habitual. Mas a psique é tão natural como o bolbo de uma flor. Observem um amarílis. Em menos de duas semanas, de um único bolbo cresce uma haste floral com cerca de dois a três pés de altura e surgem quatro flores gigantes, por vezes com cinco polegadas de diâmetro! Não conseguiríamos voltar a meter a haste lá dentro. Como nasceram tão depressa quatro flores tão grandes de um bolbo comparativamente pequeno? De onde vieram? «É simples», diz alguém. «É a natureza.»

Exatamente; e é também heroico. A realidade da planta no nosso mundo nasce do seu padrão heroico oculto. Nós chegamos aqui da mesma maneira; só os mecanismos são diferentes. Mas, para além disso e do nosso crescimento físico, que é percetível, existe um desenvolvimento da personalidade que não possui uma forma física cujo percurso possamos acompanhar. Também ele, porém, segue um padrão heroico invisível e tende para as condições que melhor favorecem o seu crescimento. Por outras palavras, penso que a personalidade focal dispõe de numerosos padrões de realização provável, entre os quais escolhe constantemente.

Isto tornou-se claro para mim naquela manhã de quinta-feira. Durante toda a semana, recebera este material sobre o heroico e aplicara-o pessoalmente. O eu heroico é o eu original, criativo, inesperado, que apresenta padrões ricos e escolhas alternativas suscetíveis de parecer bastante pouco convencionais ou pouco respeitáveis à personalidade focal. E vi como, muitas vezes, limitara a sua ação através das minhas próprias atitudes. Grande parte do meu trabalho mais criativo surgiu quando eu não o esperava — quando me demorava sem fazer nada, sonhava acordada ou pensava noutra coisa, por exemplo. A minha produção escrita é considerável. No entanto, utilizava o meu horário de escrita quase como um chicote, como se nunca mais fosse escrever uma palavra se não cumprisse um certo número de horas por dia. Desconfiava de qualquer impulso que, durante esse tempo, me pudesse afastar da secretária. E vi que me privara de oportunidades inesperadas que poderiam ter surgido precisamente por me ter esquecido das minhas ideias acerca do trabalho.

O heroico proporciona um enquadramento mais amplo, no qual podemos encontrar o inesperado, e, embora eu talvez fosse mais permissiva do que outras pessoas nesse aspeto, continuava a querer que o inesperado avisasse com a devida antecedência! Sabia, por exemplo, que teria de descobrir mais acerca das personagens heroicas e que queria explorar a dimensão heroica. Mas não mergulhava nela. Queria o inesperado nos meus próprios termos. No entanto, sentia a atmosfera do heroico à minha volta com uma constância tal que a minha ignorância anterior parecia incompreensível.

Enquanto passava à máquina parte do material daquela semana, inseriram-se dois outros parágrafos. Sabia que provinham do livro de James.

> «Existe, porém, no ser humano um sentido do heroico; isto é, a faculdade de perceber dentro de si o desenho ou padrão muito mais vasto da alma. Pois este envolve-nos sempre. Movemo-nos nele como os peixes no oceano, e todas as nossas ações se misturam e fundem com os grandes ritmos ondulantes que formam e sustentam as manifestações mais superficiais dos nossos dias.
>
> «Esta faculdade interior permite-nos vislumbrar essas correntes mais profundas, mergulhar na vida com o entusiasmo de um nadador instintivo, mas treinado, exuberantemente consciente do poder e da majestade das ondas e capaz de se identificar com o esplendor do movimento do oceano.»

E interroguei-me: se tivesse prosseguido com o livro de James, teria sido conduzida por outro caminho ao mesmo lugar — à dimensão heroica? Recordei-me do outro parágrafo que me fizera lembrar James alguns dias antes, e as ligações tornaram-se claras. As páginas que lera meses antes situavam-se a meio do livro que vira na biblioteca e eram dedicadas à discussão de James sobre a melancolia. A última parte, que não chegara a ver, era dedicada às faculdades heroicas do ser humano e ao seu poder de banir a melancolia e o medo.

Ainda assim… eu estivera a transformar-me durante aquela semana. Sentia um novo eu a tentar crescer a partir do antigo, e continuava a tentar ser ambos ao mesmo tempo.

# CAPÍTULO 26

## Rumo a Uma Nova Política da Psique.
## Uma Nova Lealdade e os Impulsos Heroicos.

É estranho: só agora, ao terminar este livro, vejo para onde me conduziam as suas experiências iniciais. Algures entre a minha primeira visita à biblioteca, no outono de 1974, e as minhas experiências com as dimensões heroicas, no verão de 1975, a minha lealdade fundamental mudou. Provavelmente, já tinha alguma consciência disso quando escrevi o material sobre os codicilos. Porém, só no fim do verão, quando me encontrava imersa no heroico, comecei a compreender o que se passara e a mudança que estava a ocorrer.

Durante todo esse período, ao longo de junho e julho, trabalhei de noite, deitando-me por volta da uma e levantando-me cerca das três da manhã. Trabalhava até perto das sete. Depois, adormecia mal chegava à cama, e Rob acordava-me ao meio-dia, quando acabava de pintar. Ele almoçava enquanto eu tomava um segundo pequeno-almoço. Muitas vezes, escrevia durante algumas horas à tarde, à mesa de piquenique.

Mas, quando comecei a receber o material sobre o heroico, apercebi-me de que ocorria uma mudança na minha consciência: uma alteração subtil de foco, que já vinha a dar-se há algum tempo.

De noite, sem acontecimentos exteriores que me captassem a atenção nem tarefas domésticas a cumprir, sentia-me próxima das faces inferiores da consciência. Quando me levantava ao meio-dia, essa aura diferente banhava o meu dia, de modo que as faces superiores e inferiores da minha consciência se fundiam. No entanto, conseguia distingui-las.

Sentia os acontecimentos exteriores a deslizar sobre os interiores e, por baixo de tudo, o apoio da psique. A aurora era quase… a aurora a despontar primeiro na psique e só depois a emergir no céu físico. Pressentia a forma de uma realidade diferente, mais vasta, heroica, na qual acontecem as nossas vidas habituais. Os estados de sonho e de sono eram ambos mais lúcidos; os acontecimentos simbólicos e os físicos surgiam com maior nitidez, mas eram sentidos como partes uns dos outros.

Durante o dia, estava muito menos preocupada com o tempo do que antes. Experimentava-o de outra maneira e acompanhava o seu aparente fluir. Parecia haver mais tempo entre os minutos, ou dentro deles. Já não me sentia apressada nem atormentada pelo meu horário de escrita. Não sentia que tivesse de produzir a cada instante passado diante da máquina de escrever, nem pensava que o tempo era desperdiçado se um certo número de horas não produzisse um certo número de páginas de texto acabado. E estava a produzir imenso, como poderia ter feito desde sempre, sem me atormentar como costumava. Desapareciam distinções que antes me travavam.

No seu lugar, emergia uma espécie diferente de inteireza e de ligação. Uma velha sensação familiar de pânico, um tanto inquietante, começava a desvanecer-se; estivera ligada às crenças acerca da urgência do tempo e à exaustão que pode resultar da tentativa de o aproveitar ao máximo. Era como se os contornos da minha consciência estivessem a mudar. Regressavam da infância sentimentos profundos de ligação à natureza, sentimentos provavelmente impossíveis de descrever depois de se aprender o vocabulário dos adultos.

Falamos de «sentirmo-nos unos com a natureza» como se se tratasse de uma conquista esotérica, possível apenas através da meditação; mas é um saber biológico, um conhecimento de criatura, o reconhecimento seguro de que estamos equipados para existir no nosso ambiente; de que o nosso lugar é aqui, porque aqui estamos. A psique sente as suas raízes físicas e, ao fazê-lo, toca simultaneamente nas suas raízes espirituais.

Penso que, antes, justificava todas as minhas excursões psíquicas e o meu estudo da psique escrevendo sobre eles. Afinal, escrever era trabalhar. Não estava a ser preguiçosa nem a perder tempo — coisas abomináveis segundo as crenças da linha oficial da consciência. Afinal, estava a produzir. Fui educada na convicção de que era preciso obrigarmo-nos a trabalhar ou a ser criativos, porque o eu, entregue a si mesmo, simplesmente não era de confiança. Agora, essas ideias desapareciam, juntamente com os seus efeitos.

Mas, acima de tudo, perdi a minha lealdade ao tempo. Sentia-me dentro e fora do tempo, banhada pelas dimensões heroicas e

manifestando-me historicamente. Certas raízes estranhas, fantasmáticas, da psique pareciam estender-se à minha frente no tempo; mas eu era um grande ser lento que tudo abrangia. A palavra «lento» não é aqui a melhor, mas parece-me certa. Um profundo continente subjacente de mim própria parecia tornar-se visível, contendo as terras dos meus eus conscientes no tempo. Encontrei a segurança da psique num contexto heroico.

Durante esse período, abria as portas da frente e das traseiras, porque as noites eram quentes, e a noite fluía pela casa. Sentia que todos os tempos e lugares estavam lá fora, nas colinas. Contudo, as dimensões de onde fluía o tempo — o não-tempo que o sustentava — também estavam lá fora; e dentro de mim. Eu acontecia no ponto em que se fundiam.

Sabia que algo estava a acontecer, embora não soubesse o quê. Sabia apenas que estava a experimentar o movimento da minha psique e decidi, por uma vez, acompanhá-lo de todo o coração, em vez de me interrogar intelectualmente a cada passo. Por outras palavras, admiti que era a minha psique, e não o meu intelecto, a responsável pelo movimento do meu ser. O intelecto nasce da psique, e não o contrário. Em criança, confiava em ambos; o intelecto interpretava a verdade da psique no nosso mundo, traduzindo a sua realidade em termos de tempo e espaço, maravilhado, seguro, encantado. Esses sentimentos regressavam continuamente.

Até o tempo atmosférico se ligava ao meu estado de espírito. Estava quente e húmido, não era o tipo de tempo que nos faz sentir

cheios de energia, e a ideia de não ter energia sempre me assustara um pouco. Era precisamente nessas alturas que se supunha que devíamos recorrer a sério à vontade, à nossa capacidade de nos pormos em ação.

Mas pensei: daqui em diante, vou simplesmente deixar-me viver, tal como deixo que os meus livros se escrevam a si mesmos. Então, surgiu-me a pergunta óbvia: quem é este «eu» a quem vou deixar viver-me? Identificámo-nos tão exclusivamente com a linha principal da consciência que parece não haver nenhum outro eu com quem trabalhar. Falamos do eu interior, mas aceitamos sobretudo um conceito, não uma parte de uma identidade reconhecida.

A linha principal da consciência identifica-se em grande medida com o intelecto e com o chamado ego. Quando compreendemos realmente que a nossa realidade é mais extensa e inclui outros fios de consciência, podemos pelo menos sentir o resto daquilo que somos. Esses outros fios e outras porções da identidade expandem então constantemente o eu que reconhecemos. Desde logo, tornamo-nos conscientes de estímulos e conteúdos que antes eram psiquicamente invisíveis.

A minha lealdade voltava-se para o heroico, e a biblioteca era a minha chave de acesso a ele. Sentia cada vez mais, ali, a presença das personagens heroicas, algumas como colegas minhas e outras como mestres. Algumas também existem no tempo, como eu, e outras encontram-se inteiramente no contexto exterior ao tempo. Parece haver um fluxo constante de informação e uma troca de modelos, de tal modo que, por exemplo, a minha versão original

deste livro altera o livro da biblioteca que lhe serviu de modelo. Sintonizei-me com a minha versão espaciotemporal do livro da biblioteca, e as particularidades dos meus estados de espírito e da minha experiência, por serem imprevisíveis, vão escrevendo o livro de maneira diferente. Por outras palavras, sintonizo-me com futuros prováveis em constante mudança, acabando por me fixar num deles, no qual o livro é o real, nos nossos termos.

Mas há muito mais em jogo, à medida que as probabilidades se misturam e fundem e a minha experiência acontece. Cada elemento da minha vida suscita uma resposta diferente, que me transforma, transforma este livro e também o livro da biblioteca. Contudo, algures pelo caminho, o fio de consciência que me ligava à biblioteca fundiu-se com o meu. As compreensões relativas ao heroico eram como fios adicionais que aceitei e reconheci como meus. Penso que enviei o meu duplo para a biblioteca — ou para o heroico — e que aquilo que estou a aprender é o que ela está a descobrir no contexto exterior ao tempo em que a biblioteca existe.

Sei que agora estou preparada para explorar mais plenamente a biblioteca e percebi que, desde o início, tentara formar um novo enquadramento no qual pudéssemos ver-nos em relação com este mundo e com as dimensões heroicas de onde ele nasce. Porém, não queria admiti-lo. Parecia um objetivo demasiado audacioso. Também tenho tentado arrancar as superstições com que rodeámos a informação intuitiva. O material sobre os codicilos, a autoridade da psique e a dimensão heroica oferecem esse novo enquadramento e, mesmo que toda a construção seja simbólica,

representa, para mim, um conhecimento fundamental acerca de nós próprios e do universo.

Acredito que os impulsos heroicos são aqueles que emergem das nossas fontes mais profundas, ajustando-se de modo único às nossas capacidades e intenções individuais e adequando-se às nossas necessidades e desejos específicos. Embora individuais e voltados para o nosso próprio interesse, esses impulsos heroicos são simultaneamente altruístas. As ações que lhes respondem desencadearão automaticamente atos heroicos por parte de outras pessoas, pois apresentarão mais uma peça dos padrões heroicos subjacentes a todas as nossas vidas.

Os impulsos heroicos conhecem-se a si mesmos, no sentido em que também estão orientados para libertar e ativar as capacidades mais adequadas, mais afortunadas e mais gratificantes nas circunstâncias presentes e em consonância com as condições atuais da vida. São ativadores de padrões, estimulando a ação em determinadas direções e em momentos específicos, tendo em vista o padrão heroico mais vasto das nossas vidas, que é desconhecido ao nível habitual da personalidade focal.

A personalidade focal pode escolher agir ou não em resposta. Parte do processo de aprendizagem envolve a aceitação desses impulsos heroicos, depois de reconhecidos.

Primeiro, a personalidade focal tem de compreender que a sua própria existência é garantida e nutrida por elementos interiores de

experiência e conhecimento de que normalmente não tem consciência, ou que tem ignorado. Começa então a aceitar como válidos estímulos e conteúdos que têm origem para lá do seu domínio. Ao fazê-lo, aumenta e diminui simultaneamente esse domínio. Tal afirmação não tem sentido ao nível habitual da consciência e é irremediavelmente contraditória. Faz, porém, perfeito sentido noutros níveis, onde é óbvio que termos como «mais» ou «menos» não podem aplicar-se a estas questões.

Provenientes da dimensão heroica, esses impulsos podem muitas vezes desencadear ações que parecem insignificantes, triviais, despropositadas ou inadequadas ao nível oficial da consciência, mas que mais tarde se revelarão extremamente apropriadas. Surgem frequentemente como impulsos bastante simples — pegar num determinado livro, dar um passeio, telefonar a alguém, alterar uma saída planeada ou um horário —, mas, quando seguidos, conduzem a circunstâncias ou encontros afortunados que, de outro modo, talvez não tivessem ocorrido.

O facto de eu trabalhar de noite durante o verão foi um exemplo de um desses impulsos. Lutei contra ele durante uma semana, pensando que era melhor e mais saudável estar levantada e ativa durante o dia; sentindo que havia qualquer coisa de desleixado em dormir de dia. Depois, percebi que queria realmente vaguear sozinha pela casa durante a noite, surpreender o universo, ou o meu recanto dele, desprevenido. Recordei que, em criança, escrevera muitas vezes à noite. As outras ideias, contrárias a esta, tinham surgido mais tarde, através do condicionamento. Assim,

segui o impulso e, como resultado, dei por mim a ir para onde queria — só que, antes, não soubera como lá chegar.

Uma vez mais, enquanto ficava acordada de noite a escrever, ressurgiam antigos sentimentos da infância. Suponho que correspondiam à convicção da criança de que, por baixo das dificuldades de qualquer dia, tudo está bem e tudo importa. Em criança, utilizava o simbolismo da Igreja Católica como enquadramento dessa convicção.

Dificilmente se pode dizer que um símbolo está errado. Mas a Igreja, numa espécie de taquigrafia psíquica, insistia em que os símbolos eram factos ou verdades literais, ao mesmo tempo que ensinava que as mentiras ou distorções da verdade eram erradas. Lembro-me, aliás, do meu primeiro problema com isto. Tinha seis anos e estava na igreja com a minha avó irlandesa. A missa era cantada em latim. Dois acólitos estavam de costas para mim, cantando as respostas. A minha avó disse-me que era Deus quem respondia, mas, quando os rapazes viravam a cabeça de lado, eu via-lhes os lábios a mexer.

Fiquei indignada por a minha avó ter mentido. Ninguém me explicou que a verdade simbólica podia diferir da verdade factual — e até, por vezes, parecer negá-la.

A tendência continuou. Contaram-me a história de um homem e de uma mulher no Jardim do Éden e de um Deus que os expulsou por comerem uma peça de fruta, e pensei: se aquilo não era uma

birra gigantesca, o que era? Mas a maçã representava conhecimento proibido. Podes apostar que sim: o conhecimento de que existe uma grande diferença entre a verdade simbólica e a literal; e, se alguma vez as duas se encontrarem, cuidado! Com o episódio do Jardim do Éden, contentámo-nos com a verdade factual literal, uma escolha bastante pobre em muitos aspetos. E só quando vir uma mulher sair inteiramente formada das costelas de um homem (com boa iluminação) é que aceitarei roupagens simbólicas como factos literais.

Os símbolos transportam verdades conhecidas da psique. Estão sempre a afastar as interpretações literais e a saltar para fora delas, porque são apenas representações práticas de dimensões heroicas demasiado vastas para aparecerem no nosso mundo de factos. Sem o percebermos, nós, os de espírito literal, continuávamos a tentar retirar o tapete às religiões, dizendo, escandalizados: «Ora, isso simplesmente não é verdade. Que espécie de Deus lançaria alguém num inferno eterno por não ir à igreja ao domingo?» Ou: «Deus simplesmente não está nesse pedaço de pão. De maneira nenhuma! A menos que Deus esteja em todo o pão.»

Mas as igrejas estavam tão empenhadas em insistir que a verdade simbólica era um facto literal que apenas podiam repetir, vezes sem conta, que tinham razão — porque se tinham esquecido do rico leito de simbolismo que, só ele, poderia transformar grande parte dos seus disparates literais em qualquer espécie de verdade.

E, quando compreendemos que os símbolos são símbolos, os nossos sentimentos elevam-se, quase tocando os limites do

conhecimento direto. Claro que, de imediato, criamos um novo símbolo para exprimir o que sentimos, porque o próprio mundo nasce dessa fonte e, à medida que dela nos aproximamos, temos de a interpretar em termos de mente e de carne. Mas sentimos algum equilíbrio e apoio no coração do mundo, alguma firmeza no centro do universo. Por instantes, sentimo-nos parte de tudo: sabemos que tudo se move com a nossa respiração e que nós e o universo nos inspiramos e expiramos mutuamente de alguma maneira insondável; eternos, mas em mudança. Depois — zás — saímos disso, dessa sensação. Mas ela é familiar desde a infância — não é que a recordemos, exatamente, mas sentimos que a sentíamos então e que a tomávamos como natural.

Assim, durante este período, ainda que muito brevemente, emergiu essa consciência reminiscente. Sabia que, outrora, me movera pelo mundo com aquela confiança, como um animal inocente, segura do meu lugar e dos meus recantos habituais, certa da minha capacidade de enfrentar quaisquer perigos que surgissem. Relacionei essa antiga segurança emocional com os espaços heroicos. Estava a «caminhar comigo própria» no padrão heroico mais vasto que me envolve, a mim e a cada um de nós. Isto produzia uma espécie de confiança biológica, o conhecimento de que cada um de nós está certamente tão bem equipado como os animais para lidar com a sua vida e o seu ambiente, dotado de toda a energia e de todos os recursos de que necessita.

Talvez, por isso, tenhamos de regressar às nossas psiques individuais tão despidos de símbolos quanto possível, depois de termos gasto aqueles que possuíamos. Porque, quando aceitamos

os símbolos como verdade literal num mundo de factos, transformamo-los em mentiras ou deixamos que façam de nós mentiras, de modo que se interpõem entre nós e as verdades que deveriam representar.

Só quando nos desembaraçamos dos símbolos nos aproximamos diretamente do incognoscível, da maneira que nos for possível. Que importa se, de imediato, formamos novos símbolos para o exprimir? Serão ricos, impregnados da essência original. Serão as nossas pedras de toque. Mas não precisaremos de os defender como factos literais. Compreenderemos os símbolos como as roupas que as nossas visões vestem.

Contudo, ao expandirmos a consciência, ampliamos a compreensão, chegando a outro nível, suficientemente vasto para conter o conhecimento intuitivo e os factos, e entramos em contato com outros elementos da identidade que reprimimos. Os artistas utilizam diferentes cores. Mas nós temos mais de um eu na nossa paleta — muitos, habitando, se esse for o termo, outros níveis de realidade, parte dos seus seres entrelaçada com os nossos e dos nossos com os deles. Negámos a validade desses outros eus e ignorámos quase inteiramente a sua existência, porque, enquanto acreditámos num só mundo e num só tempo, precisávamos de um conceito e de uma experiência de um único eu que acompanhassem a nossa imagem do mundo.

Assim, esses outros eus permaneceram psiquicamente invisíveis, como planetas ainda por descobrir, manifestando a sua existência apenas indiretamente, através de efeitos que não compreendíamos.

Não ousávamos confrontá-los diretamente, porque toda a nossa imagem da realidade objetiva e subjetiva teria de mudar. Só agora, quando as limitações da nossa antiga visão do mundo se tornam assustadoramente evidentes, começamos sequer a considerar alternativas.

Sem dúvida, tal reconhecimento envolveria uma política da psique inteiramente nova e novos métodos de abordagem da nossa própria realidade. «Eu próprio» passaria a significar «nós próprios» ou «os meus eus» — muitos eus unidos como estados numa única estrutura psíquica, que atua por si mesma e por todas as outras no mundo físico. Sempre o soubemos, mas tentámos reduzir-nos; só que a nossa consciência e a nossa experiência continuavam a transbordar da barragem que construíramos em redor da nossa própria natureza. Não fazemos ideia de onde o eu reconhecido se funde com esses outros; contudo, esse eu é um ponto de interseção de energia cognoscente — a personalidade focal através da qual esses outros eus participam na vida corpórea e ajudam a formá-la, tal como nós, inconscientemente, participamos na realidade deles.

Tenho de utilizar a palavra «eus», porque tomamos como adquirido que é isso que somos — por termos limitado tanto a nossa perceção. Limitámo-nos a escolher um ponto e a dizer: «O eu acaba aqui, inclui as perceções espaciotemporais e nada mais.» Criámos, assim, divisões artificiais. Em termos mais amplos, só conhecemos o nosso aspeto terrestre, ou personalidade focal. Não se trata tanto de termos outros eus, mas de esses aspetos nos parecerem separados, devido aos nossos conceitos acerca da identidade. Não aceitámos as nossas identidades mais vastas.

Os estados de transe, as condições de grande inspiração ou criatividade, o sonhar acordado, os estados de sono — todos funcionam, de certo modo, como zonas neutras. Saímos dos nossos centros psiquicamente limitados, afastando-nos do foco, para formar plataformas psíquicas, viajando pela psique mais vasta, onde outros aspetos de nós próprios cintilam como estrelas. De acordo com as nossas capacidades, podemos aprender a viajar interiormente, estabelecendo bases psíquicas mais distantes do nosso «centro de origem» e enviando-nos como equipas de desembarque. Na verdade, esses outros aspetos ou eus, que atuam nas suas próprias realidades objetivas e subjetivas, também enviam emissários para aqui. Aparecem-nos nessas zonas neutras de relativa liberdade psíquica. As condições da psique podem muito bem variar em diferentes níveis, de modo que poderão estar envolvidas diversas condições atmosféricas que ainda temos de discernir e avaliar.

Mas, como se trata de estruturas psíquicas entrelaçadas, são abertas. Podemos passar de… um eu ou aspeto para outro… sem destruir minimamente a validade da identidade individual; trazer mais dos nossos «eus» à atividade consciente, enriquecendo a experiência deles e a nossa. Isto não é segmentação, mas as dimensões mais plenas do ser; a exploração e o cultivo dos recursos psíquicos. Aquilo a que agora chamamos consciência do ego alarga-se na sua base, ganha estabilidade acrescida e recebe informação que antes lhe era negada. Mantivemos o ego numa ignorância que, por si só, lhe causava tensão: a sua própria base não lhe era visível e, quando aparecia brevemente, as crenças do ego faziam-no temer pela sua identidade.

Em certos aspetos, fizemos um excelente trabalho na exploração da Terra. Nesses termos, as nossas crenças acerca do eu encontram-se no estádio de «o mundo é plano». Impedidos de perceber os nossos próprios aspetos mais vastos, projetámos sobre o mundo uma grelha de crenças que condicionava a perceção física ao nosso alcance. Durante algumas das minhas experiências, essa perceção condicionada levantou-se o suficiente para que, por breves momentos, eu visse… o que realmente estava ali… ou contemplasse a riqueza dos conteúdos percetivos possíveis no mundo que conhecemos.

O eu não termina onde pensamos, tal como o próprio mundo não termina no horizonte. Aceitámos um único eu e julgámos ter definido a identidade. Em vez disso, é como se tivéssemos explorado uma ilha e lhe chamássemos o mundo. Há outros aspetos do eu que conhecemos cujas origens e atividades nunca foram abordadas. A nossa tarefa é compreendê-los e reconhecê-los, utilizar as suas características e capacidades de uma maneira sintonizada com a Terra, enriquecer a experiência terrestre trazendo-lhe essas outras dimensões da experiência; realizar a nossa condição de criaturas.

Mesmo com as limitações que eu própria impus às minhas experiências com «o heroico», sinto-me aqui de maneira mais firme, mais firmemente eu mesma, e, ao mesmo tempo, muito mais livre para agir, mover-me e relacionar-me com outras porções da psique. Tenciono explorar essas outras realidades com uma atitude mais despreocupada, sem continuar a inquietar-me com o que as pessoas ou o mundo possam pensar. Por um lado, esse mundo

torna-se mais precioso à medida que é colorido e enriquecido por outras perceções. Por outro, a minha lealdade está noutro lugar, pelo que os juízos de valor e as crenças do mundo já não reinam soberanos. Vejo que estou numa excelente posição, pois não pertenço a nenhum campo já estabelecido, com os seus métodos ou critérios fixos.

Isto não significa que tencione transformar-me em Seth ou em Sumari de modo indiscriminado — e, apesar de todas as minhas preocupações iniciais, nunca houve sequer um indício de tal situação. Mas somos perfeitamente capazes de adotar uma descrição mais ampla da identidade. Creio que, na infância, tínhamos alguma consciência de outros aspetos do nosso ser, mas ensinaram-nos a formar um eu prático e a limitar a experiência para que coubesse nesse molde. Muitos dos nossos próprios talentos e características tornaram-se invisíveis para nós nesse processo.

Na minha escrita habitual, como neste livro, utilizo o meu eu conhecido, no sentido em que o mundo é visto da minha perspetiva e as minhas excursões a outros níveis de consciência são viagens que partem daqui. Mas também ponho a minha capacidade de escrever ao serviço de outros eus, com um tipo diferente de realidade psíquica efetiva, que habitam outra espécie de ambiente objetivo e subjetivo.

Seth, por exemplo, não é um pedaço de psique personificada; não é apenas «humano, mas morto», e vivo noutro lugar, mas uma espécie inteiramente diferente de ser psíquico — uma espécie diferente, em termos psíquicos —, uma consciência num contexto

diferente, com o qual me posso sintonizar porque os seus fios estão entrelaçados com os meus. Algo da minha consciência também está entrelaçado com a de Seth. Somos tipos diferentes de seres, juntos e, contudo, separados. Sou um eu de Seth e ele é um eu meu.

A plena orquestração da individualidade permitiria que todos os eus tocassem, com a personalidade focal a dirigir aquela composição terrestre específica. Uma vez mais, a nossa identidade está entrelaçada com esses outros eus. Nós somos eles, focados aqui. Eles são nós, focados na sua realidade. Os fios da nossa própria consciência entram e saem dessas outras dimensões e, através deles, somos tecidos por dentro e por fora do tempo e do espaço, sem ficarmos confinados a eles.

Esses aspetos podem, por vezes, parecer-nos deuses, devido à sua relativa liberdade em relação ao nosso sistema espaciotemporal. Têm uma visão mais ampla da nossa realidade. Podem permitir-nos utilizar capacidades que, do nosso ponto de vista, parecem miraculosas, mas não podem participar na experiência terrestre como nós, nem conhecer o doce e nítido foco de uma vida inscrita no tempo.

No entanto, ao sintonizarmo-nos com essas dimensões do heroico, podemos utilizar o tempo de outra maneira. Algo se abre no seu interior, e acredito que aquilo que se abre é o meio heroico no qual o próprio tempo existe. Os aspetos ajudam efetivamente a formar a nossa própria coesão psíquica, e nós somos, no tempo, aquilo que eles são.

Por exemplo, Seth terminou *A Realidade "Desconhecida"* em abril e, em julho, começou outro livro, *A Natureza da Psique: A Sua Expressão Humana*. Eu também trabalhava neste livro, que estou agora a preparar para a editora. Isso deixou Rob com os dois volumes de *A Realidade "Desconhecida"* para passar à máquina. Ele também tem de organizar as suas próprias notas, e a natureza do livro exigia que incluísse algumas das nossas experiências pessoais. Seth escreveu o livro para mostrar como os elementos da realidade desconhecida se tornam conhecidos e utilizou as nossas vidas como exemplo. Ora, isso é ótimo para Seth. Ele não está envolvido no esforço físico. Entretanto, já avançou bastante no novo livro. Tanto quanto consigo perceber, poderia ditar continuamente — o seu material parece literalmente inesgotável. Só os mecanismos físicos e o tempo travam de algum modo esse trabalho. E, a propósito, nunca fico cansada depois dessas sessões; nunca me sinto esgotada. Pelo contrário, geralmente sinto-me revigorada.

Mas, embora Seth possa fazer tudo isso e dar-nos informações inestimáveis acerca da natureza da realidade, a sua realidade está focada noutro lugar. A sua consciência pode estar entretecida com a minha e a minha com a dele, mas sou eu quem, nestas tardes, se senta no quintal a contemplar as montanhas. A tarde existe simultaneamente no cérebro universal e no meu. Mas só neste nível de perceção alcança a sua realidade estética terrestre, adquirindo as queridas particularidades e os pormenores das folhas e das árvores separadas — e esta experiência de ligação pessoal. Pois ligámos o nosso destino à Terra, nascidos nela e nela destinados a morrer, mergulhados e comprometidos, por algum tempo, a seguir as regras que ditam e delineiam a sua natureza.

Se a vida dura apenas algum tempo, então a morte é a nossa saída do tempo, quando decifrамos todas as antigas mensagens e nos reprogramamos para perceber e experimentar outros mundos válidos, que também jazem latentes no cérebro do universo, aguardando apenas a nossa ativação, a nossa participação; pois todas as realidades possíveis existem numa gestalt de consciências relacionadas.

Quando escrevi originalmente esta passagem, estava no quintal; e, se Seth tinha consciência das minhas perceções, não as experimentava diretamente como eu. Eu sentia o que sentia do meu próprio ponto de vista. E, nesse ponto de vista, sabia que o passeio do meu gato Willy pelo terreno — através da luz do sol, das sombras e das ervas rígidas — era tão legítimo e importante como um planeta a percorrer a sua órbita; e a marca da pata do gato era tão significativa como os rastos que os nossos foguetões deixam no espaço. Tanto o ímpeto do foguetão como as explorações do gato são atos de curiosidade, maravilhamento e expansão, nos quais se torna evidente que toda a consciência procura superar-se e percorre os limites mais longínquos da sua trela sagrada.

A morte, penso, é uma exploração desse género, assegurada pela nossa anatomia, pois toda a vida é uma preparação para ela. A morte é a garantia de que não ficaremos presos num dilema dimensional, encerrados numa casa tridimensional sem saída. É certo que escolhemos a casa e as condições do arrendamento. Mas nenhuma residência, por mais grandiosa, poderia conter por muito tempo uma consciência de tão livre alcance.

Parece-me que os meus livros começam sempre com um novo acontecimento psíquico e com novas perguntas que passam a estruturar a minha experiência. Ao nível consciente, nunca sei para onde me conduzem. Por isso, só ao terminar este livro compreendi o seu desenvolvimento completo e a evolução natural da imagem super-real do mundo que vira, agora há mais de um ano. Pois essa imagem destinava-se a levar-me adiante, até que, gradualmente, o antigo mundo dos factos tidos como certos fosse visto apenas como parte de uma existência muito mais vasta.

Este livro começou quando ouvi o meu próprio tom verdadeiro e senti que encontrara o meu verdadeiro caminho; ou, por outras palavras, quando comecei a alinhar-me com inclinações interiores do ser que pareciam saber o que era melhor para mim e seguiam com a maior fidelidade os contornos da minha psique. Encontrei a biblioteca, como aquele lugar mágico único no universo que uma criança descobre — o lugar de aparentes milagres, o lugar do regresso a casa.

Na sequência dessas experiências, explorei vários estados de consciência, cada um oferecendo versões ligeiramente diferentes da realidade. As pessoas telefonavam e escreviam, trazendo à minha vida os elementos da sua própria experiência que constituíam a realidade delas. Clique-clique-clique, à medida que encontrava as grandes diferenças e semelhanças das nossas vidas. Os conteúdos da mente e os conteúdos do mundo — onde começam ou acabam? Onde se fundem? Quando são privados? Quando são partilhados?

Percorri um longo caminho desde o início deste livro. Vejo que formamos os conteúdos do mundo privado e partilhado: escolhemos o nosso foco. Mas tudo isto é determinado não apenas pelos acontecimentos, mas também pelo estado de consciência com que os percebemos. A perceção altera os acontecimentos, transforma-os a tal ponto que só o mínimo dos dados físicos permanece igual, enquanto os conteúdos interiores significativos escapam a essa classificação.

Seth tem razão quando diz: «vivo num universo seguro. Cada um de nós vive». Essa afirmação não faz sentido ao nível oficial da consciência; é o mais puro otimismo de Poliana. Rodeados de guerras, pobreza, crueldade e profecias do fim do mundo, como pode caber aqui a ideia de segurança?

Contudo, quando a psique entra em si mesma e encontra o seu próprio tom verdadeiro, descobre a sua pedra de toque individual, a aura de segurança espalha-se em seu redor, formando lugares especiais à medida que a psique imprime no ambiente a sua marca própria; transformando-o ao alterar o foco da consciência e os níveis de perceção e entrando, assim, num mundo onde as antigas leis e crenças já não se aplicam.

Então, e só então, sair para o mundo significa sair para um universo seguro, com o caminho desimpedido e a visão aberta, onde nenhuma das antigas defesas é necessária e onde os antigos medos já não se aplicam. Como Seth disse com humor numa das nossas sessões: «Eu disse que era um universo seguro. Nunca disse que era perfeito.» Isto não significa, portanto, o fim dos desafios,

mas a libertação de energia e capacidade, a plena utilização dos nossos recursos para alcançar os nossos objetivos, sejam eles quais forem.

Assim, quando voltamos a sair para o mundo, é o mesmo mundo — as ruas e as lojas estão lá como sempre —, mas é também um mundo completamente diferente, enriquecido e ampliado por uma perceção esclarecida, já não condicionada por crenças limitadoras. Torna-se um mundo no qual somos competentes; já não vítimas, mas criadores, aprendendo a desenvolver uma arte de viver de que antes mal suspeitávamos.

Os estádios entre essa condição e aquela em que agora nos encontramos variarão consideravelmente, mas, mais uma vez, Seth tem razão. Diz que chega uma altura, para cada um de nós, em que já não podemos continuar a tergiversar, em que já não podemos ficar em cima do muro. Então, despertamos verdadeiramente, damos o salto e substituímos as antigas crenças pelos codicilos ou pelo seu equivalente. Os codicilos são as minhas versões dos novos pressupostos que nos podem conduzir a esse estado, filtrados pela minha psique e pela minha experiência. Contudo, serão descobertos, em alguma medida, por cada pessoa à sua maneira: novos pressupostos da consciência, mas um conhecimento antigo, inato em cada um de nós, pronto a ser utilizado de uma nova forma.

# CAPÍTULO 27

## «Vir à Montanha» e Seth sobre o Universo Seguro

Acabou de telefonar um jovem, estudante universitário. Disse que queria vir visitar-me, «vir à montanha, por assim dizer». Meu Deus — se me perdoam a expressão. Isto faz-me lembrar um poema que escrevi no liceu:

**A RÃ E O RELÓGIO**

Uma rã estava imóvel,

olhando maravilhada

um relógio pousado na areia.

«Agora», disse, «tenho a certeza

de que existe tal coisa como o homem.»

«Os nossos sacerdotes», cismou,

«falaram do homem que fez o nosso lago.

Talvez tenha deixado isto como sinal,

como um laço entre nós.»

E a rã passou toda a vida

a tentar compreender,

**e, enquanto envelhecia e se cansava,**

**o relógio continuava a bater na areia.**

**Algumas rãs troçavam dela,**

**outras chamavam-lhe grande,**

**mas ela limitava-se a sorrir e afastava-se sozinha,**

**pobre rã solitária, para meditar.**

Deixando de lado o relógio bastante milagroso, que nunca parava de trabalhar, o poema não era mau de todo para uma rapariga de dezasseis anos. Agora penso que a rã teria feito melhor em contemplar a sua própria condição de rã. Mas, se era assim que eu me via naquela altura, isso provavelmente tem alguma relação com o tipo de pessoa em que me tornei. Só que sou mais feliz do que a rã e não assim tão solitária. Mas o telefonema do jovem trouxe à superfície da minha mente alguns pensamentos com que andara a brincar minutos antes.

Talvez alguns de nós estejamos tão consternados com a condição humana, tão conscientes da nossa vulnerabilidade e ignorância, tão cientes das aflições em que os nossos semelhantes se encontram, que, em desespero, começamos, talvez na infância, a contar histórias a nós próprios e aos outros. Contamos histórias ousadas de imortalidade e de desfiles de deuses; crescendos galopantes — aquelas histórias em que o perdido é sempre encontrado, o doente curado e todos os males reparados. São criações nossas, tecidas com os anseios e as perguntas do coração, magicamente contrapostas aos terrores e às incertezas da vida — composições

nossas, compensatórias, mas ousadas, para nos consolar a nós e aos outros, mas também para censurar o universo. Se fôssemos nós a fazer as coisas, tudo seria diferente!

Talvez os animais tenham as suas próprias versões destas histórias, mas o mais provável é que não precisem delas. Aceitam as condições das suas vidas. Não aceitam? Não aceitam?

Ou será que uma loba rosna de agonia à lua distante quando lhe morre uma cria e se detém com uma pergunta: porquê? Provavelmente não. Pelo menos, parto do princípio de que, nesse aspeto, os animais sabem mais: sentem o seu lugar tanto na vida como na morte. Mas, mesmo que eu esteja enganada, continuam a ser poupados ao nosso tipo de perguntas. Parecem escapar à nossa necessidade de pôr as coisas em ordem.

De qualquer modo, alguns de nós aprendemos a contar estas histórias e vemos surgir visões mágicas que transformam o mundo. Ao fim de algum tempo, acreditamos nelas, pelo menos em parte; e outros, ao ouvi-las, vêm para ser curados, para encontrar as respostas, para ver o relógio da rã. Mas a rã não sabe para que serve o relógio nem ler os sinais do seu mostrador. E nós não conseguimos ver a verdadeira natureza das nossas histórias: deslumbram, mistificam — e permanecem indecifráveis. A sua origem é indecifrável; pois de onde vem o anseio que procuramos saciar? Se não existe alguma forma de imortalidade, nem paz, de onde nasceu o anseio por elas? Em que molde se encaixam as histórias, sem que o saibamos?

De vez em quando, um de nós vê, ou conseguimos pôr as histórias a funcionar. Damos por nós subitamente transportados para outro nível do ser onde — pronto, sim — os doentes são curados, os solitários consolados e tudo se endireita. Mas, quando regressamos com a nossa mensagem milagrosa, o milagre não funciona em casa. Perplexos, lambemos as feridas e juramos desistir! Depois vem outro momento da alma, em que vemos como tudo funciona de maneira tão fácil e clara, só para voltarmos a encontrar os nossos milagres transformados em contos de fadas contados à lareira. O jovem quer visitar a montanha. Não queremos todos?

Por isso, interrogo-me: será que os nossos anseios levam efetivamente a nossa condição de criaturas até aos limites? Será que nos impelem, por momentos, para esses outros níveis de consciência? Um tipo de consciência que existe porque o forjámos, cada um de nós, pouco a pouco, ao longo dos tempos. Só que ainda não transferimos para lá a nossa vida.

Talvez aquilo que temos seja tudo o que realmente podemos esperar de nós próprios. Talvez uma espécie animal — nós — tenha abdicado de toda a segurança do instinto, do seu lugar conhecido no tecido das coisas, para forjar um novo tipo de consciência. Talvez, apenas talvez, nenhuma outra espécie, pelo menos no nosso quadro de referência, tenha tido de suportar o peso de uma consciência que avança por sua conta, por assim dizer; que viaja para lá das regras conhecidas da hereditariedade e do instinto. Talvez tenhamos dado simultaneamente um mergulho terrível e um salto ou ascensão fantásticos, abandonando os antigos caminhos

ordenados ao libertarmo-nos, ao desviarmo-nos, ao ousarmos recordar-nos e antecipar-nos a nós próprios.

Tal como se diz, pelo menos, que os mamíferos, ou os que viriam a sê-lo, rastejaram do oceano para terra, talvez agora estejamos a fazer o mesmo de outra maneira, saindo do tempo e das suas crenças limitadas de causa e efeito. Depois de aprendermos a adaptar-nos ao nosso ambiente físico, depois de lutarmos até para o subjugar e o tornar nosso, talvez estejamos a aprender que, pelo menos a certos níveis, temos manipulado miragens. Talvez estejamos a aprender que o mundo real está sempre dentro, onde se fazem as miragens. Talvez nos estejamos a preparar para explorar essas paisagens interiores e a aprender que as luzes trémulas que salpicam o mundo vêm de dentro das nossas próprias mentes, dotadas de dons animais, e sempre vieram.

Acredito realmente que o material da minha biblioteca sobre os codicilos é verdadeiro e que as afirmações de Seth acerca de um universo seguro são válidas. Depois, penso: mas tanto a biblioteca como Seth existem noutro nível da psique, num nível em que as miragens não são tão nítidas, vívidas ou convincentes. Para nós, os perigos, os medos e os terrores parecem demasiadas vezes bem reais.

Estará, então, Seth suficientemente à nossa frente nas suas viagens para que os seus pressupostos de existência funcionem — onde ele está? E, de vez em quando, tu ou eu pomos lá um pé, ou vislumbramos um pequeno recanto dessa realidade mais vasta, e, naquele momento, os codicilos funcionam. Gritamos: «Eureka! É

um milagre!» — e, nesse instante, damos um salto enquanto espécie mais aterrador, significativo e triunfante do que a primeira vez que os répteis rastejaram para terra. Pressentimos todo um novo campo de existência. Só que não dura, e ficamos com imagens fascinantes que nos impelem ainda mais longe, despertados pelas recordações daquilo que vimos tão brevemente.

Parece, pois, que estamos entre dois estados, e muitas vezes a nossa delicada sintonia animal vacila. Perdemos a bela segurança do instinto e ainda não aprendemos a utilizar essas outras faculdades que continuam a escapar-nos.

Talvez — ideia louca — os deuses sejam seres espasmódicos. Aqui e ali, ao longo dos tempos, um homem ou uma mulher chega mais alto do que a maioria de nós; sobe a um novo domínio do ser, ascende a um cume de consciência ainda transitório — e, apenas nesse momento, ele ou ela é um deus e grita cá para baixo aquilo que ouve, sente ou experimenta. Depois escrevem-se livros sobre isso, traduções e transcrições; mas tudo não passa de uma espécie de algaraviada divina. Não podemos realmente traduzi-la aqui, tal como um cão que de repente compreendesse matemática não conseguiria depois transmitir os conteúdos aos seus companheiros caninos, por mais inspirados que fossem os seus latidos.

Pois a visão, por mais brilhante, desvanece-se. Contudo, a memória e o conhecimento da sua existência permanecem um facto no nosso mundo, por mais desajeitada que seja a sua expressão. Talvez cometamos o nosso maior erro sempre que prestamos atenção à letra em vez de à canção — se me perdoam a nova

analogia. Talvez seja quando mais nos esforçamos por fazer a visão funcionar no nosso mundo, por torná-la prática, que mais a distorcemos; porque aquilo que faz sentido nesses outros níveis de consciência pode soar aqui a disparate.

No entanto, esses cumes de consciência podem forjar a sua própria espécie de realidade e continuidade noutros níveis de consciência, cada um agindo como uma pegada mental num mundo invisível, de modo que se abrem caminhos para outros da nossa espécie seguirem — caminhos visíveis lá, mas não aqui.

Talvez os nossos sucessos sejam registados nesses outros níveis mal vislumbrados e, por alguma razão ainda desconhecida, apareçam aqui apenas de forma diluída. Mas detestaria contentar-me com isso. Suspeito que a afirmação de Seth de que formamos a nossa própria realidade altera automaticamente o nosso estado subjetivo no instante em que a aceitamos e que, de súbito, nos confrontamos com desafios de que antes não tínhamos consciência; que perdemos uma antiga inocência superficial para ganhar uma nova sabedoria inocente, porque aceitamos a responsabilidade que antes atribuíamos ao destino ou aos deuses. Alguma confusão momentânea é, certamente, compreensível.

Será, então, a voz de Seth uma mensagem de um nível de consciência para outro, ecoando através das moléculas simbólicas de alguma outra espécie de ser, diferente no tempo de Seth daquilo que é no nosso? Será que as suas orientações, vindas do seu «futuro», mudam o curso do nosso presente, de modo que viramos uma esquina diferente da consciência? E será o mesmo verdadeiro

para quaisquer mensagens desse género? Conduzem-nos a um nível de consciência onde os codicilos se aplicam, onde utilizamos as nossas crenças para formar a realidade com a mesma perícia com que agora utilizamos tijolos?

Seth diz que as nossas crenças causam a nossa realidade, quer o saibamos quer não. Mas sabê-lo muda o jogo, acrescenta uma dimensão extra, na qual somos levados a encontrar um universo seguro, de modo que as nossas crenças deixem de resultar do medo.

O problema é que ainda utilizamos métodos antigos para pôr em prática as novas ideias, alguns dos quais provavelmente nos são psiquicamente invisíveis nesta fase e já não se adequam à questão em causa. Continuamos, por exemplo, a verificar a realidade física para ver se essas ideias são práticas, porque, no passado, vivíamos aceitando apenas o testemunho dos sentidos, e essa era a maneira sensata de agir.

Talvez agora tenhamos de fazer o contrário, alterar os nossos métodos e examinar as nossas ideias e crenças, ignorando os dados físicos durante algum tempo. Isto é muito difícil para nós; contudo, a verificação constante — já estou a obter o efeito que quero? —, seja em que área for, só nos leva de volta ao ponto em que a miragem é a realidade. O mais provável é que seja quando nos esquecemos de verificar, quando nos cansamos e dizemos «que se lixe», que as coisas realmente acontecem. A consciência liberta-se subitamente do esforço, e as novas crenças entram em foco, ou agarramo-nos a uma nova espécie de instinto, pertencente à

hipotética nova espécie, onde — pronto — o pensamento ganha, de facto, realidade instantânea. As dificuldades desaparecem; encontramos ou descobrimos uma maneira melhor de agir que nos transporta para lá ou para cima do nível inferior.

Apesar de todo o meu trabalho, mal toquei nessas outras dimensões. Pouco a pouco, a minha própria perceção condicionada vai caindo aos pedaços. Sei apenas que certas experiências novas parecem estar a conduzir-me mais longe. Tive uma série de acontecimentos de vigília-sonho extremamente vívidos, que envolviam probabilidades; consegui entrar noutra sala da biblioteca e já tenho mais de cem páginas daquilo a que chamo *The World View of Paul Cezanne — A Mundividência de Paulo Cézanne*. As personagens heroicas parecem estar mesmo ao virar da esquina da minha mente. Por isso, suponho que estes acontecimentos tomarão forma à sua própria maneira.

Não retomei as aulas regulares e não faço ideia de quando, ou se, o farei. Entretanto, encontro-me com os alunos em reuniões informais. Além de ditar o seu novo livro nas nossas sessões regulares, Seth costuma falar aos meus alunos nessas ocasiões. O seu conhecimento da nossa psicologia é impecável. Numa reunião recente, estava eu a explicar a ideia do universo seguro quando Seth se manifestou, com humor e alguma ironia delicada, para me ajudar. Gostaria de encerrar este livro com excertos dessa sessão espontânea.

Quando Seth fala diretamente às pessoas, tem em conta os seus estados emocionais. Nunca lhes fala de cima para baixo. Nesta

ocasião específica, um aluno acabara de expressar o receio de que o amor fosse sufocante. Antes de eu poder responder, Seth manifestou-se:

> «Ora, acreditas que o amor é sufocante porque não acreditas num universo seguro. E cada um de vós, em maior ou menor medida, acredita que o universo não é seguro e que, portanto, tem de erguer defesas contra ele.
>
> «A consciência oficial de uma só linha com que estais familiarizados diz: "O mundo não é seguro. Não posso confiar nele. Também não posso confiar nas condições da experiência nem nas condições da minha própria existência. Nem posso confiar em mim. Posso olhar para um esquilo e alegrar-me, mas não posso olhar para mim e alegrar-me, pois, estou cheio de iniquidade e sou, em certa medida, mau." [Seth falava aqui com uma forte ironia, olhando de uma pessoa para outra.] "Não sou apenas mau enquanto indivíduo; provenho também de uma espécie maculada e defeituosa. A minha mãe e o meu pai tinham defeitos antes de mim, e eu projeto essas falhas trágicas no futuro. Por isso, tenho de erguer as minhas defesas da maneira que puder, para me proteger num universo em que não posso confiar e de um eu que é mau e defeituoso."
>
> «Ora, enquanto vos agarrardes a essas crenças, tereis realmente de erguer defesas. E pode parecer-te» — Seth fez um aceno ao jovem — «que o amor é sufocante.

«Enquanto acreditardes que habitais um universo que constitui uma ameaça, tereis de vos defender dele. Enquanto acreditardes que o eu é defeituoso e que a espécie está condenada e é má, tereis de vos defender de vós próprios. E como podereis, então, confiar na voz da psique? Quando vos digo: "Sede espontâneos", como ousareis dar esse passo? Ser espontâneo faria obviamente surgir toda a luxúria, paixão, assassínio e ódio que, para vós, são inerentes ao coração humano.

«Por isso, dizeis: "Tento ser espontâneo, mas como posso? Tento acreditar que sou bom, mas como posso ser bom quando venho de uma espécie que é má?" Tentais dizer: "O universo é seguro", e depois vedes as notícias na televisão ou ledes o jornal e dizeis: "Que mentira é esta? Como pode o universo ser seguro quando leio acerca de assassínios em massa, guerra, fraude e ganância? Como posso ser eu próprio, pois, se for eu próprio, não lançarei no mundo ainda mais do horror que vejo à minha volta? Porque, certamente, a natureza humana não pode mudar, e a natureza humana é má. Olha para todo o mal que já fez ao planeta e depois diz-me, Seth, para ser espontâneo! O que me pedes e como posso apoiar-me na autoridade da psique ou dizer a mim mesmo que sou bom?"

«A linha oficial da consciência forma um mundo à sua volta, e vós experimentais e percebeis esse mundo. Enquanto vos

dedicardes a essa consciência oficial, o mundo parecerá sempre o mesmo — desastroso, destinado à destruição ou ao julgamento supremo de um deus fundamental.

«O meu último livro, *A Natureza da Realidade Pessoal*, é um bom livro. É um livro útil e muito mais engenhoso do que imaginais. Conduzir-vos-á — automaticamente, se o utilizardes bem — para fora da linha oficial da consciência. Começareis a questionar não apenas as vossas crenças pessoais, para os vossos próprios fins, mas a natureza das crenças. E sereis levados a descobrir outros fios de consciência.

«Ruburt [Jane] está a trabalhar com aquilo a que chama os codicilos, material que está a receber da biblioteca. Ora, esses codicilos são verdades bastante evidentes noutro estádio da consciência. O estádio da consciência de uma só linha era necessário, mas continha em si o seu próprio impulso de desenvolvimento. Criou desafios que não podiam ser resolvidos nesse estádio e que conduziriam automaticamente a outras formas de consciência. Só quando as pressentirdes poderão as antigas contradições fazer sentido.

«Não precisais de dizer: "O universo é seguro", pois, no vosso nível atual, isso só vos enfurecerá. Dizei antes: "Vivo num universo seguro", e assim vivereis. As defesas que erguestes desmoronar-se-ão, porque deixarão de ser necessárias. Os

> codicilos são práticos. São realidades, mas, ao nível oficial da consciência, parecem impossíveis. Por isso, tendes de aprender aqui e agora a alterar o estado da vossa consciência e a sintonizá-la com o estado em que os codicilos fazem sentido.
>
> «Quando as pessoas lerem *A Natureza da Realidade Pessoal*, começarão a examinar as suas crenças. Pensarão que o fazem para se livrarem de um problema ou obterem uma vantagem, mas depressa se verão envolvidas no questionamento de todo o sistema de crenças que conhecem. Ao fazê-lo, começarão automaticamente a alterar o foco da sua consciência — e, com isso, a alterar a natureza do seu mundo. Então, meus caros amigos, teremos o nosso próximo livro, *A Realidade "Desconhecida"*, pronto para elas. Vai confundi-las ainda mais. E depois publicaremos outro livro, *A Natureza da Psique*, que as ajudará a encontrar um novo apoio no mundo que conhecem. Por outras palavras, ajudá-las-emos a sair da confusão que causámos.»

Fizemos um intervalo. Depois, o aluno que receava que o amor fosse sufocante disse que tinha dificuldade em relacionar-se com uma rapariga que não subscrevia de todo o coração as ideias de Seth. Mais uma vez, Seth manifestou-se, desta vez jovialmente:

> «Ora, há pessoas profundamente envolvidas com as minhas ideias que não sabem o meu nome. Há pessoas bastante satisfeitas com a sua sorte que não sabem o meu nome.

Conhecem-se a si próprias. Têm consciência da vitalidade dos seus seres e não precisam de mim para lhes dizer que são importantes. As flores, os gatos e as árvores também não precisam de mim para lhes dizer que são importantes, e há muitas pessoas que não precisam de mim pela mesma razão.

«Essas pessoas reconhecem a vitalidade das suas existências. Ignoram os sistemas de crenças do seu tempo. São crianças antigas. Podem não ler filosofia, mas escutam o vento. Observam o comportamento das estações… Se estivésseis satisfeitos com a natureza da vossa existência, não estaríeis aqui. Aqueles que estão satisfeitos não precisam da minha voz. Encontram apoio suficiente na aurora e no crepúsculo.

«Podem abrir valas ou trabalhar nos campos ou nas fábricas. Não precisam de escutar a minha voz, porque escutam as vozes dos carvalhos e dos pássaros e as vozes dos seus próprios seres. Sou uma pobre imitação das vozes das vossas próprias psiques, que não escutais. Deixarei de ser necessário, e de bom grado, quando compreenderdes que a vitalidade, o apoio e a alegria são vossos e brotam da fonte dos vossos próprios seres; quando compreenderdes que não precisais de mim para vos proteger, pois não há nada de que preciseis de vos defender.»

# Quem É Seth?

Seth é o mestre espiritual internacionalmente reconhecido que falava através da escritora Jane Roberts enquanto ela se encontrava em transe e cuja mensagem de capacitação pessoal lançou literalmente o movimento Nova Era. Os livros escritos por Seth venderam mais de sete milhões de exemplares e foram traduzidos para uma dúzia de línguas. A sua apresentação clara dos mais amplos horizontes do potencial humano, da validade eterna da alma e do conceito de que criamos a nossa própria realidade de acordo com as nossas crenças repercutiu-se na vida de pessoas em todos os cantos do globo. A obra de Seth, publicada pela primeira vez no final da década de 1960, resistiu à passagem do tempo e continua a ser considerada por muitos um dos mapas mais abrangentes, brilhantes e livres de distorção da realidade interior e do potencial humano disponíveis hoje. Se procura respostas para as perguntas mais importantes da vida e deseja melhorar as suas condições de vida, os livros de Seth mostram-lhe como fazê-lo, não apoiando-se nele, mas acedendo à imensa fonte de poder e sabedoria que existe dentro de cada um de nós e utilizando-a.

# Apreciações de Figuras do Domínio do Potencial Humano d dos Estudos da Consciência

«Os livros de Seth apresentam um mapa alternativo da realidade, com um novo diagrama da psique… útil a todos os exploradores da consciência.»

— Deepak Chopra, médico,
autor de Ageless Body,
Timeless Mind e de outros êxitos de vendas.

«Gostaria que os livros de Seth fossem leitura obrigatória para todos os que percorrem um caminho espiritual. A extraordinária profundidade da informação neles contida é tão pertinente hoje como no início dos anos 70, quando Jane Roberts começou a transmitir este material.»

— Louise Hay, autora de You Can Heal Your Life.

«Considero o brilhante livro de Jane Roberts *A Natureza da Realidade Pessoal* um clássico espiritual e um dos livros que influenciaram a minha vida. Ao fechar a última página, ergui os olhos para um mundo novo — sem limites e cheio de possibilidades.» —

— Dan Millman, autor de The Way of the Peaceful Warrior.

Sobre *A Natureza da Realidade Pessoal — Um Livro de Seth*: «Muito simplesmente, um dos melhores livros que alguma vez li.»

— Richard Bach, autor de Jonathan Livingston Seagull.

«Seth foi um dos meus primeiros mestres de metafísica. Continua a ser uma fonte constante de conhecimento e inspiração na minha vida.»

— Marianne Williamson, autora de A Return to Love.

«*A Natureza da Realidade Pessoal — Um Livro de Seth* teve uma influência importante na minha vida e no meu trabalho. Os ensinamentos de Seth constituíram uma das inspirações iniciais para escrever Creative Visualization.»

— Shakti Gawain, autora de Creative Visualization.

«Os livros de Seth foram-me de grande utilidade na minha viagem espiritual e ajudaram-me a descobrir outra maneira de olhar para o mundo.»

— Gerald G. Jampolsky, médico,

autor de Love Is Letting Go of Fear.

«Ao ler as palavras de Seth, ganhará mais do que simples ideias novas. A energia de Seth atravessa cada página, uma energia que expande a consciência e transforma os pensamentos acerca da natureza da realidade.»

— Sanaya Roman, autora de Living with Joy.

# Livros de Jane Roberts Editados em Português em Gullan Greyl

*— Sonhos, "Evolução" e Realização de Valor — Um Livro de Seth;*

*— O Indivíduo e os Acontecimentos de Massa — Um Livro de Seth;*

*— A Natureza da Psique — Um Livro de Seth;*

*— A Realidade Desconhecida — Um Livro de Seth;*

*— Seth Fala — A Validade Eterna da Alma — Um Livro de Seth;*

*— A Natureza da Realidade Pessoal — Um Livro de Seth;*

*— Aventuras na Consciência — Tipologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspeto*